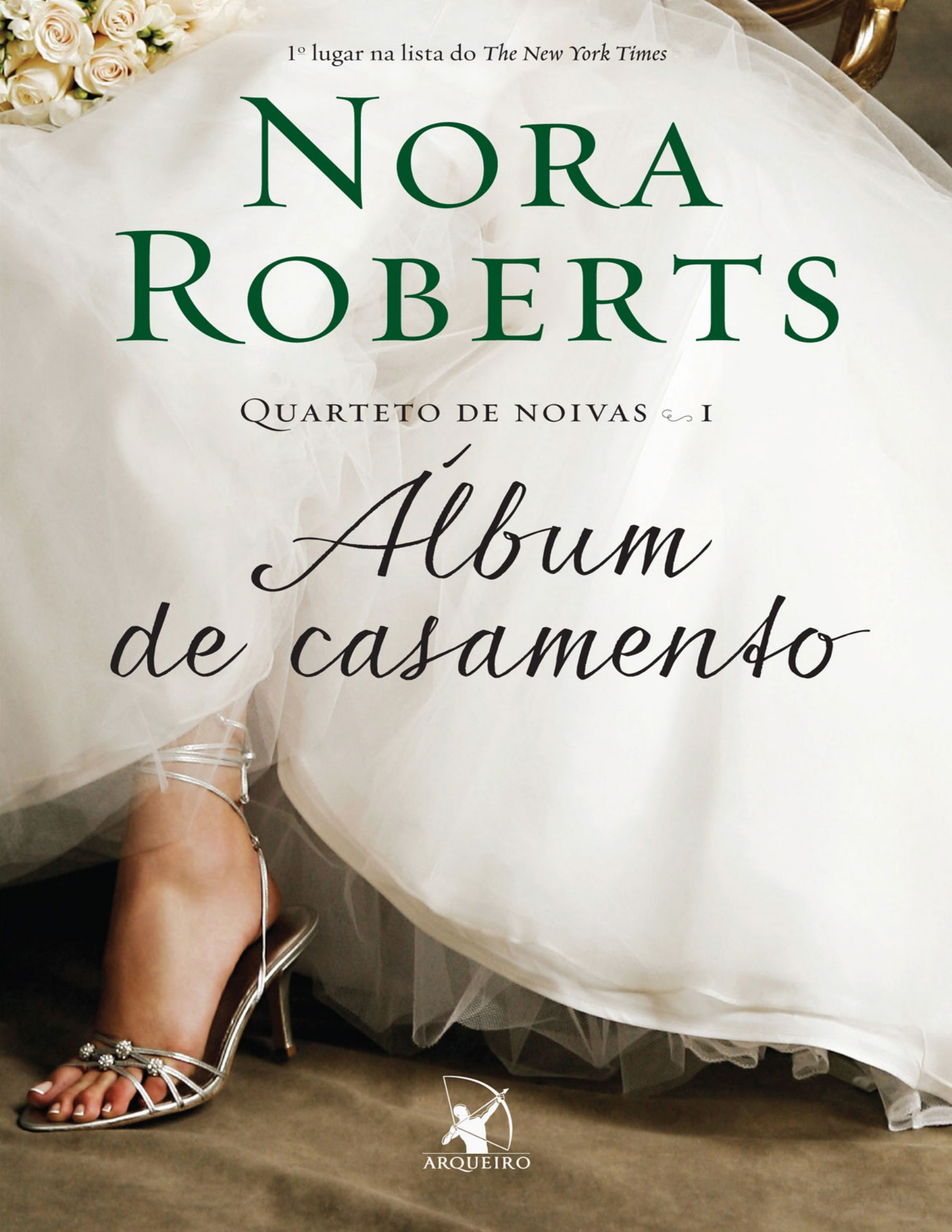
1º lugar na lista do *The New York Times*

NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS — I

Álbum de casamento



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Álbum de casamento



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS — I

Álbum de casamento



ARQUEIRO

Título original: *Vision in White*
Copyright © 2009 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Janaína Senna

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Flávia Midori e Juliana Souza

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Miriam Lerner

imagem de capa: Claudio Marinesco

produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Roberts, Nora, 1950-
Álbum de casamento [recurso eletrônico] / Nora Roberts; tradução de Janaína Senna. São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital

R549a

Tradução de: Visions in white
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-227-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Senna, Janaína. II. Título.

13-05745

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Dan e Stacie.
Para Jason e Kat.
Por todos os momentos.

Seduza minha mente e terá meu corpo,
encontre minha alma e serei sua para sempre.
– A

Não é apenas a afinidade que é preciosa… mas a cumplicidade e o sentimento de intimidade nela contidos… o fato de a própria sombra estar gravada ali para sempre!
– E

prólogo

Aos 8 anos, Mackensie Elliot já havia se casado catorze vezes. Casou-se mais de uma vez com cada uma das suas três melhores amigas – fazendo papel ora da noiva, ora do noivo –, com o irmão de uma delas (sob protestos do garoto), com dois cachorros, três gatos e um coelho.

Em outros tantos matrimônios, foi dama de honra, madrinha, padrinho e até celebrante.

Nenhum desses casamentos durou mais que uma tarde, mas as separações foram sempre amigáveis. O caráter transitório do casamento não chegava a ser uma surpresa para Mac, uma vez que seus pais já tinham passado por isso duas vezes cada um – até agora.

O Casamento não era a sua brincadeira predileta, mas adorava fazer o papel de padre, pastor ou juiz de paz, ou até mesmo de rabino, depois que foi ao bar mitzvah do sobrinho da segunda mulher de seu pai.

Além do mais, gostava dos cupcakes, dos biscoitinhos decorados e da limonada que sempre eram servidos nas recepções.

Essa era a brincadeira favorita de Parker. O Casamento sempre acontecia na propriedade dos Browns, em meio àqueles enormes jardins, os belos bosques e o laguinho prateado. Nos invernos gelados de Connecticut, o casamento por vezes se dava em frente a uma das lareiras crepitantes da mansão.

As cerimônias podiam ser simples ou bem elaboradas – casamentos reais, noivos que tinham fugido para casar, com tema circense ou de navio pirata. Todas as ideias eram avaliadas a sério e votadas, e nenhum tema ou traje era considerado exagerado.

Ainda assim, com catorze casamentos no currículo, Mac já estava ficando meio cansada dessa brincadeira.

Até um certo momento decisivo.

Quando ela fez 8 anos, seu pai encantador e quase sempre ausente enviou-lhe de presente uma câmera Nikon. Mac nunca manifestara qualquer interesse por fotografia, então, no início, deixou a câmera de lado, junto com outros presentes esquisitos que o pai lhe dera ou enviara desde o divórcio. Mas a mãe de Mac comentou sobre o presente com a mãe *dela*, e a avó resmungou, censurando aquele "irresponsável e inútil do Geoffrey Elliot" e sua falta de bom senso ao dar uma câmera de adulto para uma menininha que com certeza ia gostar mais de ganhar uma Barbie.

Como, por princípio, sempre discordava da avó, Mac acabou se interessando pela câmera. Só para irritá-la – a avó tinha ido visitá-las naquele verão, em vez de ficar no lar para idosos em Scottsdale, que, na cabeça de Mac, era o seu lugar –, a menina começou a levar a Nikon para onde quer que fosse. Brincava com ela, fazia experimentos. Tirou fotos do quarto, dos

próprios pés, das amigas. As imagens ficavam desfocadas e escuras, sem definição e descoloridas. Como não teve muito sucesso e pelo iminente divórcio da mãe e do padrasto, Mac acabou perdendo um pouco do interesse pela Nikon. Dessa forma, mesmo muitos anos mais tarde não sabia dizer o motivo de ter levado a câmera para a casa de Parker naquela bela tarde de verão em que brincaram de Casamento.

Todos os detalhes de um tradicional casamento no jardim tinham sido planejados. Emmaline, a noiva, e Laurel, que seria o noivo, trocariam seus votos sob o caramanchão coberto de rosas. Emma usaria o véu e a cauda de renda feitos pela mãe de Parker com uma toalha de mesa antiga, e Harold, o velho e amável golden retriever de Parker, levaria a noiva ao altar.

Um monte de Barbies, Kens e outros bonecos, além de muitos bichinhos de pelúcia, foram dispostos pelo caminho para se passarem por convidados.

– É uma cerimônia íntima – comunicou Parker um pouco atrapalhada com o véu de Emma. – Seguida de uma pequena recepção ali no pátio. Mas onde se meteu o padrinho?

Laurel, que tinha acabado de esfolar o joelho, apareceu por trás de três arbustos de hortênsias.

– Ele fugiu e subiu numa árvore atrás de um esquilo. Não consegui fazê-lo descer.

Parker revirou os olhos.

– Vou buscá-lo. Você não pode ver a noiva antes do casamento. Dá azar. Mac, ajude Emma a pôr o véu e leve o buquê para ela. Laurel e eu vamos tirar o Sr. Peixe da árvore.

– Eu preferia ir nadar – disse Mac, puxando distraída o véu de Emma.

– Podemos ir depois que eu me casar.

– É, podemos. Você não está cansada de se casar?

– Ah, não me importo. E tem um cheirinho tão bom aqui. Está tudo muito bonito.

Mac entregou a Emma o buquê de dentes-de-leão amarelos que tiveram permissão para arrancar.

– Você está linda.

Era a mais pura verdade. O cabelo escuro e brilhoso de Emma contrastava com a renda branca. Seus olhos, de um castanho profundo, reluziam, enquanto ela cheirava o ramo de dentes-de-leão. Estava bronzeada, com a pele dourada, pensou Mac, meio infeliz com seu próprio tom branco-leitoso.

Era a maldição dos ruivos, dizia a mãe, pois ela herdara do pai aquele cabelo cor de cenoura. Mac era alta para os seus 8 anos e magra como um palito, e ainda por cima usava aparelho nos dentes.

Achava que, do seu lado, Emmaline parecia uma princesa cigana.

Parker e Laurel voltaram, dando umas risadinhas, com o padrinho felino nos braços da dona.

– Todos em seus lugares. – Parker passou o gato para Laurel. – Mac, você precisa ir se

vestir. Emma...

– Não quero ser dama de honra. – Mac olhava para o vestido rodado de Cinderela, dobrado no banco do jardim. – Esse negócio é quente e pinica. Por que o Sr. Peixe não pode ser a dama de honra e eu, o padrinho?

– Porque já tínhamos combinado. Todos ficam nervosos antes de um casamento. – Parker jogou para trás suas longas marias-chiquinhas castanhas e se pôs a examinar o vestido, procurando algum pedaço rasgado ou manchado. Com ar satisfeito, entregou-o a Mac. – Está tudo bem. Vai ser uma linda cerimônia, repleta de amor verdadeiro, e eles viverão felizes para sempre.

– Minha mãe diz que essa história de felizes para sempre é conversa fiada.

Houve um momento de silêncio após a afirmação de Mac. A palavra *divórcio*, embora não dita, pairou no ar.

– Não necessariamente. – Com os olhos cheios de compaixão, Parker se aproximou e fez um carinho no braço de Mac.

– Não quero pôr esse vestido. Não quero ser dama de honra. Eu...

– Ok. Tudo bem. Podemos fingir que temos uma dama de honra e talvez você possa tirar fotos.

Mac olhou para a câmera que nem se lembrava de ter pendurado no pescoço.

– Elas nunca ficam boas.

– Talvez fiquem desta vez. Vai ser divertido. Você pode ser a fotógrafa oficial do casamento.

– Tire uma foto minha com o Sr. Peixe – pediu Laurel, encostando a carinha do gato na dela. – Tire, Mac!

Sem o menor entusiasmo, Mac ergueu a câmera e apertou o botão.

– Devíamos ter pensado nisso antes! Você pode tirar fotos oficiais da noiva e do noivo e outras tantas durante a cerimônia. – Entretida com essa nova ideia, Parker pendurou a roupa de Cinderela no arbusto de hortênsias. – Vai ser legal, vai ser bem divertido. Você vai ter que entrar com a noiva e o Harold. Tente fazer umas fotos boas. Vou esperar e só depois ligo o som. Vamos lá!

Haveria cupcakes e limonada, Mac lembrava a si mesma. E depois iriam nadar e se divertir. Não importava que essa história de fotografia fosse uma bobagem nem que a avó estivesse certa e ela fosse nova demais para ter uma câmera.

Não importava que a mãe estivesse se divorciando de novo ou que o padrasto, um sujeito legal, já tivesse saído de casa.

E não importava que ser feliz para sempre fosse conversa fiada, porque, afinal, era tudo fingimento mesmo.

Mac tentou tirar fotos de Emma e do prestativo Harold, imaginando que, quando fosse buscar as revelações, veria aquelas imagens desfocadas e com manchas do seu polegar, como

sempre acontecia.

Quando a música começou a tocar, sentiu-se mal por não ter se enfiado naquele vestido que pinicava para ser a dama de honra de Emma, só porque sua mãe e sua avó a tinham deixado de mau humor. Então, se esforçou o máximo que pôde para tirar uma bela foto de Harold caminhando com Emma pelo jardim.

Através das lentes tudo era diferente, pensou: o modo como podia focar o rosto de Emma, o jeito como o véu se moldava ao cabelo dela e a beleza dos raios de sol brilhando na renda.

Mac tirou mais fotos quando Parker pôs "Dearly Beloved" para tocar, no momento em que, diante do reverendo Whistledown, Emma e Laurel se deram as mãos e Harold se aninhou para dormir e roncar aos pés das meninas.

Ela percebeu como o cabelo de Laurel era sedoso, como o sol refletia nas pontas da cartola preta que ela usava para compor seu papel de noivo e também como os bigodes do Sr. Peixe mexiam sempre que ele bocejava.

Tudo isso estava diante de Mac, mas algo também aconteceu dentro dela. Suas três amigas estavam reunidas debaixo do caramanchão coberto de rosas brancas, formando um trio de meninas bonitas. Um instinto qualquer fez Mac mudar de lugar só um pouquinho, inclinando ligeiramente a câmera. Ela não sabia que aquilo era uma composição, só achou que, pelas lentes, ficava mais bonito assim.

Então, uma borboleta azul cruzou seu campo de visão e foi pousar no ramalhete de flores amarelas que Emma segurava. Ao mesmo tempo, os três rostos debaixo das rosas brancas revelaram uma expressão de surpresa e prazer.

Mac apertou o botão.

Dessa vez tinha *certeza* de que a imagem não ia ficar desfocada, escura, sem definição ou descolorida. Seu polegar não taparia a lente. Sabia exatamente como a foto ia ficar, sabia que a avó, no fim das contas, estava errada.

Ser feliz para sempre talvez fosse conversa fiada, mas ela sabia que queria tirar mais fotos de momentos que *fossem* felizes. Porque, assim, eles permaneceriam para sempre.

capítulo um

No dia 1º de janeiro, Mac rolou na cama para desligar o despertador e acabou caindo de cara no chão de seu estúdio.

– Merda. Feliz ano-novo!

Ali, tonta e um pouco atordoada, se deu conta de que não tinha subido a escada para ir deitar – e que o alarme era do computador, programado para acordá-la ao meio-dia.

Levantou-se e cambaleou até a cozinha – e a cafeteira.

Por que as pessoas iriam querer se casar na véspera do ano-novo? Por que fazer um ritual formal desses num feriado dedicado a maratonas etílicas e provavelmente a sexo casual? E ainda arrastavam consigo a família e os amigos, sem falar dos fotógrafos.

É óbvio que, quando a recepção enfim terminou, às duas da madrugada, ela poderia ter ido dormir, como uma pessoa normal faria, em vez de descarregar a câmera para verificar as fotos do casamento de Bob Hines e Vicky Myers, gastando com isso mais umas três horas da sua noite.

Mas, puxa, havia tirado umas muito boas. Algumas incríveis.

Ou será que estavam todas péssimas e sua avaliação é que estava prejudicada por uma euforia pouco lúcida?

Não, as fotos eram boas mesmo.

Pôs três colheres de açúcar no café e o tomou de frente para a janela, vendo lá fora o jardim e o gramado da propriedade dos Browns cobertos de neve.

Tinham feito um bom trabalho naquele casamento, pensou. E talvez Bob e Vicky seguissem esse exemplo e fizessem a relação dar certo.

De toda forma, as lembranças daquele dia não se apagariam. Os momentos, significativos ou não, tinham sido apreendidos. Ela iria refiná-los, retocá-los e imprimi-los. Por meio das imagens, Bob e Vicky poderiam revisitar esse dia na semana seguinte ou daqui a sessenta anos.

Isso era tão forte e doce quanto o seu café preto num dia frio de inverno.

Abriu um armário e pegou uma caixa de biscoitos. Ali de pé comeu um, repassando os compromissos do dia.

Às seis, o casamento de Rod Clay e Alison McFearson. O que significava que a noiva e suas acompanhantes chegariam por volta das três, e o noivo, com o seu séquito, às quatro. Isso lhe daria um tempinho, até as duas, quando fariam uma reunião prévia ao casamento na mansão.

Era tempo suficiente para tomar um banho, vestir-se, consultar suas anotações, conferir e reconferir seus equipamentos. Na última vez em que tinha dado uma olhada na previsão do

tempo, anunciavam dia ensolarado, com temperatura acima de zero. Poderia fazer algumas fotos usando a luz natural e talvez convencesse Alison – se ela estivesse disposta – a tirar uma foto vestida de noiva, na varanda, com a neve ao fundo.

Pelo que Mac lembrava, a mãe de Alison – Dorothy ("mas pode me chamar de Dottie") – era meio dominadora e exigente, mas Mac cuidaria dela. Se não conseguisse lidar com ela sozinha, sabia que Parker daria um jeito. Parker conseguia lidar com qualquer pessoa e qualquer situação.

Em apenas cinco anos de funcionamento, a energia e a determinação de Parker tinham transformado a Votos numa das empresas mais importantes do estado no ramo de casamentos e organização de eventos. Isso transformou a trágica morte de seus pais em esperança, e a bela casa vitoriana, com os seus fantásticos terrenos, num negócio próspero e sem precedentes.

E ela própria, pensou Mac, engolindo o último biscoito, era uma das razões desse sucesso.

Foi até o mezanino, onde ficavam a cama e o banheiro, mas parou diante de uma de suas fotos favoritas. A noiva, radiante e extasiada, tinha o rosto erguido, os braços esticados e as palmas das mãos voltadas para cima, sob uma chuva de pétalas de rosa cor-de-rosa.

Capa da revista *Today's Bride*. Porque sou simplesmente o máximo.

De meias, calça de flanela e moletom, subiu a escada para se transformar: a criatura cansada, de pijama, viciada em biscoito passaria a ser a sofisticada fotojornalista especializada em casamentos.

Ignorou a bagunça do quarto e a cama desfeita – para que arrumá-la se iria desarrumar de novo? A chuveirada quente, assim como a cafeína e o açúcar, ajudou-a a se livrar de qualquer vestígio de preguiça e ela pôde se concentrar no trabalho que tinha a fazer.

E o trabalho envolvia uma noiva que queria testar a sua criatividade, uma mãe de noiva difícil, que achava que sabia de tudo, e um noivo apaixonado, capaz de qualquer coisa para fazer a amada feliz. E os dois eram incrivelmente fotogênicos.

O último fato tornava o trabalho prazeroso e, ao mesmo tempo, desafiador. Como daria a seus clientes um registro fotográfico daquele dia especial que fosse sensacional e exclusivo?

As cores da noiva, pensou, revirando suas lembranças enquanto lavava o cabelo curto, ruivo, que usava propositadamente bagunçado. Prata e dourado. Elegante, glamourosa.

Já tinha dado uma olhada nas flores e no bolo – ambos seriam finalizados hoje –, nas lembrancinhas e nas toalhas das mesas, nas roupas e nos acessórios dos padrinhos, madrinhas e pais dos noivos. Tinha uma cópia da lista de músicas que a banda tocaria, em que haviam sido sublinhadas a primeira dança do casal e a dança dos pais.

Então, nas próximas horas seu mundo giraria em torno de Rod e Alison.

Escolheu a roupa, as joias e a maquiagem quase com o mesmo cuidado que tinha ao escolher o equipamento. Pronta, percorreu o caminho que levava da casa de apoio da piscina, onde ficava o estúdio e seu pequeno apartamento, até a mansão.

A neve cintilava, como uma infinidade de diamantes em pele de arminho, e o ar estava tão frio e claro quanto geleiras de montanha. Definitivamente teria que fazer umas fotos ao ar livre, com a luz do dia e ao anoitecer. Era um casamento de inverno, branco, com neve cobrindo o chão, gelo brilhando nas árvores, salgueiros desnudos gotejando no lago. E tinha também a magnífica casa vitoriana, com telhados em vários níveis, as janelas redondas e em arco, altas e largas, e um azul-claro contrastando com o céu invernal. Os terraços e os pórticos generosos anunciavam a época do ano com luzes e guirlandas.

Ao percorrer o caminho do qual a neve havia sido removida, estudou um pouco a casa, como sempre fazia. Adorava suas linhas, seus ângulos, com os sutis detalhes em amarelo-claro, o branco cremoso salpicado no suave e sutil azul.

Era seu lar tanto quanto a casa em que crescera. Ou até mais, reconhecia, já que a sua era comandada pelos caprichos da mãe. Os pais de Parker eram carinhosos, acolhedores, amorosos e – Mac via agora – equilibrados. Eles lhe deram um porto seguro para se abrigar da tempestade que havia sido a sua infância.

Sofreu tanto quanto a sua amiga quando eles morreram, sete anos atrás.

Agora a propriedade dos Browns era a sua casa. O seu trabalho. A sua vida. E isso era bom em todos os sentidos. O que poderia ser melhor do que fazer algo que se ama e ainda por cima com as melhores amigas de todos os tempos?

Entrou no vestíbulo para pendurar o agasalho e foi dar uma volta para espiar os domínios de Laurel.

A amiga e sócia estava de pé sobre um banquinho, acrescentando cuidadosamente lírios prateados nos cinco andares do bolo de casamento. Cada flor nascia no meio de uma folha dourada de acanto, produzindo um efeito radiante e requintado.

– Está imbatível, Laurel.

Ela pôs mais um lírio com precisão cirúrgica. Seu cabelo dourado estava preso para trás, num coque meio bagunçado que, sabe-se lá como, combinava muito bem com o rosto triangular. Enquanto trabalhava, estreitava um pouco os olhos brilhantes, toda concentrada.

– Fiquei tão feliz por ela ter preferido o arranjo de lírios ao topo de bolo com um casal de noivos! Vai ficar bem mais bonito. Espere só até o levarmos para o salão e acrescentarmos o arranjo.

Mac pegou a câmera.

– Vai dar uma boa foto para o site. Posso?

– Claro. Conseguiu dormir um pouquinho?

– Só deitei lá pelas cinco, mas dormi até o meio-dia. E você?

– De duas e meia até as sete. Depois fui terminar o bolo, as sobremesas e... isto. Estou tão feliz por termos duas semanas livres até o próximo casamento! – Deu uma olhadinha em volta. – Não conte a Parker que falei isso.

– Imagino que ela já esteja acordada.

– Já veio aqui duas vezes. Provavelmente passou duas vezes por todos os lugares. Tive a impressão de ter ouvido Emma chegar. Agora devem estar lá em cima no escritório.

– Estou subindo. Você não vem?

– Daqui a dez minutos. Vou chegar a tempo.

– A tempo é tarde no mundo da Parker – disse Mac, sorrindo. – Vou tentar distraí-la.

– Diga a ela que não se pode apressar certas coisas. E que a mãe da noiva vai receber tantos elogios por causa do bolo que vai até parar de encher a nossa paciência.

– Isso, sim, pode funcionar.

Mac saiu, mas antes deu uma passada no vestíbulo da entrada principal e no enorme salão onde aconteceria a cerimônia. Pelo que pôde ver, Emmaline e seus duendes já haviam começado a trabalhar, trocando a decoração do casamento da véspera pela do de hoje. Cada noiva tinha a sua própria visão e esta queria muitas fitas douradas e prateadas e guirlandas, ao contrário das transparências lilás e creme do casamento da véspera do ano-novo.

No salão, a lareira estava preparada para ser acesa pouco antes da chegada dos primeiros convidados. Forradas de branco, cadeiras enfileiradas reluziam com laços prateados. Emma já tinha decorado o console da lareira com velas douradas em castiçais prateados e com vasos de cristal repletos dos lírios brancos de que a noiva tanto gostava.

Mac deu uma volta no aposento, observando os ângulos, a iluminação, as composições – e fez mais anotações enquanto saía dali e subia a escada até o terceiro andar.

Como esperava, encontrou Parker na sala de reuniões, cercada pelo laptop, o BlackBerry, pastas, outro celular e um fone de ouvido. Seu longo e espesso cabelo castanho estava preso num rabo de cavalo sedoso e simples. O penteado combinava com seu terninho – de um discreto cinza-claro – e com as cores escolhidas pela noiva.

Parker não deixava passar nenhum detalhe.

Não chegou a erguer os olhos, mas fez um gesto circular com o dedo no ar sem interromper o que fazia no laptop. Como já conhecia aquele sinal, Mac foi até o balcão onde ficava a cafeteira e encheu duas canecas para elas. Depois sentou-se, pôs sua pasta na mesa e abriu o bloco de notas.

Parker se recostou e, sorrindo, pegou a caneca.

– Esse vai ser sensacional.

– Sem dúvida.

– As estradas estão sem neve, o tempo está bom. A noiva já se levantou, tomou café da manhã e foi fazer uma massagem. O noivo foi malhar e depois nadou. Os fornecedores estão sendo pontuais. Os padrinhos, os pais e as madrinhas virão se arrumar aqui. – Deu uma olhadinha no relógio. – Onde estão Emma e Laurel?

– Laurel está dando os toques finais no bolo, que está uma maravilha. Não vi Emma, mas ela já começou a decoração. Está ficando linda. Quero fazer umas fotos ao ar livre. Antes e depois.

– Não segure a noiva lá fora por muito tempo antes da cerimônia. Não queremos que ela fique de nariz vermelho e fungando.

– Você vai ter que manter a mãe dela longe de mim.

– Já percebi isso.

Emma entrou apressada, com uma Coca-Cola Zero numa das mãos e uma pasta na outra.

– Tink está de ressaca e não apareceu, então estou com menos um. Vamos ser rápidas, ok? – disse, atirando-se numa das cadeiras e fazendo balançar o cabelo preto encaracolado, na altura do ombro. – A suíte da noiva e o salão já estão prontos. O hall e a escada estão quase. Examinamos também os buquês e as flores que serão usadas nas roupas. Começamos no salão maior e no de baile. Preciso voltar para lá.

– E a daminha?

– Vai entrar com uma cesta de rosas brancas, com fitas prateadas e douradas. Estou com a coroa pronta para pôr na cabeça dela. É de rosas e cravos-de-amor. Ficou linda! Mac, preciso que você tire umas fotos dos arranjos se tiver algum tempo. Senão, eu mesma tiro.

– Pode deixar que eu cuido disso.

– Obrigada. A mãe da noiva...

– Estou cuidando disso – disse Parker.

– Preciso que... – Emma interrompeu o que dizia quando Laurel entrou.

– Não estou atrasada – anunciou ela.

– Tink não veio – disse Parker. – Emma precisa voltar logo.

– Posso substituí-la. Tenho que pôr um arranjo no centro do bolo e arrumar as sobremesas, mas estou livre agora.

– Vamos ver o cronograma.

– Esperem. – Emma ergueu a lata de refrigerante. – Antes, um brinde. Feliz ano-novo para nós: quatro mulheres fantásticas, estupendas e sexy. Melhores amigas para sempre.

– E também inteligentes e poderosas! – acrescentou Laurel, erguendo a sua garrafa d'água. – Às amigas e sócias.

– A nós. Amizade e cérebro em quatro partes – disse Mac –, e à Votos, essa empresa superbacana que conseguimos criar.

– E a 2009. – Parker ergueu a caneca de café. – As mulheres fantásticas, estupendas, sexy, inteligentes, poderosas e que são melhores amigas para sempre vão ter o melhor ano de suas vidas!

– Está certíssima. – concordou Mac, brindando também com sua caneca. – Ao Casamento: antes, agora e sempre!

– Antes, agora e sempre – repetiu Parker. – Bem, vamos ao cronograma?

– Estou com a noiva desde que ela chegou – começou Mac. – Passo para o noivo quando ele chegar. Fotos descontraídas enquanto eles se vestem, e só depois as posadas. Retratos formais dentro e fora da casa. Vou fotografar o bolo e a decoração agora e montar o

equipamento. Antes da cerimônia, tiro fotos de toda a família e dos convidados separadamente. Depois, só vou precisar de uns 45 minutos para fotografar a família, todos os convidados e os noivos.

– Os arranjos florais nas suítes dos noivos ficam prontos às três horas. No foyer, no salão, no corrimão da escada, no salão maior e no de baile, ficam prontos às cinco. – Parker virou-se para Emma.

– Estará tudo pronto.

– O cinegrafista chega às cinco e meia. Os convidados, por volta de cinco e meia, seis horas. Os músicos, um quarteto de cordas, começam a tocar às 17h40. A mãe do noivo, acompanhando o filho, entrará às 17h50. A mãe da noiva, acompanhada do outro genro, vem logo depois. O noivo e os padrinhos estarão prontos às seis. – Disse Parker, lendo o cronograma em voz alta. – A noiva, o pai e suas acompanhantes estarão prontos às seis. Descem a escada e formam o cortejo. A cerimônia deve durar 23 minutos, depois vêm a saída e os cumprimentos. Os convidados serão levados ao salão maior às 18h25.

– Abertura do bar – disse Laurel –, a música começa e o coquetel é servido.

– Das 18h20 às 19h10, sessão de fotos. Às 19h15, discurso da família, dos padrinhos e dos recém-casados.

– Jantar, brindes – prosseguiu Emma. – Está tudo certo, Parks.

– Quero ter certeza de que às 20h15 vamos ter passado ao salão de baile para a primeira dança – disse Parker. – A noiva quer muito que a avó esteja lá para a sua primeira dança e, depois da valsa dos pais, quer que o pai dance com a avó. Ela tem 90 anos e não deve aguentar ficar até tarde. Se conseguirmos cortar o bolo às nove e meia, talvez a avó ainda esteja na festa.

– Ela é um amorzinho – interrompeu Mac. – Tirei umas fotos lindas dela e da Alison no ensaio. Tomei nota para tirar mais algumas hoje. Sinceramente, acho que ela vai ficar até o fim da festa.

– Espero que sim. O bolo e os doces serão servidos durante o baile. A noiva vai jogar o buquê às 22h15.

– Isso também está nos planos – acrescentou Emma.

– O noivo vai jogar a liga, o baile continua. A última dança será às 22h50. Depois virão as bolhas de sabão e os noivos vão embora. O evento termina às onze. – Parker deu mais uma olhada no relógio de pulso. – Então mãos à obra. Emma e Laurel precisam se trocar. E lembrem-se dos fones de ouvido.

O telefone de Parker vibrou e ela olhou o visor.

– É a mãe da noiva. De novo. É a quarta ligação só nesta manhã.

– Divirta-se – disse Mac, escapando dali depressa.

Foi de aposento em aposento, tentando ficar longe de Emma e sua equipe, que enchiam a casa de flores, fitas e tecidos esvoaçantes. Tirou fotos do bolo de Laurel, dos arranjos de

Emma e imaginou muitas outras.

Era um ritual que Mac nunca permitiria que virasse rotina. Sabia que, se isso acontecesse, perderia fotos e oportunidades, desperdiçaria ângulos e ideias. E toda vez que sentia estar perdendo a sensibilidade, pensava na borboleta azul pousando no buquê de dentes-de-leão.

O ar cheirava a rosas e lírios. Vozes e passos ecoavam. A luz penetrava pelas altas janelas formando belos feixes, que refletiam no dourado e no prateado das fitas.

– Fone de ouvido, Mac! – Parker desceu apressada a escada principal. – A noiva está chegando.

Enquanto Parker corria para receber a noiva, Mac foi lá para cima. No terraço da frente, ignorando o frio, viu a limusine branca chegando. Assim que o carro parou, ela conseguiu um bom ângulo e ficou preparada, esperando.

A dama de honra e a mãe da noiva saltaram.

– Por favor, só um pouquinho para o lado – murmurou.

Então Alison saiu do carro. Estava de jeans, botas, uma jaqueta de camurça meio surrada e um cachecol vermelho-vivo. Mac deu um zoom e ajustou o foco.

– Ei, Alison!

A noiva olhou para cima. Em seu rosto, a expressão de surpresa foi substituída por um ar divertido e, para a satisfação de Mac, ela ergueu os braços, inclinou a cabeça para trás e riu.

E esse, pensou Mac ao ver que tinha conseguido capturar o momento, era o início da jornada.

Dez minutos depois, a suíte da noiva – o antigo quarto de Parker – estava cheia de gente, uma verdadeira confusão. Dois cabeleireiros usavam seus apetrechos e seu talento, alisando, cacheando, penteando, enquanto os maquiadores se viam às voltas com cores e potes.

Os cheiros, os movimentos, os sons, tudo era bem feminino, pensou Mac, movendo-se pelo aposento, tentando não atrapalhar. A noiva era o centro das atenções e não parecia nervosa. Alison estava confiante, feliz e falava pelos cotovelos.

A mãe da noiva, no entanto, era outra história.

– Mas você tem um cabelo tão lindo! Não acha que deveria deixá-lo solto? Pelo menos uma parte. Talvez...

– Preso fica melhor com o véu. Relaxe, mãe.

– Está muito quente aqui. Acho que está muito quente. E Mandy devia tirar uma soneca. Ela vai dar problema, tenho certeza.

– Ela vai fazer tudo direitinho. – Alison voltou-se para a daminha.

– Eu realmente acho...

– Senhoras! – Parker apareceu com um carrinho de champanhe e uma bela bandeja de frutas e queijos. – Os homens já estão a caminho. Alison, o penteado está maravilhoso. – Serviu uma taça, que passou para a noiva.

– Acho que ela não deveria beber antes da cerimônia. Ela não comeu quase nada hoje e...

– Ah, Sra. McFearson, que bom que está pronta. Está fabulosa. Será que posso roubá-la por uns minutinhos? Adoraria lhe mostrar como ficou o salão antes da cerimônia. Queremos ter certeza de que está tudo perfeito, não é mesmo? Trago-a de volta daqui a pouquinho. – Parker entregou uma taça de champanhe à mãe da noiva e tirou-a dali.

– Ufa! – exclamou Alison, às gargalhadas.

Durante uma hora, Mac se dividiu entre a suíte da noiva e a do noivo, envolta em perfume e tule, abotoaduras e gravatas-borboletas. Voltou aos aposentos da noiva, desviou das madrinhas, que se arrumavam e ajudavam umas às outras a se vestir. Então viu Alison sozinha, em pé, em frente ao vestido de noiva.

Estava tudo ali, pensou Mac enquanto ajustava o foco com tranquilidade: a admiração, a alegria – e também um pouquinho de tristeza. Conseguiu captar o instante em que Alison passou os dedos pelos brilhantes do corpete.

Mac sabia que aquele era um momento decisivo, quando tudo o que uma mulher sentia ficava estampado em seu rosto.

Então o momento passou e Alison deu uma olhada à sua volta.

– Não esperava me sentir assim. Estou muito feliz. Sou tão apaixonada por Rod, estou pronta para me casar com ele... Mas sinto um pequeno aperto bem aqui. – Passou os dedos na altura do coração. – Deve ser nervoso.

– Tristeza. Só um pouquinho. Uma fase da sua vida termina hoje. Não tem problema você ficar triste por se despedir. Sei exatamente do que está precisando. Espere aqui.

Pouco depois, Mac voltou com a avó de Alison. E mais uma vez se afastou.

A juventude e a velhice, refletiu. Princípios e fins, vínculos e continuidade. E amor, é claro.

Captou o abraço, mas não era isso. Captou as lágrimas nos olhos, e nada ainda. Então, Alison baixou o rosto para beijar a avó e uma única lágrima lhe escorreu pelo rosto. Atrás delas, o vestido resplandecia.

Perfeito. A borboleta azul.

Tirou fotos casuais enquanto a noiva se vestia, depois fez algumas formais, com uma luz natural incrível. Como havia esperado, Alison não se recusou a enfrentar o frio do terraço.

Depois, ignorando a voz de Parker pelo fone de ouvido, Mac correu até a suíte do noivo para repetir o mesmo ritual com Rod.

Passou por Parker no corredor, voltando depressa para junto da noiva.

– Preciso do noivo e dos padrinhos lá embaixo, Mac. Estamos com dois minutos de atraso.

– Ai, meu Deus! – exclamou Mac, com um tom irônico de terror, e entrou na suíte da noiva.

– Os convidados já estão acomodados – anunciou Parker em seu ouvido um instante depois. – O noivo e os padrinhos já se posicionaram. Emma, reúna o cortejo da noiva.

– É para já.

Mac escapuliu e foi se postar no pé da escada enquanto Emma organizava as damas de

honra.

– As acompanhantes da noiva estão prontas. Pode soltar a música.

– Pronto – disse Parker. – Podem começar a entrar.

A daminha ficaria bem mesmo sem ter tirado uma soneca, concluiu Mac ao ver a menina descer a escada meio que dançando. Parou como uma veterana ao sinal de Laurel e prosseguiu com um ritmo tranquilo, atravessando o hall com seu vestido de fada e entrando no salão principal até passar pelo corredor entre as cadeiras enfileiradas.

As madrinhas a seguiram, com um brilho prateado, e, atrás delas, a dama de honra vestindo dourado.

Mac se agachou para pegar um ângulo de baixo para cima, enquanto a noiva e o pai aguardavam de mãos dadas no alto da escada. Aos primeiros acordes da marcha nupcial, ele levou a mão da filha aos lábios e depois ao rosto.

No momento em que tirou a foto, Mac sentiu os olhos arderem.

Onde estaria seu pai?, perguntou-se. Na Jamaica? Na Suíça? No Egito?

Afastou aquele pensamento e a dor que ele trazia para se concentrar no trabalho.

Usando a luz das velas de Emma, captou alegria e lágrimas; lembranças. E manteve-se invisível, isolada.

capítulo dois

Mac trabalhava à noite porque seu dia era cheio de compromissos. E porque gostava – sozinha, no seu canto, no seu ritmo. As manhãs serviam para tomar café, sentir o primeiro e intenso impacto da bebida na circulação sanguínea, e muitas vezes também para encontrar clientes, fazer reuniões e sessões de fotos.

De noite, sozinha no estúdio, podia se concentrar inteiramente nas imagens, em selecioná-las, aperfeiçoá-las. Embora trabalhasse quase exclusivamente com câmera digital, mantinha um espírito de câmara escura na hora da criação. Acrescentava camadas, realces, sombras; removia manchas ou pontos luminosos demais para criar uma base para a foto definitiva. Para isso podia refinar determinadas áreas, alterar a densidade, aumentar o contraste. Passo a passo, ia dando forma à imagem, acentuando-a ou suavizando-a para captar o clima, a fim de chegar a uma impressão que expressasse aquele momento no tempo, até *ela própria* sentir o que esperava que o cliente sentisse.

Depois, como fazia quase todas as manhãs, Mac sentou-se diante do computador para olhar as provas e ver se ainda concordava com o que tinha feito na noite anterior.

Debruçou-se sobre elas, de pijama de flanela e meias grossas. O cabelo, de um ruivo bem vivo, mais parecia uma floresta de espinhos e tufos. O silêncio era absoluto. Nos casamentos estava quase sempre cercada de pessoas, conversas e emoções, então ela bloqueava ou usava tudo isso para encontrar o ângulo, o tom e o momento exatos.

Ali, porém, estava sozinha com as imagens e podia torná-las perfeitas. Tomou o café, comeu uma maçã, para compensar os biscoitos da manhã anterior, e examinou centenas de imagens captadas na véspera, além das dezenas retocadas ao longo da noite.

Cumprimentou-se pelo trabalho bem-feito. Mas ainda podia melhorar, pensou, e quando atingisse o melhor possível para o cliente avaliar, repassaria tudo mais uma vez antes de marcar um encontro com os recém-casados para que vissem as provas e escolhessem as fotos do álbum.

Isso ficaria para outro dia. Para não se esquecer de nada, deu uma olhada na agenda antes de tomar uma chuveirada e se vestir para o primeiro compromisso do dia.

Para a sessão de fotos no estúdio, um jeans e um suéter bastariam, mas teria que se trocar para a reunião da tarde na mansão. Era política da Votos o uso de roupas formais nas reuniões com clientes.

Mac procurou entre as roupas do closet uma calça e uma camiseta pretas. Depois da sessão de fotos no estúdio, poderia jogar um blazer por cima da roupa e estaria pronta para a reunião. Mexeu um pouco nas suas bijuterias até encontrar algo que se adequasse ao seu estado de espírito, passou um pouco de maquiagem e deu por encerrada essa etapa.

Em sua opinião, o estúdio estava precisando de mais atenção que a fotógrafa.

Elizabeth e Charles, pensou, ao iniciar a montagem do cenário. Fotos de noivado. Lembrou que eles tinham sido bem claros na reunião prévia: era para ser formal, simples, direto ao ponto.

Não entendia por que não pediram a um amigo qualquer para tirar as fotos com uma câmera automática. Sorrindo, lembrou-se de que quase dissera isso a eles, mas Parker parecia ter lido sua mente e lhe lançara um olhar de reprovação.

– O cliente tem sempre razão – disse a si mesma enquanto arrumava o pano de fundo. – Querem algo sem graça, terão algo sem graça.

Ergueu as luzes e posicionou o difusor – ao menos podia ser bonito. Foi buscar o tripé, pois sabia que os clientes esperavam ver equipamentos. Quando acabou de escolher as lentes, verificar as luzes e forrar o banco, os dois bateram à porta.

– Bem na hora. – Mac fechou a porta atrás deles, bloqueando a rajada de vento gelada. – Está congelante lá fora hoje. Não querem tirar os casacos?

Eram perfeitos, pensou. Barbie e Ken de classe alta. A loura elegante, com todos os fios de cabelo no lugar certo; o sujeito bonito, educado e contido.

Uma parte dela teve vontade de desarrumá-los só um pouquinho, para deixá-los mais humanos.

–Aceitam um cafezinho? – ofereceu.

–Ah, não, obrigada. – Elizabeth abriu um sorriso. – Queríamos muito começar logo. Estamos com a agenda apertada hoje. – Enquanto Mac pendurava os casacos, Elizabeth deu uma olhada em volta. – Esta era a casa que servia de apoio à piscina?

– Era, sim.

– É... interessante. Acho que eu esperava algo mais elaborado. Bom, que seja. – Ela foi olhar de perto algumas fotos emolduradas que decoravam o ambiente. – A prima do Charles se casou aqui em novembro. Foi maravilhoso. E ela elogia muito você e as suas sócias. Não é mesmo, Charles?

– É, sim. Foi por isso que escolhemos a sua empresa.

– A organizadora do casamento e eu vamos trabalhar juntas nos próximos meses. Há algum lugar onde eu possa me recompor antes de começarmos? – perguntou Elizabeth.

– Claro. – Mac a levou até o toalete do estúdio, perguntando-se o que ela quereria retocar.

– Então, Charles. – Mac imaginava-se afrouxando o nó Windsor tão perfeitinho da gravata dele. – O que vão fazer hoje?

– Temos uma reunião com a organizadora e vamos resolver questões no cartório. Elizabeth vai se encontrar com dois estilistas que a sua sócia recomendou para fazer o vestido.

– Que emocionante!

Você parece muito animado, pensou. Como se estivesse prestes a ir à consulta semestral no dentista.

– São muitos detalhes. Imagino que devam estar acostumadas com isso.

– Cada casamento é como se fosse o primeiro que fazemos. Poderia ficar parado atrás desse banco? Assim ajeito as luzes e o foco enquanto Elizabeth acaba de se arrumar.

Obediente, ele se pôs onde ela pedira, duro como uma pedra.

– Relaxe – disse Mac. – Vai ser mais fácil e rápido do que você imagina, e talvez até divertido. De que tipo de música você gosta?

– Música?

– É, vamos pôr uma música. – Foi até o som e escolheu um CD. – Baladas da Natalie Cole. É romântico e clássico. Que tal?

– Pode ser.

Enquanto fingia ajustar a câmera, Mac o viu olhar disfarçadamente o relógio de pulso.

– Já decidiram para onde vão de lua de mel?

– Estamos inclinados a ir a Paris.

– Você fala francês?

Pela primeira vez ele deu um sorriso espontâneo.

– Nem uma palavra.

– Bom, vai ser uma aventura – disse ela enquanto Elizabeth voltava com a aparência tão perfeita quanto antes.

O terninho, provavelmente um Armani, tinha um caimento impecável. O índigo valorizava Elizabeth. Mac imaginou que ela havia escolhido o terno cinza para Charles a fim de que o dela se destacasse.

– Acho que devemos começar com você sentada e o Charles de pé, logo atrás. Só um pouquinho para a esquerda, Charles. E Elizabeth, se puder se virar para a janela, um pouco só. Incline-se na direção de Charles, deixe o corpo relaxado. Charles, ponha a mão no ombro esquerdo dela. Elizabeth, ponha a sua sobre a dele, assim mostramos esse espetacular anel de noivado.

Mac tirou algumas fotos só para eles superarem a fase dos sorrisos congelados.

Incline a cabeça.

Jogue o peso para o pé de trás.

Ajeite os ombros.

É tímido, percebeu Mac. Tem vergonha da câmera e também um pouco de vergonha das pessoas. Ela, por sua vez, é monumentalmente autoconfiante. Estava apavorada com a possibilidade de não parecer perfeita.

Mac tentou deixá-los à vontade, perguntando como se conheceram, como começaram a namorar – fizera aquelas mesmas perguntas quando se reuniram pela primeira vez. E ouviu as mesmas respostas agora.

Estava difícil quebrar o gelo.

Podia parar de tentar e lhes dar exatamente o que achavam que queriam. Mas não era

disso que precisavam.

Deu um passo para trás, afastando-se da câmera. Ao fazer isso, os dois relaxaram e Elizabeth virou a cabeça e sorriu para Charles. Ele piscou para ela.

Vejam só, pensou Mac, são humanos afinal de contas!

– Tirei algumas fotos formais ótimas. Sei que era isso o que queriam, mas gostaria de pedir que fizessem algo por mim.

– Estamos mesmo com o horário apertado – começou Charles.

– Não vai levar nem cinco minutos. Pode se levantar, Elizabeth. Vou só tirar o banco daí. – Afastou o banco e tirou a câmera do tripé. – Que tal um abraço? Não em mim. Vocês dois.

– Não acho...

– Abraços são legalmente permitidos em Connecticut, mesmo para quem não é noivo. É só uma pequena experiência e poderão ir embora em dois minutos. – Pegou o fotômetro, verificou a luz e a ajustou. – Encoste o lado direito do rosto no peito dele, mas vire o rosto um pouco para mim – explicou Mac. – E olhe para cá. Charles, abaixe a cabeça e olhe para ela, mas deixe o queixo voltado na minha direção. Inspire fundo, depois expire tranquilamente. Está abraçado com a mulher que ama, não é? Aproveite. Olhem para mim, bem de frente, e pensem no que sentiram na primeira vez em que se beijaram.

Pronto!

Os sorrisos surgiram rapidamente, foram espontâneos. O dela, suave, talvez um pouco travesso; o dele, radiante.

– Só mais uma. – Tirou três antes de os dois voltarem a ficar rígidos. – Pronto. Terei várias provas para vocês escolherem por volta de...

– Podemos ver algumas agora? São digitais, não são? – pressionou Elizabeth. – Só para termos uma ideia rápida de como ficou.

– Claro.

Mac foi até o computador com a câmera e a conectou.

– Não estão tratadas, mas vocês podem ter uma noção.

– Isso mesmo. – Elizabeth franziu as sobrancelhas para a tela enquanto Mac começava a passar as fotos. – É, estão boas. Esta... esta aqui.

Mac parou em uma das formais.

– Esta?

– Era isso que eu tinha em mente. Ficou muito bom. Nós dois estamos bem e gostei do ângulo. Acho que pode ser ela.

– Vou marcá-la. Mas é bom ver as outras só para ter certeza. – Mac voltou a passar as fotos.

– É, ficaram muito boas mesmo. Muito boas. Acho que a que escolhi... – Elizabeth parou de falar quando viu na tela a foto em que estavam abraçados. – Ah, esta ficou maravilhosa. Maravilhosa, não acha?

– Minha mãe vai gostar mais da primeira que você escolheu. – Atrás dela, Charles fez um

carinho nos ombros da noiva.

– Vai mesmo. Você tem razão. Vamos revelar e emoldurar para ela. Mas... – Olhou para Mac e prosseguiu: – Você estava certa e eu, errada. É esta aqui que eu quero. É assim que quero estar em nossa foto de noivado. Em setembro, lembre-me de que falei isso quando eu tentar lhe ensinar como fazer o seu trabalho.

– Vou lembrar. Eu também estava errada. Acho que, no fim das contas, vai ser um prazer trabalhar com vocês.

Demorou um instante, mas enfim Elizabeth riu.

Mac mandou os dois para Parker, sentindo que a sócia lhe devia essa. Enviava-lhe clientes que – pelo menos por enquanto – estavam mais abertos a ideias e orientações do que antes.

Sentou-se para terminar uns pacotes que tinha que entregar a outros clientes. Um deles era um conjunto de provas, o outro, as fotos já escolhidas, tudo arrumado em álbuns. Para os noivos, para as mães dos noivos, além das fotos extras pedidas por diversos parentes e convidados.

Depois de embalar tudo, viu que só teria tempo para um almoço rápido – as sobras da salada de macarrão – antes de enviar as fotos e ir para a mansão.

Deu umas garfadas, apoiando o prato na pia mesmo. Uma terra de conto de fadas congelada, pensou, ao olhar pela janela. Tudo imóvel, perfeito. Pegou o copo de Coca Zero e tomou alguns goles.

Um cardeal se chocou contra a vidraça com um estrondo. Só deu para ver um borrão vermelho. Mac se assustou e entornou o refrigerante na blusa.

Com o coração na boca, viu aquele pássaro idiota se afastar, voando para longe. Então, olhou para a blusa.

– Droga!

Tirou-a e jogou-a em cima da máquina de lavar na área de serviço. De sutiã e calça preta, limpou o que havia entornado na pia. O telefone tocou e ela foi atender, irritada. Pelo identificador de chamadas viu que era Parker e atendeu com um "que foi?" mal-humorado.

– Patty Baker está aqui. Veio buscar os álbuns.

– Bem, ela chegou vinte minutos mais cedo. Estarei aí, e os álbuns também, na hora marcada. Tente distraí-la – acrescentou, andando pelo estúdio. – E não me encha. – Desligou e se virou.

Então, deu de cara com um homem.

Ele arregalou os olhos, envergonhado, e se virou, reprimindo um "Ai, meu Deus". Saía como uma bala, quando bateu na parede, fazendo um barulhão.

– Ai! Você está bem? – Mac largou o telefone na mesa e correu para socorrê-lo.

– Sim, estou. Desculpe.

– Você está sangrando. Caramba, bateu a cabeça com força. É melhor se sentar.

– Talvez. – Ao dizer isso, foi deslizando pela parede até sentar no chão. Seus olhos estavam

enevoados e um pouco embaçados.

Mac se agachou, afastou o cabelo castanho-escuro que cobria a testa dele e viu o machucado que sangrava e já havia inchado bastante.

– Ok, não é um corte grande. Escapou de levar uns pontos. Mas ficou com um belo galo. Cara, o barulho foi tão alto que parecia que você tinha batido na parede com um martelo. Talvez um pouco de gelo e depois...

– Me desculpe, mas... humm, não sei se percebeu... Será que você não deveria...

Mac viu os olhos dele baixarem e os acompanhou. Só então notou que, enquanto tentava ajudá-lo, seus seios, mal cobertos pelo sutiã, estavam muito próximos do rosto dele.

– Ops. Eu me esqueci disso. Sente aí. Não se mexa. – Levantou-se de um salto e se afastou.

Ele não sabia se seria capaz de se mexer. Estava desorientado. Ficou sentado onde estava, com as costas apoiadas na parede. Mas, mesmo com passarinhos de desenho animado voando em torno de sua cabeça, tinha que admitir que os seios dela eram bem bonitos. Não pudera deixar de notar.

Não sabia o que dizer ou fazer naquela situação. Então, ficar sentado ali, como ela tinha mandado, parecia a melhor opção.

Quando ela voltou com uma bolsa de gelo, estava usando uma camiseta. Provavelmente seria errado sentir uma pontinha de decepção. Ela se agachou de novo, dobrando aquelas pernas compridas, reparou ele, agora que os seios não estavam mais à mostra.

– Tome, experimente isto.

Ela pôs a bolsa de gelo na mão dele e a levou até a testa, que latejava. Seus olhos tinham um tom maravilhoso de verde, que lembrava o mar.

– Quem é você? – perguntou ela.

– O quê?

– Humm. Quantos dedos está vendo aqui? – indagou, levantando dois.

– Doze.

A moça sorriu e duas covinhas surgiram em seu rosto. O coração dele disparou.

– Não, não está, não. Vamos tentar outra coisa. O que está fazendo no meu estúdio? Ou, melhor, o que estava fazendo antes de se contundir por causa dos meus peitos?

– Ah! Eu tenho uma hora marcada. Aliás, a Sherry tem. Sherry Maguire.

Ele viu que o sorriso dela se desfez um pouco e as covinhas desapareceram.

– Ok, está no lugar errado. Devia ter ido para a mansão. Sou Mackensie Elliot, a fotógrafa da empresa.

– Eu sei. Quero dizer, sei quem você é. Como sempre, Sherry não explicou direito aonde eu deveria ir.

– Nem a que horas, pois sua reunião é só às duas.

– Ela disse que achava que era à uma e meia, o que significa que vai chegar às duas. Eu deveria ter me guiado pelo Horário Sherry ou ligado pessoalmente para confirmar. Desculpe-

me mais uma vez.

– Não tem problema. – Mac inclinou um pouco a cabeça. Os olhos dele, muito bonitos, estavam claros e focados agora. – Como me conhece?

– Fui colega de escola de Delaney Brown e de Parker. Bem, Parker estava duas séries atrás de nós. Como você.

Mac mudou de posição para observá-lo mais de perto. Tinha cabelos castanhos, cheios e despenteados, precisando de um corte. Os olhos eram azul-claros e tranquilos, emoldurados por uma floresta de cílios. O nariz era afilado; a boca, forte; e o rosto, magro.

Ela era boa fisionomista. Por que não o reconhecia?

– Acho que conheci quase todos os amigos do Del.

– Ah, é que não éramos exatamente amigos. Mas uma vez expliquei algumas coisas para ele, quando estávamos estudando *Henrique V*.

Aquilo a fez lembrar.

– Carter – falou, apontando para ele. – Carter Maguire. Você não vai se casar com a sua irmã, vai?

– O quê? Não! Estou aqui para substituir o Nick. Sherry não queria vir à reunião sozinha e ele teve uma emergência. Só estou... Na verdade, nem sei o que estou fazendo aqui.

– Sendo um bom irmão. – Mac deu um tapinha no joelho dele. – Acha que consegue se levantar?

– Claro.

Ela ficou de pé e estendeu a mão para ajudá-lo. Ele sentiu o coração disparar mais uma vez quando as mãos dos dois se tocaram. E, assim que se levantou, sentiu a cabeça latejar no mesmo ritmo.

– Ai! – exclamou ele.

– Deve estar doendo mesmo. Quer uma aspirina?

– Sim, pelo amor de Deus.

– Vou buscar. Enquanto isso, pode sentar em algum lugar que não seja o chão.

Quando Mac voltou para a cozinha, ele tentou seguir sua sugestão, mas as fotos nas paredes lhe chamaram a atenção. Algumas eram de revista, notou, e presumiu que fossem dela. Noivas bonitas, sofisticadas, sexy, sorridentes. Algumas coloridas, algumas em preto e branco – e outras ainda com aquele estranho e atraente efeito que deixa uma foto em preto e branco com um único ponto de cor intensa.

Ele se virou quando Mac voltou e teve a sensação de que o cabelo dela era exatamente assim – um ponto de cor intensa.

– Você fotografa mais alguma coisa?

– Sim. – Ela lhe deu três comprimidos e um copo d'água. – Mas as noivas são o ponto central e mais vendável para quem trabalha com casamentos.

– São lindas. Bem criativas e únicas. Mas essa é a melhor. – Ele se afastou um pouco e

apontou para uma foto emoldurada que mostrava três garotinhas e uma borboleta azul pousada num dente-de-leão.

– Por quê?

– Porque é mágica.

Ela o encarou por um instante que pareceu durar uma eternidade.

– É exatamente isso. Bem, Carter Maguire, vou pegar meu casaco, depois vamos para a nossa reunião.

Tirou a bolsa de gelo derretido das mãos dele.

– Na mansão pegamos mais para você.

Fofo, pensou quando foi pegar o casaco e o cachecol. Muito, muito fofo. Já teria reparado nisso na época da escola? Talvez ele só tivesse se desenvolvido mais tarde. Mas se desenvolveu muito bem. O bastante para que ela sentisse uma pontinha de tristeza ao pensar que ele era o noivo.

Mas ele era o irmão da noiva, e isso mudava tudo.

Quer dizer, se estivesse interessada.

Vestiu o casaco, enrolou o cachecol no pescoço e depois, lembrando-se da rajada de vento mais cedo, pôs um gorro. Quando desceu, Carter estava pousando o copo d'água na pia, como um bom menino.

Mac pegou uma imensa bolsa que continha alguns álbuns e estendeu para ele.

– Vamos lá. Pode levar isto para mim? Está pesada.

– Claro. Está mesmo.

– Eu levo isso aqui. – Ela pegou outra bolsa menor. – Tenho uma noiva esperando para ver os álbuns prontos e outra esperando pelas provas. Na mansão, onde será a nossa reunião.

– Desculpe-me por ter entrado sem avisar. Eu bati, mas ninguém atendeu. Ouvi a música, então entrei e aí...

– O resto é história.

– É. Ah, não quer desligar o som?

– Claro. Já nem estava mais ouvindo.

Pegou o controle remoto, apertou o botão de desligar e o largou de novo. Antes que pudesse chegar à porta, ele se antecipou e a abriu para ela.

– Você ainda mora em Greenwich? – perguntou Mac, com a respiração cortada pelo choque do frio.

– Bem, eu diria que moro de novo, e não "ainda". Morei em New Haven por uns tempos.

– Yale.

– É. Fiz pós-graduação e dei aula lá alguns anos.

– Em Yale.

– É.

Ela estreitou os olhos para ele enquanto caminhavam.

– É sério?

– É, sim. As pessoas dão aula em Yale, sabe? É recomendável, já que lá tem alunos.

– Então você é professor universitário?

– Sou professor universitário, só que agora dou aula aqui. Na Winterfield Academy.

– Você voltou para dar aula na sua escola. Que gracinha.

– Senti saudade de casa. E dar aula para adolescentes é interessante.

Ela achou que loucura seria uma palavra mais adequada, embora talvez isso até fosse interessante.

– Você dá aula de quê?

– Literatura inglesa e escrita criativa.

– *Henrique V*.

– Isso aí. A Sra. Brown me convidou algumas vezes para vir aqui já que ajudei Del com os estudos. Fiquei triste ao saber do acidente. Ela era uma mulher muito simpática.

– A melhor de todas. Podemos seguir por aqui. Está muito frio para dar a volta toda.

Ela o conduziu pelo vestíbulo até o interior aquecido da mansão.

– Pode deixar as suas coisas aqui. Ainda está cedo para a sua reunião. Vou lhe trazer um café enquanto espera. – Movendo-se depressa, ela tirou o casaco, o cachecol e o gorro. – Não temos nenhum evento hoje, então a cozinha principal está liberada.

Tornou a pegar as bolsas enquanto ele pendurava com cuidado seu casaco, ao contrário dela, que jogara suas coisas no cabide. Mac parecia vibrar de agitação, esperando que ele carregasse de novo a bolsa maior.

– Vamos arranjar um lugar para... – Mac se interrompeu ao ver Emma passando em direção à cozinha.

– Aí está você. Parker está prestes a começar... Carter?

– Oi, Emmaline, como vai?

– Bem, obrigada. Como é que você... ah, claro, a Sherry. Não sabia que vinha com ela.

– Veio, mas não veio. Ele mesmo vai explicar. Você pode providenciar um café e um pouco de gelo para a cabeça dele? Tenho que entregar isso a uma noiva.

Pegou a bolsa mais pesada com Carter e foi embora.

Emma franziu os lábios ao examinar o machucado.

– Ui! Como conseguiu isso?

– Dei de cara na parede. Não precisa pegar gelo, está tudo bem.

– Bem, venha, sente-se e tome um café. Eu só ia dar uma ajeitada na sala para a reunião.

Ela indicou o caminho, apontando um banco e um balcão comprido, cor de mel.

– Está aqui para dar apoio moral aos noivos?

– Vim substituir o noivo. Ele teve uma emergência.

Emma assentiu e pegou uma xícara e um pires.

– Isso é normal com médicos. E você é um irmão legal!

– Eu disse não de tudo quanto foi jeito, mas nada funcionou. Obrigado – falou quando Emma lhe serviu o café.

– Relaxe. Só precisará ficar sentado comendo uns biscoitinhos.

Ele pôs um pouco de creme no café.

– Pode registrar isso por escrito?

Ela riu e começou a arrumar os biscoitos numa bandeja.

– Confie em mim. Além disso, vai ganhar pontos como um bom irmão. Como vão os seus pais?

– Bem. Vi a sua mãe semana passada, na livraria.

– Ela adora aquele trabalho. – Emma lhe deu um biscoito. – Mac já deve estar quase acabando com a outra cliente. Vou levar isso lá para dentro e já volto.

– Será que se eu me escondesse aqui perderia o título de irmão legal?

– Perderia, sim. Já volto.

Ele e Emma se conheciam desde crianças, por causa de Sherry e da amizade entre seus pais. Era muito estranho pensar em Emma fazendo o buquê de noiva de sua irmã. E mais estranho ainda era sua irmãzinha precisar de um buquê de noiva.

De certa forma, era tão desconcertante quanto dar de cara numa parede.

Deu uma cutucada de leve na testa e se contraiu. Não tanto pela dor, que de fato sentira, mas porque todos iam perguntar o que havia acontecido. Seria obrigado a explicar repetidas vezes a sua falta de jeito – e em todas elas teria flashbacks de Mackensie Elliot com aquele sutiã minúsculo e uma calça comprida preta de cintura baixa.

Comeu um biscoito e tentou decidir se aquilo era bom ou ruim.

Emma voltou para buscar outra bandeja.

– Podemos ir agora. Tenho certeza de que Sherry vai chegar a qualquer momento.

– Porque ela já está dez minutos atrasada. – Ele pegou a bandeja da mão dela. – Está no Horário Sherry.

A casa continuava praticamente do jeito que ele lembrava. As paredes tinham sido pintadas com um suave e tênue dourado, ao passo que, em sua lembrança, eram de um tom de verde elegante e discreto. Mas as largas e ornamentadas sancas estavam tão brilhantes, o espaço, tão generoso e os móveis, tão radiantes quanto ele recordava.

Obras de arte, antiguidades e flores em antigos e magníficos vasos de cristal denotavam riqueza e classe. Ainda assim, pelo que lembrava, a sensação que se tinha ali era a de se estar num lar, e não numa mansão.

Tinha um cheiro feminino no ar, uma mistura floral e cítrica.

As mulheres estavam sentadas conversando no agradável salão com tetos ornamentados, onde uma lareira crepitava como um enorme coração e a luminosidade do inverno se infiltrava pelas três janelas em arco. Ele estava acostumado a se ver cercado de mulheres, já que tinha duas irmãs, sendo ele o filho do meio.

Então, achou que poderia sobreviver à próxima hora.

Parker se levantou com um salto. Era só sorrisos e delicadeza ao cruzar o aposento para cumprimentá-lo.

– Carter! Há quanto tempo!

Ela lhe deu um beijo no rosto e, segurando sua mão, conduziu-o para perto da lareira.

– Você se lembra da Laurel?

– Hum...

– Éramos todos crianças. – Delicada e naturalmente, Parker o empurrou para uma cadeira. – Emma disse que você voltou para dar aula em Winterfield. Não foi estranho voltar como professor?

– No início, sim. Ficava esperando alguém passar o dever de casa, depois me lembrava de que era eu quem tinha que fazer isso. Desculpem-me por Sherry. Ela tem um fuso horário próprio, normalmente atrasado. Eu posso ligar...

A campainha o interrompeu, trazendo-lhe um grande alívio.

– Vou atender. – Emma se levantou e se encaminhou para a porta.

– Como está a cabeça? – perguntou Mac, voltando-se para ele, com uma caneca de café aninhada entre as duas mãos.

– Está bem. Não foi nada.

– O que aconteceu? – indagou Parker.

– Só bati com a cabeça. Sempre faço esse tipo de coisa.

– É mesmo? – Mac deu um sorrisinho irônico com o rosto voltado para a caneca.

– Desculpem-me! Desculpem-me! – Sherry entrou como um furacão: colorida, cheia de energia, gesticulando muito e dando risadinhas. – *Nunca* chego na hora. Odeio isso. Carter, você é o máximo... – A expressão alegre e corada deu lugar a um ar de preocupação. – O que aconteceu com a sua cabeça?

– Fui assaltado. Eram três caras, mas consegui me livrar deles.

– O quê? Ai, meu Deus, você...

– Eu bati com a cabeça, Sherry. Foi só isso.

– Ah! – Mais calma e aliviada, ela se sentou no braço da cadeira do irmão. – Ele sempre faz isso.

Carter se levantou e fez a irmã se sentar na cadeira. Depois, tentou achar um lugar em que pudesse se acomodar e ser esquecido. Emma se aproximou mais de Laurel no sofá e deu um tapinha no lugar vago ao seu lado.

– Sente-se aqui, Carter. E então, Sherry, está empolgada?

– Demais! Nick ia vir, mas teve uma cirurgia de emergência. Isso faz parte do pacote quando nos casamos com um médico. Mas acredito que Carter possa contribuir com uma visão masculina, não é? Além disso, ele me conhece e conhece Nick.

Esticou o braço para pegar a mão de Parker e deu uma dançadinha para mostrar sua

felicidade.

– Dá para acreditar nisso? Vocês lembram que brincávamos de Casamento quando éramos crianças? Eu brinquei algumas vezes com vocês. Acho até que me casei com a Laurel.

– E disseram que o casamento não ia durar – disparou Laurel, provocando mais uma vez a risada fácil e contagiante de Sherry.

– E aqui estamos. Exatamente aqui. E vou me casar!

– A sem-vergonha me trocou por um médico. – Laurel balançou a cabeça e tomou um gole de água gelada com uma fatia de limão.

– Ele é *incrível*. Esperem até conhecê-lo. Ai, meu Deus! Vou me casar! – Ela levou as mãos às faces ao dizer isso. – E nem sei por onde começar. Sou tão desorganizada! Todo mundo fica dizendo que eu deveria pensar nisso ou reservar aquilo. Fiquei noiva há poucos meses e já sinto que estou andando em círculos.

– É para isso que estamos aqui – assegurou-lhe Parker, pegando um grosso caderno de anotações. – Por que não começa nos dizendo que tipo de casamento vai querer? Tente descrever o que tem em mente com apenas três ou quatro palavras.

– Humm... – Sherry lançou um olhar de súplica para o irmão.

– Não olhe para mim. O que eu sei sobre isso?

– Você me conhece. Diga o que *você acha* que eu quero.

Droga, pensou ele.

– Só comer biscoitinhos – resmungou Carter e, virando-se para a irmã: – Diversão.

– *Isso*! – Ela apontou para ele. – Não quero dar a impressão de que a ocasião não é importante e solene, mas quero me divertir. Quero uma festa enorme, alegre e divertida. Também quero que Nick perca a fala durante uns cinco minutos quando me vir entrando. Quero *matá-lo*. E que todos os convidados se lembrem desse dia como o *melhor*! Já fui a casamentos bem bonitos, mas, meu Deus, foram tão chatos... Entendem?

– Perfeitamente. Você quer deixar Nick extasiado e depois quer comemorar. Uma celebração que reflita quem você é, quem ele é e como são felizes juntos.

Sherry sorriu para Parker.

– É isso mesmo.

– Está marcado para outubro. Tem ideia do número de convidados?

– Queremos que sejam no máximo duzentos.

– Ok. – Parker fez umas anotações. – Ao ar livre, como tinha dito. Um casamento no jardim.

Enquanto Parker discutia alguns possíveis detalhes com Sherry, Mac observava. *Animada* era a primeira palavra que lhe ocorria para descrever a noiva. Agitada, alegre, bonita. Cabelos louros, olhos azuis como um céu de verão, curvilínea, casual. Algumas fotos e a estratégia dependeriam do vestido, das cores escolhidas, mas o resto todo se concentrava em quem estaria *usando* o vestido de noiva.

Captou alguns detalhes. Seis madrinhas. As cores seriam tons de rosa – *candy* e pastel. E, quando Sherry mostrou a Parker uma foto do vestido, Mac pediu para ver também. Deu uma avaliada e sorriu.

– Aposto que ficou lindo em você. É perfeito.

– Gostou mesmo? Achei perfeito e o comprei em menos de dois minutos, depois...

– Não, às vezes o primeiro impulso é o correto. Esse é um desses casos. – O vestido tinha uma saia rodada, branca e cintilante, um corpete tomara que caia e uma cauda reluzente que parecia um rio. – Uma princesa sexy. – Como conseguira a atenção de Sherry, decidiu tratar de seus assuntos: – Você vai querer um retrato de noivado?

– Ah... bem, eu quero, mas não gosto dessas fotos formais que vemos tanto por aí. Sabe, o cara atrás da moça, ambos sorrindo para a câmera. Não quero lhe dizer como fazer o seu trabalho nem nada.

– Tudo bem. Meu trabalho é fazer você feliz. Por que não me diz o que você e Nick gostam de fazer?

Sherry lhe deu um sorrisinho malicioso, e Mac riu e viu Carter corar de novo.

Muito fofo.

– E além disso?

– Gostamos de comer pipoca e assistir a filmes bem ruins em DVD. Ele está tentando me ensinar a esquiar, mas os Maguires são geneticamente estabanados. Carter é o maior de todos, mas não fico muito atrás dele. Gostamos de sair com os amigos, esse tipo de coisa. Ele é cirurgião, então seu tempo livre é precioso. Não planejamos muito as coisas. Acho que somos mais do tipo espontâneo.

– Entendo. Se quiser, posso ir até vocês. Em casa as fotos ficam mais casuais e espontâneas que no estúdio.

– Sério? Gostei dessa ideia. Pode ser logo?

Mac pegou o palmtop e verificou a agenda.

– Tenho algumas brechas nesta semana e na próxima estarei livre. Por que não vê com Nick e me passa algumas opções de datas e horários bons para vocês? Vamos dar um jeito.

– Que maravilha!

– Quer dar uma olhadinha nas fotos do portfólio de casamento?

– Vi algumas pelo site, como Parker sugeriu. E também as fotos das flores, dos bolos e de todo o resto. Vou querer tudo.

– Então vamos dar uma olhada nos pacotes? – sugeriu Parker. – Para saber qual é o mais adequado a vocês. Sempre podemos fazer ajustes para atendê-los.

– É para isso que preciso do Carter. Nick disse que eu podia fazer o que quisesse, mas isso não *ajuda* muito.

Que droga, pensou Carter mais uma vez.

– Sherry, não entendo nada desse tipo de coisa. Eu só...

– É assustador ter que decidir tudo sozinha. – Sherry lançou para o irmão aquele olhar arregalado e indefeso que funcionava com ele desde que ela tinha 2 anos. – Não quero errar.

– Você não precisa decidir agora. – Parker mantinha um tom tranquilo. – E, mesmo que decida, pode mudar de ideia depois, não tem o menor problema. Você vai ter reuniões com cada uma de nós individualmente. Isso ajudará. Por ora podemos apenas deixar a data agendada e mais tarde você assina o contrato.

– Eu gostaria muito de assinar hoje para tirar esse item da minha lista de pendências. São tantas... Só quero uma opinião, Carter, nada mais.

– Por que não dá uma olhada nas opções? – Sorrindo, Parker estendeu para ele um folheto aberto na parte dos pacotes. – Sherry, já se decidiu entre uma banda ou um DJ?

– DJ. Achamos que assim vai ficar mais descontraído, e podemos trabalhar com ele na escolha das músicas. Você conhece algum bom?

– Conheço. – De outra pasta, Parker puxou um cartão de visitas. – Ele trabalhou em vários eventos aqui e acho que é bem o que estão querendo. Dê uma ligada para ele. Cinegrafista?

No sofá, Carter tinha posto os óculos de leitura e franzia a testa para a lista de pacotes.

Muito sério, pensou Mac. E ficou ainda mais sexy com aqueles óculos de aro metálico que lhe davam um ar nerd. Ele realmente dava a impressão de estar estudando para uma prova. Como Parker e Sherry pareciam estar se entendendo, Mac decidiu dar a ele uma colher de chá.

– Ei, Carter, será que você pode me ajudar a fazer mais café? – Ele ergueu a cabeça, piscando, com os olhos azuis emoldurados pela armação prateada. – Traga o folheto, ok?

Mac pegou a bela cafeteira e foi a passos largos até a porta, onde o esperou. Carter teve que dar a volta na mesa de centro e ela percebeu que ele quase bateu o tornozelo.

– O restante da equipe pode cuidar de tudo a partir de agora – garantiu ela. – Sua irmã acha que, por você ser o irmão mais velho e estar aqui representando o noivo, precisa da sua opinião, mas não hesitará em ignorá-la se não for igual à dela.

– Ok – disse ele quando entraram na cozinha. – Então posso apenas fechar os olhos e pôr o dedo ao acaso numa das opções e dar o assunto por encerrado?

– Pode. Mas deveria dizer a ela que acha que a número três é a melhor.

– Número três. – Ele pôs o folheto sobre o balcão da cozinha, ajeitou os óculos e leu a descrição. – Por quê?

– Porque é bem completa e tenho a impressão de que Sherry quer que alguém resolva e cuide dos detalhes por ela. Esse pacote lhe dará uma série de opções e ainda deixa espaço para acrescentar outras coisas. Você pode dizer também que ela deveria escolher o coquetel volante em vez do jantar. É mais informal, dá mais oportunidade para os convidados confraternizarem. É perfeito para ela. Depois, quando você já tiver sido liberado, ela vai se reunir com Laurel para decidir sobre o bolo, sabor, formato, tamanho, essas coisas. E com Emma, para escolher as flores. Parker vai resolver o resto, e acredite em mim quando digo

que ela resolve mesmo. Agora parece muita coisa, mas, assim que ela tiver escolhido o pacote, e já que a questão do vestido está resolvida, além do local, da fotógrafa, etc., ela vai conseguir pensar no resto.

– Ok. Então digo a ela para escolher o pacote três. Ele abarca um monte de detalhes e dá margem para acrescentar outras coisas. Tem muitas opções incluídas. E ela deve escolher o coquetel volante, porque é mais amigável e estimula o entrosamento.

– Você é bom nisso.

– Decorar fatos e texto é fácil. Se ela me pedir para ajudá-la a escolher o buquê, saio correndo.

– Eu entendo você. – Mac entregou a cafeteira a ele. – Elas não precisam de mim para isso. Leve a cafeteira e diga o que tem a dizer. E lembre-a de me mandar as datas possíveis para fazermos a foto do noivado.

– Você não vai voltar para lá comigo?

Carter parecia estar um pouco em pânico. Mac encostou de leve no rosto dele.

– Veja pelo lado positivo: uma mulher a menos. Nós nos vemos, Carter.

Ele ficou parado por um momento vendo-a ir embora, deixando-o com o café e o folheto.

capítulo três

POR TER CONSEGUIDO FUGIR um pouco mais cedo, Mac teve tempo para retornar ligações, marcar reuniões e ainda pôr no site uma seleção das últimas fotos. Com o resto da tarde livre – ou pelo menos o que sobrara dela –, aproveitou para rever uma última vez as imagens do casamento do ano-novo.

O telefone tocou, interrompendo-a, mas Mac disse a si mesma que trabalho era trabalho e foi atender.

– Votos. Fotografia.

– Mackensie?

Na mesma hora Mac fechou os olhos e fingiu esfaquear a própria cabeça. *Por que* não aprendia a checar o identificador de chamadas antes de atender, mesmo no número do trabalho?

– Oi, mãe.

– Você não retornou as minhas ligações.

– Estava trabalhando. Eu disse que estaria enrolada esta semana, mãe, e já pedi para você não ligar para esse número.

– Você atendeu, não atendeu? Não consegui falar com você nas outras *três* vezes que liguei.

– Desculpe.

Agora aguente, disse Mac a si mesma. Seria mais rápido, já que não conseguiria fazer a mãe entender que não podia bater papo em horário de trabalho.

– Como foi o ano-novo? – perguntou para a mãe.

Ouviu uma simples inspiração, mas foi o suficiente para saber que uma tempestade estava a caminho.

– Terminei com o Martin, o que eu já teria lhe contado se você se desse o trabalho de atender as minhas ligações. Foi uma noite horrível. Horrível, Mac. – Ao dizer isso, a respiração entrecortada se misturou a lágrimas. – Estou arrasada há dias.

Martin, Martin... Não tinha certeza se conseguia se lembrar do atual ex-namorado da mãe.

– Sinto muito. Rompimentos em época de festas são terríveis, mas acho que você pode encarar isso como uma oportunidade de começar o novo ano como uma página em branco.

– *Como é que é?* Você sabe como eu amava o Martin! Estou com 42 anos, sozinha e completamente arrasada.

Quarenta e sete, corrigiu Mac. Mas o que eram cinco anos entre mãe e filha? Sentada à escrivaninha, Mac massageou a têmpora.

– Foi você que terminou com ele, não foi?

– Que diferença faz? Acabou. E eu sou louca por ele. Agora estou sozinha de novo.

Tivemos uma briga horrível e Martin foi irracional e cruel. Ele me chamou de *egoísta*. Disse também que eu era excessivamente emotiva e, ah, outras coisas horrorosas. O que mais eu poderia fazer senão terminar? Ele não é o homem que eu achei que fosse.

– Humm. Eloisa já voltou para a escola? – perguntou Mac, tentando desviar o assunto para sua meia-irmã.

– Voltou ontem. Ela me abandonou aqui sozinha, neste estado, mal conseguindo sair da cama de manhã. Tenho duas filhas por quem sempre fiz de tudo. E nenhuma delas faz um esforço sequer para me dar apoio quando estou emocionalmente arrasada.

Como já estava começando a sentir a cabeça latejar, Mac se inclinou para a frente e bateu de leve a testa na mesa.

– O semestre está começando. Ela tinha que voltar. Talvez Milton...

– Martin.

– Isso, talvez ele peça desculpas e...

– Acabou. Não tem volta. Nunca vou perdoar um homem que me tratou com tanto desrespeito. O que eu preciso é me curar, voltar a ser eu mesma. Preciso de um tempo, de tranquilidade, de um lugar para me desintoxicar do estresse dessa situação horrível. Reservei uma semana num spa na Flórida. É disso que preciso. Sair daqui, ficar longe desse frio horrível, das lembranças e da dor. Preciso de 3 mil dólares.

– Três... Mãe, você não espera que eu lhe dê 3 mil dólares para fazer tratamentos faciais na Flórida só porque teve uma briga com Marvin.

– Martin, droga! E isso é o mínimo que você pode fazer. Se eu precisasse de tratamento médico, você se recusaria a pagar o hospital? Eu tenho que ir. Já reservei e tudo.

– A vovó não mandou dinheiro para você mês passado? Como presente de Natal antecipado?

– Tive algumas despesas. Comprei um relógio TAG Heuer, edição limitada, de presente de Natal para aquele homem terrível. Como eu poderia saber que ele se tornaria um monstro?

Então ela começou a soluçar, chegava a dar pena.

– Devia pedir que ele devolvesse o presente. Ou...

– Eu *nunca* seria tão deselegante. Não quero de volta nem ele nem o maldito relógio. Quero sair daqui.

– Claro. Então vá para algum lugar que possa pagar ou...

– Preciso do spa. Obviamente estou sem um tostão depois de todas as despesas com as festas e preciso da sua ajuda. O seu negócio vai muito bem, como você sempre faz questão de me dizer. Preciso de 3 mil dólares, Mackensie.

– Como precisou de outros 2 mil no último verão para passar duas semanas na praia com El? E...

Linda começou a chorar de novo. Dessa vez, Mac não bateu a cabeça na escrivaninha, apenas a encostou.

– Você não quer me ajudar? Não quer ajudar a sua mãe? Acho que, se me despejassem, você simplesmente ia me deixar na rua e olhar para o outro lado. Siga com a sua própria vida enquanto a minha está destruída. Como pode ser tão egoísta?

– Vou transferir o dinheiro para a sua conta de manhã. Boa viagem – disse Mac, desligando o telefone.

Levantou-se, foi até a cozinha e pegou uma garrafa de vinho.

Precisava beber.

Com o cérebro meio entorpecido por quase duas horas de tule, rosas, véus, listas de convidados e todas essas coisas – e hiperenergizado por causa do café e dos biscoitinhos (bons demais), Carter voltou para o carro. Estacionara mais perto do estúdio de Mac. Por causa da escolha geográfica, recebeu a incumbência de entregar um pacote que fora deixado por engano na mansão.

Caminhava com o pacote debaixo do braço quando os primeiros flocos de neve começaram a cair. Tinha que voltar para casa, pensou, para terminar de preparar uma aula e melhorar um teste surpresa que planejava aplicar no fim da semana.

Precisava dos livros e de silêncio. A tarde de estrogênio, açúcar e cafeína fora bem cansativa. E, ainda por cima, a cabeça estava doendo de novo.

A neve e a casa se encontravam em meio à escuridão, tanto que já tinham acendido as luzes que margeavam o caminho. O estúdio de Mackensie, porém, estava todo apagado.

Talvez ela tenha saído, pensou, esteja dormindo ou andando pela casa seminua de novo. Cogitou deixar o pacote em frente à porta, mas isso não lhe pareceu muito responsável. Além do mais, o pacote era uma boa desculpa para vê-la de novo – e reacender a queda que tinha por ela aos 17 anos.

Então bateu à porta, ajeitou o pacote e esperou.

Mac abriu, inteiramente vestida, para alívio – e desapontamento de Carter. Lá estava ela, na penumbra, com uma taça de vinho numa das mãos e a outra apoiada na porta.

– Parker me perguntou se eu podia lhe trazer isto quando eu fosse embora. Eu só...

– Que bom. Obrigada. Entre.

– Eu só...

– Tome uma taça de vinho.

– Bem, eu vou dirigir... – começou ele, mas Mac já tinha se afastado, daquele jeito dela, como se deslizasse com seus longos passos sensuais.

– Eu já estou tomando, como pode ver. – Ela pegou outra taça e serviu generosamente. – Não vai me deixar beber sozinha, vai?

– Parece que cheguei tarde demais para isso.

Com uma gargalhada, Mac empurrou a taça para a mão dele.

– Então pegue. Só tomei duas. Não, três. Acho que foram três.

– A-hã. Muito bem. – Se Carter não se enganava, havia raiva e perturbação por trás do entusiasmo daquelas três taças. Em vez de beber, Carter esticou o braço e acendeu a luz da cozinha. – Está escuro aqui.

– É, está. Você foi gentil com a sua irmã hoje. Algumas famílias são legais. Eu observo e percebo isso. Lembro que a sua era. Não conhecia você e Sherry tão bem assim, mas lembro. É uma família legal. A minha é uma droga.

– Ok.

– Sabe por quê? Vou contar. Você tem uma irmã, não é?

– Tenho. Na verdade, duas. Talvez devêssemos nos sentar.

– Duas, claro, claro. Tem uma mais velha também. Não a conheci. Então são duas. E eu? Tenho um, feito de duas metades. Uma meia-irmã da minha mãe e um meio-irmão do meu pai, que poderiam se fundir para formar um irmão inteiro. Isso sem contar os filhos dos padrastos e madrastas. Já perdi a conta de quantos são. Eles vêm e vão, vão e vêm, conforme meus pais saem casando por aí. – Tomou um gole do vinho e prosseguiu: – Aposto que sua família fez uma festança de Natal, não fez?

– Ah, sim, nós...

– Sabe o que eu fiz?

Certo, ele tinha entendido. Aquilo não era uma conversa. Ele estava ali só para servir de caixa de ressonância.

– Não.

– Como o meu pai está... em algum lugar. Acho que em Vail – conjecturou ela, franzindo a testa. – Ou talvez na Suíça, com a terceira mulher e o filho deles... Bem, ele não conta. No entanto, me mandou uma pulseira absurdamente cara, não por culpa ou alguma devoção paternal, coisas que ele não tem, mas porque é um herdeiro riquinho que nunca deu a menor bola para dinheiro.

Parou de falar, franziu outra vez a testa e bebeu mais um pouco.

– Onde é que eu estava mesmo?

– No Natal.

– Claro, claro. O meu Natal em família. Fui visitar minha mãe e Eloisa, a meia-irmã, no dia 23, porque nenhuma de nós tinha o mínimo interesse em passar o Natal juntas. Nada de peru. Troquei presentes, bebi com elas, desejei felicidades e fugi.

Ela sorriu, mas sem nenhum traço de bom humor.

– Não cantamos canções de Natal em volta do piano. Na verdade, El fugiu antes de mim, para sair com uns amigos. Não posso culpá-la. Minha mãe faz com que a gente queira beber, como você pode ver – disse isso estendendo o copo.

– É, estou vendo. Vamos dar uma volta?

– Uma o quê? Por quê?

– Por que não? Está começando a nevar. – Como quem não queria nada, Carter tirou a taça da mão dela e a pôs na bancada, junto com a sua, que permanecia intocada. – Gosto de caminhar na neve. Vou pegar o seu casaco.

Mac franziu a testa ao vê-lo trazer o casaco para que ela o vestisse.

– Não estou bêbada. Ainda. Além disso, uma mulher não pode ficar de pilequinho na própria casa se quiser?

– Claro que pode. Você tem um gorro?

Ela enfiou a mão no bolso do casaco e puxou um gorro verde-vivo.

– Isso não significa que passo as noites aqui enchendo a cara de vinho ou algo assim.

– Tenho certeza de que não. – Ele enfiou o gorro na cabeça de Mac, depois enrolou o cachecol em seu pescoço e abotoou o casaco dela. – Assim está bom. – Ele a pegou pelo braço, conduziu-a até a porta e saíram.

Mac assobiou quando o frio bateu no rosto e, por precaução, Carter a segurou pelo braço.

– Prefiro o calor – murmurou ela, mas, ao tentar dar meia-volta, ele seguiu em frente.

– Gosto quando neva de noite. Bem, não é noite ainda, mas parece que vai continuar nevando. Gosto de ficar observando pela janela o branco contrastando com o preto.

– Não estamos observando pela janela. Estamos no meio dessa droga.

Ele apenas sorriu e continuou andando. Havia muitos caminhos e todos tinham sido cuidadosamente limpos antes de a neve voltar a cair.

– Quem limpa isso tudo?

– Isso o quê?

– A neve, Mackensie.

– Nós mesmas, ou então contratamos Del e seu amigo Jack. Algumas vezes pagamos alguns adolescentes para fazer o serviço. Depende muito. Temos que manter os caminhos limpos. Isso aqui é um negócio, por isso precisamos cuidar do lugar. Para as áreas do estacionamento, usamos o limpa-neve.

– Uma trabalheira, com um lugar tão grande como este e uma empresa com tantas facetas...

– Faz parte e, além do mais, aqui também é nossa casa, então... Ah, você está mudando de assunto. – Estreitou os olhos para ele. – Não sou idiota, só estou um pouco alta.

– E qual era o assunto?

– A tremenda droga que é a minha família. Onde foi que parei?

– Acho que parou no Natal e em como a sua mãe faz você ter vontade de beber.

– Isso mesmo, foi aí. Veja como ela me fez beber desta vez: terminou com o último namorado. Uso o termo *namorado* deliberadamente, pois a atitude mental dela com relação a homens, relacionamentos, casamentos, é igual à de uma adolescente. Seja como for, drama, drama, e, é claro, agora ela precisa ir para um spa para se recuperar da provação e do estresse que é ter o coração partido. O que é uma bobagem, mas ela acredita *mesmo* nisso. E como ela não consegue guardar nem 10 dólares no bolso por mais de cinco minutos, espera

que eu arque com as despesas: 3 mil dólares.

– Você tem que dar 3 mil dólares para a sua mãe porque ela terminou com o namorado e quer ir para um spa?

– Se ela precisasse de tratamento médico, eu simplesmente a deixaria morrer? – Tentando expressar o método de ataque da mãe, Mac girava os braços no ar. – Não, não, não. Não foi isso que ela disse desta vez. Foi que, se fosse despejada, eu a deixaria na rua. Ela tem uma coleção de frases como essa. Talvez tenha usado as duas. Já estou começando a confundir. Então, é isso aí, ela acha que eu tenho que pagar. Corrigindo: eu *vou* pagar, porque, do contrário, ela ficaria me cercando e me aborrecendo até me convencer. Por isto o vinho: o fato de eu sempre ceder me enoja e enfurece.

– Não tenho nada com isso, mas, se continuasse negando, ela não ia acabar parando? Se continuar dizendo sim, ela não terá por que parar.

– Eu *sei*. – Deu um tapinha no peito dele. – É claro, eu sei disso, mas ela é incansável e fico querendo me livrar logo. Por que ela não se casa de novo? Talvez dê sorte com o quarto. Aí se muda para um lugar bem longe, como Mianmar, quem sabe? Podia sumir de vez, como o meu pai. Só aparecer ocasionalmente. Quem sabe ela não conhece um sujeito nesse spa, quando estiver sentada à beira da piscina tomando um suco de cenoura ou qualquer coisa do gênero, e se apaixona, o que para ela é tão fácil quanto comprar sapatos. Não, é ainda mais fácil. Ela se apaixona – prosseguiu Mac –, muda-se para Mianmar e me deixa em paz.

Mac suspirou e ergueu o rosto. Percebeu que não sentia mais tanto frio. E a neve cada vez mais densa era bonita, relaxante. Caminhar ali, tinha que admitir, foi uma ideia melhor do que beber.

– Você é um cara com quem se pode contar, não é?

– Para pedir dinheiro?

– Não, para pedir ajuda. Aposto que sempre abre a porta para alguém que esteja com as mãos ocupadas, mesmo com pressa. Deve ouvir os problemas dos seus alunos mesmo se tiver outra coisa para fazer. – Mac baixou o rosto, sem graça, e acrescentou: – E leva mulheres ligeiramente bêbadas para dar uma voltinha na neve.

– Parecia ser a coisa certa a fazer.

Pelo que Carter notou, ao fitar aqueles fascinantes olhos verdes, ela estava menos agitada, mais triste.

– Aposto que já está de saco cheio de mulheres.

– De uma maneira geral ou só neste instante?

Mac sorriu para ele.

– Aposto que você é mesmo um cara legal.

Ele não suspirou, mas teve vontade.

– Já fui acusado disso. – Deu uma olhada em volta, tentando achar alguma outra coisa para falar. Tinha que levá-la para casa, pensou, mas queria ficar só mais um pouquinho com ela. –

Diga-me, que tipo de pássaro aparece por aqui? – perguntou, apontando para dois belos comedouros.

– O tipo que voa. – Ela enfiou as mãos nos bolsos. Nenhum dos dois tinha se lembrado de pegar luvas. – Não entendo muito de pássaros. – Inclinando a cabeça, voltou a examiná-lo. – Você é um desses observadores de pássaros?

– Não, não de verdade. É só uma espécie de hobby. – Ai, Deus, ele não podia ser menos esquisito? Você não tem a menor chance, Carter, vá embora antes que seja tarde, pensou. – É melhor voltarmos. A neve aumentou.

– Não vai me dizer que tipo de pássaros eu deveria observar? Emma e eu abastecemos os comedouros, já que eles ficam entre a casa dela e a minha.

– A casa dela?

– É, veja. – Mac apontou para a bela casa de dois andares. – É a velha casa de hóspedes e ela usa as estufas que ficam lá atrás. Eu fiquei com a casa da piscina. Laurel e Parker dividem o terceiro andar da mansão, as alas leste e oeste. Então, é como se tivessem a própria casa. É claro que o imóvel é da Parker, mas Laurel precisa da cozinha, eu preciso de um espaço para o estúdio e Emma precisa das estufas. Por isso essa divisão foi a que fez mais sentido. Passamos muito tempo na mansão, mas cada uma tem o próprio espaço.

– Vocês são amigas há muito tempo.

– Desde sempre.

– São como uma família, não é? Das que não são uma tremenda droga?

Mac deu um meio sorriso para ele.

– Esperto, você, hein? E quanto aos pássaros...

– Nesta época do ano, é fácil encontrar cardeais.

– Ok, todo mundo sabe como é um cardeal. Foi um cardeal que permitiu que você visse meus peitos hoje.

– Como é que é?

– Ele bateu na vidraça da janela da cozinha e eu derramei Coca Zero na blusa. Mas então. Pássaros. Além dos vermelhos que dão de cara na janela, o que acha do periquito-da-carolina?

– Infelizmente, ele está extinto. Mas você pode observar alguns pardais pretos-listrados nessa região no inverno.

– Pardais pretos-listrados. Já que consegui dizer isso sem enrolar a língua, não devo mais estar bêbada.

Foram andando pelo caminho em meio a luzes brilhantes e o escuro da noite, com a neve caindo como num filme de Hollywood. Não se poderia esperar uma noite mais bonita em janeiro, pensou Mac. E teria perdido isso se ele não tivesse vindo e insistido – daquele jeito tímido – para que dessem uma volta.

– Agora, sinto-me na obrigação de esclarecer que não tenho o hábito de beber várias taças

de vinho antes do anoitecer. Normalmente teria canalizado a frustração trabalhando ou descarregando nas meninas. Só que estava irritada demais para isso. E também sabia que sorvete não ia funcionar, embora me sirva de muleta em momentos assim.

– Foi o que imaginei, exceto pelo sorvete. Minha mãe faz sopa quando está muito irritada. Panelas enormes. Já tomei muita sopa na vida.

– Ninguém aqui cozinha de verdade, exceto Laurel e a Sra. G.

– Sra. G.? Sra. Grady? Ela ainda trabalha aqui? Não a vi hoje.

– Ainda trabalha aqui, ainda toma conta da casa e de todas nós. Graças a Deus. Agora ela está de férias, que ela tira todo ano no inverno, religiosamente. Em janeiro ela vai para St. Martin e fica lá até abril. Como sempre, antes de ir deixou o congelador abastecido com pratos gratinados, sopas, carnes e legumes ensopados e mais um monte de comida. Assim, nenhuma de nós corre o risco de morrer de fome em caso de nevasca ou guerra nuclear.

Mac parou à porta do estúdio, voltando-se de novo para ele.

– Que dia! Conseguiu aguentar firme, professor.

– Teve uns momentos interessantes. Ah, e Sherry vai ficar com o pacote número três, com coquetel.

– Boa escolha. Obrigada pelo passeio. E por me ouvir.

– Gosto de caminhar. – Ele tirou as mãos dos bolsos, apesar de não saber bem o que fazer com elas. – É melhor eu ir embora porque dirigir na neve é meio difícil. E... amanhã tem aula.

– Amanhã tem aula – repetiu ela e sorriu.

Em seguida, pôs as mãos, aquecidas pelos bolsos, no rosto de Carter e encostou os lábios nos dele, dando-lhe um beijo leve, amistoso, quase fraternal.

Ele reagiu sem pensar. Pegou-a pelos ombros, puxou-a para si e, encostando-a na porta, transformou aquele simples roçar de lábios num beijo longo e intenso.

O que imaginara aos 17 anos tornou-se realidade aos 30. O gosto dela, a *sensação*. Aquele instante de lábios e língua, e o sangue esquentando. No silêncio da neve caindo, na quietude essencial, o som da respiração entrecortada dela irrompeu em sua mente como um trovão.

Uma tempestade se formava.

Ela não se afastou, empurrou-o nem protestou por ele ter se aproveitado do seu gesto amistoso, transformando-o em algo quente e selvagem. A primeira coisa que pensou foi "quem diria?". Quem poderia imaginar que o professor de inglês, o cara legal que dava com a cara na parede, podia *beijar* desse jeito?

Parecia que os planos dele eram arrastá-la para a caverna mais próxima, arrancar-lhe as roupas e deixar que ela arrancasse as dele.

Depois viu que não dava mais para pensar e tudo o que conseguiu fazer foi tentar acompanhá-lo.

Sentiu-se arrebatada. Nunca acreditou nisso, mas foi o que aconteceu.

Deslizou as mãos pelo rosto dele e entremeou-as em seu cabelo. Agarrou.

Isso o fez recuar. Afastou-se um pouco e quase escorregou na neve que cobria a entrada da casa. Ela não se moveu um centímetro sequer, mas o encarou, fitando seus olhos que brilhavam no escuro.

Meu Deus!, pensou ele. Tinha perdido a cabeça.

– Desculpe – disse, ao mesmo tempo excitado e mortificado. – Desculpe. Isso foi... não foi... Eu só... de verdade, me desculpe.

Ela continuou olhando para ele, vendo-o se afastar apressado pela neve. Ouviu, em algum lugar em meio ao barulho da sua mente, o bipe de destravar portas e o viu entrar no carro por causa da luz que se acendeu lá dentro quando a porta se abriu.

Ele arrancou antes que ela pudesse recuperar o fôlego e a voz. Carter já se afastava quando Mac conseguiu dizer, com uma voz fraca:

– Sem problemas.

Sentindo-se muito mais atordoada que com o vinho, entrou em casa. Foi até a cozinha e despejou na pia a taça que ele não tomara, além do restinho que tinha ficado na sua. Depois de olhar o escuro ao redor, virou-se, recostou-se na pia e exclamou:

– Uau!

capítulo quatro

Há manhãs em que a gente precisa de mais que um biscoito e uma boa dose de café, pensou Mac. Então se deu conta de que fora poupada de uma terrível ressaca – graças a Carter Maguire –, mas teria que pegar uma pá para tirar alguns centímetros de neve que se acumularam na entrada. Queria um combustível de verdade. Sabia onde encontrar, então foi calçar as botas, vestir o casaco e saiu.

Voltou na mesma hora para buscar a câmera.

A luz, forte e radiante, irrompia de um implacável céu azul em direção a um mar calmo e branco. Intocado, sem pegadas, esse mar se espalhava pelo chão, inundando-o, afogando-o. Os arbustos tinham se tornado criaturas corcundas atravessando aquele mar congelado, e as pedras que formavam o lago da piscina pareciam uma barricada destruída.

Inspirou o frio de pequenos estilhaços de vidro e expirou nuvens de vapor gelado, focalizando o palácio de inverno em que havia se transformado o pequeno bosque.

Paisagens e imagens que pareciam pintura raramente chamavam a sua atenção. Mas aquilo, pensou, aquele preto e branco, com tantos matizes, a sombra e a luz sob um céu azul quase selvagem, tudo isso precisava ser registrado. Eram tantas formas, tantas texturas, os galhos cobertos e as cascas texturizadas das árvores ofereciam inúmeras possibilidades.

E a enorme e deslumbrante casa erguendo-se em meio àquele mar parecia uma elegante e graciosa ilha.

Foi se dirigindo para lá, testando ângulos, usando a luz, focalizando as reluzentes bolas de algodão das azaleias que iam florescer na primavera. Um movimento capturou o seu olhar e, quando se virou, Mac viu um cardeal pousado num galho de bordo coberto de neve. O pássaro se empoleirou ali, um único ponto de vermelho-vivo, e começou a cantar.

Mac se abaixou e deu zoom em vez de se aproximar e correr o risco de perder a foto. Seria o mesmo pássaro que batera na janela da cozinha? Se fosse, não parecia ter se ferido, parado ali, como uma chama no galho salpicado de branco.

Ela capturou o momento, tirando três fotos numa rápida sucessão, com ligeiras mudanças de ângulo, chegando a sujar o jeans de neve quando se inclinou um pouco para a esquerda.

Depois o pássaro voou sobre o mar congelado e, atravessando a luz brilhante, desapareceu.

Emmaline vinha se aproximando pela neve. A bela Emmaline, com o seu velho casaco azul-marinho, gorro e cachecol brancos.

– Fiquei me perguntando quanto tempo teria que esperar até você terminar ou o maldito pássaro levantar voo. Está um *gelo* aqui fora.

– Adoro o inverno. – Mac pegou a câmera de novo e, focando Emma, apertou o botão.

– Não! Ai, meu Deus, estou horrível.

– Está uma graça. Acho o máximo essas galochas cor-de-rosa.

– Por que fui comprar cor-de-rosa? Onde eu estava com a cabeça? – Fez um gesto de reprovação e foi se juntar a Mac para irem à mansão. – Achei que você já estivesse lá, perturbando Laurel para fazer o café da manhã. Não foi você quem me chamou há cerca de uma hora falando em panquecas?

– Sim, e agora nós duas podemos encher o saco dela. Eu não tinha como não parar. Está incrível aqui fora. A luz, os tons, a textura. E aquele pássaro para completar? Foi uma espécie de prêmio.

– Está fazendo uns 7 graus negativos e, depois das panquecas, vamos congelar nosso traseiro limpando essa neve. Por que não pode ser sempre verão?

– Quase nunca comemos panquecas no verão. Crepes talvez, mas não é a mesma coisa.

Batendo as galochas cor-de-rosa para tirar a neve, Emma lançou um olhar ameaçador para Mac e abriu a porta.

Mac sentiu cheiro de café assim que entrou. Tirou o casaco, deixou a câmera em cima da secadora com o maior cuidado e foi dar um abraço apertado em Laurel.

– Eu sabia que podíamos contar com você.

– Vi você bancando a amante da natureza lá fora e presumi que viria implorar para que eu fizesse panquecas. – Com o cabelo preso para trás e as mangas arregaçadas, Laurel media a quantidade de farinha.

– Adoro você, e não é só por causa das panquecas em dias frios.

– Que bom! Podem se sentar. Parker já está lá em cima respondendo e-mails.

– Vai chamar o limpa-neve? – perguntou Emma. – Tenho três reuniões hoje.

– Só para o estacionamento. Não tem neve suficiente para chamarmos uma tropa para limpar o resto. Nós mesmas podemos cuidar disso.

Emma fez bico e fechou a cara.

– Odeio limpar neve.

– Coitadinha da Em – disseram Mac e Laurel ao mesmo tempo.

– Palhaças.

– Tenho uma história para contar durante o café da manhã. – Entusiasmada com a inesperada sessão de fotos e porque estava prestes a comer panquecas, Mac pôs açúcar no café que havia servido. – Uma história *quente*.

Emma, que estava abrindo o armário, se deteve.

– Conte logo.

– Não estamos comendo. Além disso, Parker ainda não desceu.

– Vou lá em cima buscá-la. Quero uma história quente de café da manhã para me manter aquecida enquanto limpo essa maldita neve – disse Emma, saindo apressada da cozinha.

– Uma história quente no café da manhã. – Olhando para Mac, Laurel pegou a colher de pau para misturar a massa. – Deve envolver Carter Maguire, a menos que você tenha

recebido um telefonema obsceno e considere isso quente.

– Depende de quem estiver do outro lado da linha.

– Ele é mesmo adorável, mas não faz muito o seu tipo.

Mac se virou para trás enquanto abria a gaveta dos talheres.

– E eu tenho um tipo?

– Você sabe que tem. Gosta dos atléticos, divertidos, de preferência um pouco criativos, embora isso não seja uma exigência, e que não sejam muito intensos ou sérios. No seu histórico não há homens intelectuais, acadêmicos ou timidamente charmosos.

Agora foi Mac quem ficou de cara feia.

– Gosto de caras inteligentes. Talvez só não tenha encontrado ainda um que mexesse de verdade comigo.

– Ele também é doce, o que não é comum para você.

– Gosto de doce – retrucou Mac. – Prove só o meu café!

Com uma gargalhada, Laurel parou de misturar a massa e tirou umas frutas do congelador.

– Ponha a mesa, Mackensie.

– É o que estou fazendo. – Enquanto isso, ficou pensando na lista de Laurel. Talvez ela tivesse razão, até certo ponto. – Todo mundo tem um tipo. Parker tem um tipo. Bem-sucedido, arrumadinho, erudito.

– Bilíngue, de preferência – acrescentou Laurel, enquanto lavava as frutas. – E que seja capaz de distinguir Armani e Hugo Boss a uns vinte passos de distância.

– Emma tem um tipo: basta ser homem.

Laurel soltou uma gargalhada. Emma estava voltando.

– Parker já está descendo. Do que estão rindo?

– De você, querida. Já acendi o fogo – anunciou Laurel. – É melhor nos apressarmos.

– Bom dia, sócias. – Parker apareceu com jeans escuro, um suéter de caxemira, o cabelo bem preso num rabo de cavalo e maquiagem discreta. Mac pensou que poderia facilmente odiar Parker, se não a amasse tanto. – Marquei mais três reuniões para mostrar a casa e apresentar nossa proposta. Meus Deus, adoro feriados! Tanta gente fica noiva... E daqui a pouco já é Dia dos Namorados e teremos novos contratos. Panquecas?

– Pegue a calda – pediu-lhe Laurel.

– As estradas estão limpas. Acho que ninguém vai cancelar as reuniões de hoje. Ah, e os Paulsons mandaram um e-mail assim que voltaram da lua de mel. Vou selecionar alguns trechos para o site.

– Nada de trabalho – decretou Emma. – Mac vai contar uma história quente no café da manhã.

– Sério? – Com as sobrancelhas erguidas, Parker pôs a calda e a manteiga na mesa, no canto em que tomavam o café da manhã. – Conte logo.

– Tudo começou, e histórias quentes quase sempre começam assim, quando derramei

refrigerante na minha blusa.

Laurel trouxe a bandeja de panquecas para a mesa.

– Ele *disse* que tinha dado de cara na parede – interrompeu Emma. – Pobre Carter! – Soltou uma gargalhada enquanto cortava o primeiro pedacinho de uma panqueca.

– Com toda força – acrescentou Mac. – Quer dizer, ele deu uma trombada nela. Se fosse um desenho animado, teria passado pela parede deixando nela um buraco com sua silhueta. Depois, Carter ficou sentado no chão e, quando tentei ver se tinha sido muito grave, pus os peitos bem na cara dele, algo que, muito educadamente, ele me fez notar.

– Ele disse "Desculpe-me, senhorita, mas seus peitos estão na minha cara"?

Mac abanou o garfo para Laurel.

– Mais ou menos. Ele não disse "peitos" e meio que gaguejou. Então fui pegar uma camiseta na secadora, levei para ele uma bolsa de gelo e concluí que ele não precisava ir para uma emergência – contou, enquanto comia uma pequena pilha de panquecas.

– Estou um pouco decepcionada – disse Laurel. – Esperava que uma história quente tivesse sexo e não apenas seus belos peitos.

– Ainda não terminei. A segunda parte começa quando voltei para casa para trabalhar e sem querer atendi o telefone. Era minha mãe.

O sorriso de Parker desapareceu e ela balançou a cabeça.

– Isso não é nada quente. Já falei mil vezes para checar o identificador de chamadas antes de atender, Mac.

– Eu sei, eu sei, mas ela ligou para o número de trabalho e nem pensei nisso. Além do mais, fiz pior que isso. Ela terminou com o último namorado e veio com aquela conversa de sempre. Está arrasada, devastada, blá-blá-blá. A dor e o sofrimento vão demandar uma semana num spa na Flórida e 3 mil dólares de mim.

– Você não concordou – murmurou Emma. – Diga que não concordou.

Mac deu de ombros e enfiou o garfo em outro pedaço de panqueca.

– Queria conseguir dizer não.

– Querida, você tem que parar com isso – aconselhou Laurel. – Precisa parar.

– Eu sei. – Sob a mesa, Emma fez um carinho no joelho de Mac para mostrar solidariedade. – Eu sei, mas acabei cedendo e pronto. Depois disso, abri uma garrafa de vinho para esquecer a tristeza e o estômago embrulhado.

– Devia ter voltado para cá. – Parker estendeu o braço e tocou a mão da amiga. – Estávamos aqui.

– Também sei disso. Eu estava tão irritada, triste e com tanta pena de mim mesma que meu estômago chegava a revirar. Então, adivinhem quem bateu à minha porta?

– Arrá. – Laurel arregalou os olhos. – Não vai me dizer que fez sexo com Carter bêbada e cheia de pena de si mesma? Mas, se fez, por favor, conte todos os detalhes.

– Convidei-o para beber comigo.

– Ai, caramba! – Para comemorar, Emma comeu mais numa lasquinha de panqueca.

– Despejei tudo em cima dele. Minha família e a droga que ela é. O cara foi lá deixar um pacote e acabou tendo que aturar uma mulher meio bêbada numa festinha particular de autopiedade. Não me dei conta na hora, pois estava bêbada e exaltada, mas ele ficou me ouvindo falar. Depois me levou para dar uma volta. Pôs o casaco em mim, o abotoou como se eu tivesse 3 anos e me levou lá para fora. E continuou ouvindo até eu não ter mais o que dizer. Então me levou de volta e...

– Você o convidou para entrar de novo e fizeram sexo – concluiu Emma.

– Arranje a sua própria história quente de café da manhã. Eu estava meio envergonhada e realmente agradecida, então dei um selinho nele. Foi uma espécie de beijo de agradecimento. Mas de repente me vi no meio de um beijo daqueles de fritar o cérebro, fazer o sangue circular depressa, no ritmo de tambores selvagens. Do tipo "me joga na parede e me chama de lagartixa".

– Ah! – Emma estremeceu, deliciada. – *Adoro* esse tipo de beijo.

– Você adora qualquer tipo de beijo – observou Laurel.

– É verdade, adoro mesmo. Achava que o Carter fosse mais do gênero sexy recatado e lento.

– Talvez seja... normalmente. Porque, enquanto minha cabeça estava ocupada explodindo, ele parou, pediu desculpas várias vezes e fugiu em direção ao carro. Ele foi embora bem na hora em que consegui recuperar a fala.

Parker afastou o prato e pegou o café.

– Bem, agora é você que vai ter que ir atrás dele.

– Claro – repetiu Emma e virou-se para Laurel esperando que ela desse o seu veredicto.

– Isso pode dar problema. – Laurel deu de ombros. – Carter não faz o tipo dela e teve uma atitude que não combina com o jeito dele. Está me cheirando a complicação.

– Só porque ele é legal, doce, ligeiramente desastrado e beija como um guerreiro? – Emma deu um chute de leve em Laurel por baixo da mesa. – Pois *eu* sinto cheiro de romance.

– Você sente cheiro de romance até num engarrafamento.

– Talvez. Mas você sabe muito bem que está curiosa em relação ao que vai acontecer depois. Não se pode simplesmente deixar para lá um beijo desses – acrescentou Emma, voltando-se para Mac.

– Talvez, porque, do jeito que está, já é uma boa história quente de café da manhã e ninguém sai magoado. Agora, tenho que ligar para o banco para jogar 3 mil dólares para o alto como se fossem confete. – Levantou depressa. – Vejo vocês lá fora, com as pás.

Parker pegou uma fruta da tigela depois que Mac saiu.

– Ela não vai deixar as coisas como estão. Vai pirar com isso.

– Aposto que o segundo beijo será em menos de 48 horas – concordou Laurel, fazendo uma careta. – Droga! Ela escapou sem ajudar com a louça.

Na sua escrivaninha, Carter revia os itens que planejava discutir com a turma no último tempo. Manter a energia e o interesse dos alunos era a chave para concluir a última aula do dia, quando apenas cinquenta minutos (ou intermináveis cinquenta minutos, dependendo do ponto de vista) os separavam da liberdade. A abordagem correta podia capturar a atenção dos que ficavam só olhando para o relógio.

Eles precisavam aprender alguma coisa.

O problema é que ele mesmo não estava conseguindo manter a concentração.

Deveria ligar para ela e se desculpar de novo? Talvez pudesse mandar uma mensagem. Ele era melhor escrevendo do que falando. Na maioria das vezes.

E se apenas deixasse para lá? Já tinha se passado um tempinho. Bem, um dia e duas noites para ser exato.

Tinha consciência de que estava sendo obsessivo.

Queria simplesmente deixar para lá e registrar o acontecimento na lista dos Momentos Embaraçosos do Carter. Mas não conseguia parar de pensar nisso. Nela.

Tinha voltado ao ponto exato onde estivera treze anos antes. Sofrendo por causa de uma patética atração por Mackensie Elliot.

Ia superar isso, disse a si mesmo. Já tinha superado antes. Quase por completo.

E só perdera a cabeça por um instante. Foi compreensível, considerando-se tudo o que aconteceu.

Ainda assim, devia mandar uma mensagem pedindo desculpas.

Cara Mackensie,

Quero pedir sinceras desculpas pelo meu comportamento inadequado na noite de 4 de janeiro. Meus atos são indesculpáveis e estou profundamente arrependido.

Um abraço, Carter.

Tinha como ser mais formal e estúpido?

Ela já devia ter esquecido aquela história, depois de dar umas boas risadas com as amigas, claro. Quem poderia culpá-la?

O melhor a fazer era deixar para lá e voltar a conduzir a turma na discussão sobre Rosalinda como uma mulher do século XXI.

Sexualidade. Identidade. Astúcia. Coragem. Sarcasmo. Lealdade. Amor.

Como Rosalinda usou a sua sexualidade dupla na peça para se tornar a mulher do fim, em vez de a garota que era no início e de o rapaz pelo qual se fez passar?

Fale a palavra “sexo” e vai atrair a atenção dos adolescentes, pensou Carter.

Como é que...

Continuou revendo suas anotações e, quando bateram à porta, respondeu um "pode entrar" distraído. Ah, evolução de identidade e coragem por meio do disfarce e...

Carter ergueu os olhos e piscou.

Com a mente tomada pela atraente Rosalinda, deu de cara com Mac.

– Oi, desculpe interromper.

Ele se levantou todo desastrado, espalhando os papéis e deixando alguns caírem no chão.

– Ah, tudo bem. Não tem problema. Eu só estava...

Curvou-se para pegar os papéis ao mesmo tempo que Mac e bateu com a cabeça na dela.

– Desculpe, desculpe. – Ainda agachado, fitou-a nos olhos. – Droga.

Mac sorriu, o que fez suas covinhas aparecerem.

– Oi, Carter.

– Oi – respondeu, pegando os papéis que ela lhe estendia. – Só estava preparando uns pontos para uma discussão sobre Rosalinda.

– Que Rosalinda?

– A Rosalinda de Shakespeare. De *Como gostais*.

– Ah. Daquele filme com a Emma Thompson?

– Não. Aquele é *Muito barulho por nada*. Rosalinda, sobrinha do duque Frederico, é banida da corte e se disfarça de Ganimedes, um rapaz.

– Irmão gêmeo dela, não é?

– Não, na verdade isso é de *Noite de reis*.

– Eu confundo todas elas.

– Bem, embora haja algumas semelhanças entre *Como gostais* e *Noite de reis* quanto ao tema e à estratégia textual, as duas peças se dirigem notoriamente a diferentes... Desculpe, isso não tem importância.

Carter largou os papéis e pegou os óculos de leitura. E se preparou para enfrentar as consequências dos seus atos.

– Eu queria me desculpar por...

– Você já fez isso. Costuma pedir desculpas a todas as mulheres que beija?

– Não, mas dadas as circunstâncias... – *Deixe para lá*, Carter. – Bom, o que posso fazer por você?

– Passei aqui para lhe dar isto. Eu ia deixar na recepção, mas me disseram que você estava no intervalo. Então, pensei em vir entregar pessoalmente.

Ela lhe estendeu um pacote embrulhado em papel pardo.

– Não vai abrir? – perguntou Mac, vendo que ele estava vermelho. – Só tem valor simbólico. Por você ter me aguentado naquela noite e por ter me poupado de uma bela ressaca. Achei que fosse gostar.

Ele abriu o embrulho com cuidado, tirando as fitas adesivas e desdobrando as pontas. Tirou dali uma foto com uma simples moldura preta. Contra o preto e branco da neve e das

árvores de inverno, um cardeal estava pousado num galho, como uma chama viva.

– É maravilhosa!

– Está boa. – Ela observou a foto junto com ele. – É um desses momentos de sorte. Tirei ontem de manhã. Não é um periquito-da-carolina, mas é o nosso pássaro.

– Nosso... Ah. Claro. E você veio aqui para me dar a foto. – Ele ficou vermelho de satisfação e vergonha. – Achei que tivesse ficado irritada comigo depois que...

– Você me deu um beijo de tirar o fôlego – completou ela. – Seria uma estupidez. Além do mais, se eu tivesse ficado irritada, teria dado um chute no seu traseiro na hora.

– Imagino que sim. De toda forma, eu não devia ter...

– Eu gostei – interrompeu ela, deixando-o sem fala. Mac se virou para observar o aposento. – Então, aqui é a sua sala de aula, onde tudo acontece.

– É, sim. – Por que ele não conseguia fazer o cérebro e a boca funcionarem juntos?

– Fazia anos que eu não vinha aqui. Nada parece ter mudado, está tudo igual. As pessoas não dizem que a escola parece menor quando voltamos adultos? Na verdade está parecendo até maior para mim. Maior, mais arejada, mais clara.

– Tem um design forte, quero dizer, o prédio. Com áreas abertas e... Mas você estava se referindo à escola metaforicamente, não é?

– Talvez. Acho que tive algumas aulas nesta sala. – Ela deu uma volta nas carteiras e foi até as três janelas da parede que ficava do lado sul. – Acho que eu me sentava aqui para ficar olhando pela janela em vez de prestar atenção na aula. Adorava estudar nesta escola.

– Sério? Muitas pessoas não têm boas lembranças do ensino médio. Normalmente é uma guerra de personalidades, desencadeada pelo enorme fogo causado pelos hormônios.

Ela deu um sorriso.

– Você podia estampar isso numa camiseta. Não, não gostei tanto assim do ensino médio. Gostava porque Parker e Emma também estudavam aqui. Só fiquei alguns semestres. Mas gostei mais do que de Jefferson High. Mesmo que Laurel estudasse lá, a escola era tão grande que mal nos víamos.

Mac virou de costas.

– Personalidades e disputas à parte, a escola ainda é um animal social. Como você voltou para a sala de aula, imagino que tenha gostado de cada minuto passado aqui.

– Para mim, o ensino médio foi uma questão de sobrevivência. Os nerds estão no nível mais baixo da pirâmide social, e ora são denegridos, ora ignorados, ora ofendidos pelos que estão em outros níveis. Eu poderia escrever um ensaio sobre o assunto.

Ela o fitou com curiosidade.

– Eu já fiz isso?

– Escrever um ensaio? Ah, está se referindo à outra parte, claro. Não notar é diferente de ignorar.

– Às vezes é pior – murmurou Mac.

– Gostaria de poder voltar a falar sobre aquela outra noite e o seu "Eu gostei". Poderia ser mais específica no caso de eu estar interpretando mal?

Isso a fez rir.

– Não acho que você esteja interpretando mal. Mas...

– Dr. Maguire?

A garota hesitou diante da porta, irradiando frescor e juventude naquele uniforme azul-marinho. Mac notou os sinais – o rosto enrubescido e os olhos brilhantes – e constatou: paixão platônica pelo professor.

– Ah... Julie. Pois não?

– O senhor disse que eu podia vir aqui nesse horário para discutir sobre o meu trabalho.

– Claro. Só preciso de um minuto para...

– Não vou mais atrapalhá-lo – disse Mac. – Estou até um pouco atrasada. Prazer em vê-lo, *doutor* Maguire.

Ela saiu, passando pela bela mocinha, e se dirigiu para a escada. Ele conseguiu alcançá-la no meio do caminho.

– Espere.

Quando ela parou e se virou, Carter pôs a mão em seu braço.

– Não estar interpretando mal significa que não tem problema se eu ligar para você?

– Pode me ligar. Ou então pode me encontrar para tomarmos alguma coisa depois da aula.

– Você sabe onde fica o Coffee Talk?

– Tenho uma ideia. Mas vou encontrar.

– Quatro e meia?

– Posso chegar às cinco.

– Cinco. Ótimo. Eu... vejo você lá.

Ela continuou a descer. Ao chegar ao andar de baixo, olhou para trás. Ele estava parado no mesmo lugar, com as mãos nos bolsos da calça cáqui, o casaco meio largo e o cabelo despenteado.

Pobre Julie, pensou Mac indo embora. Sei exatamente como se sente.



– Você a convidou para ir ao Coffee Talk? O que há de errado com você?

Carter fez uma careta, guardando arquivos e livros dentro da pasta.

– O que há de errado com o Coffee Talk?

– É para lá que vão professores e alunos. – Bob Tarkinson, professor de matemática que se autoproclamava especialista em relacionamentos amorosos, balançou a cabeça com ar de tristeza. – Se quer se dar bem com uma mulher, Carter, precisa convidá-la para tomar um drinque. Num bar legal. Que tenha uma atmosfera de intimidade.

– Nem todo contato com mulheres é para se dar bem.

– Então não é nada importante.

– Você é casado – observou Carter. – E está prestes a ter um bebê.

– Exatamente por isso que sei do que estou falando. – Bob encostou na escrivaninha de Carter, com uma expressão sábia no rosto satisfeito. – Você acha que consegui casar com uma mulher como a Amy levando-a para tomar um café? É claro que não. Sabe o que deu certo comigo e com a Amy?

– Sei, Bob. – Porque você me contou umas mil vezes, pensou. – Você fez um jantar para ela no segundo encontro e ela se apaixonou por você por causa dos seus filés de frango.

Ainda com ar sabido, Bob abanou o dedo.

– Ninguém se apaixona por outra pessoa tomando um café com leite, Carter. Confie em mim.

– Ela nem me conhece direito, na verdade. Então essa história de se apaixonar é irrelevante. E você está me deixando nervoso.

– Você já estava nervoso. Ok, você cismou com o café, então veja no que isso vai dar. Se ainda estiver interessado, ligue para ela amanhã. Marque no dia seguinte para mais tarde. Um jantar.

– Não vou fazer filé de frango.

– Você não sabe cozinhar nada, Maguire. Além disso, o café não pode ser considerado oficialmente o primeiro encontro. Leve-a para jantar. Quando estiver pronto para selar o acordo, lhe darei uma receita. Algo simples.

– Meu Deus. – Carter coçou a testa no ponto entre as sobrancelhas, onde estava tensionado. – É por isso que evito encontros. É um inferno.

– Você evita encontros porque Corrine destruiu a sua autoconfiança. É bom que esteja de volta à ativa e com alguém que não seja da nossa área. – Bob deu um tapinha de apoio no ombro de Carter e prosseguiu: – O que ela faz mesmo?

– É fotógrafa. Tem uma empresa de casamentos com três amigas. São elas que vão fazer o casamento da Sherry. Nós, Mackensie e eu, estudamos juntos por uns cinco minutos.

– Espere aí. Mackensie? A ruiva por quem você tinha uma queda no ensino médio?

Derrotado, Carter coçou de novo aquele ponto entre as sobrancelhas.

– Eu nunca deveria ter lhe contado isso. É por esse tipo de coisa que quase nunca bebo.

– Mas, Cart, é o destino. – Havia empolgação naquelas palavras. – É uma espécie de retorno do nerd. Uma chance e tanto de recuperar a oportunidade perdida.

– É só um café – murmurou Carter.

Bob chegava a estar corado de tanto entusiasmo. Deu um salto e pegou um pedaço de giz. No quadro, desenhou um círculo.

– É óbvio, o círculo. Você está completando um, e completá-lo significa fazer o ponto A e o ponto B... – No círculo ele fez dois pontos e os uniu com uma linha horizontal – chegarem até o ponto C. – Ele desenhou mais um ponto no alto, depois o juntou aos outros com duas

linhas diagonais. – Está vendo?

– Sim, estou vendo um triângulo dentro de um círculo. Tenho que ir.

– Esse é o triângulo do destino dentro do círculo da vida!

Carter pegou a pasta.

– Vá para casa, Bob.

– Você não pode discutir com a matemática, Carter. Vai perder sempre.

Carter fugiu depressa pela enorme escola vazia, com os próprios passos ecoando atrás dele.

capítulo cinco

Ela estava atrasada. talvez nem aparecesse. Podia ter acontecido alguma coisa, pensou Carter. Se tivesse algum neurônio que funcionasse, teria lhe dado o número do seu celular para que ela pudesse ligar, cancelando.

Agora, tinha que ficar ali sentado, sozinho.

Por quanto tempo? Os quinze minutos que já tinha esperado não eram suficientes. Meia hora? Uma hora? Esperar sozinho por uma hora não faria dele um patético idiota?

Provavelmente, pensou.

Estúpido, disse a si mesmo, fingindo beber um pouco mais de chá-verde. Já havia marcado encontros antes – vários. Tivera um relacionamento sério com uma mulher por quase um ano. Pelo amor de Deus, chegaram a morar juntos.

Até ela lhe dar um pé na bunda para ir morar com outro.

Mas isso não vinha ao caso.

Era *só* um café. Ok, chá no caso dele. E estava nervoso por causa de um *encontro* – usaria esse termo na falta de um melhor – casual, como uma menininha boba esperando seu acompanhante para o baile.

Voltou a fingir que lia um livro e tomava o chá. E se proibiu de ficar olhando para a porta do café como um gato faminto observando a toca de um rato.

Não lembrava – ou havia muito tempo deixara de notar – como aquele lugar era barulhento. Tinha se esquecido da quantidade de alunos seus que frequentavam o café. Bob tinha razão em considerar aquela uma péssima escolha.

Havia mesas e banquinhos coloridos, lotados com a garotada da escola, bem como de jovens por volta dos 20 anos e de professores.

As luzes eram muito fortes e as vozes, muito altas.

– Desculpe, estou atrasada. A sessão demorou mais do que eu esperava.

Carter piscou ao ver Mac se sentar na cadeira em frente à dele.

– O quê?

– Estava mesmo concentrado no livro, hein? – Ela inclinou a cabeça para ver o título. – Lawrence Block? Não deveria estar lendo Hemingway ou Trollope?

– A ficção de entretenimento é uma força vigorosa e bem-sucedida da literatura. Por isso é popular. Ler apenas por prazer é... Pronto, já estou dando aula. Desculpe.

– Esse ar professoral lhe cai bem.

– Isso pode ser positivo na sala de aula. Não me dei conta de que você estava trabalhando quando passou lá na escola. Podíamos ter marcado para mais tarde.

– Foram só umas reuniões com alguns clientes e uma sessão de fotos. Tenho uma noiva

que, sabe-se lá por quê, quer que todos os minutos do planejamento do casamento sejam documentados por um fotógrafo profissional. Por mim não tem problema, é mais dinheiro na minha conta. Cobri a prova do vestido de casamento e a mãe se debulhando em lágrimas. O choro me prendeu lá mais tempo do que eu planejava.

Ela tirou o gorro e ajeitou o cabelo, dando uma olhada em volta.

– Nunca tinha vindo aqui. Tem um bom astral. – E deu um sorriso para a garçonete que veio atendê-los.

– Oi, meu nome é Dee. Em que posso servi-los?

– Acho que vamos nos divertir. Que tal um *latte macchiato* duplo, com baunilha?

– É para já. Outro chá-verde, professor Maguire?

– Não, estou satisfeito, Dee. Obrigado.

– Não é fã de cafés elaborados? – perguntou Mac quando Dee foi buscar o pedido.

– Não a essa hora do dia. Mas aqui é bom... o café. Normalmente venho tomar um cappuccino de manhã, antes do trabalho. Eles vendem o grão também, se gostar de café... Tenho que tirar uma coisa da cabeça. Não consigo pensar. E, se não conseguir pensar, minha conversa boba vai fazer você dormir apesar da dose dupla de café.

– Ok – disse Mac, apoiando o queixo no punho. – Tire isso da cabeça, seja lá o que for.

– Eu tinha uma quedinha por você no ensino médio.

Ela ergueu as sobrancelhas e se ajeitou na cadeira.

– Por mim? É sério?

– É, sim. E fico muito sem jeito de trazer isso à tona, depois de uma década, mas está interferindo na situação atual. Para mim, é claro.

– Mas... eu nem me lembro de você ter falado comigo alguma vez.

– E não falei. Não conseguia. Eu era terrivelmente tímido naquela época, em especial em situações de sociabilidade. Em qualquer situação, na verdade, e mais ainda quando envolvia garotas. Ou melhor, garotas pelas quais eu tinha uma queda. E você era tão...

– *Latte macchiato* duplo com baunilha. – Dee pôs uma enorme xícara na mesa, além de uns biscoitinhos num pires. – Bom apetite!

– Não pare agora – insistiu Mac. – Eu era tão...?

– Ah, você. O cabelo, as covinhas, tudo.

Mac se recostou na cadeira, pegou um biscoito, mordiscou uma pontinha e ficou observando-o.

– Carter, no ensino médio eu era um varapau com cenouras crescendo no alto da cabeça. Tenho fotos para provar.

– Não para mim. Você era alegre, cheia de vida, confiante. – Ainda é, pensou ele. Olhe só para você. – Eu me sinto um idiota contando isso, mas precisava falar. Já sou desastrado o bastante mesmo sem meus bloqueios. Então, é isso. Pronto.

– O beijo daquela noite tem a ver com essa antiga quedinha?

– Tenho que admitir que sim. Foi tudo tão surreal!

Ela se debruçou na mesa de novo para pegar o café.

– Nenhum de nós é mais como era na época da escola.

– Espero que não mesmo. Graças a Deus! Eu era um desastre.

– E quem não era? Sabe, Carter, a maior parte dos caras teria usado essa quedinha meio como uma cantada, ou teria deixado para lá. Isso me interessa, você me interessa, porque não fez nem uma coisa nem outra. Você é sempre tão sincero quando marca encontros em cafés?

– Não sei. Você é a única por quem tive uma quedinha.

– Caramba!

– E isso foi ridículo. – Corando mais uma vez, ele passou os dedos pelo cabelo. – Agora assustei você. Devo ter soado ameaçador e obsessivo, como se eu tivesse um altar com fotos suas onde acendo velas e entoo o seu nome. Meu Deus do céu, é bem assustador. Pode fugir. Não vou criticá-la.

Ela caiu na gargalhada e teve que pousar a xícara na mesa para não derramar o café.

– Eu fico, se me jurar que não tem o altar.

– Não tenho. – Ele fez um xis com os dedos e o beijou. – Se vai ficar porque está com pena de mim ou porque está gostando muito do café, já serve.

– O café está mesmo uma delícia. – Mac deu outro gole. – E não estou com pena. Não tenho certeza sobre o que estou sentindo. Você é um homem interessante, me ajudou quando precisei. E beija muito bem. Por que não tomar um café? E, já que estamos aqui, conte-me como alguém terrivelmente tímido decidiu dar aulas.

– Eu precisei superar isso. Queria ser professor.

– Sempre quis?

– Praticamente. Antes disso quis ser super-herói. Talvez um dos X-Men.

– Um professor supermutante. Quem sabe o Educador?

Ele fez uma careta.

– Pronto, agora você descobriu minha identidade secreta.

– Então, como o Garoto Tímido se transformou no poderoso Educador?

– Com estudo, treino. E algumas práticas. Suei frio, em pânico, nas primeiras semanas do curso para falar em público que fiz na faculdade. Mas ajudou. E trabalhei como professor assistente de várias turmas, o que foi um tipo de transição. Fui assistente de uma das turmas do Delaney no segundo ano. E...

Ele começou a girar a caneca.

– Quando tinha uma oportunidade, eu perguntava por vocês, como quem não quer nada. Todas vocês, sem destacar você especificamente. Ele as chamava de "O Quarteto".

– Ainda chama de vez em quando. Agora é nosso advogado. Da empresa.

– Ouvi dizer que ele é muito bom.

– É, sim. Del trata de todos os assuntos legais da Votos. Quando os pais morreram, ele e Parker herdaram a propriedade. Ele não queria morar lá. Nessa época já tinha a casa dele. Parker não teria como manter a mansão sozinha, só como moradia. E mesmo se tivesse, não acredito que fosse querer ficar naquela casa enorme, só com as lembranças. Não teria ficado lá sozinha.

– Não mesmo, ia ser bem difícil e solitário. É diferente com todas vocês lá, morando e trabalhando juntas.

– Mudou tudo para todas nós. Ela já vinha pensando em montar o negócio havia um tempo e já tínhamos conversado sobre isso. Então, ela falou com o Del sobre a possibilidade de usar a propriedade. Ele gostou da ideia. Era sua herança também, então ele apostou tudo em nós.

– Parece que fez a escolha certa. Segundo minha mãe e Sherry, a Votos é *a* empresa para realização de casamentos em Greenwich.

– Percorremos um longo caminho até chegar aqui. O primeiro ano foi na base da tentativa e erro. Foi bem assustador, porque pusemos na empresa todas as nossas economias e o que mais conseguimos pedir, pegar emprestado ou roubar. Tivemos gastos com os custos iniciais, as licenças, o estoque, os equipamentos. Ainda teve a despesa de transformar a casa da piscina numa casa para mim e a de hóspedes para Emma. Jack fez o projeto de graça. Lembra dele? Jack Cooke? Del e ele foram colegas de faculdade.

– Vagamente. Lembro que eles eram bem próximos.

– Yale é um ovo – comentou Mac. – Ele é arquiteto. Gastou um tempo enorme para fazer essa reforma. E nos poupou de sabe-se lá quanto em taxas e imprevistos. No segundo ano apenas fomos levando, e todas nós ainda tínhamos outros empregos para nos sustentar. Mas, no terceiro ano, conseguimos dar uma respirada. Sei bem o que é trabalhar suando frio, em pânico, para conseguir o que se quer.

– Por que fotografia de casamentos? Quero dizer, por que se especializou nisso? Não me parece ser apenas para compor a sociedade na empresa.

– Não, não foi só por isso. Acho que esse nem foi o motivo principal. Gosto de tirar fotos de pessoas. O rosto, o corpo, as expressões, a dinâmica. Antes de abrirmos a Votos, eu trabalhava num estúdio. Daqueles em que as pessoas levam os filhos para serem fotografados, ou que fazem fotos de publicidade. Dava para pagar as contas, mas...

– Não satisfazia.

– Não mesmo. Gosto de tirar fotos de pessoas no que chamo de momentos. Um momento decisivo, sabe? Há aqueles que são arrebatadores, o ponto alto. Mas há diversos outros momentos. O casamento, o ritual todo e o modo como as pessoas vão construindo esse ritual para adaptá-lo à sua personalidade... Isso para mim é um grande momento.

Sorrindo, Mac ergueu a xícara com ambas as mãos.

– Drama, *pathos*, teatro, dor, alegria, romance, paixão, humor. Tem tudo ali. E eu posso

dar a eles tudo isso através das fotos. Posso mostrar a eles aquele dia como uma jornada e, se tiver sorte, como um momento decisivo que transforma algo comum em único. Isso é só um jeito meio longo de dizer que adoro o meu trabalho.

– Dá para perceber. E entendo o que quer dizer com capturar o momento. A satisfação de fazer isso. É como quando vejo que consegui abrir a mente de um único aluno que seja e o fiz internalizar aquilo que estava tentando ensinar. Faz valer a pena todas as outras horas em que o trabalho parece apenas rotineiro.

– Provavelmente não dei aos meus professores muitos momentos assim. Eu só queria passar de ano e poder sair dali para fazer o que eu queria de verdade. Nunca os vi como entidades criativas. Eram mais parecidos com vigias. Fui uma péssima aluna.

– Você era inteligente. O que nos leva de volta à minha obsessão de adolescente. Mas só vou dizer que notei que você era inteligente.

– Mas nunca tivemos aula juntos. Você estava uns anos na minha frente, não estava? Ah, espere! Você foi assistente numa das aulas a que assisti, não foi?

– Na aula de literatura americana do professor Lowen. Agora, esqueça que eu disse isso.

– Sem chance. Olhe, não estou fugindo, mas tenho que ir. Tenho outra sessão. Na verdade, vou fazer a foto de noivado da sua irmã.

– Não imaginava que iam marcar tão depressa.

– O médico tinha uma noite livre, então vamos aproveitar. Tenho que ir mesmo, para ter uma noção do lugar e de como são os dois juntos.

– Levo você até o carro. – Ele pegou o dinheiro e enfiou as notas debaixo do pires.

Antes que Mac tivesse tempo de vestir o casaco, ele o pegou para ajudá-la. Depois abriu a porta para ela e saíram juntos naquele frio de tirar o fôlego.

– Estacionei a um quarteirão e meio daqui – disse ela. – Não precisa ir até o carro comigo. Está um gelo aqui fora.

– Tudo bem. Eu vim a pé de casa.

– Você veio a pé?

– Não moro tão longe assim, então vim caminhando.

– Claro. Você gosta de andar. Já que estamos aqui – prosseguiu ela enquanto passavam por cafés e restaurantes –, vou mencionar algo que acabei esquecendo por causa do rumo que a nossa conversa tomou. Doutor Maguire? Você terminou o doutorado?

– Finalmente, no ano passado.

– *Finalmente?*

– Já que era o grande objetivo da minha vida nos últimos dez anos, acho que "finalmente" é a palavra adequada. Comecei a pensar na tese antes de me formar. – Isso talvez me torne o rei dos nerds, pensou Carter. – Você vai querer me encontrar de novo? Sei que não tem nada a ver com o que estamos falando, mas é que essa ideia não me sai da cabeça. Então, se a resposta for não, prefiro saber logo.

Ela não disse nada até chegarem ao carro. Enquanto pegava a chave, observou-o.

– Você com certeza tem uma caneta e um bloquinho à mão.

Carter mexeu no bolso interno do casaco e tirou de lá um bloquinho e uma caneta.

Com um aceno de cabeça, Mac pegou tudo da mão dele e procurou uma página em branco.

– Esse é o meu número pessoal, não o de trabalho. Por que não me liga?

– Posso fazer isso. Você acha que daqui a uma hora mais ou menos é meio cedo?

Ela riu e entregou a ele o bloquinho e a caneta.

– Com certeza você sabe massagear meu ego, Carter.

Ela se virou para abrir a porta, mas ele foi mais rápido. Emocionada e achando aquilo divertido, Mac entrou e deixou que ele fechasse a porta. Baixou o vidro.

– Obrigada pelo café.

– De nada.

– Saia do frio, Carter.

Quando Mac arrancou, ele ficou ali, vendo as luzes dos faróis traseiros desaparecerem à distância. Então, voltou em direção ao café e percorreu três gélidos quarteirões até chegar em casa.



Um breve período de tranquilidade nos negócios naquele mês de janeiro deixou Mac com bastante tempo livre. Sabia que podia aproveitar para organizar os arquivos, atualizar as várias páginas na internet, arrumar a bagunça que estava o seu armário ou pôr em dia as correspondências. Também podia ler um bom livro ou sentar-se diante da TV, assistindo a DVDs e enchendo a cara de pipoca.

No entanto, não conseguia se resolver e acabou indo se instalar na adorável namoradeira do escritório de Parker.

– Estou trabalhando – disse Parker sem olhar para ela.

– Chamem a imprensa! Parker está trabalhando.

Parker continuou teclando.

– Depois deste breve intervalo, estamos com a agenda lotada por vários meses. Meses, Mac. Este vai ser o nosso melhor ano. Mas ainda temos duas semanas livres em agosto. Pensei em propor um pacote de fim de verão, algo que atraia casamentos menores. Daqueles que a gente organiza rapidinho. Podemos divulgar isso quando abrirmos a casa em março, caso as datas ainda não tenham sido reservadas.

– Vamos todas sair.

– O quê?

– Vamos sair. Nós quatro. Emma provavelmente tem um encontro, mas a faremos cancelar, partindo o coração de um pobre rapaz que nenhuma de nós conhece. Vai ser divertido.

Parker parou de digitar e afastou a cadeira alguns centímetros.

– Sair para onde?

– Não importa. Para um cinema, uma boate. Vamos beber, dançar, vadiar. Caramba, vamos alugar uma limusine para irmos a Nova York e fazer isso em grande estilo.

– Você quer alugar uma limusine para ir a Nova York beber, dançar e vadiar?

– Ok, podemos pular a parte de vadiar. Vamos só sair um pouco daqui, Park. Vamos passar uma noite nos divertindo.

– Temos duas reuniões marcadas para amanhã, além das nossas entrevistas individuais.

– E daí? – Mac ergueu as mãos. – Somos jovens, resistentes. Vamos para Nova York arrasar o coração de homens que nunca vimos e que não voltaremos a ver.

– Acho essa ideia excentricamente intrigante. Mas por quê? O que está acontecendo com você?

Mac se levantou da namoradeira e começou a andar pela sala. O maldito escritório era uma graça. Combinava muito com Parker, pensou, com aquelas cores suaves, sutis. Elegância e classe irradiando sobre uma eficiência colossal.

– Estou pensando num cara que está pensando em mim. E pensar que ele está pensando em mim mexe muito comigo. Na verdade não sei se estou pensando nele porque ele está pensando em mim ou porque ele é fofo, engraçado, doce e sexy. Ele usa paletó de tweed, Parker.

Ela parou e ergueu as mãos de novo.

– Avós usam paletó de tweed. Velhinhos em filmes ingleses antigos usam paletó de tweed. Por que acho sexy ele usar paletó de tweed? Essa é uma pergunta que está me atormentando.

– Carter Maguire.

– Isso mesmo, Carter Maguire. *Doutor* Carter Maguire. Ele fez doutorado. E toma chá e fala sobre Rosalinda.

– Quem é Rosalinda?

– Foi exatamente isso que eu perguntei! – Já não se sentindo a única ignorante do mundo, Mac deu mais uma volta. – A Rosalinda de Shakespeare.

– Ah, de *Como gostais*.

– Desgraçada, é claro que você ia saber. Você é que devia sair com ele.

– Por que eu sairia com Carter? Que eu saiba, ele não demonstrou nenhum interesse por mim.

– Porque você estudou em Yale. Sei perfeitamente que isso não tem nada a ver, mas o fato de eu ter dito já é significativo. Quero sair e fazer uma loucura. Eu me *recuso* a ficar aqui esperando ele ligar. Sabe quando foi a última vez que me rebaixei a ficar esperando um cara me ligar?

– Deixe-me ver... acho que nunca.

– Exatamente. Eu não faço isso.

– E agora, há quanto tempo está esperando?

Mac deu uma olhada no relógio de pulso.

– Cerca de dezoito horas. Ele tinha uma queda por mim no ensino médio. Que tipo de homem conta uma coisa dessas? Como pode depositar na nossa mão esse poder? Agora eu tenho o poder e isso me assusta. Vamos para Nova York.

Parker girou um pouco a cadeira.

– Ir para Nova York beber e arrasar o coração de estranhos vai resolver o seu dilema?

– Vai.

– Muito bem, então vamos para Nova York. – Parker pegou o telefone. – Vá chamar Laurel e Emma. Eu cuido dos detalhes.

– Eba! – Mac fez uma dancinha rápida, correu para abraçar Parker e lhe dar um beijo estalado, depois saiu a toda.

– Ora, ora – murmurou Parker enquanto ligava para a empresa que alugava limusines. – Vamos ver se você e a sua ressaca vão dançar e cantar amanhã de manhã.

No banco de trás da limusine preta, Mac esticou as pernas, realçadas pela minissaia preta. Livrou-se dos saltos altos logo no começo da viagem de duas horas até Manhattan. Tomava uns golinhos da segunda taça do champanhe que Parker tinha levado.

– Isso é tão bom! Tenho as melhores amigas do mundo.

– É, que dureza. – Laurel ergueu a sua taça. – Andar de limusine, beber um espumante, seguir para uma das melhores boates de Nova York... Tudo graças aos contatos de Parker. Está vendo o sacrifício que fazemos por você, Mackensie?

– A Em cancelou um encontro.

– Eu não tinha encontro nenhum – corrigiu Emma. – Era só um "quem sabe não fazemos algo hoje à noite?".

– Mas você cancelou.

– Cancelei. Está me devendo essa.

– À Parker, por organizar tudo. Como sempre. – Mac brindou com a amiga que estava sentada na outra ponta, falando ao celular com um cliente.

Parker fez um gesto para mostrar que estava ouvindo o que elas diziam, mas continuou tentando contornar a situação com o cliente.

– Acho que estamos quase chegando. Vamos lá, Park, desligue isso – sussurrou Mac. – Estamos chegando.

– Hálito, maquiagem, cabelo – declarou Emma tirando da bolsa um espelhinho.

Uma rodada de balinhas de menta e retoque no batom. Quatro pares de sapatos calçados em quatro pares de pés.

Parker enfim desligou.

– Meu Deus! A dama de honra da Naomi Right acabou de descobrir que o namorado, que é irmão e padrinho do noivo, está tendo um caso com a sócia dele. A mulher está descontrolada, como era de se esperar, e se recusa a participar da cerimônia se o desgraçado não for banido do casamento. A noiva está preocupadíssima e do lado da dama de honra. O noivo está irritado e quer estrangular o maldito traidor, mas acha que não vai ser capaz de impedir o próprio irmão de ir ao seu casamento nem de substituí-lo por outro padrinho. Os noivos estão praticamente sem se falar.

– O casamento dos Rights – disse Laurel, estreitando os olhos. – Está bem próximo, não está?

– De sábado a uma semana. A última vez que contamos, eram 198 convidados confirmados. Vai ser uma dor de cabeça. Acalmei a noiva. É claro que ela tem razão de ficar chateada e de apoiar a amiga. Mas não pode esquecer que é ela e o noivo que vão se casar e que o homem que ela ama não tem culpa nenhuma nessa confusão. Vou me encontrar com os dois amanhã para tentar dar uma acalmada nos ânimos.

– Se os dois, o traidor bastardo e a dama de honra traída, forem ao casamento, a coisa vai ficar feia.

– É. – Parker concordou com a observação de Mac e acrescentou: – Mas vamos dar um jeito nisso. E a situação é ainda pior, porque a tal sócia foi convidada e o traidor bastardo disse que, se ela não puder ir, *ele* também não irá ao casamento.

– Que tremendo canalha – disse Laurel, dando de ombros. – O noivo vai precisar ter uma conversa séria com o irmão.

– Isso também está na minha lista de sugestões para a reunião de amanhã. Mas usarei termos mais diplomáticos.

– Isso é trabalho para amanhã. Chega de telefonemas de negócios durante a nossa terapia. Agora só vamos beber, dançar e arrasar corações.

Parker não deu muita bola para o decreto de Mac, mas guardou o celular na bolsa.

– Ok, meninas. – E jogou o cabelo para trás. – Vamos lá arrasar.

Desceram da limusine e passaram pela fila de pessoas que esperavam esperançosamente do lado de fora da boate. Parker deu seu nome na entrada e em poucos segundos estavam lá dentro.

Mac deu uma espiada geral. Dois andares com acomodações, distribuídas entre mesas e banquetas, deixavam a pista de dança central liberada. De cada lado, sob uma cascata de luzes coloridas, havia um balcão de aço.

Música eletrônica. Corpos girando. Sentiu que estava entrando no clima.

– Adoro realizar meus planos.

Primeiro foram pegar uma mesa e Mac considerou que estavam com sorte quando acharam um banco em que as quatro puderam se espremer juntas.

– Observem as espécies – disse ela. – É a minha primeira regra. Observar a plumagem e os rituais antes de tentar fazer qualquer aclimatação.

– Bobagem! Vou pegar bebidas. Continuamos no champanhe? – perguntou Emma.

– Pegue uma garrafa – respondeu Parker.

Laurel revirou os olhos quando viu a amiga ir rebolando até o bar mais próximo.

– Vocês sabem que Emma vai receber uma dezena de cantadas antes de conseguir pedir qualquer coisa. E vai se sentir obrigada a dar papo para os caras. Vamos todas morrer de sede antes que ela volte. Parker, você devia ir lá com a sua capa de invisibilidade, mais conhecida como cara de "cai fora", para conseguir que sejamos servidas.

– Vamos dar a ela uns minutinhos antes. Mac, como está o fator medo?

– Diminuindo. Não consigo imaginar o indiscutivelmente fofo Dr. Maguire num lugar como este, você consegue? Num sarau de poesia, sim, mas não aqui.

– Bom, vejamos. Ao que parece você está concluindo isso com base na profissão dele. É como dizer que, por eu ser doceira, tenho que me parecer com o mascote da Michelin.

– É, eu sei, mas pensar assim me ajuda. Não quero me envolver com ele.

– Porque ele fez doutorado?

– É, e tem olhos lindos, de um azul-claro que fica ainda mais sexy quando ele está de óculos. E tem também o fato totalmente inesperado de beijar muito bem, o que pode me deixar cega para a verdade de que não combinamos. Além do mais, um relacionamento com ele que ultrapassasse uma amizade casual teria que ser um relacionamento *sério*. O que eu faria? E ele me ajudou a vestir o casaco. *Duas vezes*.

– Meu Deus! – Parker arregalou os olhos, chocada. – Então você tem que cortar o mal pela raiz. Qualquer homem que faz uma coisa dessas... não sei nem o que dizer.

– Ah, cale a boca. Quero dançar. Laurel, venha dançar comigo enquanto Parker faz cara de "cai fora", resgata o nosso champanhe e liberta Emma do seu próprio magnetismo.

– Parece que está na hora da aclimatação – disse Laurel quando Mac a puxou para a pista de dança.

Ela se divertiu com as amigas e com alguns caras que a tiraram – ou que ela tirou – para dançar. Bebeu mais champanhe. No banheiro feminino vermelho e prateado, massageou os pés doloridos esperando Emma, que se juntara a um exército de mulheres diante do espelho.

– Quantos números de telefone já conseguiu?

Emma retocou cuidadosamente o brilho labial.

– Não contei.

– Aproximadamente?

– Acho que uns dez.

– E como vai saber depois de quem são?

– Eu tenho esse dom. – Ela deu uma olhada em volta. – Tem um na sua fila. O cara de camisa cinza. Ele está tentando se aproximar.

– Mitch? Ele dança bem e tem um sorriso bonito. Não me parece ser um idiota.

– Então vai nessa.

– Eu devia sentir palpitações pelo Mitch – observou Mac. – Mas não estou sentindo nada. Talvez eu tenha perdido essa habilidade. O que é tremendamente injusto.

– Talvez seja porque você está palpitando pelo Carter.

– Você tem palpitações por mais de um cara ao mesmo tempo.

– É verdade, tenho mesmo. Mas eu sou eu e você é você. Acho que os homens estão aí para me fazerem sentir palpitações e todos ficam felizes com isso. Você é bem mais séria com relação a esse assunto.

– Não sou séria. É muita maldade sua dizer isso. Vou voltar lá e dançar com o Mitch, e as palpitações vão aparecer. Você vai ter que engolir o que disse, Emmaline. Com calda de chocolate.

Não funcionou. *Devia* ter funcionado, pensou Mac ao se sentar no bar com Mitch, depois de dançar. O cara era bonito, divertido, tinha uma boa forma física e um trabalho interessante: era jornalista especializado em viagens. Mesmo assim, não a perturbou com incontáveis histórias sobre suas aventuras.

Ele não se aborreceu nem a pressionou quando sugeriu que fossem para um lugar mais tranquilo e ela recusou. Acabaram trocando telefones de trabalho e indo cada um para o seu lado.

– Vamos esquecer os homens. – Às duas da manhã, Mac se arrastou até a limusine e desabou. – Vim aqui para me divertir com as minhas melhores amigas e posso dizer que a missão foi cumprida. Caramba, tem água aqui?

Laurel lhe passou uma garrafa e gemeu.

– Ai, meus pés. Eles estão berrando como condenados.

– Eu me diverti à beça. – Emma se recostou num dos lados da limusine, apoiando a cabeça nas mãos. – Devíamos fazer isso uma vez por mês.

Parker bocejou, dando um tapinha na bolsa.

– Tenho dois novos contatos de fornecedores *e* um possível cliente.

É assim que vemos a personalidade de cada uma, pensou Mac enquanto a limusine seguia em direção ao norte. Tirou os sapatos, que agora lhe machucavam bastante os pés, fechou os olhos e dormiu durante todo o trajeto de volta.

capítulo seis

De manhã, o sol estava só um pouco mais forte do que deveria, na opinião de Mac. Fora isso, tudo bem.

Viu, disse a si mesma, você é jovem e resistente.

De pijama, comeu um bolinho de café, junto com uma xícara de café, e ficou observando os pássaros pousarem no comedouro e levantarem voo. A senhorita cardeal também gostou do café da manhã hoje, pelo que pôde perceber. Estava com o companheiro de plumagem vistosa e uns vizinhos que Mac não conseguiu identificar.

Precisaria das lentes de zoom para olhar mais de perto. Talvez precisasse também de algum tipo de livro ou guia, já que não os conhecia de vista, a não ser os piscos-de-peito-ruivo ou os gaios-azuis.

Percebeu o que estava fazendo e se afastou da janela. Por que estava interessada nisso? Eram apenas pássaros. Não ia fazer bicos tirando fotos da natureza ou de pássaros.

Irritada consigo mesma, atravessou o estúdio para checar a agenda e a secretária eletrônica. Tinha um compromisso para essa tarde com uma cliente antiga da Votos, que agora estava grávida e queria tirar umas fotos da barriga. Isso, sim, pensou Mac, ia ser divertido. E ficou com o ego massageado por saber que a moça gostou tanto das fotos do casamento que queria que ela continuasse sendo sua fotógrafa.

Tinha o restante da manhã para terminar algum trabalho já encomendado, comparecer a uma reunião na mansão e rever as fotos do casamento dessa cliente para ter algumas ideias para a sessão de gestante.

Decidiu que gastaria mais ou menos uma hora entre a preparação do estúdio e o trabalho no site, e aquele seria um bom dia.

Virou-se e apertou o play da secretária eletrônica do telefone de trabalho. Retornou as ligações que precisavam de resposta, parabenizou-se por ser uma boa moça e depois foi verificar a linha pessoal.

Havia três mensagens. Ela sentiu um arrepio.

– Que droga – disse entre os dentes, quando a voz de Carter a acertou como um soco no estômago.

– Ah, oi. É o Carter. Queria saber se você não quer ir jantar ou talvez pegar um cineminha. Ou prefere teatro? Eu devia ter visto o que está em cartaz antes de ligar. Mas nem pensei nisso. Ou podemos só tomar um café de novo se quiser. Ou... não sou muito articulado com essas coisas. Também não sei deixar um recado decente. E o que isso importa? Se estiver interessada em alguma das sugestões que dei, sinta-se à vontade para me ligar, por favor. Obrigado. Hum. Tchau.

– Droga, Carter Maguire – falou para si mesma. – Por que você tem que ser tão absurdamente fofo? Não dava para ser irritante? Por que não estou irritada? Ai, Deus, vou retornar a ligação. Sei que vou. Estou mesmo encrencada.

Fez as contas e concluiu que era muito provável que desse a sorte de ele já ter saído para o trabalho. Preferia que a ligação caísse na secretária eletrônica.

Quando a máquina atendeu, ela relaxou. Ao contrário de Carter, Mac era bem articulada para deixar recados.

– Carter, é a Mac. Gostaria de sair para jantar, ou de ir ao cinema ou ao teatro. Não faço qualquer objeção ao café. Que tal na sexta, já que no dia seguinte não tem aula? Escolha o que vamos fazer e me avise. É com você agora.

Viu só, não precisa ser sério, fez questão de se lembrar. Posso definir o tom. Só vou me divertir um pouco com um cara bem legal.

Satisfeita, resolveu se permitir trabalhar de pijama a primeira hora do dia. Cumprindo a programação, vestiu-se e foi para a reunião na mansão, voltando com tempo de sobra antes da sessão de fotos.

A luz da secretária piscava, indicando que havia mensagem.

– É... aqui é o Carter de novo. Estou chateando você? Espero que não. Resolvi aproveitar o intervalo do almoço para verificar se tinha mensagens. Na verdade, queria ver se você tinha retornado a minha ligação. E tinha. Infelizmente tenho um jantar da faculdade na sexta. Eu convidaria você para ir, mas, se aceitasse, nunca mais iria querer sair comigo. Prefiro não arriscar. Se puder ser em qualquer outra noite, mesmo, ah... ah... num dia de semana, gostaria muito de sair com você. Se achar bom, podemos jantar e ir ao cinema. Acha exagerado? Provavelmente é um exagero. Não sei o que fazer. Gostaria de esclarecer que, embora isso possa parecer impossível, já chamei outras mulheres para sair antes. Bom, agora é com você.

Ela sorriu como tinha feito durante toda a mensagem.

– Ok, Carter, vamos ver o que acha disso. – Ela apertou o botão de rediscar e aguardou. – Oi, professor, adivinhe quem é? Agradeço por ter me poupado do jantar da faculdade. Você ganhou pontos por ter mostrado bom senso e cavalheirismo ao mesmo tempo. Que tal sábado à noite? Por que não começamos com o jantar e vemos no que vai dar? Pode vir me buscar às sete. E, é claro, agora vai ter que ligar de novo para confirmar.

De muito bom humor, Mac pôs uma música e foi para o computador. Revia as fotos do casamento da cliente que estava para chegar e cantava. Algumas possibilidades e certos ângulos lhe vieram à cabeça, então fez anotações. Consultou seus arquivos para saber que equipamentos, tipo de iluminação e técnicas havia usado nas fotos do casal.

Como a cliente tinha um tom de pele azeitonado, cabelo escuro e olhos exóticos, de um castanho bem fechado, Mac escolheu um cenário marfim. Lembrava-se de que ela era um pouco tímida e recatada, por isso deixaria aquela sua ideia para depois, assim que a futura

mamãe se soltasse um pouco.

Mas podia se preparar. Pegou o telefone, ligou para o ramal de Emma e abriu uma porta que dava para uma espécie de quarto de guardados.

– Oi, estou precisando de uma bolsa com pétalas de rosa vermelhas. Minha cliente vai chegar daqui a pouco, senão eu ia aí roubá-las. Você tem como me trazer? Também preciso de duas rosas vermelhas com cabo comprido. Essas podem ser de seda. Obrigada. Tchau.

Empolgada, foi dar uma olhada na caixa cor-de-rosa cintilante que usava para guardar a maquiagem profissional, depois trocou o CD por um de música new age, que achou mais apropriada para aquela sessão. Estava ajustando a luz de fundo quando Emma entrou.

– Você não disse que tom de vermelho queria. Sabe que isso é importante.

– Para o que preciso, não é muito. E sempre posso mudar o tom depois no Photoshop. Além disso... – Foi pegar as que Emma tinha levado. – Estão perfeitas.

– As pétalas de rosa são de verdade, então...

– Vou incluí-las nos custos. Olhe, como já veio até aqui, não poderia me servir de modelo? Você tem quase o mesmo tom de pele da cliente e é quase da mesma altura. Tome. – Devolveu as rosas para Emma. – Vá até ali, fique num ângulo de três quartos, voltada para a janela, e com a cabeça virada para a câmera.

– Para que é isso?

– Uma sessão de gestante.

– Ah, a Rosa. – Emma assumiu o posto de modelo. – Laurel fez o bolo para o chá de bebê semana passada. Você não acha o máximo as clientes continuarem conosco? Assim podemos acompanhar os momentos importantes da vida delas.

– Acho. A luz está boa, acho. Pelo menos para as fotos tradicionais.

– O que vai fazer com as pétalas?

– São para mais tarde, para a foto de verdade, depois que eu convencer Rosa a ficar praticamente nua.

– Rosa? – Emma revirou os olhos e deu uma gargalhada. – Boa sorte.

– Você a conhece, não é? Quer dizer, já a conhecia antes de ela nos procurar para fazer o casamento. Esse trabalho chegou a nós graças a você. Ela é sua prima em terceiro grau ou algo assim, certo?

– Ela é neta de um primo da esposa do tio da minha mãe. Acho que é isso. Mas é verdade, eu a conheço. Conheço todo mundo e todo mundo me conhece.

Podia ser um golpe de sorte, pensou Mac.

– Você não poderia ficar por aqui mais um pouco? Talvez assim ela se sinta mais à vontade.

– Posso ficar um pouquinho – disse Emma depois de dar uma olhada no relógio –, principalmente porque estou doida para ver como você vai tentar fazer Rosa tirar a roupa.

– Não diga nada sobre isso – pediu Mac depressa quando ouviu baterem à porta. – Tenho que conduzi-la a aceitar a ideia.

O primeiro pensamento de Mac ao abrir a porta foi: *Uau! Veja que barriga redondinha!* E, enquanto recebia Rosa no estúdio, a sua mente disparou em várias direções, pensando em como explorar aquelas formas, mostrá-las, intensificá-las.

E ter Emma ali era uma vantagem: ninguém conseguia deixar as pessoas mais à vontade do que ela.

– Ah, Rosa, olhe só para você! – De braços erguidos, Emma era só simpatia e hospitalidade. – Está linda!

Com um sorriso, Rosa balançou a cabeça enquanto Mac pegava o seu casaco.

– Estou enorme.

– Lindamente. Ah, aposto que mal consegue esperar. Venha sentar aqui um minuto. Já escolheu os nomes?

– A gente acha que escolheu e depois muda de ideia. – Com um breve suspiro, Rosa apoiou a mão no topo daquela montanha que era a sua barriga e se sentou. – Hoje é Catherine Grace ou Lucas Anthony.

– Maravilhoso.

– Vocês não sabem o sexo? – perguntou Mac.

– Decidimos não saber.

– Também adoro surpresas. E ter Mac fotografando você agora é empolgante.

– Minha irmã me convenceu a fazer isso. Acho que, no futuro, vou gostar de olhar para trás e me ver como se tivesse engolido uma melancia.

– Você está linda – disse Mac. – Vou lhe provar isso. Não gostaria de ficar de pé aqui para fazermos umas fotos de teste? Quer alguma coisa antes? Uma água? Ou chá?

Rosa tirou uma garrafa d'água da bolsa.

– Estou bebendo água como um camelo e fazendo xixi como um elefante.

– Quando precisar, o banheiro é ali à direita. E, sempre que quiser fazer uma pausa, é só dizer.

– Combinado. – Rosa se levantou com esforço da cadeira. – O meu cabelo está arrumado? E a roupa? E todo o resto?

Ela prendera o cabelo num rabo de cavalo bem apertado. Mac ia ter que consertar isso. Escolheu uma calça preta e um suéter azul vibrante que envolvia toda a montanha. Teriam que começar por ali, pensou Mac.

– Você está bem. São só uns testes. Está vendo a fita ali no chão? Fique de pé no xis.

– Não consigo nem ver o meu pé. – Mas Rosa foi até a marca e ficou lá paradinha enquanto Mac verificava o fotômetro.

– Vire para o lado, com a cabeça voltada para mim. Erga o queixo um pouco. Não, foi muito, só um pouquinho. Agora ponha as mãos no bebê. – Mac deu uma olhada para Emma.

Entendendo o sinal, Emma se levantou e se postou atrás de Mac.

– Já escolheu onde vai ter o bebê?

Emma ficou conversando com Rosa, a fez rir, e Mac tirou a primeira foto instantânea. Abanou-a um pouco para acelerar a revelação e depois foi até Rosa.

– Olhe só. Você está linda.

Rosa pegou a foto e observou.

– Posso estar enorme, mas com certeza pareço muito feliz. Está bem bonita, Mac.

– Podemos fazer ainda melhor. Vamos tentar outras na mesma posição.

Ela está mais à vontade agora, notou Mac, vendo Rosa conversar com Emma. Deu mais algumas instruções. Incline a cabeça para a direita, mexa os ombros. Até que resolveu dar uma das rosas de cabo longo trazidas por Emma para Rosa segurar, usando-a como adereço.

Tirou várias fotos que considerou muito bonitas; eram belas imagens convencionais de uma grávida.

– Vamos tentar outra coisa. Um ângulo diferente, outra blusa.

– Puxa, não trouxe outra.

– Tenho algumas aqui.

Rosa deu uns tapinhas leves no barrigão.

– É impossível que você tenha algo que sirva em mim.

– Não precisa servir. Confie em mim. – Mac tirou do quarto de guardados uma camisa masculina branca. – Vamos deixá-la desabotoada.

– Mas...

– As linhas retas da camisa vão realçar a curva arredondada da sua barriga. Confie em mim. E, se você não gostar, não tem problema.

– Ai, vai ser divertido – exclamou Emma entusiasmada. – Barrigas de grávidas são lindas!

– Estou com 38 semanas. Minha barriga parece o monte Everest.

– É uma forma belíssima – disse Mac. – E você tem uma pele ótima. O tom, a textura.

– Estamos só entre mulheres aqui – acrescentou Emma, fazendo questão de lembrar. – Eu adoraria ver como vai ficar. A iluminação está tão boa, valorizando tanto você...

– É, talvez. Mas acho que só vou ficar parecendo gorda. – Relutantemente, Rosa tirou o suéter.

– Quero uma dessa! – exclamou Emma, encostando de leve a mão na barriga de Rosa. – Desculpe. Mas é que é tão... fascinante. É algo nosso, sabe? Somos as únicas que podemos fazer isso.

– Celebremos o feminino. – Mac vestiu a camisa em Rosa, ajeitou a parte da frente e dobrou as mangas. – Vamos soltar o seu cabelo, para aumentar o contraste e também porque é mais feminino. Vamos passar mais um pouco de brilho nos lábios, ok? Para que eles fiquem mais destacados.

Mac percebeu que Rosa tinha corado, mas tudo bem. Podia explorar isso.

– Precisamos de um ângulo de três quartos, com os ombros mais para a frente. Ótimo!

Talvez fique bom se você abraçar a barriga por baixo. Está lindo. Só preciso ajustar a iluminação.

– Tem certeza de que não estou parecendo uma idiota? Desleixada? Estou me sentindo uma vaca que esqueceram de ordenhar.

– Rosa – disse Emma, suspirando. – Você está sexy.

Mac capturou a surpresa, o prazer e até o orgulho.

– Dê um grande sorriso, ok? Virada para mim. Quero dizer, caramba, olhe só o que você fez! Está ótimo. Você está bem? Precisa de um descanso?

– Não, estou bem. Só me sinto um pouco boba.

– Não está nada boba, confie em mim. Emma, ajeite a manga direita um pouquinho. Pronto, assim está perfeito – disse ela logo após Emma ter se aproximado para ajudar. – Agora, Rosa, vire um pouco mais na minha direção. Só um pouquinho. Aí. E ponha as mãos dos lados da barriga. Ótimo.

Mac via tudo se revelando ao tirar as fotos. Via o momento, a mágica. Estava quase, pensou.

– Quero que incline a cabeça para baixo, mas erga os olhos, só os olhos voltados para mim. Veja o segredo que você carrega, o poder. Pense, só por um minuto, como esse segredo se instalou aí. Isso! Rosa, você é *fabulosa*!

– Queria ter vestido um sutiã mais bonito.

Aproveitando a deixa, Mac baixou a câmera e disse:

– Então tire esse.

– Mackensie! – exclamou Rosa, dando uma gargalhada meio horrorizada.

– Vamos tentar um estudo de figura. Você vai amar. – Mac falou rápido e apontou para uma cadeira. – Sente um pouco e relaxe. Preciso mudar o cenário.

– O que ela quer dizer com estudo de figura? Nu?

– Acho que vamos descobrir logo. – Emma deu o braço para Rosa. – Venha, sente-se aqui. É melhor vermos o que ela está tramando. Mac! – chamou Emma ao ouvir o telefone tocar. – Quer que eu atenda?

– *Não*! – Mac veio correndo, trazendo um banco baixo. – Pode ser o... Quero continuar o nosso jogo.

Ela pôs o banco na marca e começou a cobri-lo com um lençol marfim enquanto a voz de Carter falava na secretária:

– Imagino que você consiga adivinhar quem é. Sábado, começamos com um jantar e depois, bem... humm. Sete horas. Está combinado. Ótimo. Ah, não sei exatamente o que você gosta de comer... ou o que odeia. Você teria dito se fosse vegetariana, não teria? Imagino que sim. E estou mais uma vez pensando demais. Então, acho que agora o nosso jogo de gato e rato terminou. Vejo você no sábado. A menos que precise me ligar para... Ok, vou calar a boca. Tchau.

– Ele parece bem fofo – observou Rosa, virando-se para Mac, que arrumava as dobras do lençol.

– Ele é mesmo.

– É um primeiro encontro?

– Tecnicamente, o segundo. Ou talvez, de forma não oficial, o terceiro. É um pouco confuso. Rosa, tem outro lençol no banheiro. Quero que vá lá e tire a roupa. Pode se enrolar no lençol se ficar com vergonha. Mas, pelo que eu soube, o trabalho de parto e o nascimento são avessos a qualquer tipo de pudor. Então, isso vai ser moleza.

– Não posso fazer um nu, Mac. Não é só... O que vou *fazer* com a foto?

– Pode decidir depois que eu tiver terminado, mas prometo que não vai ser nada apelativo ou que deixe você com vergonha. É apenas outro estágio do mesmo tema. Tem a ver com o que você é, Rosa, com o que tem dentro de você.

– Só não sei se consigo...

– Tem a ver com a jornada que está realizando e o conhecimento que ela encerra. É a vida, a luz que há em você. E o amor.

– Ah. – Rosa ficou com os olhos cheios de lágrimas e cruzou as mãos sobre a barriga. – Acho que posso ao menos tentar. Você apaga as fotos se eu não ficar confortável com elas?

– É claro.

– Bom, está certo então. Tenho que ir fazer xixi mesmo.

– Leve o tempo que precisar.

Emma esperou até Rosa entrar no banheiro e fechar a porta.

– Você é boa, Mackensie. Você é muito boa!

– Sou mesmo.

– E tem um encontro sábado à noite.

– Parece que sim. Acha que estou doida, Emma, por estar embarcando numa situação como essa?

– Você já embarcou, querida. E eu diria que você é louca se não percebe aonde isso vai dar. Queria ficar aqui e ver o resto da sessão, mas tenho que ir embora.

– Depois mostro as provas.

– Você não é apenas boa, é confiante também. Rosa! Tenho que voltar ao trabalho. Nos vemos em breve.

A porta do banheiro abriu uma frestinha.

– Tem mesmo que ir? Queria que ficasse só mais um pouquinho.

– Também queria. Mas vou deixá-la em boas mãos. Se não nos virmos antes, que o seu bebê seja alegre, lindo, saudável e maravilhoso.

Ao sair, Emma pegou o casaco e sussurrou “boa sorte” para Mac.

Mac entrou na mansão um pouco depois das cinco horas. Queria comida de verdade, do tipo que a Sra. G. estocava no congelador. Levou o laptop para a cozinha, onde encontrou Parker sentada à bancada, encarando uma taça de vinho.

– Oi. Não acha cedo para estar sentada aí, tomando vinho?

– Acabei de terminar a reunião com Naomi e Brent. Acho que mereço.

– Conseguiu resolver as coisas?

– Claro que consegui, mas não foi fácil. Os noivos agora estão unidos pelo amor, pelo compromisso que têm um com o outro e pela determinação de terem o *seu* casamento. A sócia vadia foi cortada. O noivo vai ter uma conversa séria com o padrinho traidor, deixando claro que o casamento não tem a ver com ele nem com aquela mulher, mas que, se não puder ser padrinho porque a sócia foi excluída da lista de convidados, a escolha será dele. A noiva vai falar com a dama de honra, dando apoio e sendo compreensiva, mas será firme ao dizer de quem é o casamento e que, embora saiba que ela está morrendo de raiva do maldito traidor, ele continua sendo irmão do noivo. Além disso, como um incentivo, um cara gatíssimo será seu acompanhante, o que vai deixar o traidor com a maior cara de idiota, coisa que ele realmente é.

Parker parou um pouco e respirou.

– Eu mereço este vinho – repetiu.

– Quem vai ser o cara gatíssimo?

– Subornei o Jack – respondeu Parker, erguendo a taça e tomando um gole. – Isso vai me custar uma caixa de Pinot Noir, mas valerá a pena.

– Ele é gato mesmo – concordou Mac. – Um trabalho de mestre.

– Estou exausta. Como foi a sua sessão de fotos?

– Engraçado você ter me perguntado isso. Que tal eu mostrar em vez de contar? – Mac abriu o laptop e, enquanto ele ligava, foi dar uma espiada no congelador. – O que teremos para o jantar?

– Não sei. Ainda são cinco da tarde.

– Estou faminta. Acabei não almoçando. Torta de frango. Humm, torta de frango. – Tirou a travessa do congelador. – É isso que vamos comer.

– Tudo bem. Mas antes quero tomar um banho quente bem demorado. Vou comer de pijama.

– Gostei da ideia. Por que não pensei nisso? Ok, veja as fotos.

Mexendo no computador, Mac mostrou as fotos da primeira parte da sessão.

– Nossa, ela já está enorme! – Parker riu, recostando-se. – E parece meio sem estabilidade, mas muito feliz. Que fofo. Está lindo, Mac.

– É, ficou bom. – Passou para a segunda parte.

– Uau, estas estão ótimas. Está sexy, feminina, poderosa, divertida. Adorei. Gostei particularmente desta aqui, em que ela está com a cabeça abaixada e os olhos voltados para a

câmera. Ficou parecendo uma feiticeira. A iluminação deu esse tom.

– Vou trabalhar nela para realçar ainda mais. Fizemos mais uma série, com outro cenário.

Mais uma vez, Mac mexeu no cursor até chegar às outras fotos.

Parker se ajeitou na cadeira.

– Meu Deus, Mac, estas estão incríveis. Estão... Ela está parecendo uma deusa romana.

Parker examinava cada foto à medida que elas apareciam na tela. O lençol branco preso na cintura, sob a barriga dilatada, esparramando-se como um rio salpicado de pétalas de rosa de um vermelho profundo. A mulher com o cabelo solto caindo nos ombros, um braço cruzado sobre os seios, repousando a mão no topo da barriga.

E os olhos voltados direto para a câmera.

– Adorei as curvas, dobras e linhas. E esse jeito de a luz projetar os olhos dela? Já mostrou alguma a ela?

– Todas. Ela estava tão nervosa que tive que mostrar todas para que tivesse certeza de que eu apagaria as de que não gostasse.

– O que ela achou?

– Começou a chorar. De felicidade. Devem ser os hormônios. As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto e fiquei assustadíssima. Aí ela disse a melhor coisa. – Mac fez uma pausa, deixando a lembrança brilhar dentro dela. – Ela disse que nunca mais pensaria que estava gorda e desajeitada, porque viu que estava magnífica.

– Ah!

– Eu sei. Também fiquei com os olhos cheios de lágrimas. Ela queria que eu revelasse na mesma hora. Tive que convencê-la a esperar que eu retocasse as fotos, não queria que ela escolhesse estando tão emocionada.

– É recompensador ver que proporcionamos uma felicidade tão grande a alguém com o nosso trabalho, não é? Estamos aqui, cansadas e morrendo de fome, mas fizemos um trabalho excepcional hoje.

– Nesse caso, que tal me emprestar um pijama?

– Por que você não põe isso em forno baixo e vamos lá em cima nos trocar?

– Combinado. Estou me sentindo num filme romântico daqueles bem água com açúcar. Não está se sentindo assim? Que tal jantar e ver um filminho?

– Parece uma ideia perfeita.

– Falando em jantar e em filme, é o que finalmente vou fazer no sábado à noite com Carter Maguire.

– Eu sabia! – exclamou Parker, agitando um dedo no ar.

– Vou bem devagar com isso. Em algum momento deve haver sexo, mas quero que seja tudo bem devagar.

– Estabelecer limites para o relacionamento antes de cair de cabeça nele é o mais sensato mesmo.

– Acho que senti uma pontinha de sarcasmo aí. – Mac fechou a porta do forno, virou-se e disse: – O que aconteceu ontem foi uma anomalia, um simples ataque de pânico produzido pela falta de interesse dos meus últimos encontros.

– Você tem razão. – Parker se levantou e passou o braço por cima dos ombros da amiga enquanto saíam da cozinha. – Encontros interessantes andam bem escassos por aqui, a não ser para Emma.

– Você nem consegue arranjar tempo para isso.

– Eu sei. É um problema sem solução. Que tipo de filme quer ver? Daqueles que a gente acaba chorando ou felizes para sempre?

– Vamos de felizes para sempre, combina mais com torta de frango.

– Boa escolha. Por que não vemos se as meninas não querem se juntar a nós?

Começaram a subir para o terceiro andar.

– Parks, o que acha que vai fazer quando estiver velhinha e não conseguir mais subir essa escada?

– Acho que vou instalar um elevador. Não desisto disso aqui. Nunca.

– Da casa ou da empresa?

– Dos dois.

Antes de chegarem ao último lance, o celular de Parker começou a tocar na sua cintura.

– Droga. Pode ir subindo – disse Parker. – Pegue os pijamas. Vou resolver isso e já encontro você. – Ela abriu o celular depois de verificar quem estava ligando. – Oi, Shannon! Está preparada para a semana que vem? – Rindo, Parker foi em direção ao escritório. – Eu sei. São mil coisas. Não se preocupe. Estamos com tudo em ordem.

Noivas, pensou Mac subindo o último lance da escada. A maioria era tão preocupada com os detalhes... Se ela um dia pensasse em se casar, o que era muitíssimo improvável, ia se preocupar mais com o todo.

E deixaria os detalhes por conta de Parker.

Ao entrar no quarto da amiga, viu o edredom palha cobrindo a luxuosa cama com dossel e umas flores frescas e alegres num vaso. Não havia ali roupas jogadas, nem sapatos espalhados pelos cantos.

Nada de poeira nem de desorganização, pensou Mac ao abrir a gaveta da cômoda, onde encontrou – como esperava – quatro pijamas bem dobradinhos.

– Também sou organizada – murmurou Mac. – Só não sou tão obsessiva com relação a isso.

Levou um dos pijamas para o quarto de hóspedes e o jogou na cama. Um banho quente demorado lhe pareceu uma ideia boa demais para deixar passar. Abriu a água para encher a banheira e despejou nela alguns sais de banho. Entrou na água perfumada pensando em opções de filmes de mulherzinha com final feliz.

Filmes, pensou – especialmente os românticos –, *deviam* ter final feliz. Porque a vida, com muita frequência, não tinha. O amor se dissipava ou se transformava em ódio. Ou ia parar

em algum lugar entre essas duas coisas, numa espécie de indiferença dolorosa.

Podia também se quebrar como um galho seco por causa de um simples passo em falso. Então seria preciso passar uma semana num spa, pensou Mac com amargura, às custas de outra pessoa.

Sabia como Parker se sentia a respeito da casa e do trabalho. Mas, para Mac, nada era para sempre.

Só a amizade, se você tiver sorte – e nesse quesito era a maior sortuda do mundo.

Mas em relação a casa e relacionamento amoroso, a coisa era bem diferente. Não estava em busca de algo para sempre nesses quesitos. O agora já estava bem pleno.

Um encontro sábado à noite. Um cara que tinha despertado o seu interesse e a atraiu a ponto de ela querer sair com ele. É, isso já bastava. Uma semana até sábado... E vamos ver.

Era para esse tipo de coisa que serviam as fotos – tudo muda, então é possível preservar ali o que existiu. Antes que o amanhã leve isso embora.

Mac estava afundada até o queixo na banheira quando Laurel apareceu.

– O que está fazendo? Não tem água quente na sua casa?

– Não, estou aproveitando o momento, e depois comerei uma torta de frango vendo um filminho água com açúcar. Não quer se juntar a mim? Não estou me referindo à banheira.

– Talvez. Acabei de redesenhar, pela quinta vez, o bolo de casamento de Holly e Deburke. Vou gostar de uma torta de frango.

– Está esquentando lá no forno. Vamos avisar Emma.

– Pode deixar que eu aviso. Fique aí aproveitando o momento.

Mac fechou os olhos e suspirou. É, amizade. Essa era a única coisa com que se podia contar sempre.



De manhã, ainda com o pijama de Parker, Mac se dirigiu para o estúdio. Acordou assim que amanheceu, enroscada no sofá da sala, coberta com uma manta de caxemira.

Aqueles dois pedaços da torta de frango da Sra. G. fizeram o seu estômago revirar ao pensar em comer alguma coisa no café da manhã. Já café puro...

Ainda assim, antes de preparar a sua dose matinal, foi conferir, como quem não quer nada, se tinha algum recado na secretária eletrônica.

Não tinha.

A decepção momentânea fez com que se sentisse boba. Não tinha ficado sentada esperando que ele ligasse de novo. Aproveitara a noite. Além disso, era a sua vez de ligar, se quisesse prolongar um pouco mais aquele jogo.

E estava sendo estúpida.

Não ia ficar pensando em Carter Maguire e nos seus óculos sexy ou no seu paletó de tweed e nos seus incríveis lábios. Tinha que passar um café, havia trabalho a fazer, tinha uma vida

para tocar.



– Um encontro sábado à noite? É, isso é sério.

Carter ficou se perguntando por que abrira a boca. O que o fizera pensar que mencionar isso seria como lançar um tema simples no bate-papo casual da hora do cafezinho na sala dos professores antes de as aulas começarem?

– Bom, tenho que rever o teste que vou...

– É sério – repetiu Bob, batendo o dedo na bancada do café para enfatizar o que dizia. – Você precisa levar flores para ela. Mas nada de rosas. São muito importantes, muito simbólicas. Leve flores mais casuais, ou várias misturadas num arranjo.

– Não sei. Talvez.

Agora tinha mais uma coisa com que se preocupar.

– Nada muito grande ou vistoso. Ela vai querer pôr as flores num vaso, e isso vai lhe dar tempo de entrar, conversar, quebrar o gelo. Então, não se esqueça de contar com isso. Para que horas fez a reserva?

– Não fiz ainda.

– Você precisa ver isso logo. – Com um ar sábio, Bob tomou um gole do seu café com leite desnatado. – Aonde pretende levá-la?

– Ainda não tenho certeza.

– Precisa ser num lugar um pouco mais refinado. Nada muito caro, mas também não pode ser muito barato. Um lugar com bom ambiente, que não seja muito fechado. Bem localizado.

– Bob, você vai acabar me arranjando uma úlcera.

– Isso tudo é só para servir de munição, Cart. Só para você ficar preparado. Tem que pedir uma boa garrafa de vinho. Ah, e depois do jantar, se ela disser que não quer sobremesa, sugira que dividam uma. Mulher *adora* isso. É sexy dividir sobremesa. E não fique falando do seu trabalho durante o jantar. Isso é morte certa. Deixe que ela fale do dela e das coisas que ela gosta de fazer. Depois...

– Acha que devo anotar tudo isso?

– Não seria má ideia. Se o jantar terminar por volta de umas dez horas, pense em outro lugar para irem. Um lugar que tenha música é melhor. Se acabar mais cedo, proponha um filme. Isso se ela não der nenhum sinal de que quer que vocês voltem para a casa dela. Nesse caso...

– Isso não vai acontecer, Bob. Simplesmente não vai. – Quando o sinal tocou, Carter pensou: "Literalmente salvo pelo gongo!" E acrescentou: – Tenho que dar aula agora.

– Conversamos mais depois. Vou tentar escrever algumas dessas sugestões para você.

– Ótimo! – Carter conseguiu escapar, juntando-se ao bando de alunos e professores que passavam no corredor.

Pensou que talvez não conseguisse sobreviver até sábado. Não sem enlouquecer.

capítulo sete

Carter comprou flores. ficou meio aborrecido, porque já tinha pensado em fazer isso antes. Mas todas aquelas instruções de Bob transformaram um gesto simples numa ação complexa e simbólica, tão repleta de dificuldades que a princípio resolveu ignorar essa etapa.

Uma das melhores amigas dela era florista, não era? Mackensie podia cobrir seu estúdio com um tapete de flores, se quisesse.

Depois ficou preocupado, pensando que, se não levasse as malditas flores, estaria contrariando uma regra não redigida, mas universalmente conhecida, dos encontros amorosos. Por fim, acabou voltando atrás – tinha saído com bastante antecedência para não se atrasar mesmo que pegasse um engarrafamento por causa de um acidente envolvendo cinco carros, com muitos feridos.

Foi correndo ao supermercado e ficou examinando as flores expostas, questionando-se a respeito delas até sentir o suor escorrer pela testa.

Bob, com certeza, teria algo desabonador a dizer sobre flores de supermercado. Mas estava tarde demais para ir a uma floricultura e dificilmente poderia recorrer a Emma, implorando sua misericórdia.

Desejou ter deixado as coisas apenas naquele café, quando tiveram uma conversa agradável e passaram um delicioso tempo juntos. Você segue a sua vida, eu sigo a minha, e pronto. Era tudo complicado demais, intenso demais. Só que agora não podia simplesmente ligar e dar uma desculpa qualquer, mesmo que conseguisse convencê-la com uma boa mentira, o que, aliás, seria pouco provável.

As pessoas marcam encontros o tempo todo, não marcam? E não morrem por causa disso. Carter pegou um arranjo que lhe pareceu colorido e casual e foi para o caixa.

As flores são coloridas, pensou com uma ponta de ressentimento. Tinham um cheiro bom. Era um buquê misto, com algumas gérberas grandes, que lhe pareceram amistosas. Sem nenhuma rosa ameaçadora, o que, de acordo com a Lei de Bob, seria como um pedido de casamento com direito a filhos.

Aquelas flores deviam ser seguras.

Talvez seguras demais.

A caixa de olhos bondosos deu um sorriso.

– São lindas! Vai fazer uma surpresa para a sua esposa?

– Não. Não sou casado.

– Ah, para a namorada, então?

– Não exatamente. – Carter procurou a carteira todo desajeitado enquanto ela registrava as flores. – É só uma... Você acha que essas flores são apropriadas para um encontro? Quero

dizer, para dar a uma mulher que convidei para jantar?

– Claro que são. Quase todo mundo gosta de flores, não é? Especialmente nós, mulheres. Ela vai achar que você é doce e muito atencioso.

– Mas não são muito...

Pare antes que seja tarde, disse a si mesmo.

Ela pegou o dinheiro e lhe deu o troco.

– Aqui estão as suas flores. – E pôs o buquê numa sacolinha plástica. – Espero que tenha uma ótima noite.

– Obrigado.

Mais relaxado, Carter voltou para o carro. Se não se pode confiar na caixa do supermercado, em quem se vai confiar?

Deu uma olhada no relógio; mesmo considerando aquele acidente grave, ainda chegaria a tempo. Embora se sentisse um completo idiota por isso, tirou do bolso a lista que o prestativo Bob tinha imprimido para ele e cuidadosamente riscou o item "Comprar flores (mas nada de rosas)".

Em seguida, havia várias sugestões de cumprimentos e frases para iniciar uma conversa, como "você está linda", "bonito vestido" e "vi essas flores e pensei em você".

Carter enfiou a lista de volta no bolso antes que uma daquelas sugestões ficasse gravada em sua mente. Mas não antes de ler o tópico sobre a estação de rádio. Bob decretava que ele sintonizasse numa estação de música clássica ou que tocasse um jazz tranquilo, e deixasse o volume baixo.

Vou acabar matando o Bob, pensou.

Dirigia obcecado com a ideia da música ambiente, até que desligou o rádio bruscamente. Que inferno! Virou para entrar na longa e sinuosa subida que levava à propriedade.

– E se ela não estiver de vestido? – murmurou.

Parecia que seus esforços para não assimilar a lista de Bob tinham sido em vão. Infelizmente, essa pergunta veio acompanhada da imagem de Mac de calça preta e sutiã branco, expulsando Bob de uma vez por todas de seus pensamentos. – Não era bem nisso que eu estava pensando. Caramba. Só achei que talvez ela pudesse estar usando alguma *outra* coisa que não um vestido. O que eu digo nesse caso? Bela calça? Roupa, é claro, roupa. Bonita roupa. Isso se chama roupa, sabia? Meu Deus, cale a boca.

Contornou a mansão e seguiu pela estradinha estreita até a casa de Mac.

As luzes estavam acesas nos dois andares, e a casa toda brilhava. Pelas grandes janelas do primeiro andar, Carter pôde ver o estúdio, uma luminária de pé e uma cortina azul-escura presa com grandes argolas prateadas. Diante da cortina havia uma pequena mesa e duas cadeiras. Taças de vinho reluziam sobre a mesa.

Aquilo significava que ela queria tomar um drinque antes de sair? Não tinha contado com isso. Será que devia remarcar a reserva para mais tarde? Saiu do carro e foi em direção à casa,

mas teve que voltar para buscar as flores que esquecera no banco do carona.

Queria que essa noite já tivesse terminado. De verdade. Sentindo um embrulho no estômago, teve que fazer um esforço para bater à porta. Queria que já fosse amanhã, uma tranquila manhã de domingo. Tinha trabalhos para corrigir, podia ler e dar um passeio. De volta a sua confortável rotina.

Então, Mac abriu a porta.

Ele nem reparou na roupa que ela estava usando. Tudo o que viu foi seu rosto. Sempre seu rosto – a pele clara e suave, emoldurada pelo cabelo espesso e sedoso. Aqueles encantadores olhos verdes e o charme inesperado das covinhas.

Percebeu que não queria mais que a noite tivesse terminado. Só queria que começasse.

– Oi, Carter.

– Oi, Mackensie. – Não se lembrou de nenhuma das sugestões da lista de Bob. Entregou-lhe as flores. – São para você.

– Eu esperava que fossem. Entre. – Ela fechou a porta. – São lindas. Adoro gérberas. São tão alegres... Vou colocá-las na água. Quer beber alguma coisa?

– Ah... – Ele olhou para a mesa. – Você tinha planejado algo?

– Isso aqui? Não, é só um cenário para uma sessão de fotos que fiz hoje de tarde. – Ela foi até a cozinha e fez um gesto indicando-lhe que a acompanhasse. – Fotos de noivado. Os dois adoram vinho. Ela escreve para uma revista especializada em enologia e ele é crítico gastronômico. Por isso tive a ideia de montar uma espécie de bistrô para a sessão. – Enquanto falava, Mac pegou um vaso e começou a desembrulhar as flores.

– É muito legal isso que você faz de adaptar as fotos aos clientes. Sherry adorou as que você tirou para ela.

– As dela foram fáceis. Um casal apaixonado aninhado no sofá.

– Só foram fáceis porque você teve a sensibilidade de saber que Sherry e Nick não se sentariam num bistrô sofisticado para tomar vinho, nem no chão, cercados de livros, ao lado de um enorme gato gordo.

– O noivado de Mason e Collari. Foi publicado hoje, não foi? Você sempre lê a seção de casamentos e noivados do jornal?

– Desde que reencontrei você, sim.

– Você é um doce, sabia?

Como nunca ninguém tinha usado aquele adjetivo para defini-lo, Carter não soube o que dizer.

Mac pôs o vaso no centro da bancada da cozinha.

– Elas vão me animar de manhã, antes mesmo do café.

– A caixa do mercado disse que você ia gostar. Tive uma pequena crise, mas ela me ajudou a superá-la.

O tom divertido daquela declaração fez as covinhas aparecerem no rosto de Mac.

– Sempre se pode contar com as caixas de mercado.

– Foi exatamente o que pensei.

Ela saiu da cozinha e foi buscar o casaco que havia deixado dobrado no braço do sofá.

– Estou pronta, se você também estiver.

– Estou, claro.

Ele foi até Mac e pegou o casaco. Ajudou-a a vesti-lo. Ela olhou para trás.

– Toda vez que você faz isso fico com pena de não estar com o cabelo mais comprido. Se estivesse, você precisaria tirá-lo de dentro da gola.

– Gosto do seu cabelo curto. Assim dá para ver seu pescoço, que é lindo.

Mac se virou e o fitou.

– Vamos sair para jantar.

– Vamos. Fiz reserva para as sete e meia no...

– Não. O que eu quis dizer foi que combinamos de sair para jantar, então o que vou fazer não deve ser interpretado como um convite para ficar aqui. Mas acho que tenho mesmo que resolver logo isso para que eu possa aproveitar o jantar.

Ficou na ponta dos pés e enlaçou o pescoço dele. Então encostou os lábios nos de Carter, bem de leve, como um convite. Ele sentiu uma onda de prazer percorrer o seu corpo. E teve que lutar contra o impulso de agarrá-la como havia feito antes, de aplacar, pelo menos em parte, aquele desejo reprimido. Acariciou o corpo de Mac, infelizmente coberto pelo casaco, até aquela onda de prazer ficar mais controlada.

Ela recuou. A bela pele de porcelana do rosto dela estava corada.

– Você tem um talento inato para isso, professor.

– Passei muito tempo pensando em beijar você. Recentemente, revisitei essa ideia. Deve ser por isso.

– Ou é um talento natural. É melhor irmos ou vou acabar desistindo do jantar.

– Eu não estava esperando que você...

– Mas é possível.

Como ele pareceu de novo momentaneamente atordoado, ela o conduziu até a porta e a abriu.

Para Carter, era como se ela preenchesse todo o carro. Seu cheiro, sua voz, seu sorriso. A simples existência dela. Por mais estranho que fosse, ele ficou mais calmo.

– Você sempre dirige abaixo do limite de velocidade? – perguntou Mac.

– É irritante, não é? – Deu uma olhada para ela e, ao ver aqueles olhos sorridentes, retribuiu o sorriso. – Se eu ultrapasso o limite de velocidade um pouquinho que seja, já fico me sentindo um criminoso. Corrine costumava...

– Quem é Corrine? – perguntou ela quando ele se interrompeu.

– Só alguém que eu aborrecia com esse meu jeito de dirigir. E com todo o resto, ao que parece.

– Uma ex-namorada.

– Não foi nada, de verdade.

Por que não tinha ligado o rádio?

– Agora isso é um mistério e estou mais curiosa. Vou começar a contar sobre meus ex-namorados... para incentivar você. – Mac o fitou até ele sentir aqueles olhos verdes sorridentes mais uma vez. – Que tal o aspirante a astro de rock, que, segundo as lentes da minha paixão, parecia o Jon Bon Jovi? Na aparência, não no talento. O nome dele é Greg, mas gostava de ser chamado de Rock. É sério.

– Rock o quê?

– Ah, *só* Rock. Como Prince ou Madonna. Enfim, com 20 anos, ele me parecia incrivelmente sexy e bacana e, no meu delírio sexual, desperdicei muito tempo, talento e dinheiro tirando fotos dele e da banda, além de fotos para o CD que eles mesmos produziram. Eu dirigia para eles, fazia o papel de tiete e acompanhei as turnês por mais de dois meses. Até que o peguei beijando o baixista. Um cara chamado Dirk.

– Humm, que triste.

– Senti uma ponta de sarcasmo aí.

– Não se você ficou magoada com essa história.

– Fiquei *arrasada*. Por pelo menos cinco minutos. Depois fiquei furiosa por semanas. O desgraçado me usou de fachada. Mas fico feliz em saber que hoje ele é vendedor de eletrodomésticos em Stamford. E nem são grandes eletrodomésticos. Só liquidificadores e torradeiras.

– Gosto de uma boa torradeira.

Ela riu. Ele entrou no estacionamento.

– The Willows. Boa escolha, Carter. A comida daqui é sempre boa. Laurel trabalhou neste restaurante fazendo os doces antes de abrirmos a Votos e depois por um tempo ainda, antes de deslancharmos.

– Não sabia disso. Não venho aqui há meses, mas da última vez vim com...

– Corrine.

– Não. – Ele deu um sorrisinho. – Com um casal de amigos que me arrumou um encontro às cegas. Foi uma noite bem estranha, mas a comida, como você disse, é boa.

Saiu do carro e estava dando a volta para abrir a porta para Mac, mas ela saiu antes que ele pudesse fazer isso. Quando ela lhe deu a mão com a maior naturalidade, o coração de Carter disparou.

– Por que estranha?

– A voz dela era estridente como um violino desafinado. Sei que é uma observação indelicada, mas é muito precisa. Além do mais, ela tinha iniciado recentemente uma dieta de restrição de carboidrato, gordura e sal. Jantou só uma salada sem graça; comia uma folha, um raminho, uma lasca de cenoura por vez. Foi constrangedor.

– Eu como feito um cavalo.

– É difícil acreditar nisso.

– Você vai ver.

Assim que chegaram à porta do restaurante, ela se abriu. O homem que saía estava com o casaco aberto, não usava gorro, luvas nem cachecol. O vento despenteou aquele cabelo preto que emoldurava um rosto muito bonito. Ao olhar para Mac, seus lábios bem desenhados esboçaram um sorriso e os olhos se iluminaram.

– Oi, Macadâmia. – Ele a ergueu pelos cotovelos e lhe deu um selinho. – Com tantos bares em todas as... Carter? – Pôs Mac de volta no chão e estendeu a mão amistosamente. – Como vai?

– Estou bem, Del. E você?

– Ótimo. Há quanto tempo... O que vocês dois estão fazendo aqui?

– Disseram que aqui tinha comida, então pensamos em jantar.

Del fez uma careta para Mac.

– É um bom plano. Então vão jantar. Os dois. Não sabia que estavam juntos.

– Não estamos – disseram ao mesmo tempo.

Carter pigarreou.

– Vamos jantar.

– É, já percebi. Acabo de sair de uma rápida reunião de negócios e vou me encontrar com uns amigos do outro lado da cidade. Não fosse por isso, entraria para tomar um drinque com vocês e aproveitaria para fazer um interrogatório. Mas tenho que ir. Até mais.

Mac ficou olhando Delaney Brown correr para o estacionamento.

– Quem era aquele cara? – indagou, fazendo Carter rir.

Quando entrou, Mac ficou se perguntando se Carter teria reservado uma mesa num canto mais privado ou se aquilo fora sorte. Isso acrescentava uma pitada de intimidade em contraste com o ar sofisticado, embora casual, do restaurante. Ela recusou a oferta de um coquetel, já que preferia tomar vinho no jantar. Então, ignorando o cardápio, dirigiu-se a Carter.

– E aí, o que aconteceu com a comedora de salada com voz de violino? Não foi adiante?

– Acho que nenhum dos dois se interessou pelo outro.

– Você vai a muitos encontros às cegas?

– Esse foi o primeiro e último. E você?

– Nunca. É muito assustador. Além disso, nós quatro fizemos um pacto, anos atrás, de jamais tentar arranjar parceiros umas para as outras. Funciona que é uma maravilha. O que acha de dividirmos uma garrafa de vinho, Dr. Maguire?

Ele passou a carta para ela.

– Pode escolher.

– Que coragem! – disse, abrindo a carta. – Não sou conhecedora de vinhos, só tiro fotos

deles, mas aqui tem o Shiraz de que eu gosto.

Enquanto ela falava, o garçom se aproximou da mesa com uma garrafa de Shiraz.

– Que serviço excelente – comentou Mac.

– Sr. Maguire? O Sr. Brown ligou pedindo que lhes servisse este vinho, com os seus cumprimentos. Ou qualquer outro que prefiram.

– Esses irmãos Brown... – Mac balançou a cabeça. – Nunca erram. Adoraria uma taça, obrigada. Pode ser? – perguntou a Carter.

– Claro. Foi incrivelmente gentil da parte dele.

Foi mesmo, pensou Mac, como se ele estivesse lhe dando uma piscadela sutil. Na primeira oportunidade, Del iria lhe encher a paciência.

Ela não comeu feito um cavalo, na opinião de Carter, mas também não ficou noventa minutos beliscando uma saladinha. Gostou de vê-la gesticular com a taça ou o garfo na mão enquanto falava. E também de vê-la pegar um pedacinho do peixe do seu prato para experimentar, sem pedir.

Ele não se importava e o fato de ela não ter pedido foi... íntimo.

– Tome, prove o bife – disse ela, cortando um pedaço.

– Não, estou satisfeito.

– Você não come carne vermelha?

– Como.

– Então experimente. É como se estivéssemos comendo um prato ao estilo mar e montanha.

– Tudo bem. Quer um pouco desse arroz?

– Não. Nem consigo entender porque alguém quereria. Enfim, vamos voltar ao que estávamos falando. Você fez mesmo a sua turma de literatura inglesa ver *As patricinhas de Beverly Hills* para mostrar a atualidade do livro *Emma*, de Jane Austen?

– Foi para provar que a literatura, o ato de contar histórias, não é algo estagnado, que os temas, as dinâmicas e até os costumes sociais que aparecem em *Emma* podem ser trazidos para a contemporaneidade.

– Queria ter tido professores como você. Gostou do filme?

– Gostei. É inteligente.

– Adoro filmes. Ontem à noite fizemos uma sessão dupla, mas tive uma overdose de torta de frango e acabei dormindo no meio de *Letra e música*, com o Hugh Grant. – Ela mais uma vez gesticulou com a taça na mão. – Você viu *Razão e sensibilidade*?

– Vi. Achei que foi uma adaptação muito boa, que respeitou o original. Você leu o livro?

– Não. Eu sei que isso é horrível. Mas li *Orgulho e preconceito* e adorei. Quero ler de novo agora que tenho em mente a imagem de Colin Firth como o Mr. Darcy. Acho que vai ser ainda melhor. Que adaptação de livro para o cinema é a sua favorita?

– A minha favorita? *O sol é para todos*.

– Ah, Gregory Peck. Eu li o livro – acrescentou ela. – É ótimo, e o Gregory Peck de Atticus Finch... é o pai perfeito. Aquela cena bem no fim, com a... como é mesmo o nome dela?

– Scout.

– Isso. A cena em que ela está narrando e o vemos pela janela, sentado ao lado da cama do filho, é de matar. Tão lindo... Quando vi o filme, ainda criança, ficava imaginando que o Atticus era meu pai. Ou o Gregory Peck. Qualquer um dos dois servia. Ele estaria ali quando eu acordasse de manhã. Acho que nunca superei isso. É lamentável.

– Não acho. Não sei como é crescer sem um pai. Não vê o seu com muita frequência, não é?

– Quase nunca. Quando vejo, com alguns anos de intervalo, ele é extremamente encantador e muito carinhoso. Acabo me envolvendo e depois fico chateada, porque ele vai embora e passa a me ignorar imediatamente. É dessas pessoas que só vivem o momento. Se naquele instante você não está com ele, é como se não existisse.

– Isso magoa você.

– É, magoa. Cada vez mais. E esse é um assunto muito deprimente para um jantar tão legal. Diga outra. Outra adaptação de que gosta.

Carter teve vontade de afastar o cabelo dela e passar o braço por cima de seus ombros. Mas não era esse conforto que ela queria.

– *Conta comigo*.

Ela franziu as sobrancelhas, obviamente tentando se lembrar do filme.

– Não me lembro desse. Quem escreveu? Steinbeck? Fitzgerald? Yeats?

– Stephen King. É baseado no romance *O corpo*.

– Sério? Você lê King? Eu fico apavorada, mas não consigo resistir. Espere aí! Esse é o filme com os garotos que fazem uma trilha para procurar alguém, um cara morto, que talvez tivesse sido atropelado por um trem? Eu lembro. O Kiefer Sutherland faz o papel de um imbecil. Está ótimo!

– É uma história de amizade e lealdade. De crescer e manter as amizades.

– Tem razão – disse ela, olhando para ele. – É sobre isso mesmo. Aposto que você é um excelente professor.

– Às vezes.

Ela empurrou o prato para o lado e se recostou na cadeira com a taça na mão.

– O que você faz quando não está dando aula, lendo ou vendo filmes baseados em livros?

– Isso já é bastante coisa.

– Joga golfe, escala montanhas, tem coleção de selos?

Ele sorriu, negando com a cabeça.

– Não.

– É espião internacional, pinta aquarelas, caça patos?

– Tive que desistir da espionagem internacional porque estava cansado das viagens. Sou bem chato.

– Não é, não. E continuo esperando que seja.

– Ahn... Devo agradecer?

Ela chegou para a frente, cutucou o braço de Carter e voltou a se recostar.

– Muito bem, agora que se permitiu beber quase três quartos de uma única taça de vinho, meu Deus...

– Estou dirigindo.

– No limite de velocidade – concordou ela. – Chegou a hora de me contar sobre Corrine.

– Ah, bem, não há muito o que contar.

Mac entendeu tudo, mesmo que só por um pequeno lampejo nos olhos dele.

– Ela magoou você. Sinto muito. Sou insensível e insistente.

– Não é, não. E continuo esperando que seja.

Ela riu.

– Olhe só como você fica fofo quando banca o engraçadinho. Agora, por que não pede a sobremesa para eu fingir que sou toda certinha e depois comer metade da sua?

Não se apressaram para ir embora. Ela já tinha esquecido o que era jantar com um homem com quem podia ter uma conversa longa e profunda. Um homem que ouvia, que prestava atenção – estivesse ele pensando ou não na possibilidade de ganhar um bônus no fim da noite.

Mac se deu conta de que ele a fazia pensar. E que a divertia. Caramba, ainda por cima aquele seu jeito discreto, não calculado, era um charme.

Além disso, quando ele pôs os óculos para ler o cardápio, ela sentiu um calor subir pelo corpo.

– Você quer ir a outro lugar? – perguntou ele, a caminho do carro. – Provavelmente já é meio tarde para ir ao cinema. Que tal uma boate?

– Fui com as meninas outra noite.

Talvez em outro momento, Mac pensou. Então percebeu que estivera redondamente enganada ao presumir que Carter Maguire não combinava com boates.

– É melhor eu voltar para casa. Dormi tarde vários dias nesta semana e tenho trabalho para pôr em dia amanhã.

Ele abriu a porta para Mac.

– Vai querer me ver outra vez?

Aquela pergunta, e em especial o jeito como foi feita, provocou um frio na barriga de Mac. Agora ela estava novamente no comando, pensou. Foi assustador.

– Vou pensar.

– Ok.

Quando ele entrou no carro e deu partida, Mac se virou e disse:

– Liste cinco razões para querer voltar a me ver.

– Tem que ser em ordem de prioridade?

Droga, que *droga*, ela gostava mesmo dele.

– Não. Mas seja rápido. Liste as cinco primeiras que lhe vierem à cabeça.

– Ok. Gosto do seu jeito de andar. Acho você bonita. Quero saber mais a seu respeito. Quero dormir com você. E, quando estamos juntos, eu sinto.

– Sente o quê?

– Apenas sinto.

– São boas razões – disse ela após um instante. – Muito boas.

– Vai me dizer as suas cinco?

– Ainda estou trabalhando nisso. Mas, se quer que eu seja sincera, saiba que me saio bem num encontro, mas tiro notas baixas em relacionamentos.

– Não acredito. Como é possível, se tem três amizades que duraram a vida toda? São relacionamentos profundos.

– Não faço sexo com elas.

– É uma ressalva interessante, mas intimidade é apenas uma parte dos relacionamentos que vão além da amizade. Ela não os define.

– Qual é, Carter, sexo é importante para caramba. Sem mencionar o trabalho e o esforço necessários para se manter um relacionamento. Mas vamos nos concentrar no sexo por um instante.

– Não sei se é uma boa ideia falar disso enquanto dirijo.

– E se chegarmos a esse ponto e for desastroso? O que vai acontecer?

– Bem, primeiro eu aplicaria a regra básica: a maioria das coisas melhora com a prática. Gostaria de praticar bastante.

– Fofo. Mas se não for um desastre, aí sim é que as coisas começarão a ficar complicadas.

Ele olhou para Mac.

– Você sempre cria problemas?

– Nessa área, sim. Não fiquei amiga de nenhum dos meus ex-namorados. Não quero dizer que sempre pense "odeio esse cara e espero que ele tenha uma morte lenta e dolorosa ou pelo menos seja condenado a vender torradeiras por toda a eternidade". Mas depois que terminamos, acabamos perdendo o contato. E eu *gosto* de você.

Ele continuou dirigindo em silêncio por um tempo.

– Vou tentar resumir: você gosta de mim e acha que, se fizermos sexo e não for bom, não vamos mais gostar um do outro. Se *for* bom, vamos complicar as coisas e acabaremos não gostando mais um do outro.

– Dito assim, parece bobagem.

– É só uma teoria para estimular o cérebro.

Ela conteve uma gargalhada.

– Você é bem sarcástico, Carter. É sutil e astuto, mas também sarcástico. Gosto disso.

– Gosto de você por não ser particularmente sutil sobre isso. Então, posso supor que esse relacionamento está condenado.

Ela lançou-lhe um olhar de reprovação, mas tinha um sorriso nos lábios. Quando estacionou diante do estúdio, Carter sorriu para ela.

– Você mantém minha mente ocupada, Mackensie. Quando estou com você e quando não estou.

Ele saiu do carro e a acompanhou até a porta.

– Se eu ligar para você amanhã, vai achar muita insistência?

– Não. – Ela manteve os olhos fixos nos dele enquanto procurava as chaves na bolsa. – Estou pensando em convidá-lo para entrar.

– Mas...

– Ei! Eu é que deveria dizer *mas*.

– Tem toda a liberdade para me convidar. Mas não é uma boa ideia. Ainda. Porque quando, se... – corrigiu-se ele – ... formos para a cama, não deve ser para provar um argumento ou para responder a uma pergunta. Acho que tem que ser porque desejamos um ao outro.

– Você é um homem racional, Carter. Acho que é melhor me dar um beijo de boa-noite.

Ele se inclinou e segurou o rosto de Mac entre as mãos, com dedos longos e frios. Os olhos, de cor suave e expressão intensa, estavam fixos nela. Um instante, outro, até o coração dela disparar antes mesmo de seus lábios se encontrarem.

Foi tão de mansinho, tão delicado, que pareceu chegar ao seu coração.

Enquanto a pele e o sangue de Mac esquentavam, ele se aproximou e lhe deu um beijo ainda mais profundo, como um sussurro, até tudo ficar fora de foco.

Mac deu um suspiro longo e baixo de rendição. Ele queria tocá-la, sentir aqueles belos seios nas suas mãos, roçar os dedos nas suas costas, conhecer a sensação de ter as pernas dela enroscadas nos seus quadris.

Queria mais do que um homem racional podia querer.

Ele se afastou, contentando-se em passar levemente o polegar no lábio inferior dela.

– Isso pode ser um erro – disse Mac.

Entrou em casa depressa e se encostou na porta. Então, ficou pensando se o erro era não chamá-lo para entrar ou saber que faria isso em breve.

capítulo oito

Mac se dedicou umas quatro horas às provas, ao Photoshop e às revelações. O trabalho a deixava concentrada e tranquila. Não dava para ficar sonhando com o sexy professor de inglês, pois tinha clientes que esperavam – e mereciam – o seu melhor.

Dirigiu sua atenção, portanto, para o equilíbrio de cores e a saturação de cada foto, tornando-as mais brilhantes ou mais opacas, para que traduzissem da melhor forma o estado de espírito e a emoção daquele momento.

Retocou uma fotografia em estilo informal de um casal que caminhava de mãos dadas por um corredor, ambos sorrindo, e desfocou um pouco o fundo, para destacar os dois.

Eram só eles, extremamente felizes naqueles primeiros instantes de casados. Tudo em volta devia ter uma focalização suave e onírica; o rosto e os movimentos dos dois formavam uma unidade viva.

Logo surgiriam outras vozes, outros movimentos, outras exigências, outras pessoas. Mas, naquele momento, naquela imagem, eram apenas eles.

Satisfeita, acrescentou só um pouquinho de granulação antes de imprimir uma prova para testar o papel. Na impressão, deu uma boa examinada em busca de eventuais defeitos.

Pôs a foto junto com a encomenda, como fazia às vezes. Um presentinho para o casal. Saiu da escrivaninha e foi empacotar o álbum com as combinações escolhidas pelos clientes, depois começou a reunir imagens que contavam a história daquele dia.

Repetiu todo esse processo para os álbuns menores e as fotos selecionadas pelos pais.

Então voltou ao computador para fazer os cartões de agradecimento com a imagem escolhida pela cliente. Empacotou-os em pilhas de 25, amarrando cada uma com uma fitinha branca. Depois fez um intervalo.

Ainda tinha que reunir e emoldurar uma dezena de fotos para a galeria pessoal do casal, além das que tinham escolhido para dar de presente.

Mas por hoje era o bastante, pensou Mac, levantando-se e espreguiçando-se. Tudo tinha transcorrido na mais perfeita ordem e, na manhã seguinte, entraria em contato com os clientes para combinar a entrega.

Inclinou o corpo para a frente, deixando os braços relaxados, até as mãos quase tocarem o chão. Nesse instante ouviu alguém bater à porta.

– Está aberta – gritou.

– Nem assim você tem bunda.

Mac se virou e viu Delaney de cabeça para baixo.

– Imaginei que fosse você.

– Passei para deixar uns documentos e falar com Parker antes de ir assistir a um jogo na

casa do Jack. – Ele tirou o casaco e o jogou no sofá. – Então, o que achou do vinho?

– Muito bom, obrigada, Senhor Fofo.

– Carter Maguire e você, humm... – Absolutamente à vontade, Del foi até a cozinha. Ela o ouviu abrir a geladeira e depois dizer com voz de ofendido: – Mac, você não tem bunda. Por que só tem Coca Zero aqui?

– Para que pessoas como você não acabem com o meu estoque.

Mac se levantou quando ele voltou abrindo uma lata.

– Bem, a cavalo dado não se olham os dentes... Ouvi dizer que você e Carter têm saído juntos desde que a irmã dele virou sua cliente.

– Nós nos reencontramos por causa disso.

– E você foi logo mostrando os peitos para ele.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Não foi com essas palavras que Parker, a sua fonte, contou. Se vai agir como um adolescente com relação a esse assunto, por que não nos sentamos e ficamos fazendo trancinhas um no outro enquanto fofocamos?

– Você não tem tanto cabelo assim – disse ele, tomando um gole do refrigerante e fazendo uma careta. – Argh! Enfim, vamos voltar ao assunto principal. Um homem tem direito de ficar curioso e um pouco desconfiado de outros caras que se aproximam da irmãzinha de consideração.

Mac foi buscar uma Coca-Cola para si mesma.

– Fomos jantar. Pelo que ouvi dizer, as pessoas vêm fazendo isso há muitos anos.

– Foi o segundo encontro, pelo que disse minha fonte fidedigna. Se não incluirmos o dia do striptease. – Ele ergueu as sobrancelhas quando ela voltou.

– Não teve nenhum striptease, foi só uma temporária falta de blusa, seu pervertido.

– Sou conhecido de diversas formas. E essas suas evasivas estão me deixando desconfiado de que o assunto é sério.

– Não estou sendo evasiva, mas qual é o problema com o Carter?

– Não tenho nenhum problema com ele, a não ser por você ser você e ele ser homem. Gosto dele. – Dando de ombros, sentou-se no braço do sofá. – Sempre gostei. Ontem foi a primeira vez que o vi desde que ele voltou. Ouvi dizer que estava saindo com Corrine Melton. Ela trabalhava para um cliente do Jack, e ele, o Jack, acha que ela é uma chata.

– O que você sabe sobre ela?

– Arrá, então é sério mesmo.

– Cale a boca e me conte.

– É impossível fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

– Ora, vamos, Del.

– Não sei nada, só que irritou o Jack e quase se atirou em cima dele enquanto ainda estava com o Carter. Presumo que não esteja mais.

– Como ela é? Bonita?

– Nossa, Mac, agora é você que está parecendo uma adolescente. Não faço a menor ideia. Pergunte ao Jack.

De cara feia, Mac apontou para a porta.

– Se não tem nada a dizer, pegue sua bebida e vá embora. Estou trabalhando.

Ele deu um daqueles sorrisos poderosos dos Browns.

– Mas está tão bom aqui...

– Se não vai me dizer nada, também não vai saber nada de mim.

O telefone tocou. Ela olhou o visor, mas não reconheceu o número.

– Votos. Fotografia.

– Mackensie! Liguei para dar um oi daqui da bela e ensolarada Flórida.

– Mãe! – exclamou ela e imediatamente simulou uma arma com a mão e a levou à têmpora, movendo o polegar como se puxasse o gatilho.

Del pôs o casaco no sofá de novo. Não se abandonam amigos em apuros. E, se era Linda ao telefone, Mac acabaria tendo problemas.

– Está *fantástico* aqui. Sinto-me uma nova mulher.

– De quem é esse telefone?

– Ah, sim, é do Ari. Deixei o meu no quarto e estamos à beira da piscina. Quero dizer, eu estou. Ele foi ver por que os nossos drinques estão demorando tanto. É um fofo. Isto aqui é incrível. Vou fazer um tratamento daqui a pouco, mas antes precisava falar com você, por isso o Ari me emprestou o telefone. É um cavalheiro *de verdade*.

Minha nossa, eu já tinha previsto que isso fosse acontecer, pensou Mac.

– Fico feliz por estar se divertindo.

– Está sendo ótimo para a minha saúde e o meu bem-estar mental, emocional e espiritual. Preciso ficar mais uma semana.

Mac fechou os olhos.

– Não posso ajudá-la.

– Claro que pode! Tenho que terminar isso, querida. Senão, vou voltar para casa e para o fundo do poço. Terá sido um desperdício, como se tivesse jogado seu dinheiro fora. Só preciso de mais mil. Quero dizer, 2 mil para ficar absolutamente segura. Preciso me refazer.

– Não tenho como gastar mais. – Mac pensou naquelas quatro horas ou mais de trabalho em pleno domingo.

– Você pode renovar as diárias – disse Linda com a voz bem estridente. – Pelo amor de Deus, não estou pedindo que corra para trazer o dinheiro aqui. Basta ligar para a recepção e dar os dados do seu cartão de crédito que eles resolvem o resto. Simples assim. Já até falei que você ia telefonar, então...

– Não pode continuar fazendo isso comigo – disse Mac, com a voz quase falhando. – Não pode esperar que eu pague uma, duas, três vezes. Eu...

Mac deu um pulo quando Del arrancou o telefone de sua mão.

– Não... – começou, mas ele lhe lançou um olhar indicando que ficasse quieta.

– Linda? Oi, aqui é o Delaney Brown. Desculpe, Mackensie teve que sair.

– Ainda não tínhamos acabado...

– Tinham, sim, Linda. Já tinham acabado. Seja lá qual tenha sido o motivo para pressioná-la desta vez, ela disse não. E agora está ocupada.

– Você não tem o direito de falar assim comigo. Acha que porque é um *Brown* e tem *dinheiro* pode se meter entre mim e a minha própria filha?

– Não, acho que tenho esse direito porque sou amigo da Mac. Tenha um ótimo dia.

Ele desligou e se voltou para onde Mac estava, com a tristeza brilhando nos olhos.

– Não chore – ordenou.

Mac balançou a cabeça e caiu nos braços do amigo, encostando o rosto no ombro dele.

– Que droga, mas que droga! Por que deixo que ela faça isso comigo?

– Porque, se pudesse escolher, seria uma filha boa e amorosa. Mas ela não lhe dá escolha. É culpa dela, Mac. Estava pedindo dinheiro outra vez?

– É, outra vez.

Del fez um carinho nas costas de Mac.

– Você fez a coisa certa. Disse não. Continue a dizer não. Agora quero que me prometa que não vai atender o telefone se... quando ela voltar a ligar. Se não me der a sua palavra, arrasto você daqui e vou obrigá-la a ir ver o jogo na casa do Jack.

– Eu prometo. Não devia ter atendido, mas não reconheci o número. Ela usou o telefone de um tal de Ari e ligou para o número de trabalho. Ela sabe o que fazer para me pegar.

– Pois filtre as chamadas, pelo menos por algum tempo, e só atenda se tiver certeza de quem é. Ok?

– Ok. Obrigada, Del, obrigada mesmo.

– Amo você, garota.

– Eu sei. – Mac recuou e sorriu para ele. – Também amo você. Vá ver o seu jogo. E não conte essa história para a Parker. Se precisar, eu mesma conto.

– Está certo. – Del pegou de novo o casaco. – Se precisar de mim...

– Eu ligo. Prometo também.

Ainda não conseguiria voltar ao trabalho, pelo menos não até esvaziar a cabeça para voltar a se concentrar. E aquela história de ficar com pena de si mesma, que parecia já estar começando a acontecer, não resolveria nada.

Ia dar uma voltinha, pensou. Isso já tinha funcionado antes, daquela vez com Carter. Quem sabe não funcionava também com ela sozinha?

Não tinha anoitecido nem nevava, mas o ar estava límpido e frio. Suas amigas deviam estar enfurnadas dentro de casa, mas ainda assim estavam por perto. Se quisesse companhia ou precisasse de alguém, era só chamar.

Não agora, não ainda. Lembrando-se dos comedouros dos pássaros, foi até lá pela neve para abastecê-los. Ao abrir o pote, percebeu que o alpiste estava quase acabando. Tinha que acrescentá-lo à lista de compras.

Cinco quilos de alpiste. Um litro de leite. E uma boa dose de coragem.

Pena que não dava para comprar o último item no mercado. Precisaria arranjar um meio de desenvolvê-lo para lidar com Linda Elliot Meyers Barrington.

Depois de fechar o pote, foi até o laguinho que se formou sob um dos salgueiros. Ali, tirou a neve que havia se acumulado em cima do banco e resolveu se sentar um instante debaixo dos ramos oscilantes. O chão permanecia escondido pelo branco, mas o sol tinha descoberto os galhos, deixando as árvores se elevarem, como ossos invernais, em direção a um céu cor de brim velho e desbotado.

Dali podia ver o roseiral sobre o caramachão, branco como a neve, com seus ramos retorcidos, cheios de espinhos. E, mais adiante, a pérgula, coberta pelos galhos desfolhados das glicínias.

Pensou em como tudo parecia em paz; a cor e a vida adormecidas no inverno. Mas, por um instante, naquele exato instante, a única palavra que lhe vinha à mente era solidão.

Levantou-se para voltar para casa. O melhor a fazer era trabalhar. Se cometesse alguns erros, começaria tudo de novo até que seu humor melhorasse.

Ligaria o som bem alto, assim não precisaria ouvir os próprios pensamentos.

Quando abriu a porta, ouviu o choro na voz soluçante da mãe.

– Não sei como pode ser tão fria e insensível. Eu *preciso* da sua ajuda. São só mais uns dias, Mackensie, só...

E, graças a Deus, a secretária eletrônica cortou a ligação.

Mac fechou a porta e tirou o casaco. Trabalhar? A quem estava querendo enganar?

Deitou-se no sofá toda enroscada e puxou uma coberta. Ia dormir até esquecer aquilo, prometeu a si mesma. Ia dormir até se livrar da sua infelicidade.

Quando o telefone começou a tocar de novo, enrolou-se ainda mais.

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus! Me deixe em paz, por favor, me deixe em paz. Eu preciso de um pouco de paz.

– Ah, oi. Aqui é o Carter. Você deve estar trabalhando, ou talvez tenha precisado sair. Ou, é claro, só não está a fim de conversar.

– Não consigo falar – murmurou Mac lá do sofá. – Não consigo. Fale você. Apenas fale comigo.

Ela fechou os olhos e deixou a voz de Carter acalmá-la.

Na sua casa da cidade, Carter desligou o telefone. O gato ruivo de três patas, que ele chamava de Tripé, pulou no seu colo. Carter ficou ali sentado, distraído, acariciando a

cabeça do gato e desejando ter conseguido falar com Mac. Mesmo que por apenas um minuto. Se tivesse conseguido, não estaria sentado ali, pensando nela, mas fazendo suas tarefas de domingo.

Tinha que pôr a roupa para lavar e dar mais uma olhada nos planos de aula do dia seguinte, bem como corrigir uns trabalhos e ler e aprovar umas narrativas esboçadas pela turma de escrita criativa. Não tinha terminado ainda o ensaio "Mulheres de Shakespeare: a dualidade" e não estava dando muita atenção ao conto que vinha escrevendo.

Além disso, tinha que ir ao jantar de domingo na casa dos pais.

Então percebeu que ficar ali pensando nela não ia ajudar em nada.

– Primeiro, lavar a roupa – disse ao gato, deixando-o na cadeira de onde havia se levantado.

Encheu a máquina de lavar, que ficava na claustrofóbica área de serviço ao lado da cozinha. Ia começar a fazer um chá, mas parou e se repreendeu.

– Por que não posso tomar café, se eu quiser? Não tem nenhuma lei que me proíba de tomar um maldito café à tarde.

Então foi preparar a bebida, com uma atitude desafiadora que o fazia se sentir um idiota, embora não tivesse ninguém ali para testemunhar a cena. Enquanto as roupas eram lavadas, pegou o café e foi para o quarto menor no andar de cima, que havia adaptado para ser seu escritório.

Começou a corrigir os trabalhos e suspirou com o C menos que teve que dar a um de seus melhores alunos – também um dos mais preguiçosos. Teria que falar com ele logo, não tinha mais como adiar. Então escreveu abaixo da nota o seguinte bilhete: "Venha falar comigo depois da aula."

Quando o alarme que programara tocou, desceu para pôr a roupa na secadora e encheu a máquina de lavar de novo.

De volta à escrivaninha, avaliou os esboços de narrativas. Escreveu comentários, deu sugestões, fez correções. Com a caneta vermelha, também fez elogios e deu conselhos. Adorava aquele trabalho – dava para ver como os alunos usavam a imaginação, organizavam pensamentos, criavam seus mundos.

Acabou de trabalhar e de lavar roupa e ainda tinha mais de uma hora sobrando antes de ir para a casa dos pais.

Como quem não quer nada, foi procurar umas receitas na internet.

Não que estivesse pensando em cozinhar para Mac. Era só para se prevenir. Afinal, caso perdesse a cabeça e resolvesse seguir o conselho de Bob, seria bom ter um plano.

Um esboço, por assim dizer.

Nada muito sofisticado ou complicado, pois *isso* seria desastroso. Mas também não podia ser algo tão básico e simples. Se a ideia era cozinhar para uma mulher, não deveria fazer um esforço um pouco maior do que simplesmente enfiar qualquer coisa no micro-ondas?

Imprimiu algumas opções e anotou uns potenciais cardápios. E nomes de alguns vinhos. Ela gostava de vinho. Ele não entendia nada do assunto, mas podia aprender. Juntou tudo numa pasta.

Provavelmente a chamaria para ir ao cinema. Seria um encontro normal, em que veriam um filme e depois comeriam uma pizza. Tudo bem natural, sem pressão ou expectativas. Era o mais provável que fizesse, pensou ao sair do escritório para trocar de camisa no seu quarto.

Por via das dúvidas, não custava nada arranjar umas velas, talvez umas flores. Deu uma olhada à sua volta e a imaginou ali, à luz de velas. Imaginou-se levando-a para a cama, sentindo-a se mover sob seu corpo. Fitaria o seu rosto iluminado pelas velas ao tocá-la. Saboreá-la.

– Meu Deus!

Depois de acalmar a respiração, Carter fitou o gato, que olhava para ele.

– Ela tem razão. Sexo é importante para caramba.



A casa em Chestnut Lane, com o enorme quintal e as velhas árvores, foi um dos motivos para Carter desistir do trabalho em Yale. Sentia falta dela – das janelas venezianas azuis emolduradas de branco, da robusta varanda, das altas mansardas – e das pessoas que moravam ali.

Não dava para dizer que agora a visitava com mais frequência do que quando morava e trabalhava em New Haven, mas gostava de saber que poderia dar uma passada lá sempre que quisesse. Entrou e, do vestíbulo, espiou o salão e viu Chauncy, o cocker spaniel da família, enroscado no sofá.

Ele não podia subir nos móveis e sabia disso, então fez uma carinha de culpado e abanou o rabo, esperançoso, suplicando pelo seu silêncio.

– Eu não vi nada – sussurrou Carter, dirigindo-se para a sala de jantar, onde havia ruídos.

Sentiu o cheiro da carne assada da mãe, ouviu o riso da irmã mais nova e em seguida uns gritos e maldições em voz masculina.

O jogo tinha começado, deduziu.

Parou na entrada e examinou o cenário. A mãe, magra e firme como uma rocha da Nova Inglaterra, mexia alguma coisa no fogão, enquanto Sherry, encostada na pia ao lado dela, falava sem parar, gesticulando com uma taça de vinho na mão. Diane, a irmã mais velha, com as mãos na cintura, tinha os olhos voltados para as janelas. Dava para ver os dois filhos dela escorregando na neve na ladeira do quintal, tão agasalhados que só os olhos ficavam de fora.

O pai, o cunhado e Nick continuavam gritando na frente da TV, que ficava do outro lado do balcão do café da manhã. Como futebol era algo que lhe dava dor de cabeça ou sono, Carter escolheu ficar com as mulheres e se aproximou da mãe, chegando por trás para lhe

dar um beijo no alto da cabeça.

– Pensei que tivesse se esquecido de nós. – Pam Maguire deu ao filho uma provinha da sopa de ervilha que fervia no fogão.

– Eu tive que terminar umas coisas. Está uma delícia – disse, depois de provar a sopa.

– As crianças perguntaram por você. Acharam que chegaria a tempo de escorregar com eles.

Havia um ligeiro tom de censura na voz de Diane. Sabendo que a irmã adorava ter algo ou alguém de que reclamar, Carter foi até ela e lhe deu um beijo no rosto.

– Que bom ver você.

– Quer um pouco de vinho, Carter? – Atrás de Diane, Sherry revirava os olhos. – Não vamos poder comer até o jogo terminar. Temos bastante tempo.

– Lá em casa o jantar não é adiado por causa de jogo – disse Diane.

Com certeza era por isso que o cunhado aproveitava as regras mais flexíveis da casa dos Maguires, pensou Carter.

A mãe resmungou por cima da sopa, enquanto os torcedores entusiasmados pulavam, comemorando.

Touchdown!

– Por que não toma uma taça de vinho também, Di? – Pam bateu a colher na panela e reduziu o fogo. – As crianças estão bem lá fora. Não temos uma avalanche há mais de dez anos. Michael! Seu filho está aqui.

Mike Maguire ergueu um dedo, enquanto batia com a outra mão incentivando uma bela jogada.

– Essa foi ótima! – Sorriu para Carter. Seu rosto branco de irlandês estava corado de felicidade, emoldurado pela barba grisalha bem aparada. – Os Giants estão ganhando por cinco!

Sherry deu uma taça a Carter.

– Já que está tudo sob controle aqui e lá – acrescentou, indicando com a cabeça os que assistiam ao jogo –, por que não se senta e nos conta tudo sobre você e Mackensie Elliot?

– Mackensie Elliot? A fotógrafa? É *sério*? – perguntou Pam, enfatizando bem a última palavra.

– Acho que vou ver o fim do jogo.

– Nem pensar. – Sherry o encostou na bancada. – Ouvi alguém dizer que ouviu alguém dizer que viu vocês dois na maior intimidade no Coffee Talk.

– Tomamos um café e conversamos. É para isso que se vai ao Coffee Talk.

– *Depois* ouvi alguém dizer que ouviu alguém dizer que vocês estavam ainda mais íntimos no Willows, ontem à noite. O que está acontecendo?

Sherry sempre dizia que tinha ouvido alguém dizer que ouviu alguém dizer, pensou Carter, cansado. A irmã era uma espécie de rádio receptor humano.

– Só nos encontramos algumas vezes.

– Está saindo com Mackensie Elliot? – perguntou Pam.

– Parece que sim.

– A mesma Mackensie Elliot por quem foi apaixonado no ensino médio?

– Como é que você sabe... – Que tolice, pensou Carter. Sua mãe sabia de tudo. – Só fomos jantar. Não é uma novidade tão importante a ponto de sair em rede nacional.

– Mas aqui é – disse Pam. – Por que não a convidou para vir esta noite? Sabe que sempre tem muita comida.

– Nós não... não é... Não chegamos ao ponto de ir a reuniões familiares. Só jantamos. Foi só um encontro.

– Dois, com o café – corrigiu Sherry. – Vai vê-la de novo?

– Provavelmente. Talvez. – Sentiu que os ombros arqueavam enquanto metia as mãos nos bolsos. – Não sei.

– Ouvi falar muito bem dela e sei que é uma excelente profissional. Se não fosse, não fotografaria o casamento da Sherry.

– Ela não é a filha da Linda Elliot? Ou seria Barrington agora?

– Não conheci a mãe dela. Só jantamos juntos.

As novidades tiraram Diane da janela.

– Linda Barrington, claro. A filha dela é muito amiga dos Browns, da Emmaline Grant e daquela outra. Elas têm uma empresa de organização de casamentos.

– É, é ela mesma – assentiu Carter.

– Linda Barrington. – Diane mexeu o maxilar, apertando os lábios numa expressão que Carter sabia ser de reprovação. – É aquela mulher que teve um caso com o Stu Gibbons e acabou com o casamento dele.

– Ela não pode ser responsabilizada pelo comportamento da mãe. – Pam abriu o forno para dar uma olhada na carne assada. – E foi o Stu que destruiu o próprio casamento.

– Bom, ouvi dizer que ela fez pressão para que o Stu largasse a Maureen e, quando ele recusou, Linda foi pessoalmente contar à esposa que eles tinham um caso. Maureen tirou tudo o que podia do Stu no divórcio. E quem poderia censurá-la por fazer isso? Depois disso, Linda já não parecia mais tão interessada nele.

– Vamos falar da Mackensie ou da mãe dela? – indagou Pam.

Diane deu de ombros.

– Só estou contando o que sei. As pessoas dizem que ela está sempre atrás do próximo marido e tem preferência pelo de outras mulheres.

– Não estou saindo com a mãe da Mackensie.

O tom calmo e descontraído de Carter foi o bastante para que os olhos de Diane faiscassem.

– E eu disse que você estava, por acaso? Mas sabe como é: filho de peixe... Só acho que você

tem que ter cuidado, se não quiser repetir o que aconteceu com Corrine Melton.

– Di, por que você precisa ser tão desagradável? – perguntou Sherry.

– Está certo, vou ficar de boca fechada.

– Faz bem.

Pam revirou os olhos enquanto a filha mais velha voltava para perto da janela.

– Ela é mal-humorada desde que nasceu – sussurrou Sherry.

– Já chega. Mackensie Elliot é uma bela moça, se bem me lembro. E, como disse antes, ouvi falar muito bem dela. A mãe é uma mulher difícil, sem dúvida. Mas, pelo que me lembro, o pai era encantador, embora nunca estivesse presente. É preciso ter coragem e estômago para conseguir se dar bem na vida sem ter alguém dando apoio.

Carter se inclinou e deu um beijo no rosto da mãe.

– Nem todo mundo teve a sorte que nós tivemos.

– Verdade. Diane, diga às crianças para entrarem e lavarem as mãos. Vamos jantar em dois minutos.

No jantar, a conversa girou em torno do jogo, da peça que a sobrinha ia apresentar na escola, do casamento e do enorme desejo do sobrinho de ter um cachorro, então Carter pôde relaxar.

Seu relacionamento com Mac – se é que existia algum relacionamento – aparentemente foi deixado de fora da mesa.

Nick deu um jeito de desfazer a tensão de antes, um gesto de que Pam gostava desde o primeiro jantar em família de que ele participara. Mike se recostou na cadeira e olhou para todos os que estavam sentados à mesa.

– Quero anunciar uma coisa.

– Vai me dar um cachorrinho, vovô?

Mike se aproximou do neto e disse baixinho:

– Me dê mais um tempo para convencer a sua mãe. – Depois voltou a se recostar. – Mês que vem é nosso aniversário de casamento, meu e da mãe de vocês. Ela continua a ser minha namorada – acrescentou, piscando para a esposa.

– Pensei que fossem gostar de fazer uma festinha no clube – começou Diane. – Só para a família e os amigos mais próximos.

– É uma boa ideia, Diane, mas minha mulher e eu vamos comemorar nossos felizes 36 anos de casados na ensolarada Espanha. Isto é, se ela quiser ir comigo.

– Michael!

– Sei que precisamos adiar a viagem que planejamos fazer uns anos atrás, quando me tornei chefe de cirurgia. Deixei duas semanas livres em fevereiro. Sem negociação. O que acha, querida? Vamos comer paella.

– É só me dar cinco minutos para eu fazer as malas – disse Pam, pulando da cadeira e correndo para se sentar no colo de Mike.

– Estão todos dispensados – disse ele, acenando para os filhos.
Esse era mais um motivo pelo qual Carter tinha voltado para casa.
A estabilidade.

capítulo nove

Um estado de espírito deplorável não era desculpa para faltar à reunião de segunda-feira no café da manhã. Então, Mac tratou de arrastar seu mau humor, como se levasse um cachorro pela coleira, para a sala de reuniões da mansão. Laurel e Parker beliscavam uns bolinhos de frutas vermelhas na antiga biblioteca dos Browns.

Os livros continuavam lá, como se servissem de moldura para o espaço. O fogo crepitava alegremente na lareira. A velha mesa lustrosa da biblioteca estava posta para o café da manhã e ela sabia que o aparador entalhado ocultava um suprimento de garrafinhas d'água.

As amigas estavam sentadas em volta da mesa no centro do aposento. As duas são lindas e cheias de vida, pensou Mac. Com todos os malditos fios de cabelo no lugar certo, às oito da manhã. Só de olhar para elas sentiu-se desleixada e mal-ajambrada, talvez até *inferior*, com sua calça jeans desbotada e rasgada.

– E quando falei com ele sobre isso? – Laurel ergueu a xícara que devia conter um cappuccino preparado à perfeição. – Ele disse: "Nunca saio de casa sem a minha escova de dentes." – Fez um barulhinho sarcástico e sorriu para Mackensie. – Você acabou de perder a história de como dei o fora em Martin Boggs. Para falar a verdade, nem sei por que saí com um cara chamado Martin Boggs. Espero que o seu encontro tenha sido melhor que o meu.

– Foi bom.

– Hum, foi bom, é?

– Já disse que foi. – Mac pôs o laptop na mesa de reunião e foi buscar café. – Podemos começar logo? Tenho muita coisa para fazer hoje.

– Alguém levantou com o pé esquerdo.

Mac ergueu para ela o dedo médio.

– Eu lhe desejo o mesmo, amiga.

– Ei, meninas. – Parker deu um suspiro longo e profundo. – Vou ter que separar vocês? Mac, coma um bolinho.

– Não quero essa merda de bolinho. Só quero que essa reunião acabe logo. É uma total perda de tempo.

– Temos três eventos nesse fim de semana, Mac – disse Parker para lembrá-la.

– Que já foram rascunhados, organizados, agendados, discutidos, esquematizados e vistos através de um microscópio até o mínimo detalhe. Sabemos o que fazer, não precisamos falar disso até a morte.

– Tome um pouco de café – sugeriu Parker, num tom frio. – Você está precisando.

– Não preciso de café, nem do maldito bolinho. – Mac deu uma volta na mesa. – Deixem-me fazer um resumo. As pessoas chegam. Duas delas vão se casar... provavelmente. Alguma

coisa vai dar errado e será resolvida. Alguém vai ficar bêbado e cuidaremos disso. Terá comida e tocará música. As pessoas vão embora e seremos pagas. Os dois que tinham a maior chance de se casar agora têm a maior chance de se divorciar dentro de cinco anos. Mas isso não é problema nosso. Fim da reunião.

– Nesse caso, a porta é ali – disse Laurel, apontando. – Por que não a usa?

Mac pousou ruidosamente a xícara de café em cima da bancada.

– Boa ideia.

– Só um minuto. Só um minuto, droga! – gritou Parker, arruinando a saída furiosa de Mac. – Isto é trabalho. É o *nosso* trabalho. Se não gosta do modo como as coisas são conduzidas, faremos uma reunião para você apresentar suas queixas. Mas o seu ataque de mau humor não está na agenda desta manhã.

– Claro, esqueci que vivemos e morremos seguindo a agenda. Se algo não está registrado na Página Sagrada da sua agenda ou no BlackBerry Mágico, não é digno da Parker. Os clientes estão autorizados a acreditar que são seres humanos com cérebro e emoções, enquanto você os conduz como um rebanho pelo caminho que predefiniu para eles. Todos devem seguir o que a Parker quer; caso contrário, que Deus os ajude.

Parker se levantou devagar.

– Se vê problemas no modo como estou conduzindo a empresa, vamos discutir o assunto. Mas em cerca de cinquenta minutos chegará um grupo para conhecer a propriedade. Às duas, tenho uma hora livre, então podemos conversar. Por ora, acho que a ideia da Laurel é excelente. A porta é ali.

Emma entrou correndo, corada por causa do frio.

– Não ia me atrasar, mas entornei... – Ficou parada olhando quando Mac passou por ela. – O que ela tem? O que aconteceu?

– Ela está atacada hoje – respondeu Laurel, pegando o seu café, com os olhos faiscando de raiva. – Está impossível de aturar.

– E vocês perguntaram por quê?

– Ela estava ocupada demais nos ofendendo para explicar.

– Minha nossa. Vou atrás dela.

– Não faça isso. – Com um olhar frio, Parker balançou a cabeça. – Não vá. Só vai conseguir que ela chute você de lá. Tenho clientes potenciais para receber hoje de manhã e os que já fecharam negócio precisam de atenção. Vamos trabalhar sem ela por ora.

– Parker, quando uma de nós tem um problema, todas temos um problema. Não só no trabalho.

– Eu sei disso, Emma. – Parker massageou a têmpora com os dedos. – Mas, mesmo que ela queira ouvir você agora, o que acho improvável, não temos tempo.

– Além do mais, se cada uma de nós estourasse desse jeito toda vez que tivéssemos um encontro ruim, esta sala estaria cheia de partes ensanguentadas dos nossos corpos.

– A Mac e o Carter? – Emma meneou a cabeça para Laurel. – Não acredito nisso. Minha mãe falou com a dele na noite passada e depois me ligou para tentar saber de alguma coisa. Pelo que eu soube, correu tudo bem entre eles.

– O que pode ser então? – perguntou Laurel. – O que deixaria uma mulher tão furiosa além de um homem? Ou de outra mulher, em alguns casos, mas... – interrompeu-se, fechando os olhos. – A mãe dela. Minha nossa, somos umas idiotas! Nada tira mais a Mac do sério do que a mãe dela.

– Achei que Linda estivesse na Flórida – argumentou Parker.

– Você acha mesmo que a distância consegue detê-la? – contrapôs Laurel. – Talvez seja isso. Deve ser, pelo menos em parte. Mas ainda assim não é motivo para ela ter nos tratado daquela maneira.

– Vamos resolver isso. Mas agora temos três eventos agendados e precisamos rever os detalhes.

Emma abriu a boca outra vez, mas engoliu as palavras ao ver Parker tirar um antiácido do bolso. Não queria ter duas amigas irritadas.

– Na verdade, queria falar com você sobre os vasos para sexta-feira.

– Ótimo. – Parker voltou a se sentar. – Vamos começar.

Mac sabia quando dava seus ataques. Não precisava de um esquema, nem que lhe oferecessem bolinhos, como se fosse uma criança de 2 anos. Tampouco precisava que lhe mostrassem onde era a porta. Sabia muito bem onde ela ficava.

Acima de tudo, sabia fazer o seu trabalho. Era o que *estava* fazendo naquele exato momento, não era? Cortou a primeira moldura para as fotos que não tivera vontade nem forças para montar na noite anterior. Em poucas horas teria terminado um álbum que deixaria seu cliente muito satisfeito, porque sabia perfeitamente que diabos estava fazendo sem ter que explicar cada maldito passo do seu processo de trabalho às sócias.

Ela por acaso precisava saber por que Emmaline tinha escolhido eucalipto e não aspargos para compor os arranjos?

Não, não precisava.

Precisava conhecer o ingrediente secreto usado por Laurel na cobertura cremosa?

Também não.

Precisava discutir a última ligação recebida por Parker naquele maldito BlackBerry?

Por Deus, claro que não.

Então, por que diabos as sócias se importavam com o filtro que ela pretendia usar ou com as câmeras que levaria?

Que fizessem a parte delas e a deixassem fazer a sua! Assim, todo mundo ficaria feliz.

Ela carregava o seu fardo. Dedicava seu tempo ao trabalho, esforçava-se e despendia tantas

horas quanto as outras. Ela...

Cortou errado a maldita moldura.

Chateada, atirou o trabalho estragado do outro lado da sala. Pegou outra e a mediu mais de uma vez. Mas quando ergueu o estilete para cortar, sentiu a mão tremer.

Com o maior cuidado, deixou-a de lado e deu dois passos para trás.

É, sabia que tinha sido estúpida. E sabia quando precisava se controlar. Como naquele exato instante. Com um suspiro, admitiu para si mesma que devia se desculpar com duas das pessoas que mais amava no mundo.

Mesmo que elas tenham sido arrogantes – e sem dúvida tinham sido –, Mac foi primeiro.

Conferiu as horas e deu outro suspiro. Não podia fazer nada agora. Não podia tirar aquele peso das costas, pois Parker estava mostrando a casa aos clientes.

Nosso serviço é completo. Adaptamos cada detalhe às suas necessidades e à sua expectativa para o grande dia. Esta é a nossa fotógrafa desequilibrada que vai documentar tudo.

Não seria perfeito?

Foi até o banheiro molhar o rosto com água fria. Eram suas amigas, fez questão de lembrar a si mesma. Tinham que perdoá-la. Essa era a regra.

Mais centrada, voltou ao estúdio.

Deixou a secretária eletrônica atender as ligações e se concentrou totalmente na tarefa que tinha pela frente. Quando terminou, viu que o cliente não teria como adivinhar que aquele álbum fora feito por uma descompensada em meio a um desmedido ataque de autopiedade. Pôs tudo dentro do carro e dirigiu até a mansão.

Era verdade que elas teriam que perdoá-la, mas antes Mac deveria pedir desculpas. Era outra regra.

Por força do hábito, chegou pelos fundos. Quando entrou na cozinha, viu Laurel trabalhando na bancada. Com a mão firme e precisa de um cirurgião, fazia monogramas em chocolates com formato de coração.

Sabendo que não devia interrompê-la, Mac ficou em silêncio.

– Consigo ouvir a sua respiração – disse Laurel depois de um instante. – Dê o fora.

– Só vim engolir o meu orgulho. Serei rápida.

– Espero que sim. Tenho que fazer mais quinhentos iguais a este.

– Desculpe. Me perdoe por ter me comportado daquela forma, por ter dito aquelas coisas. Não acredito em nada daquilo. Desculpe por não ter participado da reunião.

– Ok. – Laurel deixou o pincel na bancada e se virou. – A pergunta é: por que fez isso?

Mac ia começar a falar, mas sentiu um nó na garganta. Aquela barreira repentina encheu seus olhos de lágrimas. Tudo o que conseguiu fazer foi balançar a cabeça enquanto as lágrimas começavam a escorrer.

– Ok, ok. – Laurel foi até ela e a abraçou. – Vai ficar tudo bem. Vamos, sente-se aqui.

– Você tem que fazer monogramas em quinhentos corações de chocolate.

– Agora já devem ser uns 495.

– Ai, Laurel, sou tão estúpida!

– Sim, é mesmo.

De forma rápida e eficiente, Laurel fez Mac se sentar na bancada e lhe deu uma caixa de lenços de papel e um pratinho com corações de chocolate que ainda não tinham sido decorados.

– Não posso comer seus doces.

– Eles têm um gosto muito melhor do que o orgulho, e tenho um monte deles aqui.

Fungando, Mac pegou um.

– Os seus são os melhores.

– Godiva que se cuide. O que aconteceu, minha querida? Foi a sua mãe? Só pensamos nisso depois... – disse, ao ver que Mac não falava nada. – Bom, um pouco depois que saiu daqui furiosa.

– Por que não consigo lidar com isso, Laurel?

– Porque ela sabe direitinho como pressionar você. E, por mais que você tente lidar com determinadas situações, ela arranja outras.

Esse era exatamente o cerne da questão, Mac teve que admitir.

– Isso nunca vai mudar.

– Ela nunca vai.

– O que significa que quem tem que mudar sou eu. – Mac deu mais uma mordida no chocolate. – Sei disso. E foi o que fiz. Eu disse não e estava falando sério. Teria continuado a dizer não mesmo se Del não tivesse tirado o telefone da minha mão e desligado na cara dela.

Laurel, que ia deixar um copo na pia, virou-se para trás.

– Del estava com você?

– Estava. Foi lá me encher por causa do Carter, que, aliás, é outra área da minha vida com a qual não sei como lidar. Foi nessa hora que ela ligou da Flórida pedindo mais 2 mil dólares para ficar mais uma semana e terminar a recuperação dela.

– Tenho que dar os parabéns ao Del por ter desligado o telefone na cara dela, mas ele devia ter vindo aqui nos contar.

– Eu pedi que ele não fizesse isso.

– E daí? – perguntou Laurel. – Se ele tivesse um pingo de bom senso, teria feito o que você precisava e não o que pediu. Assim você não teria passado toda a noite pensando nessa história e não teria acordado tão mal-humorada.

Laurel pôs um copo de água gelada ao lado do prato de chocolate.

– Beba isso. Provavelmente está desidratada. Quantas vezes ela ligou depois que Del foi embora?

– A culpa não é dele. Duas. Mas eu não atendi. – Mac suspirou. – Sinto muito mesmo por ter descontado em vocês.

– Para que servem as amigas?

– Tomara que Parker também pense assim. Posso levar os chocolates que sobraram no pratinho para ver se adoço um pouco a conversa?

Laurel pegou dois corações de chocolate branco do estoque.

– Ela é doida por chocolate branco. Talvez você precise dessa vantagem inicial. A mim, você só irritou. E isso é fácil de superar. Com ela foi diferente, você feriu os seus sentimentos.

– Ai, meu Deus.

– Achei que era melhor você ficar sabendo antes de ir até lá. Ela está irritada também, mas acho que você deve pedir desculpas por ter ferido os sentimentos dela.

– Está certo. Obrigada.

Conhecendo Parker tão bem, Mac foi direto para a sala de reuniões. O *incidente* tinha acontecido ali, então, pela lógica de Parker, a sequência devia se dar no mesmo lugar.

Como esperava, Parker estava sentada à mesa trabalhando no vício... ou melhor, no Blackberry. O fogo na lareira estava mais brando, o que deixava o ambiente aconchegante, e o café tinha sido substituído pela imprescindível garrafa d'água de Parker. Seu laptop estava aberto e, ao lado dele, via-se uma pilha de pastas e documentos.

Parker *nunca* estava despreparada.

Quando Mac entrou, Parker largou o BlackBerry. Tinha uma expressão fria, inexpressiva. Mac sabia perfeitamente que aquele era o "ar de trabalho a ser feito" da amiga.

– Não diga nada. Por favor. Vim aqui trazer uns chocolates e toda e qualquer possibilidade de pedido de perdão. Pode aceitar quantos quiser, e me refiro tanto aos chocolates quanto às desculpas. Sei que meu comportamento foi terrível. Tudo o que eu disse saiu da caixa de estupidez que tenho dentro de mim. Como não posso engolir as bobagens que falei, você vai ter que me desculpar. Não tem escolha.

Deixou o prato na mesa e prosseguiu:

– É chocolate branco.

– Estou vendo. – Parker fitou a amiga em silêncio. Mesmo que não conhecesse Mac praticamente a vida toda, teria percebido os sinais da recente crise de choro. – Você veio aqui dizer que se arrepende e que posso fazê-la rastejar depois de todo o trabalho que eu tive para chegarmos a um acordo?

– É.

Refletindo, Parker pegou um coração de chocolate branco.

– Concluo que já tenha falado disso com a Laurel.

– Sim. Os chocolates vieram de lá. Já me debulhei com ela. Consegui pôr quase tudo para fora, mas sou capaz de começar a chorar de novo se você não comer o chocolate para que eu saiba que estamos bem. É uma espécie de símbolo. Os homens dão um aperto de mão depois de se esbofetearem. Nós comemos chocolate.

Sem tirar os olhos de Mac, Parker deu uma mordida no coração.

– Obrigada, Parker. – Mac se deixou cair numa cadeira. – Estou me sentindo tão idiota...

– Já ajuda. Só precisamos esclarecer algumas coisas. Se você está com algum problema com relação ao meu jeito de administrar a Votos, devemos discutir isso, nós duas ou em grupo.

– Não há problema algum, Parker. Como poderia haver? É claro que de vez em quando a repetição é meio monótona, mas todas sabemos o motivo de fazermos isso. Assim como sabemos que você está sempre batendo na mesma tecla e que tem que lidar com um zilhão de detalhes, o que nos deixa livres para nos concentrarmos nas nossas tarefas específicas. Só consigo fazer o que faço, assim como Em e Laurel, porque você pensa em todo o resto. Você pensa inclusive sobre tudo o que todas nós fazemos, e por isso conseguimos realizar casamentos perfeitos.

– Não toquei no assunto para que você ficasse massageando meu ego. – Parker deu outra mordida no chocolate. – Mas pode prosseguir.

Pronto, tudo voltou ao normal, pensou Mac, dando uma gargalhada.

– É verdade. Você é chata, obsessiva e sua memória para os detalhes chega a ser assustadora. Também é fato que essa é uma das principais razões para sermos tão boas no nosso trabalho. Não quero fazer o que você faz, Parks. Nenhuma de nós quer. Mas, como abri a caixa da estupidez e me vesti de idiota, resolvi magoar você no ponto em que sabia que ia doer mais.

Mac deu uma olhada nas pastas.

– Está organizando os papéis, não é? Documentação, análise de custos, essas coisas chatíssimas.

– Estava me preparando para esmagar você como a um inseto.

Mac assentiu e pegou um coração de chocolate amargo.

– Comer um doce é melhor.

– Tem razão.

– Então... como foi a visita?

– Trouxeram as mães, uma tia e uma menininha.

– Uma menininha?

– Neta da tia. Uma graça, correu o tempo todo! Foram conhecer a Felfoot Manor ontem e o Swan Resort na semana passada.

– Estão escolhendo os melhores. Como nos saímos?

– Querem um sábado de abril do ano que vem. O dia inteiro.

– Fechamos o negócio? Só com a visita e a sua lábia? Temos uma reserva dupla?

– Nada de comemorações ainda. – Parker pegou sua garrafa d'água e tomou um gole. – A mãe da noiva, com sua fantástica bolsa Prada que contém o talão de cheques, quer se reunir com todas nós juntas. Quer uma consulta completa antes de se decidir. Tem algumas ideias.

– Ai, ai, ai!

– Não, as tais *ideias* são do tipo que transformarão o evento em algo de grandes proporções.

Do tipo capaz de atrair todas as atenções. O pai da noiva é o Wyatt Seaman, da Móveis Seaman.

– A Móveis Seaman do "Transformamos sua casa em seu lar"?

– Ele mesmo. E a esposa achou que éramos potencialmente dignas de fazer o evento. Não dignas com letra maiúscula. Pelo menos, não ainda. Mas vamos fazer uma apresentação que vai acabar com qualquer dúvida.

O desafio acendia o rosto de Parker e fazia seus olhos faiscarem.

– Depois disso, ela vai tirar o talão de cheques da fantástica bolsa Prada e fará um depósito que vai deixar nosso coração em estado de graça.

– E depois comemoramos.

– E depois comemoramos.

– Quando vai ser a apresentação?

– Daqui a uma semana. Você vai precisar criar novos pacotes. Queremos novidade. Eles deram uma olhadinha no espaço da Emma e ela fez uma breve apresentação. Como você estava bancando a idiota, mantive-os bem longe do estúdio.

– Sábia decisão.

– Mas tínhamos aqui umas amostras suas, então pudemos lhes dar uma ideia. Na próxima segunda-feira precisamos deixar em destaque todas as fotos que foram publicadas em revistas. E... bom, você sabe exatamente o que fazer.

– E vou fazer.

Parker pegou uma das pastas.

– Aqui tem um resumo das pessoas com quem teremos que lidar. Fiz umas pesquisas no Google. E aqui estão os pontos mais importantes e os cronogramas atualizados dos próximos três eventos.

– Vou meter a cara.

– Faça isso. – Parker passou a garrafa d'água para Mac. – Agora me conte o que aconteceu.

– Só mais uma Lindaíte. A febre já baixou e estou bem.

– Ela não teve coragem de pedir mais dinheiro, teve? Você acabou de... – Parker se deteve ao ler a expressão de Mac. – Mas *já*?

– Eu neguei. Várias vezes. Aí o Del desligou o telefone na cara dela.

– Esse é o meu irmão. – Era possível ouvir o orgulho na voz dela. – Fico feliz porque ele estava lá quando ela ligou. Ainda assim, ele pode fazer um pouco mais que só desligar o telefone na cara dela. Legalmente, sabe? Talvez esteja na hora, Mac.

Mac olhou para o fogo com ar pensativo.

– Você faria alguma coisa assim se fosse a sua mãe?

– Não sei. Mas acho que sim. Sou mais malvada que você.

– Eu sou bem malvada.

– Eu sou malvada, a Laurel não aceita desaforo e a Emma cede sem o menor problema.

Você fica entre as duas. É uma gama completa – disse Parker pondo a mão sobre a de Mac. – É por isso que trabalhamos tão bem em equipe. Por que pediu ao Del para não me contar?

– Como sabe que pedi?

– Do contrário, ele teria contado.

Mac deixou escapar um suspiro.

– Não queria que vocês fossem tragadas para o turbilhão da Linda. Depois fiquei chateada, aninhada no meu canto. Acordei como uma verdadeira bruxa e acabei tragando vocês de qualquer maneira.

– Da próxima vez, evite a parte do meio e saiba que estamos sempre prontas a sermos tragadas.

– Está certo. Agora, antes que eu volte a ganhar a vida sendo um membro produtivo da equipe, tenho uma pergunta a fazer: você iria para a cama com o Carter Maguire?

– Bem, ele não me propôs isso. Ele me levaria para jantar antes?

– Estou falando sério.

– Eu também. O Carter não vai esperar que eu pule na cama dele sem que tenha ao menos me levado para jantar. Mas, se estivéssemos falando de você – prosseguiu Parker, gesticulando com a garrafa d'água na mão –, eu teria que lhe perguntar se sente atração por ele.

– Não se pode ir para a cama com qualquer homem por quem se sinta atração. Mesmo que haja um jantar no pacote.

– É verdade, não faríamos outra coisa na vida. Obviamente, você gosta dele, pensa nele, passa algum tempo com ele e considera a possibilidade de fazer sexo com ele.

– Já fiz sexo antes.

Parker desistiu e comeu outro coração de chocolate branco.

– É, estou sabendo.

– Não sei por que fico tão obsessiva com relação a isso quando se trata do Carter. Devia resolver logo. Devia simplesmente fazer sexo com ele, resolver essa questão e seguir em frente.

– Você é uma bobinha, toda romântica, Mackensie. Estrelas sempre ofuscam os seus olhos.

– É nisso que dá trabalhar numa empresa de casamentos.

Não seria exatamente fora de mão dar uma passada na escola no caminho para a casa do próximo cliente. Além do mais, Mac tinha algum tempo livre antes da reunião. Além do mais *mesmo*, não tinha retornado a ligação de Carter, o que era uma grosseria. Então, qual seria o problema de dar uma passadinha rápida por lá?

Imaginou que ele devia estar dando aula. Ia dar uma espiada para confirmar *isso* e depois deixaria um bilhete para ele na recepção. Pensaria em algo divertido e leve, e então a bola

estaria de novo com ele.

Quando estudou ali os corredores eram assim tão tranquilos? Ouvia-se tanto eco, a ponto de seus passos soarem como tiros?

A escada pela qual subia agora era a mesma que subira uma década atrás. Era como uma vida passada. Aquilo fora tanto tempo antes que, ao tentar se lembrar de si mesma, só conseguiu delinear uma vaga ideia, como uma daquelas fotos que ela esmaecia deixando um pouco fora de foco.

Parecia estar caminhando junto com o fantasma da antiga Mac, quando havia tanto potencial e possibilidades.

Um fantasma destemido.

Para onde tinha ido aquela garota?

Mac foi até a porta da sala de aula e ficou olhando lá para dentro pela vidraça. Esses pensamentos desapareceram.

Carter estava com aquele paletó de tweed, camisa, gravata e pulôver de gola V. Felizmente não estava de óculos, ou então ela teria tido um orgasmo ali mesmo.

Ele se encostou na mesa, sorridente, com a atenção voltada para uma aluna que – pelo que indicavam sua expressão e seus gestos – falava apaixonadamente.

Ela o viu assentir, dizer algo e depois voltar toda a sua atenção para outro aluno.

Está apaixonado, percebeu Mac. Apaixonado por esse momento e por todos os outros que aconteciam naquela sala. Estava ali de corpo e alma. Será que os alunos sabiam disso? Aqueles garotos perceberiam que o tinham por inteiro?

Será que sabiam, que poderiam saber – tão jovens e destemidos que eram –, que coisa maravilhosa é ter alguém tão completamente para si?

Mac deu um pulo quando o sinal tocou. Pôs a mão no coração e percebeu que ele tinha disparado com o susto. Ouviu o barulho das cadeiras e de corpos em movimento. E quase não conseguiu sair da frente quando a porta se abriu.

– Leiam o terceiro ato para amanhã e se preparem para a discussão. Isso serve para você também, Grant.

– Ah, puxa, Dr. Maguire!

Ela se manteve fora do caminho daquela avalanche de gente, mas conseguiu se inclinar e ver três alunos parados diante da mesa dele. Carter os atendia com toda calma e – ai, meu Deus – pôs os óculos para ver o trabalho que um deles estava entregando.

Mackensie, você está ferrada, pensou ela, sentindo os hormônios se agitarem.

– Você fez boas observações hoje, Marcie. Vamos tentar desenvolvê-las amanhã quando discutirmos o terceiro ato. Eu vou...

Ao se aproximar da porta, Mac o viu se virar e olhar na sua direção. Ele piscou e depois tirou os óculos para vê-la direito.

– Quero ver o que vai achar da leitura de hoje.

– Obrigada, Dr. Maguire. Até amanhã.

Enquanto a sala se esvaziava e os corredores se enchiam de barulho, Carter largou os óculos.

– Mackensie!

– Estava aqui perto e lembrei que não tinha retornado sua ligação – disse ela, indo até a mesa.

– Assim é melhor.

– E mais interessante para mim. Você está com a maior cara de professor.

Ele olhou para baixo e ela aproveitou para puxar o nó da gravata dele.

– Ah, é que segunda de manhã tem reunião.

– Você também? Espero que a sua tenha sido melhor que a minha.

– Por quê?

– Nada, não. São águas passadas.

– Daquelas que não movem moinhos...

– Isso. Gostei de ver você no seu habitat natural.

– Quer tomar café? Esta foi a última aula do dia. Podíamos...

– Oi, Carter. Estava indo pegar...

Um cara baixinho, com uns óculos de armação larga e uma gorda pasta pendurada no ombro, entrou na sala. Então parou e lançou um olhar surpreso para Mac.

– Ah, me desculpem. Não queria interromper.

– Hum, Mackensie Elliot, esse é Bob Tarkinson, um dos meus colegas.

– Muito prazer – disse ela vendo os olhos de Bob se arregalarem por trás das lentes. – Você dá aula de inglês?

– Inglês? Não, não, minha área é matemática.

– Eu gostava de matemática. Especialmente de geometria. Gosto de calcular ângulos.

– Mackensie é fotógrafa – explicou Carter, percebendo que Bob já sabia disso. Disso e de outras coisas, talvez coisas demais.

– Claro. Fotografia, ângulos. Muito bom. Bem, você e Carter estão...

– Estávamos pensando em ir tomar um café – emendou Carter depressa. – Vejo você amanhã, Bob.

– Bem, eu poderia... Ah, claro, claro. – Bob só precisou daquela meia tonelada de tijolos na cabeça para captar a mensagem. – Amanhã. Foi um prazer conhecê-la, Mackensie.

– Tchau, Bob. – Mac se virou para Carter.

Bob aproveitou a oportunidade para dar um largo sorriso para Carter e erguer os polegares.

– Então... café?

– Bem que eu gostaria, mas estou a caminho da casa de um cliente. Quando terminar, preciso ir para o estúdio fazer meu dever de casa. Estou me preparando para um teste.

– Ah, é? Teste de quê?

– Um grande trabalho, com um cliente muito importante. Precisamos fazer uma apresentação e tanto. Temos uma semana para preparar tudo e conseguir agarrá-lo. Mas, se já acabou por hoje, talvez pudesse me acompanhar até o carro.

– É claro.

Mac esperou que ele vestisse o sobretudo.

– Queria ter alguns livros para você carregar para mim. Assim eu experimentaria de novo a nostalgia que senti quando entrei nesse lugar. Embora não me lembre de alguém ter feito isso por mim alguma vez.

– Você nunca me pediu.

– Ah, se soubéssemos naquela época o que sabemos agora... Você estava muito bem ali dentro, Dr. Maguire. E não me refiro à sua roupa de professor. Dar aula é algo que se ajusta perfeitamente a você.

– Ah. Bem, na verdade, eu só estava dirigindo uma discussão. Deixando que eles fizessem o trabalho. É mais conduzir do que ensinar.

– Carter, diga apenas obrigado.

– Obrigado.

Chegaram do lado de fora do prédio e desceram a escada que leva ao estacionamento dos visitantes.

– Nunca está frio demais para andar na rua quando se é adolescente – observou Mac.

Os garotos lotavam o gramado, sentavam-se nos degraus de pedra, vagavam pelo estacionamento.

– Meu primeiro beijo sério foi bem ali – falou Mac, apontando para a lateral de um edifício. – Foi John C. Prowder que me beijou, logo depois de uma daquelas festas de fim de jogo. Tive que me encontrar com Parker e Emma no banheiro entre o quinto e o sexto tempos para contar tudo.

– Vi vocês se beijando nos degraus uma tarde. Fiquei com o coração partido.

– Se soubéssemos naquela época... Acho que devo recompensar isso.

Mac se virou para Carter, passou os braços em volta do pescoço dele e encostou os lábios nos dele. Beijou-o à sombra da escola, com os fantasmas todos se agitando nos corredores, todos os velhos sonhos se transformando.

– Mandou bem, Dr. Maguire! – gritou alguém, seguido de outros brados de aprovação.

Com cara de quem estava se divertindo, Mac deu mais uma puxada na gravata dele.

– Pronto, arruinei a sua reputação.

– Ou fez com que ela melhorasse bastante. – Carter pigarreou ao chegarem ao carro. – Imagino que vai estar ocupada a semana toda com essa tal proposta.

– Vou, sim – assentiu Mac no instante em que ele abria a porta para ela. – Mas tenho que respirar de vez em quando.

– Posso fazer um jantar para você, talvez na quinta, se quiser respirar nessa noite.

– Você cozinha?

– Não tenho certeza. É uma aposta.

– Não tenho nada contra apostas, muito menos contra as que envolvem comida. Às sete na sua casa?

– Perfeito. Vou lhe dar meu endereço.

– Consigo encontrá-lo. – Ela entrou no carro. – Levarei a sobremesa – disse e caiu na gargalhada chegando a ficar sem ar por causa da cara que ele fez. – Não era uma metáfora para sexo, Carter. Estava me referindo a sobremesa mesmo. Vou pedir alguma coisa para a Laurel.

– Entendi. Mas adoro uma boa metáfora.

Ela arrancou, balançando a cabeça. Pontos para o professor. Agora tinha até quinta para decidir se iria querer uma fatia do bolo italiano da Laurel ou se ficaria com a metáfora.

capítulo dez

CARTER FOI OLHAR PELA TERCEIRA vez a mesa na sala de jantar. Quase nunca a usava, pois em geral comia na bancada da cozinha ou sentado à escrivaninha mesmo. Na verdade, era a primeira vez que a cobria com uma toalha.

Queria conseguir o tom preciso entre o sofisticado e o casual. Pratos brancos sobre uma toalha azul-escura, que ganhava vida com as listras amarelas dos guardanapos. Era o que esperava.

Tirou da mesa as três velas, que davam um ar muito calculado. Mas as pôs de volta. Parecia incompleto sem elas.

Passou as mãos no cabelo, ordenando a si mesmo que parasse de ser obsessivo. Deu as costas à mesa e foi para a cozinha.

Afinal, era ali que estava a sua verdadeira preocupação.

O cardápio já tinha sido aprovado. Depois de ser avaliado pela professora de ciências domésticas, foi ajustado de acordo com as sugestões dela e acrescido com uma receita de molho de mel para a salada.

Ela fez uma lista do que deveria ser feito e anotou quanto tempo seria necessário, além de sugestões úteis para a apresentação, que, ao que parecia, era tão importante quanto a comida. Por isso tinha agora uma toalha de mesa e guardanapos alegres.

Fez um ensaio. Tinha tudo preparado, tudo parecia... bem.

Ainda lhe restava quase uma hora, o que podia deixá-lo completamente doido. Nesse espírito, foi abrir a gaveta onde guardara a lista feita por Bob. Aquela que tinha jurado que iria ignorar.

– Música. Droga. Devia ter pensado nisso – murmurou. – Devia ter pensado.

Correu para a sala e foi revirar sua coleção de CDs. O gato se desaninhou da cadeira e foi atrás dele.

– Não vou pôr Barry White, não me importa se Bob acha que esse é um tiro certeiro. Não quero ofender, Sr. White, mas não vamos ser clichês, certo?

Tripé passou a cabeça no joelho de Carter.

Enquanto estava às voltas com os CDs, a porta se abriu e Sherry entrou.

– Oi. Posso deixar isto aqui?

– Pode. Por quê? O que é?

– Um presente de Dia dos Namorados para o Nick. É uma maleta de médico. Mandei gravar o nome dele e fui buscar agora. Ele vai adorar! Sei que, se eu levar para casa, não vou resistir e darei logo. Por isso tenho que esconder isso dele e de mim. – Sentiu um cheiro no ar. – Está cozinhando?

– Estou. Caramba, você acha que está queimando?

Carter se levantou de um salto.

– Não, está com um cheiro bom. Muito bom mesmo. – Como ele foi correndo para a cozinha, ela o seguiu. – Não parece com os queijos quentes que normalmente você... Uau, Carter, veja só! Tem comida no forno. E a mesa está tão bonita! Com velas, taças de vinho e... Está preparando o jantar para uma mulher. – Ela cutucou a barriga do irmão como fazia desde que eram crianças. – Mackensie Elliot!

– Pare! – Carter sentia literalmente um frio na barriga. – Estou implorando. Já estou à beira de um ataque de nervos.

– Que maravilha! É uma gracinha. O Nick fez um jantar para mim no nosso primeiro encontro. Foi desastroso – contou ela, suspirando, com ar sonhador. – Eu adorei.

– Adorou o desastre?

– Ele se esforçou tanto... Na verdade, ele é ótimo na cozinha. Só estragou tudo porque estava muito empenhado em me impressionar. Ah... – Ela suspirou de novo, com uma das mãos no coração. – Foi tão fofo.

– Não sabia que era preciso estragar tudo. Por que não existe um manual para essas coisas?

– Não, não é preciso estragar tudo. Com ele funcionou porque... bem... porque funcionou. – Ela abriu a geladeira para dar uma olhada. – Está deixando o frango marinar. Carter, você está *marinando*! Isso só pode ser amor.

– Vá embora. Suma daqui.

– Vai ficar com essa roupa mesmo?

A voz dele assumiu um tom ameaçador:

– Sou um homem à beira de um ataque de nervos, Sherry.

– Pelo menos, troque de camisa. Ponha aquela azul que mamãe lhe deu. Cai muito bem em você.

– Se eu prometer trocar de camisa, você vai embora?

– Vou.

– Antes de ir, pode escolher uma música? Não aguento mais nenhuma pressão.

– Fique tranquilo. Vá trocar de roupa. – Pegando o irmão pela mão, tirou-o da cozinha. – Eu cuido da música e sumo antes de você voltar. Leve o presente lá para cima, ok? E não me diga onde vai guardar, senão sou capaz de vir aqui escondida para buscá-lo antes do Dia dos Namorados.

– Combinado.

– Carter? – acrescentou ela quando ele começou a subir a escada. – Acenda as velas uns dez minutos antes de ela chegar.

– Ok.

– E divirta-se.

– Obrigado. Agora, por favor, vá embora.

Ele demorou bastante trocando de camisa, para dar a Sherry tempo de ir embora. Escondeu a caixa de presente no armário do quarto.

Quando desceu, encontrou um bilhete em cima do som. "Aperte o play uns cinco minutos antes da hora marcada. Beijos."

– Parece até que estou me preparando para uma guerra – murmurou Carter e amassou o bilhete a caminho da cozinha, onde começaria a preparar o frango.

Cortou, bateu com o martelo de carne, temperou, mediu, contou o tempo e só se queimou uma vez. Enquanto o frango assava, deixando no ar um cheiro magnífico, acendeu as velas da mesa de jantar e do aparador. Dispôs ali vasilhas com azeitonas e castanhas-de-caju. Faltando cinco minutos para a hora marcada, ligou o som. Alanis Morissette.

Boa escolha.

Às sete, ela bateu à porta.

– Fui treinada pela Parker – falou, quando ele abriu. – Por isso sou obsessivamente pontual. Espero que não veja problema nisso.

– Não tem problema algum. Deixe-me pegar o seu casaco. Ah, e...

– A sobremesa – disse ela, passando-lhe uma bela caixa de doces da Votos. – É um bolo italiano com creme, um dos meus favoritos. Sua casa é linda, Carter. Combina com você – acrescentou, dirigindo-se para a sala, onde havia uma parede coberta de livros. – Ah, você tem um gato.

– Não me lembrei de perguntar se você tinha alergia.

– Não tenho, não. Oi, rapaz. – Ela começou a se agachar, mas parou, inclinando a cabeça. – Você tem um gato de três patas.

– É o Tripé. Foi atropelado por um carro.

– Ah, tadinho! – Mac se abaixou imediatamente e começou a acariciar o gato com delicadeza. – Deve ter sido horrível para vocês dois. Ainda bem que estava em casa.

– Não foi bem assim. Eu estava vindo da escola. Eles... o carro à minha frente bateu nele e simplesmente foi embora. Não entendo como alguém pode fazer uma coisa dessas. Quando parei, achei que ele estivesse morto, mas estava desmaiado por causa do choque. O veterinário não conseguiu salvar a pata, mas ele está bem.

Mac continuou acariciando o gato enquanto olhava para Carter.

– Aposto que sim.

– Quer uma taça de vinho?

– Quero. – Fez um último afago em Tripé e se levantou. – E também quero ver o que está cheirando tão bem.

– Eu achei que fosse você.

– Além de mim – retrucou ela enquanto Carter pendurava seu casaco no vestíbulo.

– Venha. – Pegou-a pela mão e levou-a à cozinha. – Você está linda. Eu já devia ter dito isso.

– Só se estiver riscando itens numa lista.

Carter estremeceu e ficou feliz com o fato de Mac ter a atenção voltada para a cozinha e não para o seu rosto.

– Está com um cheiro bom mesmo. O que está fazendo, Carter? – Foi até o fogão para cheirar a frigideira.

– Bem, vejamos. Temos uma salada verde, um frango com alecrim marinado no vinho branco, batatas-doces coradas e aspargos.

Ela ficou de queixo caído.

– Só pode estar brincando comigo.

– Você não gosta de aspargos? Eu posso...

– Não, não isso. Você fez tudo? – Ela ergueu a tampa da frigideira.

– Na verdade, não se deve destampar enquanto... Ah, não faz mal. – Deu de ombros enquanto ela cheirava a comida de novo e tampava a frigideira.

– Que preocupação, Carter.

– O quê? Tem algo de errado com o frango?

– Não. Você *teve* toda essa preocupação! Achei que fosse jogar uns bifes na grelha ou abrir um pote de ragu e dizer que tinha feito. Mas você cozinhou mesmo. Isso demanda um tempo enorme e dá o maior trabalho. Estou admirada. E olha que mesa linda você arrumou!

Ela foi até a sala de jantar e deu uma volta em torno da mesa.

– Você é um cara prendado, não é?

– Por que não pensei no ragu? – Pegou a garrafa de vinho que tinha aberto. – Tenho aqui um branco por causa do frango, mas não sabia qual você iria preferir. Este deve ser bom.

– Deve?

– Não entendo muito de vinho. Fiz uma pesquisa.

Ela pegou a taça que Carter lhe estendia e provou, sem tirar os olhos dele.

– A pesquisa foi muito boa.

– Mackensie... – Carter se aproximou e encostou os lábios nos dela. – Pronto, já estou me sentindo melhor.

– Melhor que...

– Provavelmente que qualquer homem do mundo, já que nenhum deles pode beijar você na cozinha.

– Está me deixando desnorteada, Carter.

– Faz parte do meu plano. Só preciso organizar mais umas coisinhas. Não quer se sentar?

– Posso ajudar?

– Tenho tudo programado... espero. Se você se meter na programação, vai mudar... bem, o sistema. Ensaiei tudo na terça à noite, então acho que está tudo sob controle.

– Você ensaiou?

Foi baixar o fogo sob a frigideira, perguntando-se por que diabos tinha falado aquilo.

– É... bem, eu não sabia como tudo ia transcorrer e é preciso fazer as coisas num tempo determinado, então achei melhor fazer um ensaio do jantar.

– Fez sozinho um ensaio geral para o jantar?

– Mais ou menos. A mulher do Bob tinha um encontro do clube de leitura, então ele veio aqui e eu cozinhei. Nós provamos a comida. Por isso, acho que pode se sentir segura. E o seu teste?

– Meu teste?

– A apresentação de segunda-feira.

– Estou preparadíssima. O que é muito bom, já que, a partir de amanhã, estamos com a agenda totalmente lotada. Fizemos uma reunião geral hoje de manhã e dois ensaios à tarde. O segundo foi bem problemático, porque a dama de honra e o padrinho não se falam. Eles terminaram há pouco tempo, porque ela descobriu que ele tinha um caso com a sócia.

– Como vocês conseguem lidar com esse tipo de situação?

– Como se lidássemos com um fardo de dinamite prestes a estourar. Ter uma empresa de casamentos não é para fracos.

– Estou vendo.

– E, na segunda, vou ter que apresentar um espetáculo capaz de fazer a Sra. Móveis Seaman aplaudir de pé.

– A Móveis Seaman é um possível cliente?

– Tecnicamente, a filha dela é. Mas como é a mãe que paga...

– Vamos comer a uma mesa e sentados em cadeiras que comprei lá. Talvez dê sorte.

Sentaram-se nas cadeiras da sorte, diante da mesa da sorte, com velas, vinho e música de fundo. Mac se deu conta de que estava sendo cuidadosa e descaradamente seduzida.

E gostou disso.

– Sabe, Carter, está tudo tão gostoso que nem estou mais me sentindo culpada pelo fato de você ter comido exatamente a mesma coisa duas vezes na semana.

– Pode considerar que são sobras sofisticadas. Normalmente, as sobras são fundamentais no cardápio aqui de casa. – Olhou para o gato, que se sentara ao lado da sua cadeira e o fitava com aqueles olhos amarelos, sem piscar.

– Acho que esse carinha aí está esperando as sobras.

– Ele não está acostumado a me ver comer à mesa. Normalmente como na bancada. Acho que é por isso que está confuso. Quer que o tire daqui?

– Não. Gosto de gatos. Na verdade, já casei várias vezes com gatos.

– Não sabia disso. Acredito que não tenha dado muito certo.

– Tudo depende do ponto de vista. Tenho lembranças muito agradáveis desses casamentos, por mais efêmeros que tenham sido. Quando éramos crianças, Parker, Emma, Laurel e eu brincávamos muito de Casamento. – Ela riu com a taça de vinho na mão. – Acho que nossa empresa começou nessa época, embora ainda não soubéssemos disso. Tínhamos roupas e

adereços e cada uma desempenhava um papel. Casávamos umas com as outras, com os animais de estimação e até com o Del, quando Parker conseguia suborná-lo.

– Ah, então foi numa dessas que tiraram a foto que está pendurada no seu estúdio. Aquela com a borboleta.

– Ganhei a câmera de presente do meu pai. Sem dúvida não era nem um pouco apropriada para a minha idade. Minha avó usou isso para falar mal dele, como sempre. Tirei a foto num dia quente de verão, quando eu queria ir nadar em vez de brincar daquilo mais uma vez. Parker aplacou o meu mau humor me decretando fotógrafa oficial do casamento, em vez de dama de honra. Eu não queria usar o vestido, e ela decidiu que eu seria a fotógrafa.

– Uma premonição.

– Acho que sim. Se acrescentarmos aí a coincidência do voo da borboleta, tudo acabou se ligando numa espécie de epifania pessoal. Ali entendi que podia preservar uma lembrança, um instante, uma imagem, e que, de fato, era isso que eu queria fazer.

Ela comeu mais um pedaço de frango.

– Aposto que obrigava Sherry a brincar de escolinha.

– Acho que sim. De vez em quando. Ela podia ser subornada facilmente com adesivos.

– Quem não podia? Não sei se somos sortudos ou chatos por sabermos desde tão pequenos o que queríamos ser quando crescêssemos.

– Na verdade, eu me via compartilhando minha sabedoria pelos corredores com ar rarefeito de Yale, enquanto escreveria um grande romance americano.

– É mesmo? Por que não fez isso?

– Eu percebi que gostava de brincar de escolinha.

Gostava mesmo. Mac tinha percebido isso.

– E escreveu o livro?

– Ah, estou escrevendo um romance como qualquer professor de inglês que se preze. E provavelmente vou ficar escrevendo para sempre.

– E que tal?

– Tem cerca de duzentas páginas até agora.

– Não. – Mac cutucou o ombro dele. – Sobre o que é?

– É sobre um grande amor, perda, sacrifício, traição e coragem. O de sempre, sabe? Tenho pensado que ele está precisando de um gato de três patas e talvez de uma palmeira plantada num vaso.

– Quem é o protagonista?

– Você não deve estar interessada nisso.

– Se não estivesse, não perguntaria. Quem é o protagonista e o que ele faz?

– Vai ficar espantada, mas é um professor. – Ele sorriu e encheu a taça de Mac. Assim teria uma desculpa para levá-la em casa. – Foi traído por uma mulher, claro.

– Claro.

– Teve a vida arruinada, bem como a carreira e a alma. Destruído, precisa recomeçar, encontrar coragem para consertar o que se partiu dentro dele. Precisa aprender a confiar novamente, voltar a amar. Precisa muito da palmeira plantada no vaso.

– Por que ela o traiu?

– Porque ele a amava, mas não lhe dava atenção. Ela o destruiu para que ele prestasse atenção nela, acho.

– Então, o gato de três patas pode ser uma metáfora para a alma ferida dele e sua determinação em sobreviver com as cicatrizes.

– Boa interpretação. Eu lhe daria A.

– Agora, a pergunta importante. – Ela se inclinou para perto dele. – Tem cenas de sexo, violência e palavrão?

– Tem.

– Vai ser um sucesso. Precisa terminar de escrever. Na sua área, não é obrigatório ter publicações?

– Não precisa ser um livro. Publiquei uns artigos, ensaios e contos para ganhar uma graninha.

– Contos? Sério?

– Só em pequenas publicações. O tipo de coisa que não circula fora do meio acadêmico. Você devia publicar as suas fotos. Fazer um livro de arte.

– Às vezes penso nisso. Acho que é como o seu romance. Quando não é nosso trabalho, acabamos deixando esses projetos para trás. Parker acha que devíamos fazer uma série de livros ilustrados sobre casamento: arranjos de flores, bolos, fotos. O melhor que cada uma de nós é capaz de fazer.

– É uma boa ideia.

– Parker só tem boas ideias. Só precisaríamos arranjar tempo para organizar esse material e procurar uma editora que publique esse tipo de livro. No entanto, temos três eventos, três dias seguidos, e o de sábado vai ser bem complicado. Você podia ir.

– Ir... ao casamento? Não posso, não fui convidado.

– Você faria parte da nossa equipe – decretou Mac, de repente. – Deus sabe como nos ajudaria ter mais um homem com cérebro nesse casamento. Em alguns eventos, uso um fotógrafo assistente... quando é preciso. Na maioria das vezes, prefiro trabalhar sozinha. Mas já tinha decidido contratar alguém para esse, uma vez que terei que carregar uma dinamite prestes a explodir. As duas pessoas que sempre me socorrem em situações como essa não estão disponíveis. Está contratado.

– Não entendo nada de fotografia.

– Eu entendo. Você vai me passar o que eu for pedindo, vai posar e servir de burro de carga quando for necessário. Tem um terno escuro? Que não seja de tweed?

– Eu... tenho, mas...

Ela abriu um sorriso sedutor.

– Vai ter bolo.

– Bem, nesse caso...

– Jack foi intimado de última hora para ser o acompanhante da dama de honra por causa do canalha traidor do padrinho. E o Del vai ajudar porque o Jack o obrigou. Você conhece os dois. E nos conhece. – Ela comeu mais batata. – E vai poder comer o bolo.

Nada daquilo serviria para convencer Carter, mas a ideia de estar com ela, em vez de ficar apenas pensando em estar com ela, o motivou.

– Está certo, se tem certeza do que está dizendo...

– Três horas, no sábado. Vai ser fantástico.

– E dessa vez eu é que vou ver você no seu habitat natural.

– Vai mesmo. Por falar em bolo, meu estômago ainda não tem espaço para a sobremesa. Vou digerir esta maravilhosa refeição lavando a louça.

– Não precisa se incomodar com isso.

– Você já fez o jantar. Duas vezes. Vou arrumar as coisas enquanto você toma um brandy e fuma um charuto.

– Não tenho brandy nem charutos em casa.

Ela deu um tapinha no ombro de Carter quando se levantou.

– Um professor de inglês deveria reconhecer uma metáfora. Tome mais uma taça de vinho, já que não vai dirigir. – Ela serviu outra taça para ele antes de começar a tirar os pratos da mesa. – Na verdade, gosto de lavar louça. É a única tarefa doméstica que me agrada.

Ela abriu a torneira de água quente, encontrou o detergente no armário embaixo da pia e despejou um pouco nas panelas e nas frigideiras. Carter gostou de ficar sentado, observando-a fazer aquelas tarefas básicas, tão mundanas. Esperava que ela não dissesse nada importante, porque sua mente estava atordoada.

E não tinha nada a ver com o vinho, mas com o fato de imaginá-la ali, arrumando a cozinha na semana seguinte, no mês seguinte, no ano seguinte. Imaginava-a sentada ao lado dele, comendo com ele.

Sabia que estava indo longe demais, rápido demais, mas não conseguia evitar. A atração tinha passado por uma rápida e brusca reviravolta, fazendo com que ele começasse a descer aquela estrada em direção ao amor.

– Onde estão os panos de prato?

– O quê?

– Os panos de prato – repetiu ela, abrindo uma gaveta qualquer.

– Não é nessa aí. Ficam na do outro lado. Vou pegar.

Ele se levantou, abriu a gaveta certa e tirou um pano.

– Posso enxugar as panelas. – Voltou-se para ela e sentiu o estômago embrulhar.

Com a cabeça inclinada, ela lia a lista de Bob.

– Você tem uma lista.

– Não. Quer dizer, sim. Não é minha. Quero dizer, é minha, sim, mas não fui eu que a escrevi. Não fui eu que a fiz. Droga!

Com uma expressão atenta, Mac continuou a ler.

– É bem detalhada.

– Foi o Bob. Aquele que você conheceu. Ele é louco... Acho que não mencionei isso quando o apresentei a você.

– Tem itens.

– Eu sei, eu sei. Desculpe. Ele está determinado a bancar o Cyrano. Quero dizer...

Ela ergueu os olhos e o fitou.

– Sei quem é Cyrano, Carter.

– Ah, claro que sabe. Ele se casou há poucos anos, estão esperando um bebê.

– Dê os parabéns a ele por mim.

– Enfiou na cabeça essa ideia de que precisa me ajudar, bem... nessa área. Foi ele que trouxe a lista na terça-feira. Eu falei que ele veio jantar aqui na terça-feira, não falei?

– Para o ensaio.

– Isso mesmo, para o ensaio. Devia ter jogado isso fora depois que ele foi embora, mas guardei na gaveta. Foi só...

– Por precaução, não foi? Como um backup.

– Foi e não tenho como me desculpar. Não a culpo por estar chateada.

Ela voltou a atenção para Carter.

– Eu pareço chateada?

– Ah... Não, agora que mencionou, realmente não parece. O que é bom. É um alívio. Diria que está achando... engraçado?

– De certa forma... – respondeu ela. – Segundo a lista de Bob, estamos cumprindo direitinho a programação.

– Não segui essas instruções. Juro. – Ergueu a mão, com a palma voltada para Mac. – Tenho minha própria lista. Na cabeça. Que de repente percebo que é igualmente estúpida.

– Como estamos nos saindo em relação à sua lista?

Ela sorriu, mas Carter não conseguiu perceber o que havia por trás daquela expressão. Devia haver alguma coisa.

– Bem. Estamos nos saindo bem. Quem sabe não podemos comer um pedaço do bolo?

Ela ergueu o dedo quando ele tentou voltar à lista.

– Acho que deveríamos apenas empilhar os pratos. A menos que pense, como leio agora entre parênteses, que estou achando que você lavou mal a louça. Bob acredita, e nós sabemos como é o Bob, que lavar a louça junto, se for preciso, pode ser considerado uma preliminar.

Mortificado, Carter fechou os olhos.

– Pode me matar, por favor?

– Desculpe, mas isso não está na lista. A lista diz que, depois de ter escolhido a música apropriada, e Barry White é a forte recomendação dele, você deveria dançar comigo. Pode ser na cozinha ou na sala de jantar, os dois locais são aceitáveis. Tem que ser uma dança lenta, que encaminhe para a parte da noite dedicada à sedução. Ele aconselha ainda que, nesse momento, você tente perceber se posso ser convencida a ir lá para cima.

– Quer que eu o mate? Tenho pensado nisso.

– Não ouvi Barry White.

– Acho que não tenho nenhum... Mesmo que tivesse, eu não teria... Já disse que o Bob é louco?

– Tem uma coisa que eu gostaria de saber, Carter. – Olhando para ele, Mac deixou a lista na bancada. – Por que não está dançando comigo? – Ela se aproximou e passou os braços em volta do pescoço dele.

– Ah.

– Não queremos desapontar o Bob.

– Ele é um ótimo amigo. – Carter encostou o rosto no topo da cabeça dela e tudo voltou ao seu devido lugar. – Não sou um bom dançarino. Tenho pés muito grandes. Se pisar em você...

Ela ergueu a cabeça.

– Cale a boca e me beije, Carter.

– Posso fazer isso.

Dançando, Carter encostou a boca na dela. Deu-lhe um beijo suave e delicado, como o momento pedia. Continuou dançando bem devagar, sentindo-a passar os dedos em seu cabelo e suspirar, o que embotou a mente dele.

Ela moveu a cabeça para percorrer seu queixo com os lábios.

– Carter?

– Humm?

– Se estiver prestando bem atenção, vai perceber que estou convencida. – Manteve os olhos abertos, fitando os dele, quando voltaram a juntar os lábios. – Por que não me leva lá para cima?

Ela deu um passo para trás e estendeu a mão.

– Se me desejar.

Ele pegou a mão de Mac e a beijou.

– Acho que passei a vida toda desejando você.

Saíram da cozinha. Quando chegaram ao pé da escada, ele teve que se deter para beijá-la novamente. Perguntava-se se o vinho, o desejo e as imagens fervilhavam na cabeça dela tanto quanto na dele.

Levou-a para o andar de cima, a pulsação se acelerando a cada degrau.

– Pensei em flores e velas – disse ao entrarem no quarto. – Depois achei que isso podia estragar tudo, apesar de não ser supersticioso. E queria tanto ter você aqui que não podia me arriscar. Queria você na minha cama.

– Ouvir você dizer isso é bem melhor que velas e flores, pode acreditar.

Assim como o resto da casa, pensou Mac, o quarto era a cara dele. Linhas simples, cores suaves, espaço organizado.

– Eu queria estar aqui. Queria estar na sua cama.

Indo até ela, Mac viu a foto do cardeal na parede em frente. Comovida, virou-se para fitá-lo e o desejou mais do que achava possível.

Começou a desabotoar a própria blusa.

– Não, por favor. Se não se importar, quero tirar sua roupa.

Ela baixou as mãos.

– Não, não me importo.

Carter se aproximou e acendeu a luminária da mesinha de cabeceira.

– E quero ver você enquanto faço isso.

Fez um carinho no rosto de Mac e percorreu seu corpo com ambas as mãos, puxando-a para si.

Então sua boca procurou a dela.

capítulo onze

JÁ HAVIA SIDO BEIJADA DESSE JEITO? Aquele encontro de lábios e línguas fazia seu corpo inteiro vibrar. Não se lembrava de ter sido seduzida assim, tão completamente, antes por palavras e por um único e fantástico beijo.

Como o jogo podia ter virado dessa forma? Ela é que pretendia *seduzi-lo*, provocando-o até conseguir levá-lo para a cama. Pensava que seria algo descontraído e simples, como a primeira parte da noite, algo que serviria única e exclusivamente para extravasar a tensão sexual que sentia perto dele.

Era para ser simples, básico.

Mas não foi.

Carter beijou seu rosto, sua testa; ficou olhando para ela com aqueles serenos olhos azuis enquanto desabotoava sua blusa. Nem chegava a tocá-la, mas ainda assim ela prendia a respiração. Sem encostar um dedo nela, assumiu o controle.

Ali, naquele quarto, à meia-luz, olhos nos olhos, Mac não se importou.

Depois de abrir a blusa de Mac, Carter percorreu seu colo com a ponta do dedo, depois desceu até os seios. Roçava bem de leve a pele, o que a deixou pegando fogo.

– Está com frio? – perguntou ele quando Mac estremeceu.

– Não.

Ele sorriu.

– Então... – Bem devagar, descobriu os ombros dela, deixando que a blusa caísse no chão. – Que lindo – sussurrou, passando os polegares no bojo rendado do sutiã.

Ela expirou, prendeu a respiração e voltou a inspirar.

– Carter, está me deixando sem forças...

– Adoro os seus olhos. São oceanos mágicos. – Passou os dedos pelas costas dela, primeiro descendo, depois subindo e descendo outra vez, deixando uma sensação de arrepio na pele. – Queria tanto admirá-los... tocando em você... exatamente como agora.

Paciente, sem se deter num só ponto, ele a explorou. Os montes e os vales, os ângulos e as curvas. Enquanto todo o corpo de Mac estremecia ao toque dele, Carter desabotoou o cós da calça dela e em seguida abriu o zíper.

Mais uma vez percorreu cada milímetro daquele corpo com as mãos, descendo a calça pelos quadris, pelas pernas.

Ele estendeu a mão para ela. Como se estivesse hipnotizada, Mac a aceitou e deu um passo, deixando a calça embolada no chão. Sentiu o coração disparar ao vê-lo percorrer seu corpo com os olhos, repetindo o trajeto feito com as mãos. Bem lentamente. Ele sorriu.

– Gosto das botas.

Mac olhou para baixo e viu as botas de salto que, mesmo estando apenas de calcinha e sutiã, permaneciam em seus pés.

– Estiloso, hein?

Sorrindo, ele prendeu um dedo no elástico da sua calcinha. Mac soltou um "Ai, meu Deus" quando ele a puxou para si.

Dessa vez, a boca de Carter encontrou a dela com fervor, como um relâmpago. Quando Mac começou a se derreter, ele a virou de costas e aproveitou que ela inclinou a cabeça para trás, deixando o pescoço à mostra, para lhe dar leves mordidinhas.

Com uma das mãos, percorreu aquela pele macia, perdendo-se em suas curvas; com a outra, desabotoou a própria camisa. Mac sentiu o contato da pele dele na sua. Então, passou um braço em torno do pescoço de Carter e foi se aproximando mais, fundindo seu corpo ao dele.

Não tenha pressa..., disse ele a si mesmo. Queria saborear cada segundo, cada toque, cada respiração. Mackensie estava em seus braços.

O coração dela batia forte, o que em si já era um milagre. Ela estava com ele, sentindo-o, desejando-o. Nessa noite, finalmente, os sonhos do garoto e os desejos do homem seriam eclipsados pela realidade da mulher.

Carter se livrou dos sapatos, sucumbindo ao sabor e à textura daquela nuca. Com os dentes, puxou a alça do sutiã, deixando descoberta a maravilhosa curva dos ombros de Mac.

Ela arqueou as costas e estremeceu.

Prazer, pensou ele; é tanto prazer para dar e receber... Queria despertar nela diversas sensações e vê-la se erguer, cavalgar. Sentindo os próprios desejos latejarem, desabotoou o sutiã de Mac e deslizou a mão suavemente pela calcinha. Depois acariciou a parte interna da coxa, passando um dedo bem de leve na virilha, por baixo do elástico.

– Carter.

A mão dela pressionou a dele, apressando-o. Mas Carter recuou e, outra vez, virou-a para que ficasse de frente para ele.

– Desculpe. Ainda não acabei.

Aqueles olhos mágicos de Mac estavam repletos de tempestades, a pele de porcelana tinha corado de paixão. Por ele, pensou Carter. Outro milagre. Ela o procurou e sua boca encontrou a dele num beijo arrebatado.

Espere, pensou ele com o sangue pulsando. Espere, tem mais. Levou-a até a cama e deitou-se ao lado dela.

– As botas – disse Mac.

– Gosto delas – rebateu Carter, baixando a cabeça em direção aos seios dela.

O corpo de Mac vibrou e estremeceu, chegando a doer. A mente se esvaziou, exceto de Carter e de tudo o que ele estava lhe proporcionando.

As mãos lentas e os lábios habilidosos inundaram seu corpo de sensações, camada a

camada, até que ela ficou sem ar.

– Não posso, não posso.

– Está tudo bem. – Ele passou um dedo em seu corpo, deslizando nela, dentro dela.

Os véus se abriram com uma explosão de alívio.

O corpo de Mac tremia. Carter a percorria com os lábios, subjugava-a com a boca. Ela subiu e desceu. Tão rápido, mas tão rápido... Era tudo muito intenso, uma sensação atrás da outra, até tudo ficar na sombra e na luz, em movimentos frenéticos. Um mar de sensações a inundou, uma tempestade caiu, levando-a ao desespero até explodir na ondulação seguinte.

Quando ele enfim a penetrou, os dois gemeram.

Mac arqueou o corpo, quase fazendo Carter perder o pouco controle que ainda lhe restava. Ele a fitou nos olhos, agora escuros e vidrados, enquanto a conduzia à loucura com aqueles movimentos lentos. Sentiu que ela chegava ao ápice, a viu chegar e a acompanhou.

– Mackensie – disse apenas o seu nome, mergulhando nos olhos dela, afogando-se em seu corpo.

Mac se sentiu meio tonta e entorpecida. Até os dedos dos pés lhe pesavam. O ar voltou a circular em seus pulmões, o que foi bom. Tinha quase certeza de que parara de respirar várias vezes enquanto Carter a...

Aniquilava. Esse era o termo exato.

Mesmo agora, deitado sobre ela como se tivesse levado uma pancada, o coração dos dois batendo descontrolados, ele continuava beijando com suavidade o pescoço dela.

– Está tudo bem? – perguntou ele.

Bem? Ficou louco? Você fica bem quando escorrega no gelo e consegue se equilibrar antes de cair e quebrar o tornozelo. Ou ao entrar num banho quente depois de um dia cansativo.

Não é possível estar *bem* quando todo o nosso organismo foi virado do avesso e desvirado novamente.

– Sim. – O que mais podia dizer? – E com você?

– Hum. Mackensie está nua na cama comigo. Com certeza estou bem.

– Ainda estou de botas.

– Melhor ainda. Desculpe, devo estar esmagando você – disse ele, e rolou para o lado, puxando-a para si.

– Carter, você é quase tão magro quanto eu. Não é pesado.

– Sei disso. Quero dizer, sei que sou magro. Nada parece mudar isso. Uma vez Corri... uma pessoa tentou me convencer a malhar com um personal trainer. Mas não consegui arrumar tempo para isso. Os músculos não fazem parte do meu DNA.

– Você tem um corpo esguio, bem atraente. Não acredite se alguém te disser o contrário. Além disso, sabe usá-lo como um estivador.

– Venho me poupando. – Ele sorriu e examinou o rosto dela. – Você é tão linda!

– Não sou, não. Sei disso por causa da minha profissão. Tenho um rosto interessante e posso valorizá-lo com alguns truques. Tenho um corpo magro, relativamente tonificado por... bem, mais por pensar em fazer exercício do que por fazer de verdade. Sou como um cabide. As roupas caem bem, mas sou só uma armação.

– Você é linda. Não acredite se alguém te disser... lhe disser o contrário. Desculpe, é uma questão profissional, estou sempre corrigindo erros.

Ela riu e se aninhou ainda mais nele.

– Está certo, professor. E nós estamos num clima pós-transa muito... elogioso.

– Você sempre foi bonita. Tem esse cabelo ruivo e uns olhos verdes de feiticeira. Além das covinhas.

Ele pensou que, se tivesse cerca de quinze minutos a mais, poderia chupá-la como a um sorvete para vê-la gozar novamente.

Ela inclinou a cabeça e lhe deu um sorriso. Carter fechou os olhos. O rosto dele estava bem descontraído. Devia ter essa aparência quando dormia, pensou Mac. Se acordasse antes dele, era assim que o veria.

Preguiçosamente, foi traçando com o dedo as linhas do queixo dele.

– Como ganhou essa pequena e intrigante cicatriz?

– Foi só um problema com uma cerca.

– Você pula cercas, como o capitão Jack Sparrow?

– Quem me dera. Aposto que você tem uma quedinha pelo Johnny Depp.

– Estou viva. E sou mulher. Próxima pergunta.

– Ele atravessa gerações. É interessante. As mulheres maduras ficam loucas por ele exatamente como as minhas alunas.

– Mas eu vi primeiro. Na verdade, neste exato momento, estou louca por outro homem. Como foi esse problema com a cerca? – perguntou ela, sorrindo.

– Ah, eu estava fugindo de dois garotos que queriam se divertir me batendo. Tive que pular a cerca e, como sou muito articulado, bem diferente dos piratas e dos atores que os representam, escorreguei e me cortei no arame.

– Ai! Quando foi isso?

– Semana passada.

Ela riu e rolou para cima dele.

– Anõezinhos cruéis.

– Eram mesmo. Eu tinha 10 anos, mas eles eram anõezinhos cruéis.

– Conseguiu fugir?

– Dessa vez, sim.

Ele pegou as pontas dos cabelos curtos de Mac e baixou seu rosto para lhe dar um beijo. Com um suspiro, ela acomodou a cabeça na curva do ombro de Carter.

Era tão bom estarem ali aninhados, pensou. Pele com pele, com as batidas do coração se acalmando e cada pedacinho do seu corpo sendo cuidado por um homem que a achava extremamente atraente em todos os sentidos.

Seria capaz de ficar assim, exatamente assim, por horas. Dias. Sonolenta, quente e aconchegada no delicioso Carter Maguire. E de manhã poderiam...

Abriu os olhos na mesma hora. O que ela estava pensando? O que estava *fazendo?* De manhã? Horas e dias? Sentou-se de um salto, em pânico.

– O que aconteceu?

– O quê? Ah, nada, nada. O que poderia ter acontecido?

Carter se sentou com ela, despenteado e sensual, fazendo com que o coração e os hormônios de Mac ameaçassem disparar.

Ela tinha que ir embora, naquele instante. Tinha que voltar para a realidade, para o terreno da sanidade, antes que fizesse algo estúpido como se apaixonar.

– Eu só... Meu Deus, já viu que horas são? Tenho que ir.

– Ir embora? Mas...

– Foi maravilhoso. Foi tudo maravilhoso! – Droga, droga, só estava vestida com as botas. – É que perdi a noção do tempo. Está tão tarde...

Obviamente surpreso, Carter olhou para o relógio.

– Nem tanto. Não quer...

– Tenho dever de casa para fazer – disse ela, desesperada para soar tranquila enquanto procurava suas roupas íntimas e o pânico galopava dentro dela como um cavalo selvagem.

Onde está meu sutiã? Cadê a droga do sutiã?

Que se dane.

– Tem uma série de coisas que ainda preciso fazer. Tenho que começar bem cedo amanhã. É sério.

– Eu programo o despertador. De qualquer modo, acordo às seis. Fique, Mackensie.

– É sério. Gostaria muito de poder ficar. É sério. – Quantas vezes conseguiria dizer "é sério" em cinco minutos? Estava prestes a bater o recorde. – Mas é que, bem, o dever me chama. Não, não precisa se levantar.

Por favor, não se levante, pensou Mac vendo-o sair da cama.

– Fique – pediu Carter, pondo a mão no rosto de Mac enquanto ela vestia a blusa. – Quero dormir com você.

– Já riscamos esse item da lista, foi ótimo – acrescentou ela, com um sorriso radiante.

– Dormir.

– Ah, Carter, acho isso muito fofo. É sério. Eu adoraria... mas fica para outra oportunidade. São três eventos e a apresentação. Estou ocupadíssima. – Deu um rápido selinho nele. – Preciso correr. Obrigada por tudo. Depois eu ligo.

E fugiu.

Ah, ela era uma pessoa terrível. Uma louca, pensava, a caminho de casa. Provavelmente iria para o inferno. Seria mais do que justo. Mas fez a coisa certa, a única que podia fazer. Por ela própria e por Carter.

Sem dúvida alguma, por Carter, disse a si mesma.

Ir para o inferno? Que ridículo! Devia ganhar uma medalha – ou uma maldita estátua – por fazer o que tinha que ser feito.

Assunto encerrado. Agora tudo ia ficar bem.

Ia ficar perfeito, na verdade.

Viu as luzes da mansão acesas e pensou: graças a Deus. Parker e Laurel concordariam com ela. Apoiariam sua decisão. Era disso que estava precisando, concluiu, e estacionou em frente à casa. Um pouquinho de aprovação das amigas faria com que aquele bolo no estômago sumisse.

Foi correndo lá para dentro; subiu a escada gritando por Parker.

– Estamos aqui em cima – respondeu a amiga, aparecendo no corredor. – O que houve? Sofreu um acidente?

– Não, foi tudo premeditado. Ou talvez não. Tinha uma lista.

– Ok. Obviamente você não está machucada. Estamos na sala de reunião, repassando os últimos detalhes, já que estamos todas acordadas.

– Emma também?

– Também.

– Que bom, isso é melhor do que eu imaginava.

Passou correndo por Parker e entrou na sala onde Laurel e Emma estavam sentadas, cercadas de biscoitos, chá e pastas com documentos.

– Bem, achávamos que só fosse aparecer aqui de manhã, constrangida. – Laurel largou o lápis. – Estávamos pensando em instalar uma câmera de vídeo.

– Como foi o jantar? – indagou Emma.

– Eu fugi. Simplesmente fugi. – Com um olhar meio selvagem, Mac tirou o casaco. – Vocês teriam feito a mesma coisa.

– Foi bom assim? – Laurel passou-lhe a bandeja. – Coma um biscoitinho.

– Não, não é isso. Ele ensaiou na terça-feira. Conseguem imaginar uma coisa dessas? E esta noite fez um jantar maravilhoso, à luz de velas e com frango marinado no vinho.

– Frango marinado no vinho? – Parker foi se sentar. – Ainda bem que sobreviveu. Devíamos chamar a polícia.

– Ok, esperem, não estão enxergando o panorama completo. – Tentando se acalmar, Mac respirou fundo algumas vezes. O que, aparentemente, não adiantou muito. – Ele teve tanto trabalho e foi... bem, foi adorável. E divertido. Bob fez uma lista.

– Quem é Bob? – perguntou Laurel.

– Não importa, mas Carter ficou tão envergonhado... Ele é muito fofo. Fica com as pontinhas das orelhas vermelhas.

– Ohn! – exclamou Emma.

– É, eu *sei*, mas o que se pode fazer? Fiquei tão excitada que tive que ir para a cama com ele.

– Sei como é. Quando um cara fica com as pontas das orelhas vermelhas, também tenho o impulso de tirar a roupa. – Como Mac não parecia querer biscoito, Laurel pegou mais um. – Então, fizeram sexo.

– Não fizemos sexo apenas. Foi o sexo mais incrível da história do planeta, um sexo capaz de derreter os neurônios.

– Agora está começando a ficar interessante. – Parker cruzou as pernas, se recostou e perguntou: – Foi um sexo terno, afetuoso, de fazer anjos soluçarem ou de ouvir tambores selvagens e se pendurar no lustre?

– Foi... Ninguém nunca fez eu me sentir desse jeito, ou nunca se sentiu assim por minha causa. – Mac sentou no braço da cadeira de Parker e ficou olhando para a lareira, em busca das palavras certas. – É como se você soubesse que é o centro das atenções, a única coisa que ele vê. Nada mais além de você. E foi carinhoso, excitante, assustador e incrível. Aquela pessoa que está ali com você e mais ninguém. Quando toca em você, não existe ninguém além dele.

As três suspiraram e por um momento fizeram um silêncio reverente.

– Por que não está grudada nele na cama? – perguntou Emma.

– Meu Deus! – Mac se virou imediatamente na direção dela. – Você não ouviu o que eu disse?

– Ouvi, imaginei e fiquei com inveja.

– Tive que fugir. Eu queria ficar lá, por isso precisei fugir. – Gesticulando muito, Mac voltou a se levantar. – Queria ficar ali aninhada com ele. Queria *viver* naquela maldita cama, por isso tive que fugir.

– Você entrou em pânico – observou Parker.

– Claro que entrei. Quem não entraria? Ele estava tão doce, sonolento e satisfeito, com aquela cicatriz linda por ter pulado a cerca...

– Carter pulou a cerca? – indagou Emma.

– Não é isso, esqueça. Estou contando que eu parecia estar hipnotizada, ou drogada. Precisei dar o fora dali. E... Ai, meu Deus, agi como um cafajeste. – Cobriu o rosto com as mãos ao se lembrar da cena. – Aquele tipo de cara que transa com você, depois se levanta e diz: "Foi maravilhoso, querida. Tenho que acordar cedo amanhã. Depois ligo."

– Ai, Mac, você não fez isso!

Mac se virou para Emma.

– *Tive que fazer*. Foi uma questão de sobrevivência. E também para preservar o Carter. Achei que a excitação fosse passar depois do sexo, não sabia que ia ficar toda melosa. Isso é demais para mim. Ele é demais para mim. É doce e divertido, inteligente e verdadeiramente gentil. É sexy e usa aqueles óculos. Fica com as orelhas vermelhinhas. Adora dar aula. Eu o vi dando aula e... ficou tudo gravado aqui. – Mac pôs uma das mãos entre os seios. – Todos esses sentimentos e o desejo ficaram amontoados aqui.

Pegou a xícara de chá mais próxima e bebeu tudo.

– Ele presta atenção. Ele ouve e *pensa* a respeito do que eu falo. E me faz pensar.

– É óbvio que ele precisava ser detido. – Laurel balançou a cabeça. – Mac, minha querida, você está apaixonada.

– Isso está fora de cogitação. Por que acha que fugi? É como afundar em areia movediça. Uma areia movediça bem macia, quentinha e bonita. Não fui feita para isso. Não acredito nesse tipo de coisa. Isso não dura. É só um instante, ou vários instantes, até que tudo se dissipa, se desgasta e acaba. Meu Deus, em quantos casamentos de pessoas divorciadas já trabalhamos? Um monte. Para uma das partes, já era a terceira vez que estava se casando. Quem precisa disso? Sei o que se sente quando tudo termina. Não vale a pena.

– Que tal recapitularmos? – propôs Laurel. – Você tem medo de se apaixonar por um homem que acabou de descrever como uma espécie de Mary Poppins de calças, praticamente perfeito em todos os sentidos – explicou ela, ao perceber que as outras pareciam não ter entendido nada. – Você entrou em pânico e fugiu, depois de uma experiência sexual que foi quase uma epifania com esse cara que você respeita, admira e que a deixa excitada, só porque a sua mãe é uma piranha.

– Laurel!

– Não. – Mac meneou a cabeça para Emma. – Ela tem razão. Minha mãe é uma piranha mesmo. Mas ela não se vê desse jeito e é disso que estou falando. Ela acha que está numa eterna busca do amor. Na verdade tem a ver com dinheiro, status e segurança, mas ela juraria de pé junto que só está em busca de amor. Meu pai fugiu dela, algo pelo qual não posso condená-lo, e de mim, pelo que tenho todo o direito de condená-lo, porque o esforço não valia a pena.

– Eles não são você, Mac – disse Parker com a voz calma.

– Sei disso. E talvez seja cínico pensar que eles não são uma exceção, mas a regra. Mas é como vejo as coisas. E gosto de como vivo a minha vida, sinto-me confortável com o rumo que tenho dado a ela.

Um pouco mais tranquila, Mac se sentou de novo.

– Carter é um cara sério. No fundo, ele é só um homem sério com uma mentalidade tradicional. Tem uma quedinha por mim, e é isso. Uma quedinha que ficou escondida por anos. Se eu levar isso adiante, ele vai começar a pensar em nos contratar. Vai acabar perguntando a Parker onde comprar a aliança. Não posso fazer isso com ele. Vir embora foi a

decisão certa. É melhor cortar o mal pela raiz do que...

– Se arriscar a ser feliz com um homem que é louco por você? – completou Emma.

– Ok, se quer ver as coisas desse jeito... é isso aí. Do meu ponto de vista, isso é o correto.

– Então posso ficar com ele?

Mac lançou um olhar ameaçador a Laurel.

– Não teve a menor graça.

– É, não teve mesmo.

– Sabe por que vê as coisas desse jeito? – indagou Emma, examinando Mac com seus grandes olhos escuros. – Porque nunca ninguém ficou tão louco assim por você, não de forma concreta e real. E você nunca sentiu isso por ninguém. Sei disso porque estou na mesma situação. Todas nós estamos. A diferença é que fico sempre querendo que aconteça.

– Por isso resolveu arranjar namorados em série.

– Pare com isso, Laurel – ordenou Parker.

– Você tem razão. Desculpe. Estou bancando a engraçadinha porque estou com inveja. Uma inveja que vocês não imaginam. Nunca tive ninguém que prestasse atenção só em mim.

– Mas ele me vê através das lentes de uma paixonite antiga.

– Não o conheço tão bem quanto você, no sentido bíblico ou em qualquer outro, mas ele me parece ser mais inteligente que isso.

– O amor e a inteligência não andam lado a lado.

– Não andam, não. – Laurel ergueu os braços na direção de Mac. – E eis aqui uma prova viva disso. Você está estupidamente apaixonada por esse cara.

– Não está me ajudando. Parker, o que acha?

– Que você tem medo de magoá-lo. Isso porque, no fundo, ele é legal e você tem medo de passar por cima, de deixar o coração dele aos pedaços.

– É meio dramático, mas basicamente é isso mesmo.

– E está determinada a acreditar que é incapaz de manter um relacionamento maduro, comprometido. Você não só não se vê como uma pessoa digna de amor, mas também duvida da sua capacidade de ter coragem de trabalhar para mantê-lo.

– Isso é meio duro, mas...

– Acho que está subestimando o Carter e a si própria. – Parker se levantou e foi buscar uma foto numa moldura prateada em cima da lareira. – Lembra-se disso?

Mac pegou a foto dos pais de Parker abraçados e sorridentes, com os olhos cheios de satisfação pela vida que partilhavam.

– Claro que me lembro.

– Foi você que tirou essa foto, uns meses antes de eles morrerem. De todas as fotos que tenho deles, essa é a minha predileta. Sabe por quê?

Mac ficou com os olhos cheios d'água olhando para a foto. Isso acontecia sempre.

– Porque dá para ver como eles se amavam – prosseguiu Parker. – Como um fazia o outro

feliz. Eles brigavam, discutiam e acho que, em certos momentos, ficavam de saco cheio um do outro. Mas se amavam. Durante metade da vida, conseguiram fazer com que desse certo. Foi o que você conseguiu captar nessa foto. Porque viu isso. Reconheceu isso.

– Eles eram incríveis.

– Você também é. Não perco tempo com amigas que não sejam. – Tirou o porta-retratos das mãos de Mac e o recolocou no lugar onde estava. – Dê uma chance a si mesma. O amor assusta e, às vezes, é passageiro. Mas vale a pena correr os riscos e ficar nervosa. Até se machucar vale a pena.

Mac não tinha tanta certeza. Como alguém poderia ter? Mas sabia que a única coisa que podia fazer por ora era deixar essa história toda de lado e meter a cara no trabalho. As sócias, a empresa e os clientes precisavam que ela fizesse a sua parte. Por isso tinha que se acalmar e respeitar as prioridades.

Precisava de uma boa noite de sono para poder começar cedo no dia seguinte. E tinha que se concentrar por completo, com o maior profissionalismo, nas necessidades dos clientes.

Teve uma noite inquieta, discutindo consigo mesma, e acabou pensando – com amargura – que não perdia uma noite de sono por causa de um homem desde os 16 anos.

Fez um café tão forte que poderia levantar um defunto, mas conseguiu aplacar o cansaço. Como a caixa de biscoito lhe dava a impressão de ter o paladar e a estabilidade emocional de uma criança de 6 anos, preparou o que lhe pareceu ser um café da manhã de adulto, com iogurte, fruta fresca e um bolinho que pegou escondido de Laurel.

Depois de lavar os pratos com capricho, foi rever as anotações para o evento do dia e checar o equipamento. Era um evento relativamente pequeno, pensou, ao escolher o que ia usar. Uma única acompanhante seria a dama de honra. A noiva queria um ar de intimidade e simplicidade.

Optou por um vestido azul e um chapéu bem elegante, em vez de véu e grinalda. Seu buquê seria composto por três gardênias brancas presas com uma fita de seda.

Uma boa escolha, na opinião de Mac, já que esse era o segundo casamento de ambos.

Viu só?

– Não comece de novo – murmurou para si mesma.

O pai da noiva a acompanharia pelo corredor, mas iam pular a parte em que ela é entregue ao noivo, porque, é claro, já tinham feito isso uma vez.

Com o equipamento, o cronograma do evento e as anotações em ordem, deu uma olhadinha nas horas. Tinha sobrado um tempinho para checar a caixa de e-mail.

Ao abri-la, deu de cara com um e-mail ainda não lido de *MaguireC101*. Saiu da frente do computador e começou a andar de um lado para outro pelo estúdio.

Voltou à cozinha e pegou mais uma xícara daquele café brutal.

Não precisava ler o e-mail agora. Na verdade, o melhor era não abrir agora. Tinha que manter a cabeça focada no trabalho, não tinha? Não abrir o e-mail seria a coisa mais sensata a fazer. A coisa mais adulta, como o iogurte e a fruta fresca.

Não podia ser urgente. Ele teria ligado se tivesse algo importante para falar ou discutir.

Algo como: "Por que você fugiu depois de ter um orgasmo?"

Não que alguma vez ele tivesse usado uma linguagem tão rude.

O que tinha que fazer era subir, tomar uma chuveirada, pôr uma roupa e se encaminhar para a mansão para participar da reunião e preparar as coisas. Não tinha tempo para assuntos pessoais...

– Ah, por favor, a quem estou tentando enganar?

Voltou para o computador e abriu o e-mail de Carter.

Mackensie,

Vi esse endereço no seu cartão de visita. Espero que não se importe por eu estar entrando em contato por aqui. Como sei que estará ocupada o dia todo, não quis telefonar para não atrapalhar.

Só queria dizer, em primeiro lugar, que gostei muito da nossa noite. De cada minuto com você. Minha casa hoje está mais clara e mais preenchida porque você esteve aqui.

– Ai, meu Deus, Carter!

Também queria dizer, em nome do Bob, da mulher e do filho deles que vai nascer, que estou aliviado por você não ter me pedido para matá-lo. Ele fica lhe devendo essa.

Por fim, caso as tenha procurado, encontrei as suas luvas no chão do vestíbulo. Devem ter caído quando você tirou o casaco. Pensei em pedir para eu ficar com elas de lembrança; esse era o tipo de favor que as damas dos tempos medievais concediam aos seus cavalheiros. No entanto, achei que poderia parecer um pouco assustador, até para mim.

Vou devolvê-las.

Espero que o evento de hoje corra bem. Felicidades para os recém-casados.

Carter

– Ai, droga!

Pensar em Carter Maguire era como se drogar. Leu o e-mail inteiro de novo. Depois, se sentindo uma idiota, o imprimiu. Levou o papel lá para cima e o guardou numa gaveta.

capítulo doze

No sábado de manhã, Mac sentiu que havia recuperado o equilíbrio. O evento do dia anterior transcorrera sem problemas e a Votos arrebatara mais um cliente: os pais do noivo agendaram a comemoração do aniversário de casamento deles para novembro.

Além disso, a noiva era alegre e cuca fresca, o sonho dos fotógrafos.

A empolgação fez Mac trabalhar nas fotos até bem depois da meia-noite.

E só leu mais duas vezes o e-mail de Carter antes de se jogar na cama, para um sono sem sonhos.

Era tudo uma questão de concentração, lembrou a si mesma. De se conhecer, saber quais eram suas forças, suas fraquezas, seus objetivos. Só precisava dar uma esfriada com Carter, deixar claro o que cada um queria – e o que ficava de fora desses limites. Assim, estariam livres para curtir um ao outro sem que ninguém saísse magoado.

Sua reação fora exagerada, agora conseguia ver isso. Um pouco de espaço, de distância, de tempo e tudo voltaria ao normal. O fim de semana frenético e o campo minado que seria o casamento de hoje eram um antídoto perfeito. Em poucos dias, uma semana talvez, teriam uma conversa. Carter era um sujeito razoável. Entenderia que não fazia sentido aquela *coisa* entre eles sair do controle.

Ele já tinha saído ferido, Mac estava certa disso, do relacionamento com a misteriosa Corrine. Portanto, não ia querer repetir a experiência. Na verdade, Mac concluiu que Carter devia estar se sentindo exatamente como ela e ficaria grato quando o assunto fosse abordado.

De forma amistosa, racional, direta. Essas eram as condições.

E, no lado profissional, ela e as sócias teriam que se manter atentas o dia todo para que pudesse haver negociação em meio ao campo minado. Sem nenhuma baixa.

Escolheu um terninho cinza-pérola, com apenas um pouco de brilho, e saltos não tão altos, mas que ficavam razoavelmente elegantes com aquela roupa e eram confortáveis o bastante, pois teria que ficar de pé quase o dia todo.

Enquanto ajeitava o equipamento que usaria nesse dia, repassou suas notas e impressões. O vestido era uma obra de arte, pelo que lembrava, com um corpete brilhante, sem alças, e uma saia quilométrica. Também lembrava que a noiva era fanática por exercício físico e estava com o corpo bem torneado. Os dois, namorados desde o colégio, eram do tipo tradicional.

Armada e equipada, chegou à mansão.

– Alerta vermelho!

Boquiaberta, Mac viu Emma descer voando pela escada.

– Mas já?

– Você não atendeu o telefone nem o celular.

– Acabei de vir do estúdio. Ainda não liguei o celular. O que houve?

– A dama de honra ouviu dizer que o canalha traidor pretende trazer a sócia vadia para a recepção. É isso que ele pensa ser compromisso, já que não se deu o trabalho de discutir a questão com os noivos. Os dois, quando ficaram sabendo, ameaçaram usar de violência contra o canalha traidor, o que será bem merecido, se os rumores se confirmarem. Parker está tentando apagar o incêndio.

– Que merda! Só merda acontecendo!

Bom, se era para apagar um incêndio, Parker era a pessoa mais indicada.

No entanto, aquilo não era um bom começo.

– O que precisamos fazer?

– Temos que alertar todo o nosso pessoal. Parker conseguiu uma foto da sócia num artigo de jornal. Está fazendo cópias. Todo mundo vai receber uma. Se ela for vista, terá que ser barrada e posta para fora. – Para provar que aquilo era sério, Emma bateu com o punho na palma da outra mão. – Alguma coisa efetiva tem que ser feita até Parker poder lidar com ela.

– Espero que alguém a jogue no chão. Daria uma foto excelente para as tomadas externas.

– Laurel está tentando entrar em contato com o Jack, para pedir que ele venha mais cedo e, com o seu charme, convença a dama de honra a desistir de qualquer retaliação que possa estar planejando. Tenho que reunir o meu pessoal para passar as informações e só então começar a trazer as flores. Laurel ainda não terminou o bolo. É o bolo Seda e Renda.

– Eu sei. Está nas minhas anotações.

– Ele pesa uma tonelada e é preciso acrescentar as pérolas e a tiara no topo no início da recepção. Ela vai precisar que algumas pessoas a ajudem a carregá-lo, o que significa um desfalque na patrulha da sócia vadia. A reunião prévia ao evento foi para o espaço – acrescentou Emma, respirando fundo. – Vamos ter que controlar minuto a minuto. Você vai precisar ajudar na preparação do Salão Grande. Irão chamá-la quando a noiva estiver chegando.

– Ok, estou indo para lá. Antes, porém, vou instalar o que for possível na suíte da noiva. Aguente firme.

– Estou preparada para dar uns bons pontapés na bunda de alguém.

No andar de cima, Mac montou seu equipamento na suíte da noiva, depois pendurou a tiracolo a bolsa com uma câmera e algumas lentes. Pegaria uma segunda câmera quando a noiva chegasse. Antes de descer, foi ver como Parker estava se saindo.

Encontrou a amiga abrindo uma embalagem de antiácido.

– Estamos tão mal assim?

– Não, não, está tudo sob controle. Mas estou furiosa. Acabei de desligar o telefone. A pedido da noiva, estava falando com o canalha traidor, que me disse que ninguém, nem

mesmo o irmão, vai definir com quem ele pode ou não namorar. É um puta de um egoísta.

– Você acabou de falar um palavrão. Está mesmo furiosa.

– E depois, resolveu *me* repreender por estar me metendo na vida dele. Tive que engolir essa. Afinal, antes eu do que o noivo ou a noiva. Mas minha vontade era de xingá-lo. Consegui apaziguar a situação, apelar para o último vestígio de decência e consideração que o sujeitinho ainda tem. Ele vai cumprir o seu papel e pretende ir embora logo depois do brinde ao novo casal, que, sem dúvida, será muito sincero.

– Você acreditou nele?

Parker fechou os olhos.

– Nem por um minuto. Está decidido a armar um escândalo. Vamos ter que vigiá-lo de perto porque não podemos deixar que aquela mulher apareça na recepção. Mas não podemos dizer isso a ninguém.

Com um suspiro, Parker deu a Mac um maço de papel com a fotografia de uma loira atraente. Debaixo da foto, lia-se:

Roxanne Poulsen
Entrada proibida

Distribua isso para o nosso pessoal. Vou passar outro maço a Laurel, para que repasse à equipe do buffet.

– Perfeito. Sabe, Parks, tem horas que simplesmente adoro esse nosso trabalho de uma forma que vai além da razão. Por incrível que pareça, esta é uma dessas horas.

– Concordo com você – disse Parker mordendo uma pastilha. – Será que precisamos de terapia?

Mac levou para Emma e seu pessoal as fotos, que mais pareciam ter saído de arquivos policiais. Depois distribuiu o restante para a pequena colmeia que trabalhava no Salão Grande. Ajudou a decorar as mesas – toalhas num tom de alfazema sobre um fundo azul – e arrumou a louça, enquanto Emma se encarregava dos arranjos de centro. Nos jarros de vidro de boca larga, lírios brancos flutuavam sobre um leito de pedras roladas.

– Está bonito – decretou Mac.

Emma acomodou pequenos vasos com botões de rosas e velas brancas em volta da travessa central, espalhando pétalas, minúsculos corações vermelhos e estrelas azuis nas toalhas.

– Está mais bonito ainda. Agora só faltam dezenove. Vamos arrumar as lembrancinhas! – gritou para o seu pessoal. – Vamos terminar... Ah... Oi, Carter.

– O quê? – perguntou Mac, dando meia-volta.

Com um terno cinza-escuro, Carter apareceu no meio da confusão que precedia o evento.

Para Mac, ele parecia uma ilha de plácida perplexidade num oceano de cor e movimento.

– Hum... Uma tal de Lois me disse para entrar. Tem muita coisa a ser feita, devo estar atrapalhando aqui no meio do caminho.

– Não está, não – assegurou Emma. – Mas tome cuidado, porque qualquer um capaz de mover, levantar ou arrastar coisas pode ser posto para trabalhar de uma hora para outra.

– Ficaria feliz em ajudar, se puder.

– Disse as palavras mágicas. Temos 198 lembrancinhas, frasquinhos com detergente para fazer bolinhas de sabão e cestas de doces para dispor sobre as mesas. Mac, por que não se encarrega da iniciação do nosso mais novo escravo? Preciso dar uma conferida no salão.

– Claro.

Como podia ter esquecido que o convidara? O que fazer com o frio que sentia na barriga, e que não passava de jeito nenhum, sempre que olhava para ele?

– Bonito terno.

– Não é de tweed. Você está linda e com ar profissional ao mesmo tempo.

– Nós da organização não podemos nos destacar. Desculpe, estou meio preocupada. Estamos em alerta vermelho. O canalha traidor talvez tente trazer a vadia para a recepção.

– Um momento. – Ele franziu as sobrancelhas. – Ah, claro, acho que entendi. O padrinho e a sócia, com quem ele tem um caso. Ele pretende trazê-la? Mas que grosseria.

– No mínimo isso. Pode haver violência. Então... – Ela abriu a bolsa da câmera e tirou dali uma das reproduções da foto. – Este é o alvo. Se a vir, dispare o alerta, ok?

– Está certo. – Ele olhou a foto, deu um breve sorriso e a dobrou para enfiá-la no bolso interno do paletó. – Tem mais alguma coisa? Você está me parecendo um pouco... perturbada.

– Perturbada? Não, não. Só meio preocupada. Mas já tinha dito isso, não? A noiva está furiosa e isso pode comprometer as fotos...

Você precisa lidar com isso, ordenou a si mesma. Diga a ele o que está pensando.

– Na verdade, Carter – Mac o pegou pelo braço e o levou para um canto um pouco mais reservado do aposento que zumbia como um vespeiro –, queria dizer que ando pensando que nós precisamos conversar... *Droga!* – Tirou o rádio do bolso. – Essa é a minha deixa. A noiva chegou. Tenho que ir. É melhor vir comigo.

– Quer que eu leve algum equipamento? – perguntou Carter, tentando acompanhar os passos apressados dela.

– Não, por ora já tenho o que vou usar. O resto fica lá em cima, na suíte da noiva. Mas preciso tirar fotos da chegada. Só tente não aparecer nelas.

– Oi, Carter – disse Parker, que apareceu de repente e foi acompanhando os dois naquele ritmo acelerado. Lançou um olhar vagamente inquiridor a Mac, depois reassumiu o tom de executiva. – A noiva está em 9,5 de 10 na escala de emoções. Temos que lhe passar confiança e lhe dar apoio constante.

– Entendido.

– Precisamos que ela vá lá para cima o mais depressa possível e se mantenha ocupada e concentrada em si mesma. Já levei champanhe, mas não podemos deixar que ela faça como a Karen.

– Sem problemas.

– A dama de honra e duas acompanhantes estão vindo com ela, assim como a mãe, que parece uma rocha. Se eu não estiver disponível e a noiva ou a dama de honra perderem a compostura, pode recorrer a ela.

– O Jack está a caminho?

– Deve chegar em quinze minutos. Vou mandá-lo direto lá para cima.

– Quem é Karen? – perguntou Carter.

– Uma noiva que já chegou aqui meio bêbada e terminou o trabalho antes que pudéssemos dar um jeito. Vomitou no terraço pouco antes da cerimônia.

– Ah.

Lá fora, as mulheres entravam pela lateral do alpendre, que tinha os corrimãos adornados com luzes e tules.

– Onde está o seu sobretudo? – perguntou Carter. – Quer que eu vá buscar?

– Não precisa – respondeu Mac, pegando a câmera. – A adrenalina me esquenta.

Enquanto a limusine branca se aproximava, Emma e Laurel vieram lá de dentro.

– Queria que nós quatro estivéssemos aqui fora – explicou Parker. – Um sólido muro indicativo de que "estamos aqui para fazer com que o seu dia seja perfeito". Caras felizes, pessoal.

A limusine parou. Mac enquadrou a noiva se virando para sair do carro. Ela tinha no rosto um sorriso ao mesmo tempo corajoso e abalado.

Merda, pensou Mac.

– É o seu dia – disse Parker dos degraus. – Não duvide disso.

O sorriso se tornou só um pouco mais vivo. Mac tratou de registrá-lo antes que ele voltasse a desaparecer. A noiva saiu do carro, estendeu os braços e exclamou:

– Ah, Parker!

– Ei! – A voz de Mac surpreendeu a noiva no meio de um passo. – Você vai permitir que aquela vadia deixe seus olhos inchados e vermelhos nas fotos do seu casamento? Dê um belo sorriso, vamos lá. Um daqueles que a faça chorar como um bebê quando vir você.

Pode ter sido de pura raiva, mas o rosto da noiva ficou radiante.

– Vou me casar!

– É isso aí.

– Uma de nós vai. – A noiva segurou a dama de honra pela mão e deu um sorriso destemido para a amiga. – Juntas. Solidárias.

– É assim que se fala.

Mac registrou a movimentação, a energia, as trocas de sacolas e bolsas a serem descarregadas por aquelas mulheres meio confusas. E sem dúvida, pensou ela, registrou tensão também.

– Parker, o que vou fazer se...

– Nada – garantiu Parker à noiva. – Temos tudo sob controle. Tudo o que tem a fazer é ficar bonita e feliz. Nós cuidamos do resto. Vamos subir? Tem uma garrafa de champanhe esperando por você.

Mac fez um sinal para Carter segui-la e ultrapassou Parker e a comitiva da noiva.

– Vamos dar uma taça de champanhe à noiva e uma à dama de honra para que celebrem sua amizade – disse ela, subindo a escada. – Estamos participando de uma trajetória e, nesse caso, a amizade das duas compõe o todo. Temos que aproveitar isso. Em vez de manter uma pequena distância entre elas, como eu tinha planejado inicialmente, vamos documentar essa unidade. O ritual de preparação da noiva para o casamento também serve para estreitar o vínculo feminino.

– Ok. – Ele entrou no aposento atrás de Mac. – É um espaço adorável. – Carter olhava atentamente as rendas, as flores, as velas, as grinaldas de seda. – E bem feminino.

– Não brinca? – Mac pegou a segunda câmera e a pendurou no pescoço.

– Devo ficar aqui? Não parece muito... adequado.

– Talvez você possa me ajudar. Mas, por enquanto, fique aí na porta. E não deixe ninguém que não saiba a senha entrar.

– E qual é a senha?

– Pode inventar uma.

Carter assumiu seu posto enquanto Parker conduzia a noiva para dentro do quarto. Uma morena parou diante dele e lhe lançou um olhar que fez seu estômago revirar.

– Jack?

– Ah, não. Sou o Carter.

– Que pena. – Ela lhe lançou um sorriso duro e penetrante. – Fique por aí, Carter. Você pode ser útil.

A porta foi fechada bruscamente. Do outro lado, Carter ouviu vozes femininas e o ruído alegre de uma rolha sendo sacada da garrafa. Em seguida risos, o que só podia ser um bom sinal.

Momentos depois, um pequeno exército de homens e mulheres, carregando sacolas e malas, passou por ele.

– Desculpem-me... – começou, mas a porta se abriu às suas costas.

– Tudo bem, Carter. São os cabeleireiros e os maquiadores. Parker pediu que entrassem. Deixe o Jack passar quando ele chegar.

A porta se fechou de novo e o barulho lá dentro aumentou.

Ele se perguntou se aquilo seria normal, se Mac e as outras repetiam aquilo tudo várias

vezes por semana. Emoção, urgência, alertas vermelhos, códigos estranhos, fones de ouvido, rádios. Era uma espécie de batalha constante.

Ou um espetáculo da Broadway há muito tempo em cartaz.

De um jeito ou de outro, ele ficaria exausto no fim de cada dia.

Mac abriu a porta e entregou uma taça de champanhe na mão dele.

– Tome. – E fechou a porta de novo.

Carter ficou olhando a taça, admirado por ter autorização para beber em serviço. Entretido, deu de ombros e tomou um gole.

De relance viu o sujeito que subiu a escada e passou por ele.

– Oi, Carter, como vai?

Jack estava de terno preto com tênues riscas de giz. Seu cabelo louro-escuro era levemente encaracolado em torno do rosto. Os olhos amistosos, de um tom acinzentado, reluziam sob as sobrancelhas arqueadas num ar interrogativo.

– Veio para o casamento?

– Não, estou só ajudando.

– Eu também – disse Jack, enfiando as mãos nos bolsos e relaxando. Para Carter, Jack Cooke sempre teve esse ar descontraído. – Tenho um encontro com uma moça que deve estar nesse quarto. Você a viu? Chama-se Megan. Meg para os íntimos.

– Ah, sim, a dama de honra. Está aí dentro.

– E aí? – Jack aguardou um pouquinho. – Como ela é? Quando perguntei, Parker me disse apenas que "é bonita", mas ela tinha um objetivo. Vou ajudar de qualquer jeito, só queria uma opinião mais concreta.

– É uma morena muito atraente.

– E o humor?

– Pareceu-me um pouco assustada, na verdade. Estão lá dentro fazendo alguma coisa no cabelo.

– Ótimo. – Jack deu um suspiro. – O que não se faz por amizade e uma caixa de um bom vinho? Bem, vou entrar. – Bateu à porta. – Cromossomo diferente! – gritou ele.

Parker veio abrir.

– Chegou bem na hora – disse ela, puxando-o lá para dentro.

Carter se recostou na parede ao lado da porta, tomou mais champanhe e começou a pensar a respeito dos rituais humanos.

Quando a porta voltou a se abrir, foi a vez de Mac puxá-lo para dentro.

As mulheres esperavam sentadas, protegidas por capas, enquanto as cabeleireiras executavam a tarefa com apetrechos que deixavam Carter pouco confortável. Se o cabelo era liso, havia uma estranha ferramenta para encaracolá-lo. Se fosse encaracolado, usava-se outra ferramenta para alisá-lo.

Ele só queria entender *por quê*.

Guardou esse questionamento para si mesmo e segurou o fotômetro como lhe foi pedido, ergueu uma faixa de renda acima da janela e pegou uma lente. Não se importou nem quando Jack saiu da sala e ele ficou sendo o único homem em meio a um exército de mulheres.

Nunca tinha visto Mac trabalhar, por isso achou instrutivo e, ao mesmo tempo, prazeroso. Confiante e determinada, com movimentos eficientes e fluidos, pensou ele. Mudava de ângulo, de câmera e de lente, circulando em meio às mulheres e ao seu redor, raramente falando com as que eram fotografadas.

Deixava-as à vontade, percebeu, para serem como eram e quem eram.

Mac mexeu no fone de ouvido.

– O noivo está chegando. Temos que ir.

Entre os homens não havia solidariedade, notou Carter, já que o padrinho não vinha com o irmão. Mac fez o seu trabalho no frio, sua respiração se condensando no ar.

– O noivo vai subir – anunciou pelo fone. – O canalha traidor não está aqui. – Voltou-se para Carter. – Temos que controlar a chegada daquele cretino. Vou preparar o cenário para as fotos formais com os noivos. Por que você não tenta encontrar Jack e Del para descontrair um pouco?

– Está certo.

Ele olhou em volta e viu as filas de cadeiras forradas de branco, os arranjos de flores e os conjuntos de velas.

– Que transformação! É como uma mágica.

– É, mas a mágica exige suor. Encontro você depois.

Ele não duvidava, só não sabia onde devia ficar para ser encontrado.

Perambulou em meio a flores e tules, entre minúsculas luzinhas reluzentes, indo até o Salão Grande. Lá, para seu alívio, encontrou Del e Jack sentados ao bar.

– Quer uma cerveja? – gritou Del.

– Não, obrigado. Só estou tentando não ficar no meio do caminho.

– Aqui é o melhor lugar para ficarmos – afirmou Jack. – E você tinha razão quanto a Megan – prosseguiu ele, erguendo a garrafa. – Há maneiras piores de se passar um sábado que confortando uma bela morena. Quer um salgadinho?

Carter deu uma examinada na bandeja.

– Talvez.

– Del, todo sedutor, convenceu uma das fornecedoras a nos deixar uma provinha.

– Há maneiras piores de se passar um sábado – concordou Del. – Então, Carter, agora que estamos todos aqui, não quer nos contar o que está rolando entre você e a minha garota?

– Sua... o quê?

– Sei que está de olho na minha Macadâmia. Está querendo algo mais sério com ela?

– Del é um cara dominador. Coma esse bolinho de camarão.

Também sou dominador, pensou Carter.

– Quando foi que ela se tornou sua, do seu ponto de vista?

– Desde que ela tinha uns 2 anos. Fique frio, Carter, é uma questão fraternal.

– Nesse caso, é melhor perguntar a ela.

– Discreto. – Del assentiu. – É uma boa característica. Se a magoar, acabarei com você.

– Protetor. É uma boa característica – retrucou Carter.

– Então estamos quites. E fomos pegos – declarou Del quando Emma apareceu.

– Eu já não falei que não podem circular nesta área? – Com o seu terninho azul e o cabelo todo amarrado para trás, ela foi dar uma circulada pelas mesas. – Onde é que conseguiram os salgadinhos?

– Foi o Del que conseguiu – respondeu Jack, jogando o amigo na fogueira sem um pingo de hesitação.

– Não quero garrafas de cerveja nem migalhas por aqui. Saiam já e levem tudo isso embora. Vão lá para fora ou lá para cima, para a área da família. De vocês dois eu já esperava esse tipo de coisa, mas estou surpresa com você, Carter.

– Eu só... Não bebi cerveja. Nem qualquer outra coisa.

Ela se limitou a lançar um olhar cortante para ele e apontar a saída.

– Nós íamos limpar.

Com a consciência pesada, Jack acompanhou os outros dois e olhou para trás para ver Emma verificar os arranjos das mesas.

Carter lhe deu um encontrão na porta.

– Desculpe.

– Sem problema. – Jack voltou-se para Del quando o rádio deste apitou.

– Fui capturado – explicou Del. – O canalha acabou de chegar. Veio sozinho. Provavelmente não vamos precisar intimidá-lo nem espancá-lo. Que pena.

Tudo parecia estar correndo bem, pensou Carter. Se não tivesse assistido às cenas dos bastidores, talvez tivesse acreditado no que se passava diante dos seus olhos. As flores, a música, a noiva radiante, banhada pela luz das velas. Ficou no fundo, com Del e Jack, vendo duas pessoas se prometerem amor eterno.

Mas não conseguia tirar os olhos de Mac.

Ela se movia com tanta suavidade, tão silenciosamente... Não como uma sombra, pensou. Era radiante demais para ser comparada a sombras. Ainda assim, quase não agitava o ar e tudo ao seu redor se concentrava naquelas duas pessoas diante da lareira.

– Está mesmo apaixonado, não é?

– Estou, sim.

Enquanto os recém-casados se viravam para descer o corredor, Mac correu e indicou a

Carter que fosse pela esquerda. Quando passaram, ela baixou a câmera por uns segundos.

– Vou precisar de você para as fotos em grupo. Fique atrás de mim.

Os convidados foram escoltados para a outra porta. Mac, então, usou a escada, o *foyer* e o salão, agora vazio.

Trabalhava rápido, observou Carter. Não parecia apressada, mas ia clicando aqui e ali, registrando vários grupos e casais – tomando cuidado para evitar qualquer enquadramento que juntasse a dama de honra e o padrinho.

Assim que ela terminou a tarefa, Parker assumiu o comando.

– Parker vai arrumá-los para os cumprimentos. Nós saímos por aqui.

– Deixe que eu carregue a sua bolsa.

– Não precisa, estou acostumada. – Ela o conduziu pelos corredores, passando pela cozinha, onde estava uma correria só por causa do coquetel que logo seria servido, chegando enfim ao Salão Grande. – Vou tirar umas fotos à medida que as pessoas forem entrando. Os noivos vão ficar naquela mesa que tem o coração. O buffet será servido nas mesas numeradas. Quando todos estiverem acomodados, só preciso ficar atenta a qualquer oportunidade que surja. Como está se saindo?

– Bem. É você que está fazendo todo o trabalho.

– Ainda estamos em alerta vermelho. Temos que prestar atenção no canalha traidor. Se ele sair do salão, um de nós precisa segui-lo para se certificar de que só foi ao banheiro ou fumar um cigarro. Quando terminarmos aqui e passarmos para o salão de baile, aí sim vai ser uma loucura. Bem menos estruturado, lá será mais difícil ficarmos de olho nele.

Mac tinha razão. Carter ficou junto dela sempre que possível depois que a festa começou para valer. Os convidados dançavam ao som da banda ou se reuniam em grupos para bater papo. Uns entravam, outros saíam. Sabendo o que procurar, percebeu vários membros da equipe parados perto das saídas. Aquilo era estranhamente empolgante.

– Acho que o pior já passou – disse Laurel juntando-se a eles. – Depois da próxima série de músicas, vou trazer o bolo, e o canalha nem se mexeu. Também não há qualquer sinal do alvo. Os noivos nem parecem mais preocupados com isso.

– Não podiam aparentar mais felicidade – concordou Mac. – Só mais noventa minutos e terá terminado.

– Vou verificar a mesa das sobremesas.

– Espere até prová-las – disse Mac a Carter. – O bolo, então, é fantástico.

– Carter? Carter! – Uma bela loura de vestido vermelho correu até ele e se atirou em seus braços, abrindo um sorriso radiante. – Bem que achei que era você. Como vai?

– Vou bem. Ah...

– Steph. Stephanie Gorden, amiga da Corrine. Como os homens esquecem rápido. – Riu e

ficou na ponta dos pés para beijá-lo no rosto. – Não sabia que você era amigo da Naomi e do Brent.

– Na verdade, sou...

– Brent é meu primo. Que casamento lindo. E este lugar é fantástico. Imagine só ter um salão de baile de verdade na própria casa. É claro que os Browns devem alugá-la para eventos para conseguir mantê-la. Tenho que encontrar o Greg. Lembra-se do meu marido, o Greg, não lembra? Ele vai ficar surpreso em ver você. Há quanto tempo não nos vemos? Um ano no mínimo. Desde que você e Corrine...

Deteve-se e olhou para Carter com ar compreensivo.

– Sinto muito que não tenha dado certo. Achávamos que vocês eram perfeitos um para o outro.

– Hum... bem, não éramos. Esta é Mackensie Elliot, a fotógrafa.

– Oi, como vai? Deve estar exausta! Eu a vi correr de um lado para outro, tirando fotos. Naomi deve ter deixado tudo mais fácil para você. É uma noiva tão bonita.

– Foi mesmo... moleza.

– Eu também já tirei umas fotos bem boas. Essas câmeras digitais fazem praticamente tudo sozinhas, não é?

– Esta aqui, por exemplo, quase não precisa de mim. Desculpe, mas preciso fingir que estou trabalhando.

Quando Carter voltou a se aproximar de Mac, ela estava fotografando no salão de baile.

– Desculpe. Acho que ela não pretendia ofender, mas é tão idiota que não consegue evitar esse tipo de coisa.

– Não tem problema. – Mac mudou de câmera, passando para ele a que estava usando antes. – Está precisando de um cartão de memória novo. Lembra como trocar?

– Lembro, sim.

– Estão decorando a limusine. Quero fazer umas fotos lá fora antes que tragam o bolo. – Foi saindo, com Carter em seu encalço. – Então, tem um ano que terminaram?

– É... tem. Mais ou menos isso. Ficamos juntos quase um ano também e moramos juntos por cerca de oito meses. Ou nove. Depois, ela resolveu que queria viver com outra pessoa. E foi o que fez.

Mac parou.

– Ela magoou você.

– Não tanto quanto poderia, dadas as circunstâncias. O que significa que não éramos perfeitos um para o outro. Longe disso.

– Se chegou a morar com ela, devia estar apaixonado.

– Não. Queria estar. Definitivamente, não é a mesma coisa. Mackensie... – começou ele quando voltaram a andar.

– Merda, cacete, puta que pariu!

– O que foi?

– A sócia vadia. Alerta vermelho! – disse no fone de ouvido. – A sócia vadia foi vista do lado sul da entrada principal. O canalha traidor está com ela. Vamos, Carter, temos que mantê-los à distância enquanto os reforços não chegam.

capítulo treze

Carter não sabia bem o que tinha que fazer, e menos ainda o que Mac pensava em fazer, mas, quando ela atravessou a grama coberta pela neve, instintivamente a pegou no colo.

– O que está fazendo?

– Você não está com sapato para neve.

– Nem você! Ponha-me no chão! Não tenho como parecer severa e proibitiva sendo carregada no colo. Ponha-me no chão agora ou eles vão conseguir entrar!

Assim que pôs os pés no chão, Mac saiu correndo. Era mais um galope, pensou Carter, achando que ela parecia uma gazela de patas compridas, saltando pela neve. Embora não fosse gracioso, ele era rápido quando necessário.

Ultrapassou-a. Escorregou desastradamente, por causa dos sapatos que agora estavam arruinados e encharcados pela neve, e achou que isso diminuiria o impacto da barreira, mas conseguiu bloquear o avanço do padrinho furioso e de sua amante.

– Queiram me desculpar. O senhor e a senhora Lester deram ordens expressas de que a Srta. Poulsen não poderia ser admitida neste evento.

– Ela está comigo e vamos entrar.

Carter percebeu que ele não estava só furioso, mas também um pouco bêbado.

– Lamento, mas temos que respeitar a vontade dos noivos.

Um pouco ofegante, Mac se aproximou deles.

– Você foi informado, específica e repetidamente, que sua amiga não tem permissão para entrar aqui.

– Donny. – Roxanne puxou-o pela manga. – Você disse que estava tudo bem.

Um misto de raiva e vergonha afogueou o rosto de Donny.

– Está tudo bem porque eu disse que está. É o casamento do meu irmão e posso trazer quem eu quiser. Meg perdeu, azar o dela. Mas ela não manda na minha vida. Saiam da frente. – Ele apontou para Mac e Carter. – Vocês são só uns empregados contratados para trabalhar aqui.

– Ela não vai entrar – disse Mac.

Deduziu que o padrinho tinha feito muitas visitas ao bar e por isso seu ego, seu orgulho e seus ressentimentos estavam nadando numa piscina de álcool.

Caramba! Onde estão os reforços?

– Você acabou de dizer que este é o casamento do seu irmão. Se esta mulher é mais importante do que a felicidade dele hoje, então dê meia-volta e saia daqui com ela. Esta é uma propriedade particular e, por ora, ela não é bem-vinda.

– Donny. – Roxanne voltou a puxá-lo pelo braço. – Não vale a pena...

– Já disse que você está comigo. – Voltou-se para Mac. – Quem você pensa que é? Não venha me falar do meu irmão. Suma da minha frente! – Com os olhos enfurecidos, ele segurou Mac por um dos ombros e a empurrou.

Como um raio, Carter se postou entre os dois.

– Não se atreva a tocar nela de novo. Você está bêbado e, obviamente, é um estúpido, por isso vou dar um desconto. Tente se acalmar; não vai querer fazer uma besteira.

– Tem razão. O que quero é fazer isso.

Ele deu um soco no rosto de Carter, cuja cabeça pendeu para trás. Mas ele não se moveu um centímetro sequer. Roxanne deu um gritinho e Mac praguejou. Antes que ela saltasse para a frente, Carter a puxou para trás de si.

– Ela não vai entrar e você não vai voltar lá para dentro. A única coisa que conseguiu provar é que é tão egoísta que só pensa em si mesmo. Você envergonhou a Srta. Poulsen, o que é uma pena, mas hoje não vai ter a chance de envergonhar o seu irmão e a esposa dele. Agora, saiam por conta própria ou terei que ajudá-los a fazer isso.

– Por que nós todos não os ajudamos? – propôs Del, aproximando-se com Jack, cada um de um lado de Carter.

– Acho que nada disso vai ser necessário – disse Parker, juntando-se ao grupo. De pé, como uma rainha do gelo vestida de Armani, olhou para o padrinho. – Não é, Donny?

– Temos coisas melhores a fazer. Vamos, Roxie. Este lugar não passa de uma espelunca.

– Vou me certificar de que estão indo embora. – Del meneou a cabeça, enojado. – Podem voltar lá para dentro. Como está o seu rosto, Carter?

– Não é a primeira vez que levo um soco. – Mexeu os maxilares para testar. – Mas dói do mesmo jeito.

– Vamos pegar uma bolsa de gelo. – Parker acompanhou a partida do canalha traidor e da sócia vadia com um olhar frio. – Emma.

– Venha comigo, Carter.

– Está tudo bem. É sério.

– Uma bolsa de gelo. – O tom de Parker não deixava qualquer espaço para negociação. – Vou me certificar de que está tudo resolvido e voltaremos lá para dentro. Ninguém pode saber nada a respeito disso.

– Você viu o que ele fez? – murmurou Mac.

– Ele quem? – indagou Del.

– Carter. Ele é... Sempre que penso que já o conheço, ele me surpreende. É desconcertante.

Alguém estava completamente arrebatada, percebeu Del enquanto Mac corria para terminar seu trabalho.

Mac precisou de quase duas horas a mais para encerrar as fotos e ir procurar Carter na

cozinha de Laurel. Ele estava lá sentado, sozinho, lendo no cantinho do café da manhã. Quando ela entrou, ele ergueu os olhos e tirou os óculos.

– Tudo resolvido?

– Mais ou menos. Desculpe ter demorado tanto. Você devia ter ido para casa, Carter. Já passa da meia-noite. Devia ter deixado um recado. Ai, seu rosto, coitado. – Estremeceu quando viu a contusão no queixo dele.

– Não está tão ruim assim. Mas decidimos que eu ficaria aqui. Se tivesse voltado para a festa, teria que explicar o que aconteceu. – Passou os dedos cuidadosamente no machucado. – Sou um péssimo mentiroso, por isso foi mais simples ficar aqui. Além do mais, como me foi prometido, teve bolo.

Ela se sentou diante dele.

– O que está lendo?

– Parker me emprestou um romance de John Irving. Fui cuidado, distraído e alimentado. Suas sócias resolveram tudo. E tanto Jack quanto Del vieram me fazer companhia. Fiquei bem.

– Você nem ao menos oscilou.

– O quê?

– Quando aquele idiota bateu em você. Não deu um passo para trás.

– Ele estava muito bêbado, não conseguiria fazer muita coisa além daquilo. Ele não devia ter encostado em você.

– Você nem levantou a voz. Fez com que ele se calasse, pude ver a mudança no rosto dele, mesmo antes de o restante da tropa chegar. E você não tocou nele em momento algum nem ergueu a voz.

– É prática de professor, acho. E uma enorme e variada experiência com adolescentes valentões. Os noivos saíram felizes?

– Saíram. Não sabem o que aconteceu. Vão acabar descobrindo, mas tiveram o seu grande dia e isso é o mais importante. Você desempenhou um papel fundamental hoje.

– Bem, foi uma experiência. Que só me custou um queixo machucado e um par de sapatos estragado.

– E continuou aqui.

– Estava esperando você.

Ela olhou para ele e acabou cedendo ao apelo radiante do próprio coração.

– Acho melhor vir para casa comigo.

Ele sorriu.

– Também acho.

Erros acontecem, não é?, pensou Mac ao abrir a porta do estúdio. Se aquilo fosse um erro,

iria consertá-lo. Mais tarde. Quando pudesse pensar com clareza. Por ora, já passava da meia-noite e Carter estava ali, com seu terno de três peças e os sapatos estragados.

– Não sou tão metódica quanto você.

– *Metódico* é uma palavra engraçada, não é? – Ele lhe deu um sorriso. – Do tipo que faz você pensar na sua tia-avó Margaret e seus abafadores de chá.

– Não tenho nenhuma tia-avó Margaret.

– Se tivesse, provavelmente ela seria metódica, o tipo de mulher que usa abafadores de chá. Prefiro a palavra *organizado*.

Mac jogou o casaco em cima do braço do sofá. Ao contrário de Carter, não tinha um closet para guardá-los.

– Sou organizada quando se trata do meu trabalho e da minha empresa.

– Pude perceber isso hoje. Parecia saber exatamente o que fazer, onde estar e o que procurar, mesmo antes de acontecer alguma coisa lá. – Pôs o casaco em cima do dela. – Isso é o instinto criativo combinado com a organização.

– Uso os dois no meu trabalho. Fora isso, sou uma mulher bagunceira.

– Todos nós somos bagunceiros, Mackensie. Algumas pessoas se limitam a esconder a bagunça dentro de um armário ou de uma gaveta, pelo menos quando recebem visitas, mas ela continua lá.

– E algumas pessoas têm mais gavetas e armários do que outras. Mas, como nosso dia foi longo, vamos sair da beira do penhasco filosófico. Só estou querendo dizer que meu quarto não está num de seus melhores dias.

– Está querendo que eu dê uma nota?

– Desde que seja generosamente alta. Vamos subir, Dr. Maguire.

– Esta casa servia de apoio à piscina – disse ele, seguindo-a.

– Os Browns recebiam muitas visitas, por isso fizeram uma reforma para transformá-la numa espécie de casa de hóspedes extra. Quando inauguramos a empresa, voltamos a reformá-la para que se tornasse o estúdio. Mas lá em cima o espaço é inteiramente privado.

Uma suíte master ocupava todo o segundo andar. Tinha sido projetada para acomodar uma área de estar, com espaço para ler, tirar um cochilo ou ver televisão.

Era bem colorida, com um discreto dourado das paredes servindo de pano de fundo para azuis, verdes e vermelhos fortes. Era como um porta-joias, pensou ele, com tudo amontoado, misturado e reluzente. Tinha roupa no braço de cadeiras. Suéteres de cores vivas, camisetas em tons pastel. Mantas e travesseiros espalhados pela cama e pelo sofá, como pedras nos leitos dos rios.

Um espelho muito ornamentado ficava pendurado sobre uma cômoda, que fazia as vezes de penteadeira. Em cima dela, uma mistura de partes fascinantes de Mac. Brincos, revistas, frascos e vasos. Fotografias eram usadas como obra de arte. Havia ali retratos das pessoas mais próximas dela. Fazendo pose ou em fotos espontâneas, pensativas ou alegres. Com

aquelas fotografias espalhadas nas paredes, ela nunca estaria sozinha.

– Tem muito de você aqui.

– Tento tirar algumas coisas, em intervalos de algumas semanas.

– Não, quis dizer que todas essas coisas refletem quem você é. Lá embaixo está refletido seu lado profissional; aqui, o pessoal.

– O que nos leva de volta ao ponto de partida, quando avisei que sou bagunceira. – Ela abriu uma gaveta e enfiou um suéter lá dentro. – Com muitas gavetas.

– Tem tanta cor e energia aqui. – Era assim que ele a via. Cor e energia. – Como você dorme?

– Com a luz apagada.

Mac se aproximou dele e pôs um dedo no seu queixo.

– Ainda está doendo?

– Para falar a verdade... sim. – Agora, sozinhos no quarto porta-joias dela, Carter fez o que tivera vontade de fazer o dia inteiro: beijou-a. – Aí está você – murmurou, quando os lábios dela se aqueceram com os dele. – Bem aí.

Ela se deixou enlevar e encostou-se nele. Suspirou e repousou a cabeça no seu ombro. É, deixaria para pensar mais tarde. Quando não estivessem abraçados e sua mente não estivesse confusa pelo cansaço e pelo desejo.

– Vamos pôr você na cama. – Ele a beijou no topo da cabeça. – Onde está o seu pijama?

Mac levou um minuto para processar a pergunta, depois recuou para encará-lo.

– O meu *pijama*?

– Está muito cansada. – Passou o dedo no rosto dela. – Veja como está pálida.

– Eu e a minha pele rosada. Carter, estou confusa. Achei que fosse ficar comigo.

– Vou ficar. Você passou o dia todo em pé e em boa parte dele esteve travando uma guerra. Está cansada.

Ele desabotoou o paletó do terninho dela do mesmo jeito habilidoso com que abotoara seu casaco.

– O que usa para dormir? Ah, claro, talvez não use nada. – Os olhos dele encontraram os dela. – Quero dizer, sem roupa.

– Eu... – Ela balançou a cabeça, mas não conseguiu concatenar nenhum pensamento. – Não quer ir para a cama comigo?

– Vou para a cama com você. Para dormir com você, porque está precisando dormir.

– Mas...

Ele lhe deu um beijo doce, tranquilo.

– Eu posso esperar. Agora diga, você usa pijama? Espero que diga que sim; caso contrário, um de nós não conseguirá dormir muito.

– Você é um cara estranho e desconcertante, Carter. – Ela se virou, abriu uma gaveta e tirou dali uma calça de flanela e uma camiseta desbotada. – É isso que eu chamo de pijama.

– Ótimo.

– Não tenho nada que possa emprestar para você.

– Na verdade não uso... hum.

Ele mudaria de ideia quando estivessem na cama, pensou ela enquanto tiravam a roupa. Mas Carter ganhou pontos por suas boas intenções. Claro que estava cansada, com os pés doloridos e a mente entorpecida, mas isso não queria dizer que não teria energia para fazer sexo.

Ainda mais um sexo tão bom.

Quando Carter se enfiou na cama ao lado dela, Mac se aconchegou nele, acariciou o seu peito e foi aproximando a boca da dele. Iria excitá-lo, seduzi-lo e aí...

– Já lhe falei da conferência que estou preparando sobre análise metodológica e teórica do romance, enfatizando o lar, literal e metafórico, como tema?

– Ah... U-hum.

Ele sorriu no escuro, coçando as costas dela de forma delicada e ritmada.

– É para os meus alunos mais velhos, das turmas avançadas.

Num tom monótono, propositadamente calculado para entediar até os mortos, começou a explicar a sua abordagem. Fez o que pôde para deixar a explicação o mais entediante possível. Calculava que precisaria de, no máximo, cinco minutos para fazê-la adormecer.

Ela apagou em dois.

Satisfeito, ele encostou o rosto no topo da cabeça de Mac, fechou os olhos e também se entregou ao sono.

Mac acordou com o sol de inverno batendo em seu rosto. Acordou quente.

Durante a noite, Carter a tinha abraçado e agora ela estava de costas para ele, bem aninhada. Era confortável, pensou, e estava descansada e relaxada.

Ele quis que ela dormisse e ela dormiu. Era curioso como ele conseguira o que queria sem pedir, sem forçar a barra.

Esperto.

Bom, não era o único.

Estava abraçado à sua cintura. Ela pegou a mão dele e a levou ao próprio peito. *Toque-me.* Colou ainda mais seu corpo ao dele, entrelaçando sua perna às dele. *Sinta-me.*

Ela sorriu quando sentiu a mão dele se mexer sob a sua, apertando seu seio. E quando aqueles lábios tocaram sua nuca... *Prove-me.*

Mac se virou e ficou de frente para Carter, assim podia ver o azul suave de seus olhos.

– Sinto-me... renovada – murmurou ela. Sem deixar de fitá-lo, deixou que sua mão lhe percorresse o peito e a barriga e descesse até encontrá-lo. – Ei, parece que você também.

– É que muitas vezes certas partes do meu corpo acordam antes de outras.

– Ah, é? – Ela o virou de barriga para cima e se sentou sobre ele. – Acho que terei que tirar proveito disso.

– Nesse caso... – Numa preguiçosa troca de carinho matinal, ele passou as mãos pelo tronco e pelos quadris de Mac. – Você é linda mesmo ao acordar.

– Estou toda descabelada, mas a sua parte que acorda primeiro não vai perceber. – Ela cruzou os braços e puxou a camiseta pelas pontas, tirando-a, e depois jogou-a longe. – Acho agora que essa sua parte nem desconfia que tenho cabelo.

– É como se estivesse pondo fogo no Sol.

– Você leva mesmo jeito, Carter. – Ela prendeu o lábio inferior dele entre os dentes. – Agora, sou eu que vou fazer as coisas do meu jeito.

– Ok.

Ela recuou um pouco e ele se sentou.

– Mas você se importaria se eu...

Mac o puxou pela cabeça, tapando-lhe a boca com um seio.

– Não. – A barriga dela estremeceu em resposta. – Não me importo nem um pouco. Nossa, como você é bom nisso!

– Nada vale tanto a pena.

Suave, firme, quente, macia. Ela era tudo isso. Ele podia se banquetear com ela, quebrar o jejum com aqueles excitantes gostos. Ela o puxou para mais perto, incentivando-o a querer mais, enquanto mexia os quadris para esquentá-lo.

Ela se curvou sobre ele, depois recuou para tirar a calça de flanela. Voltou a puxá-lo, erguendo o seu corpo esguio e pálido, realçado pela luz branda que penetrava pela janela.

Arqueou-se, presa na própria teia de prazer e fez movimentos compassados com o ritmo da sua pulsação. Lento, espesso e profundo, seda deslizando na seda, aço virando veludo. No silêncio da manhã, só se ouviam suspiros, uma respiração oscilante, um nome murmurado.

E os batimentos se aceleravam à medida que o prazer ia ficando mais urgente. Ela o viu observá-la, viu a própria essência preencher os olhos dele enquanto aquela dor se espalhava e intumescia. A pulsação era intensa – urgente e mais rápida agora. Ela o cavalgou, ambos cavalgaram, até atingirem o ápice.

Quando ela perdeu as forças, ele a deitou e lhe deu um abraço apertado, como havia feito durante a noite.

Era como flutuar, pensou Mac, como flutuar dentro de um rio comprido, de águas calmas, límpido e morno. E mesmo que afundasse, ele estaria ali, sustentando-a.

Por que não podia ter isso, aproveitar isso, sem criar obstáculos, desencavar problemas, se preocupar com erros e com o futuro? Por que deixar os talvez, os se e as probabilidades estragarem algo tão maravilhoso?

– Queria ficar aqui – disse ela baixinho. – Exatamente assim. O dia todo.

– Ok.

Ela sorriu.

– Alguma vez na vida já sentiu preguiça? Já se deixou dominar pela preguiça?

– Estar com você não é como se entregar à preguiça. Podemos fazer uma experiência. Quanto tempo somos capazes de ficar nesta cama, sem comer, sem beber ou fazer qualquer outra atividade? Quantas vezes conseguiremos fazer amor num domingo?

– Queria muito descobrir, mas tenho que trabalhar. Temos outro evento hoje.

– A que horas?

– Às três, o que significa que preciso estar lá por volta de uma. E tenho que passar as fotos de ontem para o computador.

– Precisa que eu dê o fora daqui.

– Não. Estava pensando numa chuveirada e num café a dois. Posso até fazer uns ovos mexidos em vez de lhe oferecer o meu café da manhã tradicional com biscoitos.

– Gosto de biscoitos.

– Aposto que você toma café da manhã de adulto.

– Na verdade, minha base são torradas industrializadas.

Ela ergueu a cabeça.

– São deliciosas. Se eu conseguir arrumar água quente, café, biscoitos acompanhados de ovos mexidos, você consideraria ficar para o evento de hoje?

– Consideraria... se acrescentasse uma escova de dentes e um barbeador. E imagino que não deva ter um par de sapatos sobrando.

– Tenho muitos pares de sapatos, mas acredito que esteja se referindo a sapatos masculinos.

– Seria bem melhor. Salto alto machuca os pés.

– Engraçadinho. Na verdade, acho que podemos ajudá-lo. Parker tem um verdadeiro estoque de sapatos sociais para as cerimônias. Os tradicionais sapatos pretos para homem e pretos de salto para mulheres.

– É... bem eficiente.

– É compulsivo, mas já precisamos deles várias vezes. Que número você calça?

– Quarenta e seis.

Ela ergueu a cabeça subitamente.

– Quarenta e seis?

– Pois é.

– Isso não é um pé, é um porta-aviões. – Ela puxou as cobertas para olhar os pés dele. – Você tem pés do tamanho de um navio de guerra.

– É por isso que tropeço tanto neles. Acho que Parker não deve ser compulsiva a ponto de ter sapatos 46.

– Não, nem Parker vai ter. Desculpe, só posso arranjar a escova de dentes e o barbeador.

– Combinado, então.

– Acho que devemos começar pela chuveirada. Precisamos ficar quentes, molhados e com

todo tipo de coisa escorregadia pelo corpo. – Olhou para ele e sorriu. – Vejam só quem voltou a acordar! – Rindo, ela rolou para fora da cama e correu para o chuveiro.



Ao se enrolar na toalha, Mac pensou que Carter era tão criativo na vertical quanto na horizontal. Maravilhosamente desprendida, conseguiu arranjar uma escova de dentes, uma lâmina de barbear descartável e até um potinho de creme de barbear desses de kit para viagem.

– Tome. – Virou-se no instante em que Carter bateu o cotovelo ao sair do chuveiro. – Por que você não é desastrado quando está fazendo sexo?

– Acho que presto mais atenção. – Franzindo as sobrancelhas, ele esfregou o cotovelo. – E foi você que me distraiu com a toalha.

– Já que vai se barbear, vou lá embaixo passar um café. Assim não distraio você a ponto de fazê-lo se cortar.

Deu um tapinha no rosto dele e acabou se encostando toda, inteiramente distraída. Quando conseguiu se afastar, jogou a toalha em cima dele.

– Já que a toalha é um problema, fique com ela.

Pegou o roupão que ficava pendurado atrás da porta e saiu nua.

Quando ela sumiu de vista, Carter pegou o barbeador e o examinou meio em dúvida antes de observar a mancha roxa que tinha no queixo.

– Bem, vamos ver se conseguimos fazer isso sem deixar cicatrizes.

Lá embaixo, Mac cantarolava medindo a quantidade de café que ia usar. Nem precisava disso para começar o dia com disposição. Carter já havia se encarregado de tudo. Ele cuidava dela, pensou com um suspiro, e ela se sentia cuidada e apreciada, estimulada e excitada.

Quando foi a última vez que um homem lhe proporcionara tudo isso? Vamos ver... Definitivamente nunca. E, além de todas essas coisas, sentia-se feliz.

Abriu a geladeira e tirou quatro ovos. Devia dar. Pegou uma tigela, um batedor manual e uma frigideira. Queria preparar o café da manhã para ele. Queria fazer algo para comer com ele. Queria cuidar dele, como ele cuidava dela.

Isso devia ser...

Seu pensamento se embaralhou ao ouvir a porta se abrindo.

– Em? Se veio atrás de café, é melhor devolver as canecas que pegou emprestadas.

Virou-se, esperando ver a amiga, e deu de cara com Linda entrando na cozinha.

– Mãe? – O rosto de Mac ficou paralisado. – O que está fazendo aqui?

– Passei para ver minha filha. – Com um sorriso radiante, Linda abriu os braços e atravessou o cômodo para dar um grande abraço em Mac. – Ah, você está tão magrinha. Devia ter virado modelo em vez de ficar atrás das câmeras. Fez café, que maravilha. Tem leite desnatado?

– Não, mãe. Desculpe, mas não é uma boa hora.

– Por que está tentando ferir os meus sentimentos?

Linda esboçou um beicinho que era ao mesmo tempo fofo e eficaz, como ela bem sabia. Os olhos azul-claros irradiavam dor e a boca macia e rosada conferia-lhe um ar indefeso com aquele ligeiro tremor.

– Não queria magoar você. É que... temos um evento hoje e...

– Você *sempre* tem um evento. – Linda fez um gesto desdenhoso com a mão. – Pode passar cinco minutos com a sua mãe, não pode? – Enquanto falava, Linda jogou o casaco em cima de um banco. – Eu me despenquei até aqui para agradecer pessoalmente pelo spa. E para pedir desculpas. – Aqueles olhos azuis revelaram um brilho de emoção e lágrimas contidas. – Não devia ter sido tão rabugenta depois de você ter sido tão doce comigo. Desculpe.

Estava sendo sincera, pensou Mac. Nem que fosse só naquele instante.

Em vez de se abalar com sentimentos transitórios, Mac foi pegar uma caneca no armário. O melhor a fazer era lhe dar um café para que fosse embora logo.

– Que linda a sua roupa. Está bem-arrumada demais para uma simples passadinha aqui.

– Ah, essa roupa? – Linda deu uma voltinha para exibir o terninho vermelho que lhe realçava as curvas e contrastava com o cabelo louro. – É fabuloso, não acha? – Deixou a cabeça pender para trás e riu até Mac sorrir também.

– É. Especialmente em você.

– Acha que combina com as pérolas? Não fiquei muito senhoril?

– Nada deixa você senhoril. – Mac lhe passou a caneca.

– Ah, querida, você não tem uma xícara e um pires decentes?

– Não. Aonde vai com essa roupa?

– Vou tomar um brunch no Elmo. Com o Ari.

– Com quem?

– O Ari. Eu o conheci no spa. Já falei sobre ele com você. Mora na cidade. Tem olivais e vinhedos e... não sei exatamente, mas isso não importa. Hoje em dia o filho dele é que toma conta da maior parte dos negócios. Ari é viúvo.

– Ah.

– Acho que pode ser minha alma gêmea. – Deixando de lado o café, Linda levou uma das mãos ao peito, sobre o coração. – Ah, Mac, foi um encontro de mente e espírito, uma conexão tão grande! Deve ter sido o destino que me enviou para aquele spa no mesmo período em que ele estava lá.

Os meus 3 mil dólares enviaram você para o spa, pensou Mac.

– Ele é muito bem-apessoado, tem um jeito distinto. Viaja para *todo* canto. Tem uma segunda casa em Corfu, um *pied-à-terre* em Londres e uma casa de veraneio nos Hamptons. Eu mal tinha saído do spa quando ele ligou me convidando para um brunch hoje.

– Então divirta-se. Devia se apressar, daqui até a cidade é bastante chão.

– É mesmo, e meu carro ontem começou a fazer uns barulhos estranhos. Preciso pegar o seu emprestado.

– Não dá, vou precisar dele.

– Ué, você fica com o meu.

E com os barulhos estranhos, pensou Mac.

– No seu conversível de dois lugares não cabem as minhas coisas. Tenho reuniões com clientes amanhã e uma sessão externa, o que significa que terei que levar meus equipamentos. Preciso do meu carro.

– Meu Deus, Mackensie, eu o trarei de volta esta noite.

– Foi o que você disse na última vez. Você o levou e eu não o vi por três dias.

– Foi um fim de semana prolongado que não estava nos planos. O seu problema é que nunca faz nada de forma espontânea. Tem que ter tudo agendado e regulado. Quer que eu fique enguiçada na beira da estrada? Ou que sofra um acidente? Não pode pensar em mais ninguém além de você mesma?

– Desculpem-me por interromper. – Carter estava no alto da escada. – Como vai? A senhora deve ser a mãe da Mackensie.

capítulo catorze

Elas não poderiam ser mais diferentes aos olhos de Carter. A baixinha e arredondada loura, de terninho vermelho feito sob medida, e a ruiva alta e magra, com seu roupão quadriculado.

Ainda assim, ambas ficaram congeladas e olharam para ele com uma expressão que denotava um misto de terror e embaraço. Depois, até essa conexão se desfez, já que os olhos de Mac se entristeceram e os de Linda exprimiram uma astúcia calculada.

– Ora, ora. Mackensie não me disse que estava acompanhada. E nem que a companhia dela era tão bonita. Mackensie, onde estão os seus modos? Até parece que foi criada na roça. Sou Linda Barrington, mãe da Mackensie. – Ela ficou exatamente onde estava, mas estendeu a mão. – Muito prazer em conhecê-lo.

– Carter Maguire.

Ele foi até ela. Quando segurou a mão que Linda lhe estendia, ela apertou a dele, com força, entre as suas.

– Bom dia, Carter. Onde foi que a Mac teve a felicidade de encontrá-lo?

– Gosto de pensar que fui eu que a encontrei.

– Que galanteador! – Deu uma gargalhada e jogou o cabelo para trás. – Você é de Greenwich, Carter?

– Sou, sim. Minha família é daqui.

– Maguires, Maguires, não sei se os conheço. Mackensie, pelo amor de Deus, dê a ele um pouco de café. Sente-se, Carter. – Deu um tapinha num banco, como um convite. – E me conte tudo.

– Queria muito ter tempo, mas Mackensie e eu temos que nos arrumar para um evento.

– Ah! Você também é fotógrafo?

– Não, só estou ajudando.

Ela o olhou de cima a baixo, de forma rápida e sedutora.

– Você com certeza parece prestativo. Ao menos me faça companhia enquanto tomo meu café e a Mac vai se vestir. Mac, vá se arrumar. Está parecendo uma mendiga.

– Pois eu estava justamente pensando em como você está linda – atalhou Carter. – Bem com cara de domingo de manhã.

Linda deu mais uma gargalhada.

– Não disse que você era galanteador? Reconheço de longe. Tome cuidado, Mackensie, não deixe que lhe roubem este aqui. Agora, Carter, sente-se e me conte tudo sobre você.

– Leve o carro. – Mac pegou as chaves dentro de um cesto que ficava em cima da bancada. – Leve o carro e vá embora.

– Minha nossa, Mackensie, não precisa ser grosseira – disse Linda, mas aceitou as chaves.

– Se quer o carro, aí estão as chaves. Minha oferta é válida por exatamente trinta segundos.

De queixo erguido, Linda pegou seu casaco.

– Peço desculpas pelo comportamento da minha filha, Carter.

– Não é necessário. Não mesmo.

– Tomara que este seja tolerante ou vai acabar ficando sozinha. De novo. – Lançando um último olhar para Mac, Linda saiu.

– Bem, isso foi revigorante. Preferia que não tivesse lhe dado as chaves – disse Carter, indo até ela.

Mac estendeu um braço para detê-lo.

– Não faça isso. Por favor. Lamento que tenha sido obrigado a presenciar essa situação, mas não faça isso.

– Não fazer o quê?

– Nada. – Ela ergueu o braço um pouco mais e deu um passo atrás. – Não sei onde é que a estava com a cabeça. Só Deus sabe. Eu disse a mim mesma que era um erro. Sabia que devia ter parado antes que as coisas ficassem complicadas. Mas fui pega. A culpa é minha.

– Acredito que não esteja mais falando da sua mãe.

– Desculpe, Carter, me desculpe. Quero dizer, isso que está acontecendo entre nós. Não vai dar. Não tenho como ir aonde você quer que eu vá. Não é você, é que...

– Não – interrompeu ele. – Não nos transforme num clichê. Você é melhor que isso. Nós somos melhores que isso.

– Sou *eu*! – Como sua voz estava querendo falhar, ela falou mais alto. – Não estou preparada para isso. Não sou uma garota de longo prazo. Sou do gênero que entra em pânico e sai correndo da sua casa quando sente que está ficando muito confortável.

– Ah, essa é a explicação.

– Essa sou *eu*. Consegue entender? Não sou a pessoa que você está procurando.

– Pode me dizer o que quiser, Mackensie, mas não o que estou procurando.

– Claro que posso... Você está... entusiasmado o bastante para imaginar que temos futuro. Para querer um futuro. Você é tradicional até os ossos, Carter, e daqui a pouco tempo vai querer um compromisso sério, casamento, família, casa e um gato de três patas. É da sua natureza e estou dizendo que a sua natureza não combina com a minha.

Atirou o batedor de ovos que não tinha usado dentro da pia.

– Você nem me conhece. Isso foi um flerte, uma atração sexual, o reflexo de uma coisa antiga. Era só uma quedinha que o deixava intrigado e que alimentou o meu ego, e deixamos que as coisas fossem longe demais, rápido demais. Estamos andando sem destino certo, porque a estrada está boa. Mas ela tem buracos e quebra-molas. Meu Deus, nós nem sequer brigamos, como podemos pensar...

– Está certo – interrompeu ele mais uma vez. – Estamos prestes a ter uma briga. Não tenho

certeza a respeito de quem você acha pior neste momento, se eu ou você mesma. Quero compromisso, casamento, família e o diabo do gato, que já tenho, obrigado. Isso não faz de mim um idiota.

– Eu não disse...

– Buracos e quebra-molas? Bem-vinda ao mundo. Toda estrada tem isso. Temos que contorná-los, evitá-los, passar por cima deles ou sair pelo outro lado. O seu problema é que continua dirigindo em frente, caindo direto no buraco que é a sua mãe, fazendo com que isso estrague o restante da viagem. Ela não é culpada por sua pouca habilidade de condução. Você é.

– Sei muito bem disso... Só um minuto. Pouca habilidade de condução? – Os primeiros vestígios de irritação começaram a aparecer naquele rosto que estava ficando vermelho. – Sei muito bem aonde estou indo e como vou chegar lá. Só peguei um desvio. E pare de falar por metáforas.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Acho que pegou o desvio e bem que gostou. Desvio, uma ova. Nós temos algo. Pode ser algo que nenhum dos dois esperava, mas é real.

– Sinto alguma coisa por você, Carter. É claro que sinto. É óbvio. E é por isso que estou dizendo que precisamos dar um passo atrás. Temos que reavaliar.

– Por que deixa que ela conduza a sua vida?

– O quê? Não deixo, não.

– Ela é egoísta, egocêntrica e acaba emocionalmente com você porque deixa, cede, dá o que ela quer, em vez de bater de frente.

– O que está dizendo é ridículo e injusto! – O tom furioso de Mac contrastava com a calma dele, o que a fez se sentir idiota. – Emprestei o maldito carro para ela sumir daqui. E isso não tem nada a ver com o que estamos discutindo.

– Então eu diria que você precisa reavaliar esse aparente relacionamento doentio.

– Isso é problema meu.

– É mesmo.

Ela respirou fundo uma vez e depois outra.

– Não quero brigar com você. Não seria capaz de brigar com você agora nem se quisesse. Tenho que trabalhar e me preparar para o evento e... Meu Deus!

– Entendo. Vou deixá-la em paz.

– Carter, não quero que a gente fique chateado um com o outro. – Ela passou a mão no cabelo enquanto ele pegava o casaco. – Não quero magoar você. Não quero que ache que você, ou tudo isso, não significa nada para mim.

– São muitas frases com "não", Mackensie. – Olhando para ela, ele vestiu o casaco. – Pode tirar na sorte para ver o que realmente quer. – E se encaminhou para a porta. – Só quero fazer uma correção: não estou entusiasmado. Estou apaixonado por você. É algo com que

ambos teremos que lidar.

Carter saiu, fechando a porta devagar.



Conseguiria sobreviver a isso. Seja lá o que estivesse sentindo no coração e no estômago, essa coisa não podia ficar na sua cabeça durante o evento. Deixe isso de fora, disse a si mesma, porque o dia não é seu, assim como o anterior não fora do idiota do irmão do noivo.

– Vai me dizer o que há de errado? – perguntou Emma enquanto circulavam pelo salão de baile.

– Não. Não tem nada a ver com o trabalho.

– Vi o carro da sua mãe perto do estúdio. Mas não vi o seu.

– Agora não, Em.

– Isso está piorando. Vamos conversar depois.

– Não quero conversar. Não tenho tempo para comer biscoitinhos nem para sessões de autoajuda. Estou trabalhando.

Até parece, pensou Emma, e foi procurar Parker.

– Tem alguma coisa errada com a Mac.

– É, eu sei. – Parker estava perto da longa mesa da entrada, supervisionando a transferência de presentes para a limusine estacionada lá fora. – Vamos resolver isso depois.

– Ela vai tentar fugir. – Como Parker, Emma exibia um sorriso estudado. – Estou preocupada porque ela não está brava. Normalmente, depois de lidar com a mãe, ela fica furiosa.

– Não podemos fazer nada por ora. Vai começar a última dança – disse Parker depois de checar as horas. – Ela quer tirar as fotos da saída lá fora. Se estiver mesmo muito aborrecida, vai direto de lá para casa. Então, iremos atrás dela para sondar o terreno.

Se tivesse usado a cabeça, Mac perceberia que as amigas estavam com segundas intenções. Mas o alívio de ver que o evento havia terminado e de saber que tinha feito bem o seu trabalho bloqueou todo o resto.

Baixou a câmera ao ver a limusine se afastar.

– Teremos uma rápida reunião quando todos tiverem ido embora – anunciou Parker.

– Eu vou para o estúdio. Depois copio as anotações de vocês.

– Não vai demorar. Temos que nos certificar de que está tudo em ordem para a apresentação de amanhã. Boa noite, dirijam com cuidado. – Parker sorriu para um grupo de convidados que estava saindo. – Acho que são os últimos. Vamos dar uma geral. Nos encontramos no segundo andar, ok?

Aborrecida, Mac subiu a escada. Droga! Queria ir para casa. Queria ficar sozinha e trabalhar até os olhos começarem a ficar embaçados. Depois queria ir para a cama e dormir para esquecer os problemas.

Mas não, antes tudo tinha que ser arrumado. Era a Lei de Parker.

O pessoal da limpeza já tinha arrumado as suítes dos noivos, mas, por via das dúvidas, ela foi verificar os banheiros. Certa vez encontraram um convidado dormindo aos pés da banheira que ficava na suíte da noiva na manhã *seguinte* ao evento.

Quando terminaram a verificação de segurança, Mac pensou em fugir por uma das portas laterais para não ir à reunião. Mas isso deixaria as outras irritadas e iriam atrás dela.

Não queria passar por nenhum embate, nenhuma cena emotiva. *Já tinha ultrapassado sua cota,* pensou. Por isso, seria uma boa menina e participaria da reunião pós-evento e da checagem da apresentação do dia seguinte.

Seria melhor assim. Teria menos tempo para pensar – um dos últimos itens da lista de afazeres que queria cumprir.

Não ficou surpresa ao ver Laurel trazer chá e minissanduíches. As reuniões da Votos tradicionalmente tinham comida e bebida de alguma espécie.

– Belo evento – disse Laurel em tom casual. – Ninguém deu soco na cara de ninguém. Ninguém tentou entrar de penetra e, até onde sabemos, ninguém usou banheiros para fazer sexo inapropriado.

– Os eventos de domingo costumam ser tranquilos. – Emma tirou os sapatos e se espreguiçou.

– Você se esqueceu do casamento de Greenburg e Fogelman?

– Ah, é mesmo. Teve tudo isso e muito mais.

Incapaz de se sentar e ficar quieta, Mac foi até a janela.

– Está começando a nevar. Pelo menos foi depois de todo mundo ir embora.

– Foram mesmo – disse Parker ao entrar. – A equipe de limpeza está no salão de baile. A Sra. Seaman é capaz de querer dar mais uma olhada amanhã e tudo tem que estar brilhando. Laurel, qual é o cardápio?

– Uma seleção de miniaturas de doces, café, chá e suco de laranja fresco. Depois, na minha apresentação, que será a última, haverá degustação de bolos. Teremos ainda umas amostras de chocolates com os monogramas dos noivos em dourado. Fiz em vários estilos. Vou mostrar fotografias e desenhos de bolos para os noivos e darei algumas sugestões, caso queiram bolos para os convidados. O mesmo vale para as opções de sobremesas. Preparei umas caixas de chocolates para presentear a noiva e a mãe dela e mais algumas, caso elas tragam mais gente. Bem precavida.

– Muito bem. Agora você, Emma.

– A noiva gosta de tulipas e disse que queria que elas fossem uma espécie de assinatura sua no casamento. Vou propor que o casamento seja no jardim, já que será em abril. Vou apresentar uma enorme quantidade de tulipas, em vasos de cristal, de diversos formatos e tamanhos. E rosas, claro. Vou pôr lado a lado arranjos com cores e aromas de primavera. Além de flores para lapela. Uma tulipa branca com um raminho de alfazema para lhe dar

destaque. Fiz três buquês de seda, desenhados para ela com exclusividade. E um deles tem como destaque justamente as tulipas. Acho que ela vai escolher esse. Se escolher, está pronto.

Fez uma pausa e correu os olhos pela lista.

– Fiz ainda algumas opções para as acompanhantes; também com cores de primavera, pois a noiva ainda não escolheu as cores. Tenho algumas fotografias além das amostras que fiz. Ela já viu o meu espaço e muitas das minhas amostras e dos meus expositores, mas fiz umas mudanças e adaptações para ela. Laurel me ajudou a esboçar umas propostas para a pérgula. Tive a ideia de usar cornisos pequenos em grandes vasos brancos, como um pano de fundo. Podemos ornamentá-los com luzinhas. Para as mães, queria sugerir um porta-buquê, no lugar do buquê simples. Já fiz alguns para mostrar. Vou preparar uns arranjos para cada uma delas levar para casa.

– Temos muitas fotos de todos os espaços enfeitados para casamentos de primavera. – Parker olhou para Mac.

– Já reuni as que me parecem mais adequadas para darmos de exemplo para essa cliente. E em algumas fiz uns ajustes. Como já conversamos, em abril o tempo é instável, por isso elas devem querer tendas.

– Tendas de seda.

Mac assentiu para Parker.

– Li a sua proposta. E vi os esboços da Laurel. Não temos fotos desse cenário especificamente, mas temos algumas que se aproximam bastante. Reuni um bom portfólio de fotos de noivado e casamento, além de outro, com as fotos que saíram em revistas. Elas deram uma olhadinha nos álbuns quando vieram aqui e você disse que os olhos da mãe chegaram a brilhar com a ideia de fazer um livro de arte. Vou trazer um para mostrar. E pretendo tirar um retrato da mãe e da filha aqui, durante a apresentação. Depois passo para o papel, emolduro, faço um embrulho e envio para a mãe.

– Fantástico! – Parker sorriu. – Está excelente. Eu tenho três cenários, de diversos estilos, que as abrangem desde o ensaio até a partida. Hesitei um pouco, mas preferi avançar com o que me pareceu melhor.

– O de princesa feiticeira do século XXI – disse Emma. – Meu favorito.

– Nós quatro já discutimos uma centena de horas sobre isso – disse Laurel. – Estou com todos os dedos cruzados.

Emma assentiu, resoluta.

– Estou com um bom pressentimento sobre tudo isso.

– Você tem bons pressentimentos a respeito de muita coisa. Se for só isso, tenho um monte de trabalho me esperando.

– Estamos quase terminando – disse Parker quando Mac começou a se levantar. – O que está doendo, Mac?

– Meus pés, principalmente.

– É melhor falar logo. – Laurel pegou um minissanduíche. – Somos três contra uma.

– Não acho. E não entendo por que temos que ficar falando, discutindo, conversando toda vez que uma de nós está num clima ruim.

– Somos mulheres – disse Emma. – A sua mãe levou o seu carro.

– É, minha mãe levou meu carro. Caí na emboscada dela hoje de manhã. Estou irritada. E continuarei irritada quando ela resolver trazê-lo de volta, com certeza sem combustível e com o para-lama amassado. Fim da história.

– Sei bem quando você está irritada. – Parker encolheu as pernas. – Não era assim que estava hoje.

– É assim que estou agora.

– Porque esse problema é o de menos. Carter estava na sua casa quando você caiu na emboscada, não é?

– Ela deu em cima dele, como faz com qualquer coisa que tenha um pênis. Podem imaginar como foi constrangedor?

– Ele ficou chateado? – perguntou Emma.

– Por causa dela? – Mac se levantou e foi de novo até a janela. – Não sei, não tenho certeza. Estava ocupada demais me sentindo infeliz para notar. Então, dei as chaves do carro para que ela fosse embora.

– Nem vou perguntar por que ela queria o seu carro. – Laurel pegou uma xícara de chá. – Que diferença faz? O que eu quero saber é por que você ficou chateada com o Carter.

– Não fiquei. Estou chateada comigo mesma. Por deixar isso acontecer, por deixar isso ir longe demais, por não *pensar*, por me afastar tanto do Planeta Realidade.

– Não está mais falando da bruxa da Linda – concluiu Laurel.

– Ah, Mac! – Os olhos de Emma se encheram de compaixão. – Você brigou com o Carter.

– Não. Quero dizer, sim. Ou não. – Frustrada, Mac se virou para elas. – Não é possível brigar com alguém como ele. Numa briga, as pessoas gritam, esbravejam. Elas dizem coisas e depois se arrependem. É por isso que se chama briga. Tudo que ele consegue fazer é ser racional.

– Que homem terrível – declarou Laurel, recebendo com isso um olhar zangado.

– Tente só. Tente fazer alguém como Carter entender que você foi pelo caminho errado e veja tudo o que está dizendo sendo ricocheteado no muro calmo da sua lógica.

– Você terminou com ele. – Pelo tom, a compaixão de Emma agora estava voltada para Carter.

– Não sei o que fiz. Além do mais, como se pode terminar com alguém quando não se disse ainda que se estava junto? Oficialmente. Tem a ver comigo, a culpa é minha, e ele nem sequer ouve isso. Sei que deixei as coisas irem longe demais. Fui arrebatada, tomada, ou seja lá que nome isso tenha. E, quando a minha mãe entrou lá em casa hoje de manhã, levei uma

bela bofetada que me trouxe de volta à realidade.

– Vai deixar que ela controle você desse jeito? – perguntou Parker.

– Não é bem assim – disse Mac num tom feroz, em parte porque temia que fosse exatamente assim. Sem tirar nem pôr. – Não quero magoá-lo. Tudo se resume a isso. Ele acha que está apaixonado por mim.

– Acha? – repetiu Laurel. – Não devia dizer *está?*

– Está fantasiando essa história, me fantasiando, fantasiando tudo.

– Esse é o mesmo sujeito que não consegue deixar de ser racional. O muro calmo de lógica. – Com os lábios apertados, Parker inclinou a cabeça. – Mas, no que diz respeito a você, ele fica atolado em fantasias?

– Ele pode ter várias camadas – argumentou Mac, de repente se sentindo cansada e derrotada.

– Acho que a questão central não tem a ver com como Carter se sente ou deixa de se sentir a seu respeito, mas sim como você se sente ou deixa de sentir a respeito dele. Está apaixonada, Mac?

Mac encarou Parker.

– Gosto dele. Essa é a questão.

– Isso é o que eu chamo de fuga – disse Laurel. – A pergunta deveria ser respondida com sim ou não.

– Não sei! Não sei o que fazer com todos esses sentimentos embolados dentro de mim. Ele entra na minha vida, dá de cara na parede e eu é que fico zonza. Você disse que ele não fazia o meu tipo, disse isso de cara. E estava certa.

– Na verdade, acho que essa foi uma das raras ocasiões em que me enganei. Mas você precisa decidir por conta própria. O que me chateia, Mac, o que me desaponta é ver você usar a Linda como um parâmetro para relacionamentos. Porque ela definitivamente não serve para isso.

– Preciso de um tempo, só isso. Preciso de tempo para encontrar o meu equilíbrio, o meu ritmo. Não vejo como encontrar nenhum dos dois quando estou perto do Carter.

– Então, tire esse tempo – aconselhou Parker. – Para ter certeza.

– Vou fazer isso. Preciso fazer isso.

– Só mais uma coisa. Se Carter ama você, estou do lado dele.

Kathryn Seaman chegou com a filha, Jessica, na manhã de segunda-feira, às dez em ponto. Mac sabia que aquele era o tipo de pontualidade que aquecia o coração eficiente de Parker. Mas ela própria achava isso um pouco assustador.

O excesso de trabalho, o nervosismo e aquele turbilhão emocional se misturavam desconfortavelmente no seu estômago quando foi se sentar no salão com as sócias e as

clientes potenciais. Emma encheu o ambiente de tulipas, levando a primavera para dentro do cômodo aquecido pelo fogo crepitante da lareira. Parker pôs em uso o magnífico serviço de chá Meissen que fora da sua avó, bem como os cristais Waterford e os talheres de prata da Geórgia, todos perfeitos para acompanhar os vistosos doces e salgados de Laurel.

Se ela quisesse uma imagem de luxo, sofisticação e feminilidade, com certeza seria aquela.

Depois da breve conversa habitual sobre o tempo, Parker foi direto ao assunto.

– Estamos muito entusiasmadas por terem pensado na Votos para o grande dia. Entendemos como é importante que se sinta confortável e confiante com relação a cada detalhe que envolve a organização de um casamento que espelhe quem você é e o que você e Josh representam um para o outro. Queremos que aproveite esse dia e todos os outros que nos levarão até ele, sabendo que *você* é o nosso foco. Queremos o que você quer, um dia perfeito e lindo, cheio de lembranças que ficarão gravadas pelo resto da sua vida. Para atingir essa meta, tivemos algumas ideias. Mas, antes de mostrarmos a primeira proposta, tem alguma pergunta que queira fazer?

– Eu tenho. – Kate Seaman abriu um bloquinho no colo.

Enquanto a filha ria, revirando os olhos, ela começou a bombardear Parker com perguntas.

Parker respondeu sim a todas elas. Forneciam isso assim, podiam lidar com isto, tinham um fornecedor para aquilo e uma amostra daquilo outro. Quando as perguntas se voltaram para a decoração, Emma tomou a palavra:

– Além das flores do casamento, usaremos flores da estação e poremos vasos nos canteiros e nos jardins. Essas flores serão selecionadas com o único propósito de realçar os arranjos que Jessica escolher. Sei que o casamento acontecerá no início da primavera, mas posso prometer que ela estará presente no dia do casamento.

– Se eles esperassem até maio...

– Mãe. – Jessica deu um tapinha na mão dela. – Nós nos conhecemos em abril e estamos decididos quanto à data por uma questão sentimental. Tem muito tempo pela frente, o bastante para organizar tudo. Ainda que um milhão de detalhes precise ser providenciado.

– É para isso que estamos aqui – emendou Parker.

– Logo, logo vai haver a festa de noivado no clube e temos que mandar fazer e distribuir os convites.

– Podemos cuidar disso para vocês.

Jessica se deteve, mordendo os lábios.

– É sério?

– Claro. Só precisamos da lista. Temos vários modelos de cartões. Talvez você prefira os mais pessoais, criados com a foto do noivado ou com outra de que você e Josh gostem particularmente.

– Adorei a ideia. E você, mãe?

Minha vez, pensou Mac.

– A própria foto do noivado pode ajudar vocês a decidirem se gostam daquele estilo ou se querem algo mais tradicional. Marcar a data, o local, achar o vestido perfeito e tirar a foto do noivado são os primeiros detalhes. Uma vez que estiverem definidos, já permitem que sua mente e seu tempo fiquem livres para o resto. Além disso, são esses elementos que determinam o tom do casamento.

– Você tem exemplos?

– Tenho. – Mac se levantou e foi pegar o portfólio das fotos de noivado para entregar a Kate. – Acredito que a foto do noivado é tão importante quanto a do casamento. Ela representa a promessa feita, a intenção, a alegria e a antecipação. O que fez essas pessoas se unirem? Porque selaram essa primeira promessa? Meu trabalho é gerar a fotografia que vai anunciar aos amigos, à família e a todos os outros que Jessica e Josh encontraram um ao outro.

– No seu estúdio? – perguntou Kate.

– Pode ser, ou em qualquer lugar que o casal desejar.

– No clube – decretou Kate. – Durante a festa de noivado. Jessie tem um vestido maravilhoso. Ela e Josh ficam lindos juntos com roupa social. E Jessie vai usar os rubis da minha mãe.

Com os olhos marejados, Kate estendeu o braço e pegou na mão da filha.

– É uma excelente ideia e gostaria muito de realizá-la. Mas tenho outra ideia para esse retrato. Jessica e Josh se conheceram cavalgando e essa é uma paixão que partilham. Gostaria de fotografá-los em cima de um cavalo.

– Em cima de um cavalo? – Kate franziu a testa. – Não é para ser uma foto qualquer. Não quero Jessica com calça e chapéu de montaria na foto do noivado. Quero que ela brilhe.

– Pensei num brilho mais discreto. Romântico, com um toque de fantasia. Jessica tem um cavalo castanho, o Trooper.

– Como você sabe?

– Faz parte do nosso trabalho saber coisas sobre os clientes. Mas não precisa ficar com medo – acrescentou Mac, fazendo a moça rir. – Imagino Jessica e Josh cavalgando o Trooper juntos. Josh de smoking, com o nó da gravata desfeito e os primeiros botões da camisa desabotoados; e Jessica atrás dele, com um belo vestido vaporoso... e os rubis da avó – acrescentou. – Com os braços passados na cintura dele e o cabelo solto, ao vento. O fundo seria apenas um borrão de cores e formas.

– Ai, meu Deus – murmurou Jessica. – Amei essa ideia. De verdade. O que acha, mãe?

– Parece... bonito. Mágico.

– E acho que vão concordar que essa ideia combina perfeitamente com o conceito que elaboramos para o casamento. Parker.

Levantando-se, Parker se dirigiu ao cavalete que já estava montado.

– Temos fotos que podem lhes dar uma noção do plano geral e dos detalhes do que já

fizemos antes e do que podemos fazer, mas, como o seu casamento será único, preferimos fazer esboços do que imaginamos para o seu dia.

Tirou a capa que cobria o primeiro esboço.

– A terra das fadas – disse, e Mac imaginou cada uma das sócias sentindo o mesmo arrepio que ela quando a noiva soltou um gritinho abafado.



– Acho que conseguimos. E vocês? Nossa, estou exausta – disse Emma, esticando-se no sofá. – E um pouco enjoada. Comi doce demais para ficar menos nervosa. Vocês acham que conseguimos?

– Se não tivermos conseguido, vou fazer uma vaquinha e pagar para darem uma surra em Kathryn Seaman. – Laurel acomodou os pés sobre a pilha de álbuns que estava na mesinha de centro. – Que mulher durona!

– Ela ama a filha – comentou Parker.

– É, isso dá para perceber, mas, caramba, nós apresentamos o casamento praticamente perfeito e não conseguimos fazê-la assinar o contrato.

– Mas ela vai. Caso contrário, não vamos precisar da vaquinha. Eu mesma a mato. – Parker saiu andando pelo aposento, massageando o pescoço. – Ela precisa pensar em tudo, conversar com o marido, e Jessica precisa falar com Josh para saber a opinião dele. É razoável. Normal.

– Kate é quem está no comando – observou Mac. – Acho que só quer nos torturar. Ela ficou completamente convencida ao ver o bolo Palácio Real.

Laurel mordeu o lábio.

– Acha mesmo?

– Eu estava olhando para ela, comecei a observá-la como um gato faz com um rato, ou talvez eu fosse o rato e ela o gato. Mas estava olhando para ela. Seus olhos brilharam quando viu o bolo. Consegui até ouvi-la pensar: "Ninguém vai ter esse bolo em forma de palácio senão a minha menininha." Tiramos 10 em tudo. As duas ficaram sonhando com os cornisos e a iluminação de conto de fadas de Emma. E o buquê com cascata de tulipas? Jessie quer esse buquê de qualquer jeito. Depois, a mãe mencionou, como quem não quer nada, que o marido não era nenhum pé de valsa, e Parker foi procurar na sua coleção mágica de cartões de visita o contato de um professor particular de dança.

– Isso foi muito bom – concordou Emma. – De qualquer forma, a mãe quer o que a sua menininha quer, e a sua menininha nos quer. Posso sentir isso. – Deixou escapar um suspiro e se levantou. – Tenho que ir preparar 55 narcisos para uma despedida de solteira. Levem algumas tulipas.

– Vou ver se o meu carro voltou. Tenho uma externa e um monte de visitas a clientes para fazer. – Mac olhou para Parker. – Se ela não tiver aparecido, você me empresta o seu carro?

Algumas pessoas, pensou Parker, diriam que estava se metendo, que não era da sua conta. Bem, algumas pessoas não a conheciam.

Ela resolvia problemas. E, se nem ao menos tentasse resolver um problema para a amiga mais antiga, para que servia ter essa fama de solucionadora de conflitos?

Foi ao Coffee Talk determinada a fazer o melhor para todos.

Aquele bando de gente que ia ali domingo à noite provocava muito zum-zum-zum. Parker distinguia também o barulho das máquinas de moer e fazer café, enquanto dava uma olhada geral no ambiente. Então viu Carter numa mesa para dois e, com um sorriso, foi até ele.

– Oi, Carter. Obrigada por ter vindo.

– De nada. Tiveram um evento hoje, não é?

– De tarde. Deu tudo certo. – Não valia a pena perder tempo, pensou. – Mac estava infeliz e chateada, mas deixou isso de lado por causa dos clientes.

– Lamento tê-la chateado.

– E ela lamenta ter chateado você. Mas... – prosseguiu Parker antes que ele pudesse falar – ... a mãe dela é que é o problema. Nós três sabemos disso, embora nossas reações sejam diferentes.

– Mackensie estava com vergonha. Não precisava, não por minha causa.

– Linda sempre a deixa assim. – Parker virou-se para a garçonete que parou diante da mesa. – Um chá de jasmim, por favor.

– É para já. E para o senhor, Dr. Maguire?

– Boa pedida. Podem ser dois.

– Carter, quero lhe contar um pouco do histórico dessas duas para que você entenda o motivo disso tudo. O que você e Mac farão depois é problema de vocês.

Enquanto falava, Parker tirou as luvas e abriu o casaco.

– Não sei o que Mac já contou, e ela vai ficar muito irritada comigo por eu expandir as informações que lhe deu, mas vamos lá. Os pais dela se divorciaram quando ela tinha 4 anos. O pai, que ela adorava, se afastou dela com a mesma facilidade com que se afastou de Linda. É um homem negligente. Não é calculista como Linda, só não se importa com a Mac. É herdeiro, cresceu tendo um belo fundo fiduciário à sua disposição. Vindo de mim, essa observação pode parecer hipócrita, mas...

– Não parece, não. Você, o Del e os seus pais sempre contribuíram de alguma forma.

– Obrigada. Geoffrey Elliot vai aonde quer, faz o que lhe agrada e prefere evitar qualquer tipo de perturbação. Linda vai abrindo o seu caminho pela vida, puxando daqui, empurrando dali. Ela recebeu uma bolada do pai da Mac e gastou tudo. – Parker sorriu. – As crianças ouvem essas coisas, mesmo quando, supostamente, ainda não sabem o que significam.

– Ele tinha que dar uma pensão para a filha.

– É. Mac tinha casa, comida e roupas. E, claro, a mãe dela também. Os dois se casaram com outras pessoas antes de Mac fazer 7 anos. Linda se divorciou de novo dois anos depois disso.

Ela fez uma pausa para esperar o chá ser servido.

– Depois disso, foram muitos homens, muitos casos e muitos dramas. Linda se alimenta de drama. Geoffrey também se divorciou de novo e voltou a se casar. Tem um filho com a terceira esposa e passam a maior parte do tempo na Europa. Linda tem uma filha do segundo casamento.

– Mac me disse que tinha dois meios-irmãos.

– Eles quase nunca se veem. Eloisa passava e ainda passa muito tempo com o pai, que obviamente a ama muito.

– Deve ter sido bem difícil ver que a irmã tinha isso e ela não.

– É. E, por isso, na maior parte do tempo, só a Mac estava em casa, e Linda esperava coisas dela, exigia coisas dela e a usava. É o seu jeito. Voltou a se casar. Elas se mudavam de casa e de bairro toda vez que Linda se casava. E Mac tinha que mudar de escola. Linda tirou Mac da escola em que você trabalha quando se separou do terceiro marido. Depois, uns anos mais tarde, voltou a matriculá-la por um breve período, porque, pelo que se ficou sabendo, estava envolvida com um cara casado, que fazia parte do conselho.

– Mac nunca teve estabilidade. Nada com que pudesse contar – murmurou Carter.

Parker suspirou.

– A vida toda Mac teve que aguentar a mãe chorando no seu ombro sempre que era destratada, que alguém a magoava ou quando tinha outro problema qualquer. Linda foi criada para acreditar que era o centro do universo e fez tudo para que Mac acreditasse nisso também. A nossa Mac é uma mulher forte. Inteligente, autoconfiante, brilhante no que faz. Mas esse ponto fraco é como uma ferida que não cicatriza porque Linda fica arrancando a casca. Mac cresceu cercada de insensibilidade e tem medo de ser insensível.

– Ela não confia em nós porque nada em sua vida lhe deu fundamento para confiar.

– Você é um bom ouvinte. Essa foi uma das primeiras coisas que ela me disse a seu respeito. Vou lhe dar um trunfo, Carter, e ela também não me agradeceria por isso. Mas vou lhe dar esse trunfo porque a amo.

– Saberei usá-lo.

Parker esticou o braço e pôs a mão em cima da dele no outro lado da mesa.

– Nunca a vi desse jeito como está com você. Nunca a vi se importar tanto com alguém. Por causa disso, essa história com você, o que ela encontrou em você, a deixa assustada.

– Já tinha percebido isso, pelo menos com relação à parte de estar assustada. Como alguém que a ama, o que me aconselha a fazer?

– Esperava mesmo que fosse perguntar – disse Parker com um sorriso. – Dê a ela um pouco de espaço, um pouco de tempo, mas não muito. E não desista dela. As únicas coisas

permanentes na vida da Mac somos eu e a minha família, a Emma e a Laurel. Ela precisa de você.

– Não tenho como desistir dela – disse Carter. – Tenho esperado por ela quase a minha vida toda.

capítulo quinze

NEM O CARRO NEM A MÃE apareceram na segunda. Na terça, quando já estava perdendo a paciência, Mac começou a ligar para o celular e o telefone da casa da mãe, mas as ligações caíram direto na caixa postal.

Na quarta, começou a pensar seriamente em dar queixa na polícia pelo roubo do carro. Mas depois ia ter que pagar para tirar Linda da cadeia.

Então foi até a mansão tomar café da manhã.

– Parker foi fazer uma visita de emergência em domicílio. A noiva de sábado acordou com uma ziquizira qualquer. Emma está esperando uma encomenda, por isso estamos só nós duas aqui.

– Quer dizer que não vai ter panquecas?

– Não tenho tempo para fazer panquecas. Queria que a Sra. G. voltasse logo para casa. Tenho que fazer umas folhagens e flores. Coma um bolinho.

– Parker deu alguma previsão da hora que ia voltar?

Laurel ergueu a cabeça da massa que estava abrindo para fazer as flores.

– O seu carro não foi devolvido?

– Ele e Linda desapareceram em combate. Deixei um monte de mensagens. As orelhas dela vão sangrar e cair quando ouvir. Ameacei dar queixa por roubo.

– Faça isso. Aqui está o telefone.

– Provavelmente eu seria presa por ter sido idiota de lhe dar as chaves. Vou dar uma passada na casa dela. Tenho outra sessão e preciso buscar o papel customizado que encomendei e não estava pronto na segunda. E quero comprar sapatos.

– Tem notícias do Carter?

– Por que está perguntando?

– Porque vai comprar sapatos, o que para você é uma espécie de prêmio de consolação. Ligou para ele?

– Para dizer o quê? Pedir desculpas? Já pedi. Dizer que estava errada? Estava, eu sei, mas isso não muda o que estou sentindo.

– Que é...?

– Estou confusa, com medo, sou uma idiota. E tudo isso em dobro porque sinto falta dele – admitiu. – Sinto falta de conversar com ele. Então, é melhor não o ver nem falar com ele.

– Essa lógica não me parece racional.

– Provavelmente ele não deve querer me ver ou falar comigo.

– Covarde.

– Talvez. Sou uma covarde sem carro. – Aguardou em silêncio enquanto Laurel abria a

massa. – Pode me emprestar o seu?

– Poderia, mas assim estaria sendo indulgente, como você sempre é com Linda. E gosto muito de você para fazer isso.

– Não é indulgência. É trabalho. Eu podia tentar enfurnar meu equipamento naquele brinquedinho ridículo, mas curiosamente ela não deixou as chaves. O cliente não tem culpa de eu ter cedido ou de ela ser tão egocêntrica a ponto de não trazê-lo de volta a tempo.

– Não tem mesmo. – Com cuidado, Laurel pegou um molde e começou a cortar as primeiras flores.

– Estou muito irritada. Admito que essa irritação ajuda a amenizar a tristeza por causa do Carter, mas agora preferia estar triste por causa dele e ter o meu carro de volta. Por que ela *faz* isso? E não diga que é porque eu deixo. Juro por tudo o que é mais sagrado que eu não tinha intenção de emprestar o maldito carro. Nunca teria me enfiado numa situação como essa de novo se não fossem aquelas circunstâncias.

– Gostaria de acreditar nisso, mas aí está você, Mac, como sempre pagando um preço alto por causa dela. Enquanto Linda nunca precisa pagar nada. Não há consequências. Ela vai trazer o carro quando bem entender e você vai confrontá-la, vai xingá-la e reclamar. Ela vai jogar um monte de bobagens na sua cara. Depois vai esquecer tudo, porque conseguiu ter e fazer o que queria e continuará sendo o centro do mundo, ao passo que você continuará xingando e reclamando.

– O que devo fazer? Bater nela com meu tripé até que ela morra?

– Eu ajudaria a esconder o corpo.

– Não tenho dúvida. – Mac suspirou. – Você é uma verdadeira amiga. Não sou covarde nem cedo com tanta facilidade na maioria dos casos.

– Pois é, só com ela. Acho que é por isso que me irrito tanto com você quando essas coisas acontecem. Quando ela faz você ser covarde e ceder. Faça-a pagar pelo menos uma vez, Mackensie. Aposto que, se fizer isso na primeira vez, na segunda vai ser mais fácil.

– Como? Quero fazer isso, mas como? Não posso chamar a polícia, fui eu que dei as chaves a ela. E talvez eu pense... saiba – corrigiu-se – que ela não deixou as dela de propósito, mas...

– Gosto desse olhar. Não está mais parecendo covarde. No que está pensando?

– O carro dela está aqui.

– Ah, vamos estragar o brinquedinho. Vou pegar um casaco e o velho taco de beisebol do Del.

– Não, meu Deus. Que alma violenta!

– Gosto de amassar coisas. É terapêutico.

– Não vamos destruir o carro. Ele é inocente. Vou chamar o reboque.

– Não é má ideia, mas rebocá-lo para a casa dela só vai poupar-lhe o trabalho de vir buscá-lo.

– Quem disse que é para a casa dela? – Mac estreitou os olhos enquanto pensava. – Você

lembra que uns meses atrás um sujeito bateu no carro novo do Del e tivemos que chamar o reboque? O mecânico cuidou de tudo, arranjou um reboque e o estacionamento. Droga, como é mesmo o nome dele? Onde estão os mágicos cartões de visita da Parker?

– Ligue para o Del, ele vai lembrar. É por isso que somos amigas. Você fica linda quando toma a frente das coisas, Mac.

– Então me empreste o seu carro.

– Dê os telefonemas e ele será todo seu.

Sentia que estava certa. Sentia-se forte. Quando acabou a sessão de fotos, foi ver sua encomenda, parou para comprar arame para a Laurel e decidiu que merecia mesmo sapatos novos. Talvez, levando-se em consideração o trauma e o triunfo das últimas semanas, também merecesse uns brincos.

Os brincos eram por causa de Linda. Os sapatos por causa de Carter. Celebração e comiseração.

Talvez passasse na casa dele no caminho de volta, enquanto se sentia forte e íntegra. Os dois eram inteligentes e gostavam um do outro. Com certeza, encontrariam uma solução para aquilo, um meio-termo.

Não queria perdê-lo, pensou. Não queria passar a vida sem ele.

Perambulou pelo centro comercial até encontrar o Santo Graal, o departamento de sapatos da Nordstrom.

Talvez precisasse de botas novas também. Elas nunca eram demais. Sapatos *e* botas novos iam lhe dar a sensação de autoconfiança de que precisava para ir até a casa de Carter. Podia levar uma garrafa de vinho, como uma espécie de bandeira da paz. Conversariam e ele olharia para ela daquele jeito que ele olhava. E... isso a transformaria em Linda, já que estava com o carro da Laurel.

Mesmo assim, poderia dar uma passadinha por lá e levar o vinho. Podia convidá-lo para jantar na casa dela. Seria uma brincadeira, algo para quebrar o gelo. "Oi, trouxe esse vinho para você. Por que não vem jantar comigo mais tarde e o leva também?" É claro que teria que passar em algum lugar para comprar a comida. Ou podia fazer uma incursão pelos suprimentos deixados pela Sra. G.

Não, decidiu, escolhendo um par de botas azul cintilante que era a sua cara; teria que *cozinhar*. Precisava mostrar que ele era importante a ponto de fazê-la se esforçar. Ele era. Tudo era importante.

E por isso mesmo estava tão chateada.

– Oi... Você é a Meredith, não é?

Mac se virou e viu uma loura vagamente familiar.

– Não sou eu, não.

– Você não é a fotógrafa de casamentos?

– Sou. Mas meu nome é Mackensie.

– Claro! Desculpe-me. Sou a Stephanie Gorden. Nós nos conhecemos no casamento do meu primo, sábado passado.

– Ah, sim. Como está?

– Cercada de sapatos. Estou ótima! Que botas incríveis! Corrine e eu tiramos o dia de folga hoje. Corrine! Venha conhecer a Mackensie.

Meu Deus, pensou Mac. Como o destino podia lhe dar botas fantásticas e ao mesmo tempo um belo pontapé na bunda?

– Corrine, esta é a Mackensie. Ela é fotógrafa de casamentos e uma *grande* amiga de Carter.

– Ah, é?

Corrine era perfeita. Ou seja, não foi só um pontapé na bunda, mas também um tapa na cara. Veio deslizando com aqueles fabulosos sapatos vermelhos de salto alto e com os cachos românticos do seu cabelo escuro e reluzente caindo-lhe sobre os ombros. Seus olhos, profundos e sedutores, examinaram Mac, enquanto os lábios macios e bem desenhados esboçaram um sorriso frio.

– Oi.

– Oi. Belos sapatos.

– São mesmo. Acho que serão meus.

Até a voz era perfeita, notou Mac com amargura. Baixa, com um quê de rouquidão.

– Então, você conhece Carter Maguire.

– Conheço. Fomos colegas durante um tempo na escola.

– Sério? – Distraída, Corrine pegou para ver um par de sandálias de salto médio. – Ele nunca falou de você. Namoramos um bom tempo.

– Corrine e Carter – disse Stephanie, alegre. – Era quase um nome só. Que curioso nos encontrarmos aqui. Estava mesmo contando a Corrine que eu tinha ouvido dizer que o Carter estava saindo com alguém e que tinha visto vocês juntos no casamento do Brent.

– Curioso.

– E como ele está? – perguntou Corrine, pondo as sandálias de volta no expositor. – Continua enterrado nos livros?

– De vez em quando arranja um tempo para respirar.

– Não o vê há muito tempo, não é?

– O suficiente, obrigada.

– Vocês deviam trocar figurinhas. – Stephanie deu um amistoso empurrão na amiga. – Corrine podia lhe dar umas dicas sobre o Carter, Mackensie.

– Seria divertido, mas gosto de descobrir sozinha. Carter é um homem tão fascinante e excitante que não acho possível que alguém dê dicas sobre ele. Queiram me desculpar, estou vendo umas sandálias que são a minha cara.

Enquanto Mac se encaminhava para o outro lado da loja, Stephanie arqueou as sobrancelhas.

– Excitante? Carter? Deve ter evoluído muito desde que você o deixou, Cor. Preciso dizer que o achei bem sexy no sábado. Talvez devesse ter ficado com ele um pouco mais.

– Quem disse que não posso tê-lo de volta se eu quiser? – Olhou para os sapatos que tinha calçado. – Na verdade, quem sabe não levo os meus sapatos novos para lhe fazer uma visitinha?

Stephanie riu.

– Você é uma peste!

– Estou é entediada. – Franziu a testa vendo Mac se afastar. Aquelas botas deviam ser *minhas*, pensou. Com certeza iam ficar muito melhor em mim que naquela magricela sem bunda de cabelo alaranjado. – Além disso, por que ela vai ficar com o Carter? Eu o vi primeiro.

– Achei que estava cansada dele.

– Estava. – Com um longo suspiro, Corrine se sentou e examinou a pequena montanha de sapatos que estava experimentando. – O seu problema, Steph, é que você é casada. Já esqueceu como é emocionante sair à caça, competir e ver o placar no fim do jogo.

Tirou os sapatos vermelhos e experimentou um par de sandálias cor-de-rosa cintilante de salto agulha.

– Homens são como sapatos. Você prova e usa por um tempo, enquanto lhe caem bem. Depois, pode jogá-los no fundo do armário e comprar outros.

Levantou-se e inclinou a cabeça para ver no espelho como tinha ficado.

– E, de vez em quando, pode tirá-los do fundo do armário para experimentar de novo e ver como ficam.

Deu uma olhada em volta e sorriu desdenhosa ao ver Mac com as botas azuis.

– A única coisa que não se pode deixar acontecer é alguém ir fuçar no seu armário.

A rotina, pensou Carter, tinha lá a sua razão de ser. Ela permitia que as tarefas fossem feitas, oferecia um certo conforto e mantinha as mãos e a mente ocupadas. Pendurou o casaco e foi para o escritório de casa para deixar o trabalho que faria mais tarde na escrivaninha. Então, foi checar as mensagens.

Ficou um pouco angustiado por não ouvir a voz de Mac percorrer o aposento como uma brisa, mas isso também já tinha virado rotina.

Parker aconselhou-o a lhe dar tempo e espaço. Daria mais tempo a Mac. Mais um ou dois dias.

Podia esperar. Era bom nisso. E queria, mais do que qualquer outra coisa, que fosse ela que viesse procurá-lo.

Foi lá para baixo dar comida para o gato e fazer um chá, que tomou na bancada, aproveitando para abrir a correspondência.

Perguntava a si mesmo se era possível ter uma vida tão comum, tão sóbria. No ano seguinte, estaria no mesmo ponto, com a mesma rotina? Meu Deus, e em dez anos?

Sentia-se bem confortável dessa forma antes de Mackensie ter entrado de novo na sua vida.

– Não tinha planejado ficar sozinho para sempre – disse ao gato. – Mas tinha muito tempo pela frente, não tinha? Tempo para curtir uma certa rotina, para curtir a minha casa, o meu trabalho, a liberdade de ser solteiro. Mal acabei de fazer 30 anos, pelo amor de Deus. E estou falando com um gato, coisa que não almejo fazer nas noites do resto da minha vida. Sem ofensa. Mas ninguém precisa se acomodar assim. Ficar com alguém só porque a alternativa é ficar sozinho. O amor não é um conceito amorfo criado pelos livros e pela poesia e impossível de atingir. É real, vital e *necessário.* Caramba, isso muda tudo. Tudo. Não posso ser o que era antes de amá-la. É ridículo para qualquer um esperar por isso.

Ao terminar sua refeição, o gato se sentou, olhou para Carter por um bom tempo e começou a se lamber.

– Bem, ela não é tão racional quanto você. Vou lhe dizer mais uma coisa a respeito disso: sou bom para ela. Sou exatamente o que ela precisa. Eu a compreendo. Está certo, não é verdade, não compreendo, retiro o que disse. Mas eu a conheço, o que é diferente. E sei que posso fazê-la feliz se ela deixar de ser teimosa e admitir isso.

Decidiu naquele instante que lhe daria mais 24 horas. Se ela não o procurasse nesse período, ele assumiria de novo o controle da situação. Precisaria de um plano, um esboço do que tinha que ser dito e feito. Então se levantou para buscar papel e lápis.

– Ah, pelo amor de Deus. Que se danem os planos e os esquemas. Vamos só lidar com a situação.

Nervoso, prendeu o dedo na gaveta. Típico, pensou, chupando o dedo para aliviar a dor. Decidiu se consolar comendo um queijo quente.

Se ela tivesse juízo, estariam juntos agora, talvez preparando uma comida de verdade. E poderiam conversar durante a refeição. Queria saber se elas tinham conseguido aquele contrato importante. Queria comemorar com ela, partilhar o momento.

Queria comentar sobre um conto engraçado de um dos alunos e sobre uma desculpa esfarrapada que outro dera para não entregar o trabalho.

Tinha que admitir que a artimanha de fingir uma amnésia temporária foi muito criativa.

Queria partilhar tudo aquilo com ela. As grandes e as pequenas coisas, todos os pedacinhos que faziam parte de suas vidas. E precisava lhe mostrar que ela também queria aquilo. Não queria apenas – corrigiu a si mesmo –, precisava mostrar a ela que podia ter aquilo.

Pôs o sanduíche na grelha e abriu o armário para pegar um prato. Foi então que ouviu batidas na porta e por pouco não bateu a cabeça na quina do armário aberto.

Pensou que era Mackensie e saiu correndo da cozinha.

Tinha a imagem dela em mente quando abriu a porta, por isso levou alguns segundos terríveis para processar que era Corrine.

– Carter!

Ela entrou sorrindo, deu uma voltinha graciosa e acabou passando os braços em torno dele. Inclinou a cabeça para trás, com os olhos escuros reluzindo e lhe deu um selinho.

– Surpreso? – perguntou, como se ronronasse.

– Ah, sim. Sem dúvida é uma surpresa. Corrine. – Ele se soltou. – Você está... parecendo bem.

– Ah, pois estou arrasada. Tive que dar três voltas no quarteirão antes de criar coragem de parar. Não me parta o coração, Carter, dizendo que não está feliz em me ver.

– Não. Quero dizer... Certamente não estava esperando por isso.

– Não vai me convidar para entrar?

– Você já entrou.

– Sempre tão literal. Vai fechar a porta ou quer que eu rasteje no frio?

– Desculpe. – Ele fechou a porta. – Você me pegou desprevenido. O que quer, Corrine?

– Mais do que mereço. – Tirou o casaco e o entregou a Carter, exibindo um olhar de súplica. – Você pode me ouvir, pelo menos?

Apanhado em meio à educação e à confusão, ele pendurou o casaco.

– Achei que já tivesse feito isso.

– Fui estúpida e pouco cuidadosa com você. Tem todo o direito de me dar um pé na bunda – disse ela, encaminhando-se para a sala. – Quando olho para trás e me lembro do que fiz, do que disse... Carter, estou tão envergonhada... Você foi tão bom para mim, tão bom. Você me tornou uma pessoa melhor. Tenho pensado muito em você.

– E o... – Ele teve que fazer um esforço para lembrar o nome. – James?

Corrine revirou aqueles olhos de mormaço.

– Foi um erro. Meu castigo por ter magoado você. Não demorei para perceber que ele não passava de uma aventura. Comparado a você, era um garoto, Carter. Por favor, diga que me perdoa.

– Isso é passado, Corrine.

– Quero me redimir com você, se deixar. Me dê uma chance. – Aproximou-se dele e lhe fez um carinho no rosto. – Você se lembra de como era bom quando estávamos juntos? Podíamos resgatar isso, Carter. – Deu uma volta em torno dele. – Posso ser sua novamente, basta querer.

– Acho que devíamos...

– Vamos deixar para ser sensíveis mais tarde. – Enquanto ela pressionava o corpo contra o dele, Carter tentava afastá-la. – Quero você. Quero tanto... Não consigo pensar em mais nada.

– Espere. Pare. Isso não vai...

– Tudo bem. Você é quem manda. – Com aquele sorriso radiante, ela jogou o cabelo para trás. – Vamos conversar primeiro, vamos fazer tudo o que quiser. Por que não me serve uma taça de vinho e... Alguma coisa está queimando, não?

– Ai, não... Que inferno!

Ele correu até a cozinha e o sorriso de Corrine se tornou mais cortante.

Isso ia levar mais tempo e exigir mais esforço do que ela havia imaginado, mas não tinha medo de desafios. Na verdade, o fato de Carter não ter caído aos seus pés como esperava só o tornava mais excitante. E ter que seduzi-lo lhe daria muito mais satisfação.

Afinal de contas, o único lugar em que ele não a aborrecia era na cama.

Tratou de suavizar o sorriso quando o viu voltar.

– Desculpe-me, estava com uma coisa no fogo. Corrine, aprecio as suas desculpas e a... oferta, mas... – repetia ele quando ouviu baterem novamente à porta. – Com licença...

– Tudo bem. Posso esperar.

Meneando a cabeça, foi abrir a porta. O cérebro de Carter, já sobrecarregado, acionou o alerta vermelho ao reconhecer Mac.

– Oi. Vim trazer uma bandeira da paz – disse ela, entregando-lhe a garrafa de vinho. – Não soube lidar bem com as coisas e espero que me dê uma oportunidade de ser melhor. Se estiver de acordo, pensei em convidá-lo para jantar lá em casa esta noite. Talvez você possa levar um vinho. Ei, este que está segurando é uma excelente marca.

– Você... eu... Mackensie.

– Quem é, Carter?

Carter só conseguiu pensar que aquilo não era nada bom. Aquilo não ia dar certo. Corrine se aproximou e então ele viu o choque no rosto de Mac.

– Isso não é...

– Ah, você trouxe vinho, que simpática. – Corrine tirou a garrafa da mão anestesiada de Carter. – Carter ia mesmo me servir uma taça.

– Na verdade, eu... Mackensie Elliot, esta é a Corrine Melton.

– É, eu sei. Bem, aproveitem o vinho.

– Não, não vá embora. – Ele quase pulou porta afora para segurar o braço de Mac. – Espere. Só um instante. Entre.

Ela afastou a mão dele.

– Está brincando? Tente me agarrar de novo – avisou – e vai ganhar mais que uma mancha roxa no queixo.

Mac se dirigiu apressada para um carro que não era o dela, notou ele. Enquanto isso, Corrine gritava da porta.

– Carter! Querido, entre antes que pegue um resfriado!

Rotina?, pensou ele. Teria mesmo que se preocupar com a possibilidade de a sua vida se tornar rotineira?

Mac entrou na mansão furiosa.

– Droga, onde é que todo mundo se meteu? – gritou.

– Estamos na cozinha! Tentamos ligar para o seu celular – respondeu Emma. – Venha aqui.

– Vocês não vão acreditar no dia que eu tive! Primeiro, conheci a sexy ex-namorada do Carter no departamento de sapatos da Nordstrom, o que quase estragou o meu prazer de ter mandado rebocar o carro da minha mãe. Por que ninguém se deu o trabalho de me dizer que ela é linda? – reclamou Mac, atirando o casaco em um banco. – E como se não fosse o bastante ter que suportar aquela criatura sedutora em cima de sapatos vermelhos de salto e com voz de mulher-gato de chicote em punho, gastei 60 dólares numa garrafa de vinho que levei para Carter como um pedido de desculpa e mais 80 dólares no supermercado comprando todas essas porcarias para fazer um jantar de reconciliação, e quem encontro quando chego à casa dele? Quem? Vou dizer: *ela*. Com um suéter preto de caxemira com decote até aqui e, por baixo, uma lingerie de renda cor-de-rosa que dizia *vem, querido, pode mergulhar.* E ele ficou ali parado e nos *apresentou,* todo corado e sem jeito. Agora ela está lá bebendo o meu maldito vinho!

Parker ergueu as duas mãos.

– Só um minuto. O Carter estava com a Corrine, a ex dele?

– Não acabei de dizer que estava? E ela só dizia: "Ai, querido, entre ou vai pegar um resfriado!" Só que com aquela voz sexy. E ele estava cozinhando alguma coisa. Senti o cheiro. Parecia torrada queimada, mas não importa. Tivemos um pequeno desentendimento e ele já está lá fazendo torrada queimada para ela e lhe servindo o meu vinho?

– Não consigo imaginar o Carter voltando para ela – observou Emma, meneando a cabeça. – Não é possível.

– Ela estava lá, não estava? E com aquele decote e a lingerie de renda cor-de-rosa, ainda por cima.

– Se é assim, você devia ter dado um pontapé na bunda de cada um e pegado o vinho de volta. – Laurel foi até Mac lhe fazer um carinho nas costas. – Mas concordo com a Emma. Vamos voltar ao departamento de sapatos da Nordstrom. Para início de conversa, você comprou algum?

– Fui ao departamento de sapatos da Nordstrom. O que acha?

– Pode nos mostrar mais tarde. Como soube que ela era a ex do Carter? Ela conhecia você?

– Estava com aquela fulana, a prima do noivo de sábado. Ela me reconheceu. E ficaram as duas me olhando de alto a baixo. A tal fulana, toda cheia de risinhos, disse "Vocês duas deviam trocar figurinha sobre o Carter". Vaca idiota!

– Não acha que é uma estranha coincidência – disse Parker – que na noite desse mesmo dia você a tenha encontrado na casa do Carter? Ninguém mais está sentindo cheiro de

armação?

Laurel e Emma levantaram as mãos.

– Ai, meu Deus. – Com cara de nojo, Mac se sentou num banco. – Ela fez um *joguinho* comigo. Eu estava muito surpresa, irritada e, confesso, enciumada para perceber. Mas ela não tinha como saber que eu ia lá, então...

– Acho que isso é só a ponta do iceberg. Não sei se está lembrando que eu a conheço um pouco – disse Emma. – Ela sempre foi do tipo "eu quero o que você quer, só que, mais do que isso, quero o que é seu". Provavelmente foi lá só para ver se podia roubá-lo de você e depois...

– Eu dei a ela uma garrafa de vinho. – Mac escondeu o rosto com as mãos. – Sou uma idiota!

– Não é, não. Só não é má e calculista, como ela. E nem o Carter – disse Parker. – Ele não estava com ela, Mac. Ela só estava lá.

– Você tem razão. Tem toda razão. E eu vim embora, deixando o terreno livre para ela. Mas ele nos apresentou.

– Porque não soube como agir, garanto. – Parker assentiu. – O que pretende fazer?

– Não sei. É coisa demais para mim. Estou emocionalmente exausta. Acho que vou tomar um sorvete e ficar encolhida num canto.

– Também pode comer caviar e celebrar.

Mac franziu a testa para Parker.

– Celebrar o quê? A estupidez dos relacionamentos?

– Não, o triunfo da Votos. Assinamos o contrato para o casamento Seaman. Conseguimos o trabalho.

– Oba! Olha, me desculpem, mas preciso de um minuto para mudar de estação. – Mac esfregou as mãos no rosto, tentando tirar dali a raiva doentia e sentir o triunfo. – Nós conseguimos mesmo?

– Conseguimos e temos champanhe e caviar para provar. Só estávamos esperando você para abrir a garrafa.

– Que dia estranho. – Mac pressionou os dedos nos olhos. – Que diabo de dia mais estranho. E querem saber do que mais? Esta é uma ótima maneira de encerrá-lo. Pode abrir o garotão, Parker!

– Assim que a rolha pular, este aposento vai se tornar oficialmente uma área sem aborrecimentos.

– Combinado. – Mac se levantou. – Sinto que está quase na hora da dancinha alegre. Faça a rolha pular!

O grito de Mac se juntou ao estalar da rolha.

– A nós – disse Parker, erguendo a sua taça. – Às melhores amigas para sempre, essas mulheres desgraçadamente inteligentes.

Brindaram e beberam. E Mac pensou que poderia superar qualquer contratempo que surgisse, desde que tivesse suas amigas.

capítulo dezesseis

Bob fitava carter do outro lado da mesa, no Coffee Talk, com olhos vidrados e de queixo caído.

– Puta merda!

– Ela não me atendeu. Depois que finalmente consegui pôr Corrine para fora, comecei a ligar. Para as duas linhas da casa dela e para o celular. Não atendeu. Pensei em ir até lá, mas, se ela não quis atender o telefone... Ela achou que eu... Não devia ter achado uma coisa dessas, mas, dada a situação, não a culpo. Não mesmo. – Ele fitava seu chá-verde com um ar pensativo. – Preciso explicar a ela. É claro que preciso explicar. Mas estou confuso. Não sei por onde começar.

– Está com duas mulheres correndo atrás de você. Duas. Cara, você é um garanhão.

– Pelo amor de Deus, Bob, você não está entendendo a situação.

– Não sou eu que não estou entendendo, meu amigo. – O queixo caído agora abriu espaço para um sorriso de genuína admiração. – A verdade é que duas garotas sensacionais estão atrás de você. Além disso, soube que também teve alguma coisa com a Parker Brown. Um trio bem sensual.

– Eu *o quê*? Quem... não! De onde saiu essa história?

– Vocês pareciam bem íntimos exatamente aqui neste café uma noite dessas. As pessoas comentam.

– Meu Deus, quando foi que isso tudo se transformou numa novela? Viemos tomar um café e conversar sobre Mackensie. Somos amigos. Só isso. Na verdade, talvez nem isso.

– Que bom. – Bob assentiu com uma expressão sábia no rosto. – Porque eu ia mesmo dizer que nunca, *nunca,* se deve sair com duas garotas que sejam amigas. Não só não é agradável, como pode ser fatal. Elas fazem picadinho de você e depois saem juntas para fazer compras.

– Bom saber, Bob. – Carter viu o sarcasmo flutuar inofensivamente acima da cabeça do amigo. – Mas não estou saindo com a Parker. E desde quando um homem e uma mulher não podem tomar um café ou um chá juntos num lugar público sem... Deixa para lá. – Ao sentir uma dor de cabeça se aproximando, Carter decidiu parar por ali. – Não tem importância.

– Ok. Voltando ao assunto. Duas belas garotas estão disputando o Carter. Aposto que, se a ruiva tivesse entrado, ia haver uma briga feia. As garotas estão lutando por você, Carter. – Os olhos de Bob chegavam a brilhar, fantasiando a cena. – Você é um garanhão, hein?

– Não quero ser um garanhão. – Aí estava o motivo de ter escondido esse incidente durante o dia todo. Que loucura tinha tomado conta dele a ponto de fazê-lo acreditar que podia conseguir um conselho razoável de Bob? – Tente acompanhar o raciocínio, Bob.

– Vou tentar, mas continuo tendo flashes da luta das garotas. Sabe, as duas rolando no chão, rasgando a roupa uma da outra. – Bob ergueu o copo estreito de *latte* com canela. – É uma imagem bem vívida.

– Não teve luta nenhuma.

– Mas poderia ter tido. Ok, então você não quer tentar fazer malabarismos com as duas. Pessoalmente, acho que teria capacidade para isso, mas estou percebendo que quer que eu o ajude a escolher com qual das duas ficar.

– Não, não, não! – Carter escondeu o rosto entre as mãos. – Elas não são gravatas, Bob. Não é um estudo comparativo. Estou apaixonado pela Mackensie.

– É sério? Bem, nunca tinha me dito isso com todas as letras. Pensei que fosse só uma quedinha. – Coçando o queixo, Bob se recostou na cadeira. – Isso muda tudo. Qual o grau de irritação dela quando saiu de lá?

– Chute um número e multiplique por dois.

Bob assentiu com ar sensato.

– Além de levar flores e pedir desculpas, vai ter que explicar tim-tim por tim-tim. É mais ou menos o que se faz quando se é inocente... você é inocente, não é?

– Bob.

– Ok. Primeiro vai ter que deixá-la chutar seu traseiro, é o meu conselho. – Enquanto pensava, Bob bebeu um gole do *latte*. – Depois, terá que explicar que você é inocente. E em seguida, vai ter que implorar. Num caso como esse, o melhor a fazer é dar-lhe algo reluzente.

– Uma joia? Um suborno?

– Não veja como um suborno. É um pedido de *desculpas*. Não importa que não tenha feito nada, Carter. Nunca importa. Você quer que isso seja esquecido, que as coisas voltem a ser como antes, quer recuperá-la, quer fazer sexo com ela outra vez nesta década, por isso tem que apelar para algo reluzente. E, de qualquer forma, o Dia dos Namorados está chegando.

– Isso é frívolo e manipulador.

– Tem razão.

Carter riu.

– Vou deixar a coisa reluzente como um plano B. Mas acho que está certo quanto ao resto. Especialmente a respeito de deixá-la chutar o meu traseiro em primeiro lugar. O negócio foi feio mesmo.

– Você aproveitou um pouco a morena?

– Não, caramba!

– É um cara certinho. Lembre-se disso, Carter. Mas é também um garanhão. Tenho orgulho de ser seu amigo.

No estúdio, Mac finalizou um conjunto de provas. Embrulhou-as para o cliente e juntou ao

embrulho uma folha com os preços, seu cartão de visita e uma lista de opções.

Deu uma olhada para o telefone e se felicitou por ter se mantido firme *não* retornando as ligações de Carter. Talvez tenha sido um joguinho de Corrine, mas ele também estava em campo.

Ia precisar de mais que uns simples telefonemas de desculpas para consertar as coisas. Além do mais, se ele não tinha feito nada, por que estava pedindo desculpas?

Não importava, disse a si mesma.

Iria se recompensar pelo dia produtivo com um banho de espuma, uma taça de vinho e uma sessão noturna de TV com pipoca. Veria um filme de ação com montes de coisas explodindo e sem qualquer resquício de romance.

Colocou o trabalho completo numa sacola da Votos e se virou ao ouvir a porta se abrir.

Linda entrou como um furacão, espumando de raiva.

– Como se atreve a fazer isso? Como se atreve a mandar rebocar o meu carro para uma oficina de segunda categoria? Sabe que eles querem 200 dólares para me devolver o carro? É melhor me dar um cheque imediatamente.

Ok, pensou Mac, acaba de soar a campainha para o segundo round. E, pela primeira vez na vida, estou preparada.

– Nem pensar. Passe para cá as chaves do meu carro.

– Devolvo as chaves quando me der os 200 dólares.

Mac avançou, arrancou a bolsa das mãos da mãe e despejou tudo no chão. Como Linda ficou em choque profundo, Mac teve tempo de se abaixar, pegar as chaves no meio das outras coisas e guardá-las no bolso.

– Como...

– Me atrevo? – completou Mac, fria. – Eu me atrevo porque você levou o meu carro no domingo e não o devolveu, nem atendeu as minhas ligações durante cinco dias. Eu me atrevo porque já estou por aqui de ser usada e abusada. Acredite, estou farta. Acabou. Isso acaba aqui.

– Estava *nevando*. Você não ia querer que eu me arriscasse a vir dirigindo de Nova York debaixo de uma tempestade de neve. Podia ter tido um acidente. Podia ter...

– Telefonado – interrompeu Mac. – Mas, deixando isso de lado, não houve tempestade nenhuma, foi só uma poeirinha de neve que não chegou nem a um centímetro. E isso foi no domingo.

– O Ari não me deixou voltar para casa dirigindo. Ele me convidou para ficar, então fiquei. – Linda deu de ombros. – Passamos uns dias juntos. Fomos ao teatro e fizemos compras. Por que não posso ter uma vida?

– Pois que tenha. Bem longe daqui.

– Não seja infantil, Mackensie. Deixei o meu carro com você.

– Deixou um carro que eu não poderia usar, mesmo que tivesse se preocupado em deixar

também as malditas chaves.

– Eu esqueci. Não é de se admirar, dada a pressa com que me pôs para fora naquele dia. E não seja malcriada. – Linda se desmanchou em lágrimas, deixando belas gotinhas escorrerem dos olhos azuis abatidos. – Como pode me tratar desse jeito? Como pode querer que eu perca uma oportunidade de ser feliz?

Isso não vai funcionar, disse Mac a si mesma, apesar de estar com um embrulho no estômago. Não vai funcionar desta vez.

– Sabe que eu me fazia essas perguntas, mas invertendo os papéis. Nunca consegui encontrar uma resposta.

– Desculpe, desculpe. Estou *apaixonada*. Você não sabe o que é sentir isso por alguém. Como tudo perde a importância quando estamos juntos. Foi só um carro, Mackensie.

– Foi o *meu* carro.

– E olha o que você fez com o meu! – Mesmo com as lágrimas reluzindo no rosto, a raiva aflorou. – Você mandou que o rebocassem para aquele... aquele buraco asqueroso. E aquele homem horrível o está mantendo refém.

– Então pague o resgate – sugeriu Mac.

– Não entendo como pode ser tão má comigo. Isso é porque nunca se permitiu ter sentimentos. Você tira fotos de sentimentos, mas não os tem. E agora quer me punir porque eu tenho.

– Ok. – Mac voltou a se abaixar, pegou as coisas da mãe que estavam espalhadas e as meteu na bolsa. – Não tenho sentimentos. Sou uma péssima filha. E, por isso mesmo, quero que saia daqui.

– Preciso de dinheiro para pegar o meu carro.

– Não vai ser comigo que vai conseguir.

– Mas... você tem que...

– Não. – Enfiou a bolsa na mão de Linda. – Essa é a questão, mãe. Eu não tenho que fazer nada e não vou fazer. O problema é seu. Resolva-o.

Os lábios e o queixo de Linda tremiam. Não era manipulação, pensou Mac, não totalmente. Ela sentia mesmo aquilo. Acreditava que era uma vítima.

– Como vou para casa?

Mac pegou o telefone.

– Vou chamar um táxi.

– Você não é minha filha.

– O pior, para nós duas, é que sou, sim.

– Vou esperar lá fora, no frio. Não quero ficar nem mais um minuto no mesmo cômodo que você.

– O táxi vai pegá-la na porta da mansão. – Mac se virou e fechou os olhos quando ouviu a porta bater. – Isso, quero um táxi para a propriedade dos Browns. O mais depressa possível.

Com o estômago se revirando, Mac foi trancar a porta. Precisava acrescentar aspirina ao plano de relaxamento do fim daquele dia de trabalho. Uma caixa devia ser suficiente. Talvez tomasse a aspirina e fosse deitar no quarto escuro, tentando dormir para afastar os sentimentos que aparentemente não tinha.

Primeiro tomou a aspirina com um copo de água gelada para suavizar a aspereza que tinha na garganta. Depois se sentou no chão da cozinha.

Foi o máximo que conseguiu.

Ficaria ali até os joelhos pararem de tremer, até a cabeça parar de latejar. Até que a necessidade de explodir num choro convulsivo passasse.

Quando o telefone tocou, ergueu o braço e conseguiu alcançá-lo na bancada. Viu que era o número de Parker.

– Estou bem.

– E eu estou aqui.

– Eu sei. Obrigada. Mas estou bem. Chamei um táxi para ela. Deve chegar em poucos minutos. Não a deixe entrar.

– Ok. Estou aqui – repetiu. – Para o que você precisar.

– Parker, ela nunca vai mudar, então eu que tenho que mudar. Não sabia que ia ser tão doloroso. Pensei que fosse me sentir bem e realizada. Talvez até um pouco triunfante. Mas não. Estou me sentindo péssima.

– Não seria você se não ficasse magoada. Você fez a coisa certa, talvez pensar assim ajude. Fez o que era certo para você. E a Linda vai contra-atacar, como você bem sabe.

– Queria estar irritada. – Cansada e chorosa, Mac apertou o rosto contra os joelhos dobrados. – É tão mais fácil quando estou furiosa com ela... Por que isso me deixa de coração partido?

– Ela é sua mãe. Nada pode mudar isso. Você também fica arrasada quando a deixa usá-la.

– Isso é pior. Mas tem razão.

– O táxi chegou. Ela está indo.

– Ok. – Mac fechou os olhos de novo. – Estou bem. Amanhã nos falamos.

– Se precisar de mim antes disso, me ligue.

– Ligo, sim. Obrigada.

Não teve entusiasmo suficiente para o banho de espuma, as velas e o vinho, mas tomou uma chuveirada quente. Vestiu sua calça de flanela mais velha, confortável e macia. Não queria mais dormir e pensou que um trabalho pesado podia ser a solução. Ia limpar o quarto, arrumar o guarda-roupa, a cômoda, esfregar bem o banheiro.

Já tinha passado da hora de fazer essas tarefas domésticas e elas a manteriam ocupada por um bom tempo. Talvez dias. E o melhor de tudo: era uma purificação, pensou, um ato

simbólico que acompanharia a atitude que teve com Linda.

Que o velho fosse embora e o novo chegasse. Tudo ficaria limpo e organizado quando terminasse essas tarefas. Uma nova vida ordenada.

Abriu o guarda-roupa, encheu as bochechas de ar e soprou como se enchesse um balão. O único jeito seria fazer como nos programas de reformas na TV. Ponha tudo à vista, selecione, jogue fora.

Talvez pudesse apenas queimar tudo e começar de novo. Queimar pontes parecia ser um tema corrente na sua vida. Abriu os braços, pegou uma boa quantidade de roupa e a jogou em cima da cama. Na terceira leva, perguntou-se por que precisava de tanta roupa. Era uma doença, isso sim. Ninguém precisa de quinze camisas brancas.

Cinquenta por cento, decidiu. Era a sua meta. Eliminaria cinquenta por cento do armário. E compraria aqueles belos cabides acolchoados. Arrumaria tudo por cores. E teria caixas transparentes, empilháveis, para os sapatos. Como Parker.

Quando todo o seu guarda-roupa já estava amontoado na cama e no sofá, ficou surpresa. Não devia ter comprado os cabides e as caixas primeiro? E também um daqueles kits organizadores de armários. Divisórias de gavetas. Agora, tudo que tinha era uma enorme e terrível bagunça e nenhum lugar para dormir.

– Por Deus, como posso gerenciar uma empresa, *ser* a empresa, e não ser capaz de organizar a minha própria vida? Esta é a sua vida, Mackensie Elliot. Pilhas e pilhas de coisas com as quais não sabe o que fazer.

Precisava resolver isso. Mudar, lidar com as coisas. Puxa, tinha posto a própria mãe para fora da sua casa! Com certeza poderia lidar com roupas, sapatos e bolsas. Ia cortar a tralha da sua vida e da cabeça. Seria minimalista, decidiu.

Ia se tornar zen.

A casa, a vida e o maldito armário seriam espaços de paz e tranquilidade. Tudo em caixas de sapatos transparentes.

Começando agora. Hoje era um novo dia, um novo começo, e ela seria uma nova Mackensie Elliot, mais forte, mais inteligente e formidável. Desceu a escada com um brilho nos olhos, para ir buscar sacos do lixo.

Ouvir baterem à porta foi uma surpresa tão grande que Mac chegou a estremecer de alívio. Era Parker, pensou. Graças a Deus. O que mais precisava agora era dos superpoderes da Garota Organizada.

Com olhos insanos e o cabelo todo arrepiado, foi abrir a porta.

– Parker... ah! Claro. Perfeito.

– Você não atendeu o telefone. Sei que está chateada – prosseguiu Carter. – Mas, se me deixar entrar, só por alguns minutos, vou explicar tudo.

– Claro. – Ela ergueu as mãos. – Por que não? É só a cereja do bolo. Vamos tomar um drinque.

– Não quero beber.

– Claro, está dirigindo. – Ela agitou os braços no ar, enquanto se encaminhava para a cozinha. – Eu não vou dirigir. – Pousou uma garrafa de vinho na bancada e pegou um saca-rolhas. – E aí? Não tem nenhum encontro esta noite?

– Mackensie.

De alguma forma, pensou enquanto lutava com a rolha, ele conseguia transformar o seu nome num pedido de desculpas e ao mesmo tempo na insinuação de uma ligeira reprovação. O sujeito tinha lá suas habilidades.

– Sei o que deve ter parecido. O que provavelmente pareceu. Como pareceu. – Foi até o outro lado da bancada. – Mas não era nada. Corrine... Deixe que eu faça isso – propôs ao vê-la atrapalhada com a rolha.

Ela se limitou a lhe mostrar o dedo do meio.

– Ela apareceu lá sem mais nem menos.

– Vou lhe dizer uma coisa. – Ela segurou a garrafa entre os joelhos, e sua raiva foi crescendo à medida que puxava a rolha. – Só porque tivemos uma briga, porque achei que devíamos estabelecer alguns limites racionais, não significa que, cinco minutos depois, você tivesse que entreter a sua ex-namorada sexy e misteriosa.

– Eu não estava. Ela não é. Mas que droga – resmungou ele se aproximando para tirar a garrafa das mãos de Mac justo quando ela, enfim, conseguiu soltar a rolha.

O punho dela bateu em cheio no queixo de Carter, fazendo-o recuar.

– Está se sentindo melhor agora?

– Eu não pretendia... O seu rosto estava no caminho. – Deixando a garrafa na bancada, tapou a boca para conter a súbita gargalhada que podia se tornar histérica. – Meu Deus, isso está cada vez mais ridículo.

– Podemos nos sentar?

Ela balançou a cabeça e foi até a janela.

– Não me sento quando estou abalada. Nem discuto calma e racionalmente.

– Acha que a segunda parte é novidade para mim? Você foi embora. Fugiu sem me dar chance de explicar a situação.

– Eis um lado da questão. Você é livre. Nunca conversamos sobre exclusividade.

– Achei que isso estivesse subentendido. Estávamos dormindo juntos. Sejam quais forem os limites que queira impor, estou com você. Só com você. E espero que seja recíproco. Se isso faz de mim um sujeito tradicional e empolado, paciência.

Mac se voltou para ele.

– Empolado. Não é um termo que se ouça com frequência, pelo menos não com esse sentido. E não faz, Carter, não faz de você um sujeito empolado. Faz de você um sujeito decente. Estou tentando dizer que, por um lado, eu não tinha nenhum motivo para ficar chateada. Mas isso é basicamente uma besteira. O outro lado é que tivemos um

desentendimento e, quando fui tentar consertar as coisas, você estava com ela.

– Eu não estava com ela. Ela estava lá.

– Ela estava lá. Você ia lhe servir um vinho. Deu o meu vinho a ela.

– Não dei o seu vinho a ela.

– Bem, já é alguma coisa.

– Não dei vinho nenhum. Disse que ela tinha que ir embora. Eu a fiz chorar. – Lembrando a cena, ele coçou a nuca. – Mandei-a embora aos prantos e você não atendeu minhas ligações. Se ao menos tivesse esperado, se tivesse entrado e me dado a chance...

– Você nos apresentou, todo educado.

Ele se deteve e olhou para ela, franzindo a testa.

– Eu... É.

– Por causa disso, tive vontade de bater em você até a morte com a maldita garrafa. "Oi, Mac, esta é a mulher com quem morei por cerca de um maldito ano e sobre a qual tomo o maior cuidado de não lhe contar quase nada." E ela ali, com aquele decote e aquele cabelo perfeito, ronronando para que você servisse uma bela taça do vinho que a idiota aqui tinha levado.

– Eu...

– Sem mencionar que já tínhamos nos encontrado umas horas antes no departamento de sapatos da Nordstrom.

– Quem? Como é? Quando?

– A sua amiga em comum, aquela fulana, já tinha nos apresentado, quando ela e a sua ex estavam na *minha* loja de sapatos durante a *minha* sessão terapêutica. – Só de lembrar isso, Mac ficou furiosíssima. – Ela, com aqueles malditos sapatos vermelhos de salto alto e uma única sobrancelha sarcasticamente erguida, *me* examinou com um sorriso de superioridade. – Apontou um dedo para Carter. – Um sorriso de *superioridade* exibido por aqueles lábios esculpidos à perfeição. Mas deixei Corrine e a atitude dela para lá. Ia comprar a minha fabulosa bota azul e a adorável sandália prateada, uma garrafa de um bom vinho para levar para a sua casa, depois de ter parado no balcão da MAC para comprar um delineador novo e retocar um pouco a maquiagem, porque queria estar bonita quando chegasse, ainda mais depois de ter visto como ela era incrível. E ainda teve aquele fantástico blazer da DKNY, e as caxemiras que estavam em promoção. Motivo pelo qual vou me tornar zen. Bem, também tem um pouco a ver com o reboque e o meu turbilhão emocional, mas essa é a raiz de tudo.

Completamente desnorteado, Carter soltou um longo suspiro.

– Mudei de ideia, posso tomar uma taça de vinho?

– E não sei como você pôde pensar, por um minuto sequer, que eu ia ficar por ali – prosseguiu ela, pegando a taça. – O quê? Esperava que eu a enfrentasse, que começássemos a nos bater?

– Não, essa era a ideia do Bob.

– Se estivesse usando o único cérebro que os homens parecem ir emprestando uns aos outros, teria me apresentado como a mulher com quem estava saindo, e não como se eu fosse uma garota de entregas.

– Tem toda razão. Foi uma indelicadeza. A minha única desculpa é que eu estava completamente desnorteado. Foi tudo muito confuso e sem explicação e deixei queimar o queijo quente.

– Você fez um *sanduíche* para ela?

– Não, fiz para mim. Ou melhor, estava fazendo quando ela chegou e esqueci que ele estava na grelha, com o fogo ligado, porque ela... – Percebendo de repente que dizer o que tinha acontecido entre a chegada de Corrine e o sanduíche queimado não seria particularmente uma ideia boa, Carter tomou um longo gole de vinho. – Ela me interrompeu. De toda forma, entendi direito? Você encontrou Corrine e Stephanie Gorden quando estava fazendo compras?

– Foi o que eu disse.

– Tem coisa aí – murmurou ele. – Com certeza isso explica... – Terreno complicado outra vez, percebeu Carter. – Posso dizer apenas, e é o principal, que eu não a queria ali. Queria você. Estou apaixonado por você.

– Não venha falar de amor quando estou no meio de uma crise. Quer que eu fique ainda mais doida?

– Isso é possível? Mas não, não quero.

– Ela estava vestida para matar.

– Como é? O que disse?

– Não pense que não sei por que ela deu uma "passada lá". Ela me lançou uma olhadela e pensou, *pfff*, até parece que não consigo superar essa daí. Vestiu uma roupa sedutora e foi até a sua casa dar em cima de você. Não negue.

Ele quis sumir dali. Teve que se esforçar genuína e fisicamente para permanecer onde estava.

– Estava fazendo um sanduíche. Isso não conta? Estava fazendo um sanduíche e pensando em você. Como poderia esperar ou me preparar para vê-la chegar e me dar um beijo?

– Ela *beijou* você?

– Ah, meu Deus, devia ter comprado a coisa reluzente. Ela só... Tudo isso foi porque ela me pegou desprevenido.

– E você arranjou um pedaço de pau enorme para se defender das investidas indesejadas dela?

– Eu não... Está com ciúmes? É sério que está com ciúmes por causa daquilo?

Mac cruzou os braços.

– Aparentemente sim. E não pense que isso é um elogio.

– Desculpe, não consigo evitar. – Ele sorriu. – Ela não significa nada para mim. Penso em

você o tempo todo.

– Muito engraçado. – Mac pegou o vinho dele e tomou um gole. – Ela é linda.

– É mesmo.

O olhar de Mac o fulminou.

– Você não entende nada mesmo, não é? Precisa da lista do Bob para saber que agora é o momento de me dizer algo como "ela não é nada comparada a você"?

– Ela não é. Nunca foi.

– Ora, por favor. Com lábios de picada de abelha, olhos cor de ameixa e aqueles peitões... – Tomou mais um gole e lhe devolveu a taça. – Sei que é superficial detestá-la por sua aparência, mas é que não tenho nada de mais e ela tem um monte de coisas... Entendo que o tenha pegado desprevenido. Mas a verdade, Carter, é que ela me surpreendeu. Nas duas vezes. Tudo que sei é que teve uma relação séria com aquela mulher, que moraram juntos e ela o abandonou. Não foi você, foi ela. Você a amava e ela o magoou.

– Não a amava. E, quanto a ela ter me magoado, acho que tem mais a ver com as circunstâncias. Já entendi que tornei essa história mais complicada e mais importante por ter evitado falar dela. Não foram os meus melhores momentos. Eu a conheci numa festa na casa dos Gordens, os amigos em comum. Eu tinha voltado havia poucos meses. Começamos a sair, de forma casual no princípio, e depois ficou mais sério.

– Começaram a dormir juntos. Estou acompanhando a sua semântica, professor.

– Humm. Ela pensava que eu acabaria voltando para Yale e não entendia por que eu queria lecionar aqui, ficar aqui. Mas no início isso era algo pequeno, sem muita importância. Morar juntos simplesmente aconteceu.

– Como uma coisa dessas simplesmente acontece?

– Ela estava se mudando para um apartamento maior. Alguma coisa deu errado, já não lembro bem os detalhes. Mas ela já tinha avisado ao proprietário da casa em que morava e teve que sair de qualquer jeito. Eu tinha aquele espaço todo, e seria apenas por algumas semanas, talvez um mês. Até que encontrasse outro lugar. E de alguma forma...

– Ela não encontrou outro lugar.

– Eu deixei que acontecesse. Era bom ter alguém ali com quem jantar, ou com quem sair para jantar. Na verdade, pensando nisso agora, vejo que jantávamos fora com frequência. Eu gostava da companhia, de ter alguém com quem voltar para casa. De fazer sexo com regularidade. E aparentemente preciso do Cyrano.

– Todo mundo gosta de fazer sexo com regularidade.

– Pensei em pedi-la em casamento. Depois percebi que só tinha pensado nisso porque era o esperado. Todo mundo presumia que... Depois me senti culpado porque não queria pedi-la em casamento. Morava com ela, dormia com ela, pagava as contas, fazia...

Como um guarda de trânsito, Mac levantou o braço.

– Você pagava as contas dela?

Ele deu de ombros.

– No início ela estava tentando economizar para comprar a própria casa e depois... virou um hábito. O que quero dizer é que morávamos juntos quase como se fôssemos casados, e eu não a amava. Eu queria. Ela deve ter sentido isso e eu conseguia ver que ela não estava inteiramente feliz. Começou a sair mais. Por que teria que ficar trancada em casa quando eu estava enterrado em livros e papéis? Ela percebeu que eu não seria o que ela queria que eu fosse, nem lhe daria o que desejava, então arranjou outra pessoa.

Ele ficou olhando para a taça de vinho em cima da bancada.

– Talvez eu não a amasse, mas é doloroso e humilhante ser trocado. Ser traído. Ela teve um caso e não percebi nada. O que não teria acontecido, com certeza, se eu prestasse mais atenção nela. Corrine me deixou e, embora tenha sido doloroso e embaraçoso, também foi um alívio.

Mac precisou de um tempo para absorver aquilo tudo.

– Deixe-me fazer um resumo. Essa é uma fórmula básica que conheço muito bem. Ela manipulou você para que lhe desse um lugar para morar... pelo qual não precisaria pagar.

– Não podia lhe cobrar um aluguel.

– Não arcava com nenhuma despesa doméstica e ainda o convencia, com o maior jeitinho, a pagar as contas dela. Você provavelmente lhe emprestava dinheiro uma vez ou outra, e nunca mais o via de volta. Comprava coisas para ela, como roupas e joias. Se você se recusasse, ela o amaciava com lágrimas ou sexo e conseguia o que queria.

– Bem, acho que sim, mas...

– Deixe-me terminar. Quando ela se cansou disso, ou viu algo mais reluzente, mentiu, enganou, traiu, e depois jogou a culpa em você, por não ter se preocupado o suficiente. Foi mais ou menos assim?

– Foi, mas isso não tem a ver com...

Mac ergueu o braço de novo.

– É a Linda. Ela é a... Corrinda. Faz o mesmo estilo da minha mãe, só que numa versão mais jovem. Vivi a vida inteira nesse ciclo, exceto pelo sexo. E sei que quem está de fora enxerga isso com mais facilidade. Você e eu, Carter, somos dois otários. E o pior é que deixamos que nos convençam de que temos culpa pelo comportamento egoísta e degradante deles. Se eu soubesse disso tudo, não teria... ah, teria sim. Teria reagido exatamente do mesmo jeito, porque é um reflexo condicionado. É o fator Linda.

– Isso não invalida o fato de que ajudei a criar aquela situação e permiti que ela continuasse, apesar de não amá-la.

– Eu amo a minha mãe. Sabe Deus por quê, mas amo. Mesmo quando sinto raiva, ressentimento e frustração, eu a amo. E sei que ela, apesar do egoísmo, do abuso e da manha, também me ama, à sua maneira estranha. Ou, pelo menos, gosto de pensar assim. Mas nunca tivemos um relacionamento saudável. Nunca teremos o que eu quero. E a culpa

não é minha. Corrinda, como a chamarei para sempre a partir de agora, também não foi culpa sua.

– Queria muito não ter deixado que isso magoasse você. Se eu tivesse lidado melhor com as coisas...

– Da próxima vez que a encontrarmos, pode me apresentar apropriadamente como a mulher com quem está envolvido.

– E estamos? – Aqueles serenos olhos azuis fitaram os dela. – Estamos envolvidos?

– Isso já é o suficiente? Você consegue entender que estou tentando lidar com o fato de o meu armário emocional estar entulhado, desorganizado e uma bagunça? E que não sei de quanto tempo precisarei para pô-lo em ordem?

– Estou apaixonado por você. O que não significa que quero que esteja comigo ou que fique comigo porque acha que é o esperado. Quero estar aqui quando tiver posto tudo em ordem, e enquanto faz isso. Quero saber que será verdade quando disser que me ama.

– Se isso acontecer, se eu for capaz, vai ser a primeira vez que direi isso a um homem. E será verdade.

– Eu sei. – Carter pegou a mão dela e a beijou. – Posso esperar.

– Esta foi uma semana das mais estranhas! – Levou as mãos ao rosto. Parecia certo tê-lo ali com ela. – Acho melhor irmos lá para cima para terminarmos de fazer as pazes.

capítulo dezessete

Ela o beijou na escada e sentiu que aquele dia tão longo estava terminando em paz.

– Não é de espantar que tenhamos atração um pelo outro. – Deu-lhe um abraço pouco antes de segurar a sua mão e continuar subindo. – Nós dois temos o gene do otário. Deve ser algum tipo de feromônio.

– Fale por você. Prefiro pensar em nós como pessoas que naturalmente se importam com os outros e pensam o melhor deles.

– É isso aí. Otário. – Deu-lhe um sorriso, mas parou de repente quando viu o choque se estampar no rosto dele. – O que foi? O que... Ai, meu Deus!

Ficou parada ao lado dele olhando os restos deixados pela passagem de um tornado em seu quarto.

– Eu esqueci. Eu... me esqueci de dizer que na verdade sou uma espiã internacional, uma agente dupla. E que o meu arqui-inimigo invadiu a casa mais cedo à procura de um código secreto. A batalha travada foi terrível.

– Gostaria de acreditar nisso.

– É zen.

– O arqui-inimigo?

– Não, o objetivo final. Olhe, por que não vai lá para baixo até eu enfurnar isso tudo de volta no armário? Não vai levar muito tempo.

– É como uma pequena loja – disse Carter, meio espantado. – Uma butique.

– É, para uma insanidade temporária. – Mac pegou um punhado de roupas. – Sério, me dê dez minutos. Não é tão ruim quanto parece.

– Admiro o seu otimismo. Mackensie, lamento que essa história a tenha perturbado tanto.

– Como é que você...

– Tenho mãe e duas irmãs. Reconheço os sinais de um furioso ataque de arrumação.

– Ah... – Ela largou as roupas de novo no sofá. – Tinha esquecido que você tem conhecimento das estruturas básicas.

– Vou ajudar a guardar tudo em algum lugar, já que, em parte, também fui causador do problema.

– Não. Sim. Quero dizer, você foi, sim, em parte causador do problema. Uma espécie de ponta do iceberg. Mas sob a superfície é que estava o resto... efetivamente maciço do iceberg – acrescentou. – Como o *Titanic*. Desde a visita desastrosa que minha mãe me fez até a história da Corrinda...

– Vai mesmo chamá-la assim?

– Vou. Bom, você conhece essa parte da trama, mas o desfecho, a pressão final do dedo no

gatilho, volta para Linda.

Aproximou-se da cama e pegou uma pilha de roupas.

– Ela não trouxe o meu carro de volta, porque fazer isso significaria trazer a si mesma de volta quando estava se divertindo muitíssimo em Nova York. Então, resolveu não atender o telefone.

Depois de pendurar as roupas, virou-se e deu com Carter parado logo atrás dela com outra pilha nas mãos.

– Obrigada. Também não se lembrou de deixar as chaves do carro dela comigo, portanto eu não poderia usá-lo se quisesse. Ontem de manhã, eu estava pronta para cometer um crime, mas tive uma conversa animadora com a Laurel, que não engole sapo de jeito nenhum. Admiro tanto isso nela... E, depois dessa conversa, mandei rebocar o carro da minha mãe para uma garagem, uma oficina mecânica.

– Brilhante! Consequências adequadas para um comportamento inadequado.

– Essa observação é a cara do Dr. Maguire. Talvez seja apropriado, mas também foi maldade, principalmente porque o cara conhece o Del e concordou em cobrar da Linda as despesas com reboque e diária.

– Mas já que o seu carro está aí na frente, deduzo que ela acabou o trazendo de volta. Deve ter ficado furiosa com essa história de reboque.

– Furiosa é pouco. A coisa ficou feia. Muito feia. E descobri que, mesmo que você tenha razão, que eu esteja fazendo a coisa certa, não é nada fácil. Tipo um soco na cara – acrescentou ela, com um sorrisinho. – Em suma, pulando os detalhes, acabei chamando um táxi para minha mãe e literalmente bati a porta na cara dela.

– Ótimo. Ela vai pensar duas vezes antes de aprontar outra como essa.

– Isso, sim, é otimismo. O mais puro otimismo. Ela nunca pensa duas vezes, Carter. Ainda vão acontecer milhões de coisas como essas. Eu é que tenho que aprender a lidar com isso. Seguir em frente e continuar levando esses tapas na cara sem entregar os pontos.

– Mas você vai conseguir.

– Tenho que conseguir. E, afinal de contas, resolvi descontar minha irritação arrumando toda essa bagunça. Comecei fazendo uma bagunça maior ainda, mas com o objetivo de deixar tudo limpo e impecável. O que acaba sendo uma forma simbólica de me livrar de velhos hábitos e conceitos. Assim...

Mac tomou um susto quando se virou com mais uma pilha de roupas nas mãos e viu o próprio reflexo no espelho.

– Céus, pareço saída de uma instituição para relaxados e desgrenhados em fase terminal. Você não podia ter me dito que o meu cabelo estava dando a impressão de que dois gatos tinham brigado em cima dele?

– Eu gosto do seu cabelo.

Mac tentou ajeitá-lo com as mãos.

– Sabe, isso é só mais um motivo para aumentar a minha irritação. Eu estava ótima naquela noite em que fui à sua casa. As vendedoras da MAC trabalharam direitinho. Ainda por cima fiz umas comprinhas na La Perla e era o que eu estava usando. Foi um pequeno baque para o meu cartão de crédito, mas, agora que fechamos o trabalho com os Seamans, ele vai se recuperar direitinho. Mesmo assim eu...

– Vocês conseguiram o trabalho? – Carter a ergueu do chão e girou com ela nos braços. – Isso é... Caramba!

– Eu devia ter esperado uma reação assim.

– Comprei uma garrafa de champanhe para comemorar esse trabalho. Mas não a trouxe comigo.

– Você comprou champanhe para comemorar comigo? – Ela quase chegou a sentir as próprias pupilas assumirem o formato de corações quando olhou para ele. – Você é o cara mais fofo do mundo.

– Vamos comemorar amanhã.

– Amanhã à noite tenho evento.

– Então na primeira oportunidade. Parabéns! Isso é fantástico.

– Fantasticamente fantástico para ser bem redundante. É o evento do ano e vai nos fazer testar toda a nossa capacidade, vai nos levar a desenvolver novas ideias.

– Vocês devem... O que é La Perla?

O sorriso de Mac foi se abrindo devagar.

– Quer dizer que mãe e duas irmãs não lhe ensinaram tudo sobre as mulheres? Ainda precisa aprender umas coisas, professor. Vá lá para baixo.

– Não quero ir lá para baixo. – Carter baixou a cabeça para lhe dar um beijo de leve. – Estava com saudade. Saudade do seu rosto. De tocar você. Veja como abrimos um espaço na cama. Parece suficiente para nós dois.

– Vá lá para baixo – insistiu ela, pondo um dedo em seu peito para empurrá-lo. – Eu aviso quando puder subir. Você vai me agradecer.

– Por que não posso simplesmente agradecer agora e...

– Fora daqui!

E lhe deu um empurrão.

Carter ficou andando de um lado para outro no estúdio, observando as fotografias, folheando revistas de noivas. Perguntava-se qual seria o termo para descrever o que estava acontecendo dentro dele, aquela mistura de alegria intensa e impaciência quase incontrolável. Mackensie estava lá em cima e isso era maravilhoso. Mackensie estava lá em cima, e ele não. Isso o estava deixando louco.

Foi até a porta pra ver se estava trancada, pensando se deveria pegar um vinho. Não estava com vontade de beber, mas ela...

– Por que você não sobe?

Graças a Deus, pensou ele, e o vinho ficou onde estava.

Pelas sombras e pela luz bruxuleante, percebeu que ela tinha acendido velas. Havia no ar um leve perfume sedutor. Carter se deu conta de que devia ter levado o vinho.

Depois, quando entrou no quarto, o seu coração parou.

Em meio às sombras, à luz dourada, ao perfume que pairava no ar, Mac estava deitada na cama, virada para ele, com a cabeça apoiada num braço dobrado. Tinha feito alguma coisa no cabelo que o deixou sedoso, e tinha pintado a boca e os olhos de um jeito exótico. No seu corpo esguio e lindo havia os traços sinuosos de uma delicada renda preta.

– Isso – disse ela, fazendo um gesto com a mão livre – é La Perla.

– Ah, obrigado.

Ela o chamou usando apenas o indicador.

– Por que não vem até aqui para ver mais de perto?

Carter se aproximou e disse:

– Você me deixa sem fôlego.

Sentou-se e passou a mão pelo corpo dela, acompanhando as suas curvas.

– Estava usando isso naquela noite?

– A-hã.

– Se eu soubesse, você não teria conseguido chegar até o carro.

– Verdade? Por que não me mostra o que teria feito se soubesse?

Ele se inclinou e roçou os lábios dela com os seus por um breve instante. Depois a beijou com sofreguidão. Uma necessidade imediata, uma urgência selvagem tomou conta dele, exigindo pressa. Ele engoliu um arquejo abafado e quis mais.

Excitação, desejo e amor cresciam dentro dele, transformando-se numa ânsia desesperada por aquela boca que estava sob a sua, aquele corpo que estava sob o seu. O gosto dela, já ao primeiro toque, ateou fogo ao seu sangue.

A boca ia conquistando enquanto as mãos exploravam.

O corpo de Mac explodiu sob o seu, arqueando-se, contorcendo-se à medida que tentava tirar sua camisa. Ela a arrancou pela cabeça para atirá-la longe, arranhando a pele dele com as unhas em sua pressa. Rolou com ele na cama, com a respiração ofegante, enquanto os corpos se misturavam, um buscando o outro, buscando um prazer mais sombrio, mais profundo, que lambuzava a pele, machucava o coração.

Toque, gosto, posse.

Ser desejada assim, necessária assim, e desejar e precisar em troca parecia impossível para Mac. Era como ser queimada viva, sentindo, tendo consciência de cada centímetro do próprio corpo, que pegava fogo. Que ia sendo consumido.

Carter a virou, deixando-a de costas, erguendo os quadris dela. E a penetrou. Sem fôlego, ela não conseguiu gritar.

Atordoada, meio zonza, indefesa, ela se apoiou e agarrou os lençóis embolados como se

eles fossem uma tábua de salvação. As mãos dele pegaram as suas para erguer seus braços acima da cabeça. E a penetrou de novo, de novo, de novo. Era um ritmo forte, primitivo, que os levou ao clímax e acabou.

Quando o corpo dele desabou sobre o seu, as mãos dela continuaram contraídas. À luz bruxuleante das velas, que incidia sobre aqueles corpos emaranhados, Carter virou a cabeça e a beijou com incrível ternura.

Mac continuou deitada, imersa numa espécie de deslumbramento.

– Não fui muito delicado – murmurou ele. – Será que eu...

– Sabe de uma coisa? – atalhou ela, sorrindo na penumbra. – Vou voltar à Nordstrom. Vou comprar todo o estoque de La Perla que encontrar por lá. O que tiver do meu tamanho vai ser meu. Nunca mais vou usar outra coisa.

– Já que vai sair, talvez pudesse comprar umas vitaminas. Um estoque inteiro. E uns minerais também.

Ela riu e se virou de lado enquanto ele fazia a mesma coisa. Seus rostos quase se tocaram.

– Você tem uns olhos tão serenos... Ninguém diria que é um animal na cama.

– Você é que tem esse corpo que me faz desejá-la. Está com frio?

– Agora não. É bem provável que nunca mais volte a sentir frio. Você pode ficar aqui?

– Posso.

– Ótimo. Estou lhe devendo uns ovos mexidos.

Com as mãos na cintura, Emmaline ficou parada no meio daquele caos que era agora o quarto de Mac.

– Nunca me passaria pela cabeça que você e Carter fossem adeptos do sexo selvagem.

– Pois somos. Mas tenho que dar um jeito nisso tudo sozinha.

– A pergunta que não quer calar: por quê?

– Estou organizando isso aqui.

– Neste mundo, organizar geralmente significa pôr as coisas em seus lugares.

– É exatamente o que vai acontecer. Quer para você? Nunca uso essa bolsa.

Emma precisou desviar de pilhas de roupas e acessórios, chegando a pisar em algumas coisas, para pegar a carteira marrom.

– Tem cor de cocô ressecado. Vai ver que não usa porque ela é feia.

– É mesmo, não sei onde eu estava com a cabeça naquele dia. Jogue naquela pilha ali, são as coisas que vão embora – acrescentou Mac, apontando para a tal pilha.

Emma foi até lá para jogar a bolsa.

– Você não quer mais esses sapatos?

Mac se virou e viu a amiga examinar um pé dos seus escarpins altíssimos verde-limão.

– Eles me matam – disse ela. – Fico cheia de bolhas sempre que tento usá-los.

– Mas eles são fantásticos.

– Também acho, mas acabo não usando por causa das bolhas. – Mac balançou a cabeça ao ver o brilho nos olhos da amiga. – Eles não cabem em você.

– Eu sei. Mas não é certo a Laurel e a Parker calçarem o mesmo número e nós duas ficarmos de fora. É uma injustiça. – Ainda segurando o sapato, ela girou, olhando ao seu redor. – Como é que você e Carter transam aqui?

– Damos um jeito. Ultimamente tenho ido para a casa dele. Mas só porque ele fica querendo ajudar sempre que vê essa bagunça. Não dá para ter um homem se metendo em arrumação de armários e cômodas. Ele começou a contar os meus sapatos.

– Eles nunca entendem os sapatos.

– Por falar nisso, põe esse aí na pilha das coisas que vão ficar. É aquela. Eles são lindos demais para irem embora. Vou usar quando for ficar muito tempo sentada.

– Sábia decisão.

– Está vendo, isso é uma coisa que ele nunca entenderia. Ia ficar com aquele vinco de preocupação entre as sobrancelhas.

– Vincos de preocupação à parte, vocês estão se entendendo?

– Está tudo ótimo. Quase perfeito. Não sei por que fiquei tão mexida e doida por causa disso. E essa blusa? Ela é muito parecida com essa outra. Eu devia me desfazer de uma delas, mas de qual?

Emma analisou as duas blusas.

– São pretas. Não há limite para blusas pretas. Elas fazem parte de um guarda-roupa básico.

– Está vendo? Foi por isso que pedi que você viesse.

– Quem tinha que vir era a Parker, Mac. Você disse que começou essa arrumação na quinta. Da semana passada.

– De jeito nenhum. Se a Parker olhar isso, o sistema nervoso dela vai implodir. Ela vai ficar em coma por meses. Eu não faria isso com ela. Além do mais, encomendei umas coisas. Caixas para sapatos, cabides e aquele negócio cheio de ganchos para pendurar bolsas ou cintos. Acho que foi isso. Dei uma olhada nesses acessórios para organizar armários, mas achei tudo muito confuso. E ainda por cima estou me livrando de 25 por cento do que tenho. A ideia era que fossem cinquenta, mas isso foi antes de eu recobrar o bom senso.

– Mas já faz quase uma semana que você está trabalhando nisso.

– É que não tenho tido muito tempo. Tem o trabalho, o Carter e minha estranha relutância em subir aqui. Mas vou meter a cara essa noite.

– Não vai encontrar o Carter?

– Hoje ele tem reunião de pais e professores. Além disso, a gente não se vê todas as noites.

– Claro que não. Só nas que acabam em “a” ou “o”. Você parece feliz. Ele a faz feliz.

– Faz mesmo. Mas teve uma coisinha.

– Ai, ai.

– Não! Foi só uma besteirinha de nada. Ele perguntou se eu não queria deixar algumas coisas lá. Algumas coisas minhas.

– Tipo uma muda de roupas, uma escova de dentes. Mac...

– Eu sei. Eu *sei*. É normal e demonstra consideração. Mas começo logo a ficar mexida e doida. Não fiz nada, mas bem que quis. E olhe só para as minhas coisas. É uma quantidade enorme. Se eu começar a misturar com as dele, como vou saber onde estão? E como vai ser se eu levar alguma coisa para lá e depois precisar dela aqui?

– Você sabe perfeitamente o que está procurando: está tentando descobrir defeitos, barreiras, impedimentos. Sabe disso, não sabe?

– Saber que procuro essas coisas não significa que elas não existam. Estou começando a me acostumar a estar com ele, um casal oficial, e agora ele me vem oferecer espaço no seu armário? Estou tentando dar conta do meu.

– E fazendo um ótimo trabalho.

Mac observou as pilhas.

– É um processo em andamento.

– Igualzinho a você. Igualzinho à sua relação com o Carter. Pessoas e relações nunca deixam de ser um processo em andamento.

– Sei que você está certa. É só que... Quero ver tudo arrumado. – Mac suspirou, passando os olhos pelas pilhas. – Quero ver a minha vida organizada e me sentir no controle. Ter alguma clareza. Quero saber o que estou fazendo com essa história, do mesmo jeito que sei o que faço no trabalho.

– Você o ama?

– Como é que a gente sabe disso? Vivo me fazendo essa pergunta e a resposta é sempre sim. Amo, sim. Mas as pessoas estão o tempo todo se apaixonando e se desapaixonando. A primeira parte é empolgante, mas a segunda é horrível. Atualmente tudo está indo superbem e eu adoraria que continuasse assim.

– Você faz ideia do quanto eu gostaria de estar apaixonada por um homem que me amasse?

– Não acho que esteja correndo para pegar os buquês que você mesma faz.

– Pois está muito enganada. Se eu tivesse o que você tem agora, não estaria aqui parada, no meio desse caos, tentando organizar a minha vida. Estaria louca para começar uma vida. Se você...

Emma parou de falar quando ouviu a porta da frente bater.

– Ei, Mac, está em casa?

– O que o Jack está fazendo aqui?

– Ah, esqueci. Aqui em cima! – gritou Mac. – Ele vinha falar com a Parker, aí disse a ela para lhe pedir que passasse aqui. Já que eu estava toda atrapalhada com esses acessórios para organizar armários, achei que seria uma boa ideia consultar um arquiteto.

– Você quer que um arquiteto, um homem... *Jack*... organize o seu armário?

– Não, quero que ele me dê uma ideia do que usar para organizá-lo.

Emma a olhou de um jeito estranho.

– Agora você penetrou no território da Parker.

– Talvez, mas já viu o armário dela? Parece uma foto de revista. Provavelmente é como o da rainha da Inglaterra. Só que sem aqueles chapéus esquisitos. Jack! Você é exatamente quem eu queria ver.

O rapaz ficou parado na porta, usando jeans, camiseta e botas. Era alto. Uma figura muito máscula.

– Não quero entrar aí. Não se deve tocar em nada na cena de um crime.

– O único crime nesse quarto é aquilo – disse Mac, apontando para o armário. – Um armário vazio com uma barra idiota para pendurar coisas e uma prateleira. Você tem que me ajudar.

– Eu disse que você precisava projetar o armário quando fizemos a reforma da casa.

– Naquela época eu estava com pressa, agora não estou. Sei que preciso de pelo menos duas barras, certo? Uma mais baixa. E mais prateleiras. Talvez umas gavetas.

Jack deu uma olhada ao redor.

– Você vai precisar de um barco maior.

– Estou pagando pelo meu erro. Não precisa tripudiar.

Ele entrou no quarto com os polegares enfiados na passadeira do cinto.

– Tem bastante espaço.

– Tem, sim, e isso é parte do problema. Tendo todo esse espaço, me senti na obrigação de preenchê-lo. Você pode dar um jeito?

– Claro que posso. Aliás, um kit da Home Depot pode dar um jeito nisso.

– Andei dando uma olhada lá, mas queria alguma coisa mais... Mais.

– Podíamos aproveitar para revestir de cedro. Você tem bastante espaço para pôr uns modulados aí. Colocar uma barra menor na lateral, talvez algumas prateleiras com compartimentos ali. Não sei, vou pensar. Conheço um cara que pode fazer isso para você.

Mac abriu o maior sorriso.

– Viu só? Eu sabia que você podia resolver o problema.

– Mas enfiar toda essa tralha lá dentro de volta é problema seu.

– É óbvio. E já que está aqui...

– Você quer que eu projete o seu armário de vassouras?

– Não, mas obrigada assim mesmo. Quero um ponto de vista masculino.

– Isso eu posso lhe dar.

– O que significa quando você diz a uma mulher que ela devia deixar algumas coisas na sua casa?

– Que levei uma paulada na cabeça?

– Reação bem típica – resmungou Emma.

– Ei, foi ela que perguntou.

– É uma mulher com quem você tem um envolvimento exclusivo, uma relação íntima – explicou Mac.

– E agora ela quer deixar aqueles estranhos produtos femininos no banheiro. Depois vai precisar de uma gaveta. Quando menos se esperar, vai sair comprando travesseiros para a cama e sua cerveja vai ter que dar espaço para os refrigerantes diet e os iogurtes light que ela vai botar na geladeira. E, pronto, no domingo à tarde você vai para feiras de antiguidade em vez de assistir ao jogo.

– E isso é o fim do mundo? – perguntou Emma. – Claro que ela pode rolar na sua cama, rasgar os lençóis, mas, que diabos, não pode deixar uma escova de dentes no *seu* banheiro? Nem ocupar uns centímetros numa gaveta? Isso já é exagero, já é demais. Não seria melhor então deixar o dinheiro em cima da cômoda e deixar as coisas bem claras?

– Uau, não foi isso que eu...

– Por que ela deveria se sentir à vontade? Por que deveria esperar que você abrisse algum espaço na sua vida para as necessidades dela? Que Deus não permita que essa mulher interfira no seu precioso tempo, no seu espaço sagrado. Vocês são patéticos – disse ela. – Os dois. – E foi embora feito uma bala.

Jack ficou olhando para o vão da porta.

– O que aconteceu? Por que ela ficou tão brava comigo?

– Na verdade, é comigo. O problema sou eu.

– Na próxima vez, me avise com antecedência para eu poder aparar o que sobrar para mim. Ela anda... saindo com alguém que está lhe dando dor de cabeça?

– Não. Não está saindo com ninguém em particular. Eu é que estou e ela está chateada porque acha que não dou a isso... a ele... o devido valor. Mas está enganada. Eu dou, sim. Por outro lado, Emma tem toda razão quando diz que o meu processo mental segue a mesma espiral descendente que você acabou de descrever. E é isso mesmo. É patético.

– Não é necessariamente uma espiral descendente. Talvez você queira o iogurte ou ir a uma feira de antiguidade. Depende.

– De quê?

– De quem está deixando as coisas na sua gaveta. Tem cerveja aí?

– Tem, sim.

– Então vamos tomar uma. Vou esboçar alguma coisa. Se gostar, mando um cara que conheço vir aqui medir tudo, e pronto.

– Isso vale uma cerveja.

– Então, você e Carter Maguire...

– Eu e Carter Maguire – disse ela quando começaram a descer a escada. – Acha estranho?

– Por que acharia?

– Sei lá. Talvez porque a gente meio que se conheça desde a escola, quando eu estava na minha fase artística de plena liberdade de espírito e ele era um nerd. E, quando eu tive aquela quedinha obrigatória pelo Del, o Carter estava dando aula particular para ele.

– Você foi a fim do Del?

– Pelos cinco minutos obrigatórios – respondeu ela, pegando a cerveja. – Aliás, acho que foram só três minutos. Para Emma é que durou cinco.

– Emma... humm.

– E acabei reparando nele. Quero dizer, em Carter. Tipo, ah, olha só aquele cara. É superinteligente. De repente chegamos ao momento atual e passou a ser, *ah*, olha só aquele cara! É engraçado.

– Pelo visto, isso está lhe fazendo muito bem.

– Está mesmo, quase sempre – disse Mac, entregando-lhe um copo de cerveja e brindando. – Quando não é assustador. Eu nunca amei antes. Já tive tesão, tive uns namoros, mas amor é outro patamar ao mesmo tempo ótimo e apavorante. Hoje à noite ele tinha uma reunião na escola, o que é mais uma coisa esquisita e engraçada. Eu apaixonada por um professor. Com ph.D. Logo eu que sou a única de nós todos que não fez faculdade. Fiz cursos de fotografia e de administração, mas não vivi essa coisa de alojamento, campus e tudo o mais. E agora estou completamente envolvida com um cara que dá notas em dissertações, passa dever de casa, comanda debates sobre Shakespeare. Sabe o que acaba de me ocorrer? Que você faria mais sentido.

– Eu? – perguntou Jack, atônito. – Faria?

– Não precisa fazer essa cara apavorada. Só estou dizendo que você seria uma escolha mais lógica. Nós dois pensamos em imagens, conceitos. Precisamos visualizar para criar. Nós dois temos nosso próprio negócio, lidamos com clientes. Temos pais divorciados e meios-irmãos, embora os seus pais sejam muito gente boa. Temos um círculo de amigos comuns e fobia de compromissos. E gostamos de uma cervejinha de vez em quando. Além do mais – percebeu ela –, nossos nomes rimam.

– Tem razão. Vamos transar.

Mac riu.

– Perdemos o timing.

– É, acho que perdemos.

Rindo, ela deixou o copo de lado.

– Você nunca tentou nada.

– Se eu tivesse tentado, o Del teria me espancado até a morte com uma pá. Ninguém mexe com as garotas dele.

– Mas ele sabe que todas nós fazemos sexo.

– Só que prefere fingir que não. E nenhuma de vocês transou comigo, para minha infelicidade. Esse é o problema.

– Acho que você tem razão. Além disso, apesar de parecermos, pela lógica, o par perfeito, íamos acabar brigando por causa de espaço em gavetas e nos odiando. Carter dá espaço. Ele tem a capacidade inata de se abrir e aceitar.

– E está apaixonado por você – comentou Jack. – Então, como vai ser? Quem vai tirar as fotos do casamento quando a fotógrafa estiver caminhando até o altar?

– Altar? – Mac engasgou com a cerveja. – Nunca mencionei a palavra altar. Eu não... Nós não... De onde tirou a ideia de que estamos pensando em casamento? De onde saiu isso?

– Ah, sei lá. – Ele girou no banquinho, apontando para as paredes cobertas de fotos de casamentos. – Talvez o fato de estar cercado por tantos olhos apaixonados.

– Isso é trabalho. Essas fotos são trabalho. Não é porque penso em casamentos que vou ficar pensando num casamento para mim.

– Tudo bem, não precisa surtar.

– Não estou surtando. Só estou... – Mac respirou fundo, foi até a escrivaninha e voltou trazendo um bloco bem grande e um lápis. – Ande, faça o seu esboço. Faça por merecer essa cerveja.

Ela passou o resto da noite às voltas com o seu planejamento. À medida que montes e pilhas se tornaram mais manuseáveis, seu nível de estresse foi diminuindo e começou a dar lugar a uma sensação de dever cumprido. Em breve teria de volta um espaço para viver, o que era o melhor de tudo, pensou. Sentia que estava no controle agora.

Era bom passar a noite sozinha, lidar com as suas próprias coisas, ter o seu espaço. Podia fazer isso e, ao mesmo tempo, sentir saudade de Carter. Na verdade, essa atitude mostrava que estava encarando o relacionamento numa boa.

Amava-o, gostava de estar com ele, mas estava contente por passar um tempo consigo mesma. Por outro lado...

Quando o telefone tocou, foi verificar quem era no visor.

Linda.

Mac fechou os olhos e disse a si mesma que não daria para evitar a mãe para sempre. Deixar de atender às ligações seria uma atitude infantil. Era melhor confrontá-la e se manter firme, decidiu.

– O que foi, mãe?

– Mackensie, você precisa vir aqui! Por favor, venha imediatamente.

O alarme disparou, passando por cima do aborrecimento, e o coração de Mac saltou de medo.

– O que foi? O que aconteceu?

– Depressa. Ah, você tem que vir aqui. Não sei o que fazer.

– Está ferida? Você...

– Estou. Estou ferida, sim. Por favor, me ajude. Preciso de você. Por favor.

– Ligue para a emergência. Estou a caminho.

Saiu voando de casa. Só teve tempo de pegar um casaco. Dezenas de imagens, cada uma mais catastrófica que a outra, passavam pela sua cabeça. Uma tentativa de suicídio, um acidente, um assalto.

As estradas estavam cheias de gelo e perigosas, pensou, enquanto se arriscava, pisando no acelerador em meio àquela chuva desagradável e fria. Linda, que, na melhor das hipóteses, era uma motorista cuidadosa, podia ter arruinado aquele carrinho de brinquedo dela e...

Não, é claro que não. Ela ligou de casa, não do celular. Estava em casa.

Mac se esforçava para manter o controle da direção, segurando firme o volante com as mãos que queriam tremer ao fazer uma curva numa velocidade nada segura.

Derrapou na ladeira diante da casa de boneca da mãe em Cape Cod e correu pelo escorregadio caminho até a porta. Encontrou-a destrancada. A ideia do assalto entrou com ela na casa.

Linda teria sido estuprada? Teria apanhado?

Pulou um vaso de rosas quebrado no chão e foi para a sala, onde encontrou a mãe caída no chão, chorando.

– Mãe! Mãe, estou aqui. – Deixou-se cair ao lado dela, numa busca frenética por machucados. – Onde está doendo? O que ele fez? Você chamou a polícia, a ambulância?

– Ah! Eu quero morrer! – Linda encostou o rosto devastado, coberto de lágrimas, no ombro de Mac. – Não consigo suportar.

– Não, não diga isso. Não é culpa sua. Vou ligar pedindo ajuda e vamos...

– Não me deixe aqui!

– Não vou deixar. Não vou, não. – Embalou a mãe, fazendo um carinho na sua cabeça. – Vai ficar tudo bem, prometo.

– Como? Ele foi embora. Ele me deixou aqui.

– Você viu bem como ele era? Você o conhecia?

– Achei que conhecesse. Confiei nele de todo *coração*. E agora ele se foi.

– Quem? – A raiva que agora fervilhava dentro dela apagava o medo. – Quem fez isso com você?

– Ari, é claro. Ari. Achei que eu significasse alguma coisa para ele, já que me disse que eu trouxe a luz de volta à sua vida. Ele disse um monte de coisas para mim e então fez isso. Como ele pôde fazer isso comigo? Como pôde ser tão cruel?

– Tudo bem. Vai ficar tudo bem. Ele vai pagar por isso.

– Ele disse que foi uma emergência. Não tinha *tempo*. Tinha que ser esta noite. Que diferença alguns dias poderiam fazer? Como é que eu podia saber que meu passaporte estava vencido?

– O quê? – Mac deu um salto para trás. – Do que está falando? O que ele fez exatamente?

– Foi para Paris. Para Paris, Mac. Viajou sem mim. Ligou do avião. Disse que tinha que ir esta noite. Eram negócios que não podiam esperar, como me prometeu que faria, até eu resolver a questão do passaporte. Negócios. – A raiva ardia em meio à torrente de lágrimas. – Mentira. É outra mulher, eu sei. Alguma vadia francesa. Ele me prometeu e agora foi embora!

Mac se levantou devagar enquanto Linda chorava, com o rosto coberto pelas mãos.

– Você me chamou aqui, a esta hora da noite, e me deixou pensar que estava ferida...

– E estou. Olhe para mim!

– Estou olhando. Vejo uma criança mimada e zangada, fazendo pirraça porque as coisas não saíram do jeito que ela queria.

– Eu o *amo*.

– Você não sabe o que isso significa. Meu Deus, eu quase me matei para chegar aqui.

– Eu precisava de você. Precisava de alguém. Você nunca vai entender o que é isso.

– Espero que não. Tem água e vidro pelo chão. É melhor limpar.

– Você não vai embora, não é? Não vai me deixar aqui sozinha desse jeito.

– Vou, sim. E, da próxima vez, nem venho. Pelo amor de Deus, Linda, cresça.

Chutou um caco de vidro que estava no caminho e saiu dali.

capítulo dezoito

Mac preparou o equipamento que usaria no ensaio e verificou as anotações enquanto Carter, sentado diante da bancada da cozinha, corrigia trabalhos de alunos. Lá de cima, vinha a barulheira da pregadeira elétrica.

– Não é possível que você consiga se concentrar com tanto barulho!

– Dou aula para adolescentes. – Com um lápis vermelho, Carter escrevia uns comentários na margem de um dos trabalhos. – Se for preciso, consigo me concentrar em meio a uma guerra termonuclear.

Curiosa, Mac espiou por cima do ombro dele.

– Esse aí tirou B. Nada mau.

– E, para esse aluno, é um grande progresso. Ele está despertando. Está pronta?

– Ainda tenho um tempinho. Desculpe por ter me esquecido de dizer que tinha trabalho hoje à noite.

– Você já pediu desculpas. Não tem problema.

– Casamento no Dia dos Namorados é sempre o máximo do máximo. Parker e eu temos que estar presentes em cada etapa do ensaio de hoje. E amanhã também. – Mac se inclinou para lhe dar um beijo. – As pessoas do meu ramo tendem a trabalhar nessa data.

– Entendo.

– Vou mandar um daqueles cartões eletrônicos bem melosos para você. E comprei uma coisa. Um passo fundamental para mim, já que é o meu primeiro presente de Dia dos Namorados.

Foi até a escrivaninha e tirou um embrulho fininho da gaveta.

– Vou lhe dar isso agora para o caso de essas coisas demorarem mais do que o esperado e você resolver ir embora.

– Vou esperar. Comprou um presente para mim? – Carter tirou os óculos e os pôs de lado. – É o segundo que me dá. Teve o cardeal – acrescentou.

– Aquilo foi mais uma lembrancinha. Isso aqui é um presente. Abra.

Ele desfez o laço e abriu a caixa. *Como gostais*.

– Achei interessante porque ele está bem surrado. Parece que já foi lido milhares e milhares de vezes.

– Verdade. É perfeito – disse ele, segurando o queixo de Mac para aproximar o rosto dela do seu. – Obrigado. Quer o seu agora?

– Sabe qual a minha resposta? Dãã.

Carter tirou da pasta uma caixinha embrulhada em papel branco com uma fita vermelha reluzente. O tamanho e o formato do presente fizeram o coração de Mac quase sair pela

boca.

– Carter...

– Você é a minha namorada. Abra.

Ela desembrulhou o presente com o coração disparado. Prendeu a respiração e levantou a tampa da caixinha, mas voltou a deixá-la cair quando viu o brilho dos brincos que havia ali dentro.

Dois minúsculos brilhantes em forma de coração pendiam da base de um terceiro, formando um trio delicado e elegante.

– Meu Deus, Carter, são lindos. São... Uau!

– Não posso deixar de dar o crédito a quem merece: Sherry me ajudou a escolher.

– São incríveis. Adorei. Eu... – As palavras ficaram presas. Incapaz de pronunciá-las, Mac lhe deu um abraço. – Obrigada. Sem dúvida alguma, sou sua namorada. Ah, tenho que experimentar esses brincos.

Virou-se para tirar as argolas que usava e substituí-las pelos brincos novos. Correu até o espelho que ficava do outro lado da sala.

– Ah! Uau! Como brilham! – exclamou, balançando a cabeça e vendo-os reluzir.

– Colocá-los agora mesmo significa que você gostou...

– Só se eu fosse louca para não gostar! Que tal?

– Uma luzinha, se comparados aos seus olhos. Mas ficou bonito.

– Você me deixa sem saber o que dizer, Carter. Nunca sei o que... esperar. – Inspirada, correu para pegar o tripé. – Vou me atrasar, mas brincos fantásticos como presente do Dia dos Namorados justificam qualquer falta de pontualidade. Até Parker me daria folga por esse motivo.

– O que está fazendo?

– Só vai levar dois minutinhos. Fique parado ali – disse ela, tirando a câmera da sacola.

– Quer tirar uma foto minha? – perguntou Carter, se remexendo no banquinho ao vê-la preparar a câmera. – Sempre saio tão pouco natural nas fotos...

– Vou dar um jeito nisso. Não se esqueça de que sou uma profissional – retrucou ela, sorrindo por trás da câmera enquanto ajustava o tripé. – Você está uma graça...

– Assim só me deixa mais sem jeito.

Mac escolheu o ângulo e o enquadrou.

– A luz está boa, acho. Vamos ver. – Pegou o disparador e se aproximou. – Agora, feliz Dia dos Namorados. – Passou os braços pelo pescoço de Carter e colou os lábios nos dele.

Entregou-se por completo, deixando que ele a puxasse mais para perto de si.

Capturou o momento e, ao recuar um pouco, olhando nos olhos dele, capturou aquele também.

– Agora – murmurou, virando o rosto, mas sem se afastar do dele –, sorria. – Mais uma vez, acionou o disparador. – Pronto. – Quando voltou a fitá-lo, esbarrou no nariz de Carter.

– Não foi tão ruim assim...

– Talvez devêssemos tentar novamente – retrucou ele, pondo a mão na nuca de Mac. – Acho que pisquei bem na hora...

– Tenho que ir agora – disse Mac, rindo. Afastou-se e, antes de soltar a câmera do tripé, verificou as fotos que acabara de tirar.

– Não vai me deixar ver?

– Não antes de eu acabar de mexer nelas. Então, pode considerar o resultado como a segunda parte do seu presente.

– Tinha esperanças de ganhar a segunda parte quando você terminasse o trabalho de hoje.

– Ora, Dr. Maguire – replicou Mac, guardando a câmera no estojo. – Tudo bem... Podemos pensar num presente em três etapas.

Ele se levantou para ajudá-la a vestir o casaco. Mac pegou a bolsa com o equipamento.

– Agora, você tem que esperar...

– Sou bom nisso – disse ele, abrindo a porta para ela.

Aparentemente, era mesmo, pensou Mac, e seguiu para a mansão a passos rápidos.



– Não sei como sair dessa, mas tem que haver um jeito.

– Mac – disse Parker, erguendo uma taça de champanhe contra a luz, para ver se estava bem limpa, antes de colocá-la na mesa da família da noiva. – É só um jantar.

– Não é, não. Você sabe que não é só isso. É aquela história de ir conhecer a família. Um jantar *em família*.

– Faz dois meses que você está namorando o Carter. Já está na hora.

– Onde está escrito isso? – perguntou Mac. – Quero ver em que livro de regras isso está escrito. – E foi jogando os guardanapos de um jeito que Parker, suspirando, teve que arrumá-los direito. – Quando um homem a leva para conhecer a mãe, você sabe muito bem o que isso quer dizer.

– Claro que sei. Quer dizer que ele deseja que as duas mulheres mais importantes da vida dele se conheçam. Quer exibir as duas...

– Não quero ser exibida. Não sou um poodle. Por que não podemos ficar do jeito que estamos? Ele e eu.

– Isso se chama relacionamento. Procure no dicionário.

Laurel se meteu na conversa quando entrou trazendo uma bandeja com frutas e queijos.

– Se vai criar tanto caso com essa história, Mac, por que simplesmente não recusou?

– Alô-ô, brincos de brilhante! – exclamou Mac, erguendo ambas as mãos e apontando para os corações pendentes. – Fiquei atordoada com tanto brilho. Além do mais, ele foi esperto, perguntando se eu podia ir, como quem não quer nada, depois que eu disse que tínhamos um evento bem mais cedo hoje e que podíamos fazer alguma coisa mais tarde. Fiquei sem

saber o que fazer.

– Babaca!

– Acha que não sei disso? E o fato de saber disso, mesmo tendo plena consciência de que a origem de tudo é a minha "mãefobia", não diminui em nada a realidade da babaquice...

– Claro que não – concordou Parker. – Você devia ter dito exatamente isso a Carter.

– É importante para ele. Deu para perceber apesar do tom quase de descaso que ele usou. Ele merece alguém que vá a um desses jantares de família para conhecer a mãe. Eu preferia que fosse mais tarde, ou no fim de semana passado que agora já tivesse terminado... Mas parece que eles estavam na Espanha. Só que isso não tem a mínima importância porque, se tivesse sido na semana passada, eu ia querer que já tivesse acontecido na anterior...

– Sabemos muito bem disso... – afirmou Laurel. – Porque estamos acompanhando tudo.

– Cada vez que acho que entendi alguma coisa, e que me entendi também, aparece algo novo. E vocês sabem muito bem que todos eles vão ficar me observando, falando de mim.

– Pessoalmente, acho que seria melhor fazer isso logo de uma vez – disse Laurel, dando um passo atrás para examinar a mesa. – Mergulhe de cabeça nessa piscina familiar. É mais fácil e mais rápido que entrar na água aos pouquinhos.

– Isso me parece bom – observou Mac depois de um instante de silêncio.

– Você é boa no trato com as pessoas – acrescentou Parker. – Consegue fazê-las falar de si mesmas, perceber como são. Faça isso.

– Essa ideia também é boa. E pense positivo: quem sabe esse lindo casamento íntimo não acabe sendo uma farra de bêbados que dure a noite toda?

– O pai da noiva me pareceu do tipo que apronta – comentou Laurel.

Animada, Mac passou os braços pelos ombros das amigas.

– É só ter pensamentos positivos. Acho que devíamos descer e ajudar Emma a terminar a decoração. Já está quase na hora.

Não houve nenhuma farra de bêbados e Mac não teve desculpas. Ficou feliz por ter marcado com Carter na casa dos pais dele, pois, assim, teria que ir dirigindo sozinha, o que lhe dava algum tempo para se acalmar.

Mergulhar na piscina, pensou. E era ótima nadadora. Em geral. Seguiu as instruções que Carter tinha lhe dado, cheias de indicações bem precisas, e chegou ao bairro bonito e bem cuidado.

Exatamente o que esperava, percebeu. Uma sólida casa da Nova Inglaterra, bem no estilo classe média alta. Nos amplos gramados, alguma neve que já começava a derreter. Velhas árvores, cheias de personalidade, cercas vivas aparadas, grades impecáveis.

Tudo tinha uma aparência digna, sem ser exagerado. Tudo parecia coisa de rico, mas sem ostentação.

Meu Deus, o que estava fazendo ali?

Engolindo em seco, tomou a esquerda da alameda de duas pistas e estacionou atrás do Volvo de Carter. Quantos carros, pensou. Havia muitos deles perto da casa sólida, de dois andares, com uma varanda bem confortável na frente.

Já ia baixando o para-sol para verificar a maquiagem no espelhinho quando lhe ocorreu que alguém podia estar olhando. Iam achar que ela era vaidosa e fútil. Céus, disse Mac a si mesma, controle-se.

Saiu do carro e deu a volta para pegar as flores. Pensou e repensou nesse simples gesto mais de dez vezes. Levar uma corbelha que sobrou de um casamento para a dona da casa. Seria de mau gosto?

As amigas lhe disseram que seria delicado e atencioso, mas...

Agora, era tarde demais.

Subiu os degraus da varanda, arrependeu-se vagamente de não ter verificado a maquiagem, e bateu.

Dois segundos depois, a porta se abriu. Mac não estava esperando, mas sentiu uma pontinha de alívio quando viu o rosto familiar de Sherry.

– Oi! Ah, uau! Olhem só isso! Mamãe vai amar. Seja bem-vinda ao hospício Maguire – disse a moça, fazendo Mac entrar. – É o Wii – acrescentou, apontando para o local de onde vinham os gritos. – O jogo. Demos a papai de presente de Natal. Nick e Sam, o meu cunhado, estão ganhando dos meninos no beisebol. Deixe que eu seguro isso para você tirar o casaco. Quase todo mundo está lá no salão. Ah, está usando os brincos! Não são incríveis? Espere aí, deixe eu pendurar seu casaco.

Sherry devolveu a corbelha para Mac e guardou o seu casaco. E, percebendo que ainda não tinha conseguido dizer uma única palavra, a moça sorriu.

– Mamãe está lá às voltas com o jantar. Ela está nervosa. Você também? Quando conheci a família do Nick, fiquei tão nervosa que me escondi no banheiro por uns dez minutos. Nunca me passou pela cabeça que Georgia, a mãe do Nick, *também* estivesse nervosa. Mais tarde, ela me contou que trocou de roupa três vezes antes de eu chegar. Fiquei bem aliviada. Então, saiba que mamãe está nervosa. Pode ficar aliviada.

– Obrigada. Fico, sim.

Enquanto ia entrando atrás de Sherry, Mac percebeu que havia gente e movimento num grande espaço iluminado. Carter ria com um homem bonito, de cabelo branco e barba bem cuidada. Ela sentiu o cheiro bom de comida sendo preparada.

Um momento, foi tudo que lhe ocorreu. Um momento tranquilo em família. Nunca tivera essa experiência pessoalmente, mas podia reconhecê-la.

– Ei, gente! Mac chegou.

O movimento parou. A imagem ficou congelada. E todas as atenções se voltaram para ela.

Carter foi o primeiro a se mexer, saindo da bancada onde estava apoiado e vindo em sua

direção.

– Conseguiu chegar – disse, dando-lhe um beijinho por cima dos lírios brancos e das rosas perfumadas. Como ela estava segurando a corbelha, ele pôs a mão no seu ombro e se virou. – Esta é a Mackensie, mamãe.

A mulher que veio lá do fogão tinha um rosto forte, com olhos claros. Tinha um sorriso educado, acolhedor. E, Mac notou, uma pequena dose de reserva.

– Finalmente! É um prazer conhecê-la.

– Obrigada por me receber, Sra. Maguire – disse Mac entregando-lhe a corbelha. – É do evento de hoje. Emma, que a senhora conhece, é responsável pelas flores. Achamos que a senhora gostaria delas.

– São lindíssimas. – Pam inclinou a cabeça para sentir o perfume das flores. – E muito cheirosas. Obrigada. Sherry, ponha a corbelha na mesinha de centro, por favor. Assim vamos poder ficar olhando para elas. Que tal uma taça de vinho?

– Seria ótimo.

– Sirva uma taça para Mac, Diane.

– Esta é a minha irmã, Diane – disse Carter.

– Oi. Cabernet ou Pinot? Vamos ter frango no jantar.

– Um Pinot, obrigada.

– Meu pai, Michael Maguire. Pai!

– Seja bem-vinda – exclamou o homem dando-lhe um forte aperto de mãos. – Irlandesa?

– Em parte.

– Minha avó tinha o cabelo como o seu. Brilhante como um pôr do sol. Então, é fotógrafa?

– Sou. Obrigada – disse Mac quando Diane lhe trouxe a taça de vinho. – Minhas sócias e eu temos uma empresa de casamentos. Ora, o senhor sabe, já que vamos fazer o casamento de Sherry.

– Bom, como pai da noiva, tudo o que faço é pagar as contas – retrucou ele, com um risinho maroto.

– Ah, pai...

Mike Maguire piscou o olho para Mac ao ver Sherry revirando os olhos na sua direção.

– No fim de tudo, mandamos um brinde junto com a nota fiscal.

O riso dele era intenso.

– Gosto da sua garota, Carter.

– Eu também.

Quando se sentaram à mesa para jantar, Mac já tinha uma boa noção de quem era quem. O pai gostava de rir. Adorava a família e era adorado por ela. Embora ele fosse o médico, era a sua mulher quem controlava o pulso de todos ali. Davam a impressão de trabalhar em equipe, e parecia ser uma equipe bem forte. Mas, nos momentos decisivos, era Pam quem assumia as rédeas.

Sherry era o bebê: um punhado de energia e alegria, amorosa e apaixonada. O noivo dela se comportava como um filho e era tratado como tal. Mac supunha que o óbvio encantamento que ele tinha pela moça lhe valera pontos importantíssimos.

Diane, a mais velha, fazia mais o gênero mandona. Parecia feita para ser mãe e seus filhos brilhavam, mas ela se mostrava vagamente descontente. Não era tão jovem, nem estava começando uma vida, como Sherry; tampouco era satisfeita e segura de sua posição como a mãe. O marido dela parecia não esquentar com nada e era um verdadeiro palhaço com as crianças. Mac percebia que esse jeito tranquilo do marido quase sempre irritava Diane.

Compreendeu as dinâmicas e as personalidades, como formavam e reformavam imagens. Ali estava algo que era uma tradição para eles: conversar, num jantar em família aos domingos, com trechos e passagens das suas vidas circulando pela mesa como o purê de batatas.

Ela era a incógnita. O elemento externo que, ao menos por enquanto, alterava a imagem.

– Os fins de semana devem ser os dias de mais trabalho para vocês – comentou Pam.

– Em geral, são mesmo. Mas também fazemos vários eventos noturnos em dias de semana.

– E há muito trabalho durante o dia também – interveio Carter. – Tem todo o planejamento. Não é só chegar lá com a câmera. E também há muita coisa a se fazer depois do evento. Já vi alguns dos álbuns feitos pela Mackensie. São verdadeiras obras de arte.

– Agora tudo é digital – disse Diane, dando de ombros e enfiando o garfo no frango em seu prato.

– A maior parte, sim. Ainda trabalho com filme de vez em quando. O jantar está maravilhoso, Sra. Maguire. A senhora deve adorar cozinhar.

– Gosto de produzir grandes almoços ou jantares. E me chame de Pam. Também gosto da ideia de quatro mulheres, quatro amigas, criando e administrando uma empresa juntas. Ter o próprio negócio exige muita resistência e muita dedicação, além de criatividade.

– Mas é um trabalho muito alegre – disse Sherry. – Como se fosse uma constante comemoração. Flores, vestidos lindos, música, champanhe.

– Os casamentos estão ficando cada vez mais elaborados. Tanto tempo, tanto estresse, tantas despesas para um único dia... – observou Diane erguendo um ombro enquanto os cantos dos lábios pendiam numa expressão de desagrado. – As pessoas ficam mais preocupadas em saber quem senta onde ou que cor de fita usar do que com o próprio sentido do casamento. E os noivos ficam tão cansados e estressados com todos os preparativos que o grande dia acaba sendo uma lembrança meio turva.

– Você já teve o seu dia, Di – atalhou Sherry com um ligeiro brilho no olhar. – Agora, estou tendo o meu.

– E tudo que estou dizendo é que, na hora que cheguei ao altar, estava tão exausta que mal me lembro de ter dito "sim".

– Mas disse – emendou o marido, sorrindo. – E estava linda ao fazer isso.

– Pode até ser...

– Você tem toda razão – atalhou Mac. – Pode ser uma coisa extremamente cansativa. E o que deveria ser o dia mais intenso e importante da sua vida corre o risco de acabar se tornando um anticlímax, algo até chato. É para evitar isso que nós trabalhamos. Pode ter certeza de que, se tivesse contado com as minhas sócias quando estava planejando o seu casamento, o seu dia não teria sido nada turvo.

– Na verdade, não quero criticar o seu trabalho. Só estou dizendo que, se as pessoas envolvidas não se sentissem obrigadas a fazer uma superprodução, bom, elas não precisariam de empresas como a sua para se encarregar de tudo.

– Provavelmente – replicou Mac com toda calma. – Mesmo assim, a noiva vai se estressar, se preocupar, às vezes ficar até obcecada, mas pode deixar os detalhes por nossa conta. Tantos quantos quiser. Ela... Desculpe, Nick – acrescentou, sorrindo. – Ela é o centro das atenções e, para nós, é o centro das atenções durante todos os meses que antecedem o casamento. É isso que nós fazemos.

– Tenho certeza de que são ótimas. Na verdade, tudo que ouvi a seu respeito e a respeito da empresa só faz recomendá-las. Só acho que, quanto mais simples, melhor.

– É tudo uma questão de gosto e de personalidade, não é? – comentou Pam, estendendo a cestinha de pães. – Alguém quer mais?

– Eu não quero nada simples. Quero um casamento divertido.

– Já entendemos. – Mac deu um sorrisinho para Sherry. – Mas um casamento simples pode ser melhor, dependendo do gosto e da personalidade da noiva. Mesmo uma coisa simples exige cuidado com os detalhes. Hoje mesmo fizemos uma cerimônia pequena e bem simples. Foi no final da manhã. Não houve cortejo; só a irmã da noiva. Ela tinha nas mãos um pequeno buquê e usava flores no cabelo em vez de véu. Depois, tivemos um brunch com champanhe e um trio de jazz para as pessoas dançarem. Foi lindo. A noiva parecia radiante. E calculo que a Votos tenha dedicado cerca de 150 horas de trabalho para que tudo saísse do jeito que ela queria. Tenho certeza de que ela vai se lembrar de cada momento desse dia.



Bem mais tarde, os dois foram para a casa de Carter. Só quando já estavam lá dentro, ele a abraçou.

– Obrigado. Imagino que seja um verdadeiro teste para os nervos enfrentar uma horda daquelas... e passar por um verdadeiro interrogatório.

– Tudo o que posso dizer é “ufa”. Acha que passei no teste?

– Sem dúvida.

Mac se agachou para fazer um carinho no gato que tinha vindo recebê-los.

– A sua família é muito legal. Imaginei que fosse. Vocês se amam. É evidente.

– Verdade. Será que devo pedir desculpas por Diane? Ela adora encontrar defeito em tudo.

– Eu entendo perfeitamente porque muitas vezes faço a mesma coisa. Só que, em geral, não expresso. Gostei deles. Mesmo de Diane. São todos tão normais... Me dá vontade de ter uma família.

– Podemos dividir a minha. E adoraria poder dizer isso sem deixar você com essa cara.

– Eu também. Esse é o meu calcanhar de aquiles. Não tem nada a ver com você.

– Isso é babaquice!

Mac ficou de queixo caído. Ele nunca usava aquele linguajar.

– É...

– Calcanhar de aquiles coisa nenhuma! Você tem é mania de encarar o casamento por um único ângulo. E, com isso, tudo o que vê é fracasso.

– Talvez seja verdade. Provavelmente é. Mas por você, com você já desloquei esse ângulo mais do que com relação a qualquer outra pessoa. Não sei se tenho condições de ir além.

– Não quero forçar a barra, mas não vou mentir e dizer que não pensei nisso. Que não pensei em construir uma vida com você. É difícil olhar para dentro de mim e saber, sem qualquer disfarce, que é isso que quero. E olhar para você e saber que acha que é incapaz de fazer isso.

– Não quero magoá-lo. Não sei se consegue entender que tenho mais medo de magoar você do que a mim mesma.

– Não preciso da sua proteção. – Carter estendeu a mão e deu uma batidinha nos brincos de brilhante que ela estava usando. – Quando lhe dei isso, você pensou que talvez houvesse uma aliança de noivado naquela caixa. E pareceu apavorada.

– Carter...

– O que você diria se fosse mesmo? Não precisa responder. Chamamos isso de pergunta retórica. Vou lhe fazer uma promessa, aqui e agora. E talvez isso possa deixá-la mais tranquila. Não vai haver nenhuma aliança e nenhum pedido enquanto você não quiser.

– Você é bom demais para mim.

– Sou obrigado a repetir: Isso é babaquice!

– É verdade. Sinceramente, tenho pensado bastante sobre mim mesma. Eu deveria ficar de joelhos, Carter, pedindo para você ficar comigo. Mas não consigo. É uma coisa que está entranhada bem aqui – disse ela, levando o punho cerrado ao peito. – E, cada vez que isso parece que está começando a afrouxar, só um pouquinho, algo o empurra para dentro de novo. Você é muito mais do que eu mereço.

– Não faça isso comigo – replicou ele, segurando-a pelos ombros. – Não me ponha num lugar em que não quero estar.

– Não sei o que eu teria dito se houvesse uma aliança naquela caixa. O que me deixa apavorada. Não faço ideia e nem sei se teria dito a coisa certa ou errada para nós dois. Preciso ver isso. Sei que não é o ângulo certo. Mais que isso, a lente está com defeito, e eu *sei* que está. – Ela recuou um pouco. – Quero mudar, e isso é um primeiro passo.

– É um começo. Eu aceito. Por enquanto.

– Você não devia aceitar nada. É isso que estou dizendo.

– Não me diga o que fazer ou quem amar. Você é a pessoa que eu quero. Vai continuar sendo amanhã e daqui a cinquenta anos.

– Nunca fui "a" pessoa. Para ninguém.

Carter se aproximou.

– Você vai se acostumar com isso. – Ergueu o rosto de Mac e a beijou.

– Por quê? Por que eu?

– Porque a minha vida se abriu e se encheu de cores quando você entrou nela novamente.

Mac o abraçou com força, apertou o rosto contra o ombro dele, tomada pela emoção.

– Se você pedisse, eu não conseguiria dizer não.

– Isso não basta. Nem para você, nem para mim. Quando eu pedir, você tem que querer dizer "sim".

capítulo dezenove

Mac ouviu uma pancada, o ruído de uma respiração, e abriu um dos olhos. Toda aconchegada ali na cama, viu Carter tentando achar os sapatos.

– Que horas são?

– É cedo. Volte a dormir. Consegui levantar, tomar banho e ficar quase pronto até tropeçar em alguma coisa e acordar você.

– Sem problema. Tenho que levantar mesmo e começar a cuidar da vida – disse ela, mas os olhos voltaram a se fechar.

Com os sapatos nas mãos – e mancando de leve –, ele contornou a cama e lhe deu um beijo no topo da cabeça. Com um murmúrio de prazer, Mac voltou a dormir.

Quando despertou, o sol já brilhava.

Percebeu que não tinha acordado cedo e tratou de se levantar. Mas uma das vantagens de ter o próprio negócio – e não ter nenhum compromisso agendado para a manhã – era poder dormir um pouco mais. Já estava se encaminhando para o banheiro quando balançou a cabeça e voltou para fazer a cama.

Era a nova Mac, disse consigo mesma. A Mackensie Elliot organizada em todos os setores da vida pessoal e profissional. A Mac com o novo armário incrivelmente bem planejado onde havia espaço para tudo – e tudo estava no seu devido lugar.

Afofou os travesseiros, esticou os lençóis, ajeitou o edredom com todo cuidado. Está vendo, disse a si mesma, como fazia agora toda manhã, foram só dois minutinhos. Com um meneio de cabeça que demonstrava a sua satisfação, passou os olhos pelo quarto.

Não havia roupas emboladas em lugar nenhum, nem sapatos chutados para debaixo de alguma cadeira nem sequer bijuterias espalhadas no tampo da cômoda. Aquilo sim era o quarto de uma mulher adulta, de bom gosto e que tinha tudo sob controle.

Tomou banho e, depois, não se esqueceu de pendurar a toalha. De volta ao quarto, se permitiu o prazer de abrir o guarda-roupa e ficar parada ali, só olhando.

– É isso aí...

As roupas estavam todas penduradas, separadas por cor e tipo. Cada par da sua incrível coleção de sapatos ficava agora dentro de caixas plásticas transparentes, empilhadas de acordo com seu conteúdo. Sapatos para noite, para o dia a dia, sandálias, botas – saltos altos, fechados ou abertos na frente, com tachas ou anabela.

Que beleza!

Bolsas, também separadas por tipo e cor, ficavam bem à mão dentro de divisórias que formavam nichos. Nas gavetas de um branco reluzente do armário embutido, estavam echarpes e cachecóis – antes embolados ou empilhados – agora dobrados com cuidado. O

mesmo acontecia com os suéteres, as meias e a lingerie.

Daquele jeito, vestir-se tinha se tornado um prazer, livre de qualquer estresse. Nada de buscas desesperadas, nada de palavrões, nada de ficar tentando descobrir onde teria enfiado a blusa azul de punho francês e acabar pegando outra da mesma cor porque não conseguia encontrar a que estava procurando.

Isso porque agora a blusa azul de punho francês estava exatamente onde deveria estar.

Vestiu uma regata branca, um pulôver marinho de gola V e uma calça jeans: o traje perfeito para trabalhar pela manhã e para a sessão de fotos do início da tarde. Satisfeita, já ia saindo, mas voltou para pôr o pijama no cesto de roupa suja.

Ia descendo quando Emma apareceu na porta da frente.

– Meu café acabou. Pode me ajudar?

– Claro. Estava justamente... Ah, Carter deve ter feito café antes de sair.

– Não quero odiá-la por ter alguém que prepara o café enquanto você dorme, mas preciso de cafeína para despertar o meu lado altruísta – disse Emma, servindo-se de uma caneca e inspirando o cheiro do primeiro gole. – Isso é vida. Agora sim estou bem de novo.

Mac também pegou uma caneca e bebericou café concordando com a amiga.

– Quer vir ver o meu guarda-roupa?

– Bom, já é a terceira vez que vou vê-lo. Com certeza é o rei dos armários.

– O rei é o da Parker.

– O dela é o deus dos armários. O seu é o rei. A noiva de sábado ligou – prosseguiu Emma. – Acha que quer mudar as flores da daminha. Em vez de uma cesta de pétalas de rosa, uma pomander rosa-claro.

– Mas ela não tinha trocado a pomander pela cesta?

– Tinha. E também o buquê cascata pelo braçado e, depois, voltou ao cascata – disse Emma fechando os grandes olhos castanhos e balançando a cabeça. – Estou louca para ver esse casamento pelas costas...

– Ela é do tipo que confirma a opinião da irmã de Carter...

– Sherry?

– Não, a mais velha. Aquela que diz que casamentos são estressantes demais, elaborados demais... Que as pessoas fazem o maior estardalhaço, mas, no fundo, é um dia como outro qualquer.

– É "o" dia. Além do mais, como bem sabe, é o nosso ganha-pão.

– Concordo. Mas essa noiva vai ser um caso complicado. Ela me ligou ontem e mandou por fax uma foto que viu numa revista. Quer que eu a reproduza no sábado. Tudo bem, sem problemas... Só que o vestido dela é completamente diferente, assim como o feitio do corpo, o arranjo da cabeça, o penteado. Ah, claro... E acontece que não temos um arco em pedra de um antigo castelo irlandês para servir de pano de fundo para a pose. Pelo menos, não é algo que a gente possa conseguir assim, de uma hora para outra.

– São só os nervos. Os nervos de uma controladora fanática. Preciso de outra dose e, depois, tenho que ir trabalhar – disse Emma, levando a caneca embora. – Pode deixar que a trago de volta.

– Isso é o que você sempre diz...

– Vou devolver a coleção completa – prometeu Emma, e saiu porta afora.

Quando ficou sozinha, Mac se virou para abrir um armário. Um pouco de açúcar e algo em conserva, pensou ela, junto com o café. Ao abrir a porta, viu uma maçã vermelha reluzente diante da caixa de biscoitos. No bilhete encostado nela estava escrito: *Me coma também!*

Soltou uma gargalhada. Pegou a maçã e botou o bilhete em cima da bancada. Que fofo, pensou, mordendo a fruta. E engraçado... O que poderia fazer a não ser casar com ele a essa altura?

Ela o destruiu com a lingerie La Perla e preparou para ele um jantar de verdade. Ela, "A fotógrafa!".

Correu até a mesa de trabalho para ligar o computador. Não tinha se esquecido da terceira parte do presente. Só não tinha decidido ainda que foto seria e que apresentação escolheria.

– Eu devia estar trabalhando, devia estar trabalhando – murmurou. – Mas só vai levar um minutinho.

Levou mais de quarenta, mas Mac conseguiu escolher a foto – uma daquelas imagens de rostos colados, logo depois de um beijo. Ele parecia tão à vontade e tão feliz... E ela, bem ali ao lado... Ficou toda pensativa analisando o resultado. Ajustada, editada, impressa e emoldurada. Para fazer tudo certinho, pôs a foto numa caixa, amarrou-a com uma fita vermelha e enfiou um raminho de lírios-do-vale de seda no laço.

Encantada, imprimiu outra foto para si mesma e escolheu uma moldura. Guardou o resultado numa gaveta. Não queria que ficasse à mostra até ele ter visto o presente.

Ligou o som bem baixinho. Começou a trabalhar, feliz com o mundo em geral. Só parou quando o despertador tocou, avisando que estava na hora de se preparar para a sessão de fotos no estúdio.

Retratos de noivado. Ela, médica; ele, músico. Mac tinha algumas ideias em mente e pediu ao noivo que trouxesse a guitarra. Pano de fundo em cinza médio, os noivos sentados no chão e...

Com uma almofada tipo futon nas mãos, ela se virou quando a porta se abriu de repente. Era a sua mãe, que irrompeu estúdio adentro, usando um casaco novo de vison prateado.

– Olhe, Mackensie! – exclamou ela, dando uma voltinha e parando numa pose de modelo.

– Não pode ficar aqui agora – disse Mac com toda calma. – Meus clientes já devem estar chegando.

– Mas eu sou uma cliente. Vim para uma consulta. Cheguei mais cedo, mas o resto do grupo está vindo aí. Ah, Mac! – disse Linda correndo para a filha, com um andar de passarela, uns sapatos fantásticos e aquele suntuoso casaco de pele. – Vou me casar!

Envolvida no abraço perfumado da mãe, Mac apenas fechou os olhos.

– Parabéns. De novo.

– Ah, não faça assim... – retrucou Linda se afastando. Por meio segundo, fez uma cara emburrada e, depois, deu mais uma voltinha, rindo. – Fique feliz. Fique feliz por mim. Estou radiante! Veja o que o Ari me trouxe de Paris.

– É lindo, o casaco.

– Não é mesmo? – Inclinando a cabeça, Linda roçou a pele do casaco com o queixo. – Mas não é só isso!

Estendeu a mão, movendo os dedos. No terceiro deles, havia um imenso diamante quadrado engastado num aro de platina.

Que pedra!, pensou Mac. Acho que nunca vi nada tão grande.

– Impressionante – disse ela.

– Meu queridinho... Ficou tão triste sem mim... Ligava de Paris duas vezes por dia – acrescentou Linda, abraçando o próprio corpo e dando mais uma voltinha. – Claro que não falei com ele nos três primeiros dias. Foi maldade não ter me levado junto. E também é claro que me recusei a vê-lo assim que ele voltou.

– Claro – concordou Mac.

– Ele implorou que eu fosse a Nova York. Mandou o carro com motorista para me buscar e o carro estava *cheinho* de rosas brancas. Tinha também uma garrafa de Dom Pérignon. Mas, antes disso, ficou mandando dúzias e dúzias de rosas todos os dias. Todos os dias! Tive que me render e ir encontrá-lo. Ah, foi tão romântico...

Linda fechou os olhos e cruzou os braços diante do peito.

– Como num sonho ou num filme. Jantamos os dois sozinhos, em casa. À luz de velas. Ele mandou preparar os meus pratos favoritos, e teve mais champanhe, mais rosas. Então Ari disse que não podia viver sem mim e me deu isso. Já viu coisa igual?

Mac ficou fitando a mãe que admirava o próprio anel.

– Desejo que sejam muito felizes juntos. Verdade. E fico contente vendo você tão feliz agora – disse ela. – Mas tenho uma sessão de fotos.

– Ora! – exclamou Linda, com um gesto. – Remarque isso, pelo amor de Deus. É uma ocasião importantíssima. Sua mãe vai se casar.

– Pela quarta vez, mãe.

– Pela última vez. Com o homem certo. E quero que vocês façam o casamento, é claro. Preciso que façam o melhor que puderem. O Ari disse que o preço não importa. Quero alguma coisa fabulosa, romântica e elegante. Sofisticada e luxuosa. Andei pensando num vestido rosa pálido. Acho que Valentino seria perfeito para mim. Ou quem sabe algo vintage, com um ar de Hollywood de antigamente. E um chapéu incrível em vez de um véu.

Com os olhos brilhando, Linda passou a mão pelo cabelo.

– Posso usar um coque bem elegante e pedir que o Ari compre para mim uns brincos

maravilhosos para compor o conjunto. Diamantes rosa, talvez. E montes de rosas brancas e cor-de-rosa por todo lado. Vou lá falar com a Emmaline. Os convites precisam ser enviados imediatamente. Tenho certeza de que Parker pode cuidar disso. E tem o bolo. Quero algo bem grande. O Taj Mahal dos bolos de casamento. Portanto, é a própria Laurel que vai ter que fazer. E...

– Quando? – atalhou Mac.

– Quando o quê?

– Quando pretende se casar?

– Ah, em junho. Quero ser uma noiva de junho. Quero primavera, jardins e...

– Junho *agora*? Daqui a três meses? Estamos com a agenda lotada.

– E daí? – exclamou Linda com um sorriso radiante, descartando esse tipo de detalhe. – Sou sua mãe. Troquem alguma data. Agora...

– Não fazemos isso com os clientes, mãe. Não podemos estragar o casamento de alguém só porque, na última hora, você resolveu se casar em junho.

No rosto de Linda, o que se viu foi surpresa e uma mágoa sincera. Mac sabia que o sentimento era verdadeiro.

– Por que você tem que ser assim tão cruel comigo? Por que tem que estragar tudo? Não pode me ver feliz?

– Claro que posso. Estou contente por você. Só não posso lhe dar o que quer.

– Isso é para me punir. Você não quer que eu seja feliz.

– Não é verdade.

– Então o que é? Vou me casar e a minha filha é sócia de uma empresa que realiza casamentos. É mais que natural eu querer que você cuide disso.

– Mas não dá para ser em junho. Há meses, na verdade, há quase um ano que estamos com todos os dias do mês tomados.

– Ouviu o que eu disse? Dinheiro não é problema. Ele vai pagar o que vocês pedirem. Tudo o que precisa fazer é trocar uma data qualquer.

– Não é uma questão de dinheiro, nem é tão simples assim trocar uma data qualquer. É uma questão de compromisso e integridade. Não podemos lhe dar o que quer quando quer pura e simplesmente porque alguém já pediu isso antes.

– E essa gente é mais importante que eu? Mais importante que a sua mãe?

– Alguém já marcou a data, encomendou os convites, planejou tudo. Portanto, neste caso, essa pessoa é, sim, mais importante que você.

– Vamos ver... – disse Linda. A raiva tornou a sua voz mais aguda; os olhos dela se transformaram em lâminas cortantes. – Todo mundo sabe que a empresa é da Parker. É ela que decide tudo. Vocês vão fazer o que ela mandar.

Saiu a toda em direção à porta, mas se virou para acrescentar:

– Você devia ter vergonha de me tratar desse jeito.

Exausta, Mac foi até a escrivaninha e pegou o telefone assim que a mãe bateu a porta.

– Desculpe – disse, quando Parker atendeu. – Quero pedir desculpas desde já. Minha mãe está indo até aí. Acho que você vai ter que enfrentar essa barra.

– Tudo bem.

– Ela vai se casar de novo.

– Ora, estou chocada!

Mac riu, embora as lágrimas fizessem os seus olhos arderem.

– Obrigada. Ela quer fazer aqui, em junho.

– Então não dá. Está tudo lotado.

– Eu sei. Foi exatamente o que eu disse, mas, ao que parece, você é a minha patroa. De todas nós, aliás.

– Estou sempre dizendo isso. Pode deixar que eu resolvo. Sem problemas.

– Para mim é um problema, sim.

– Já que sou a patroa, estou me encarregando do caso. Dou notícias.

No escritório da mansão, Parker se levantou e foi até o espelho. Examinou a própria aparência, ajeitou o cabelo, retocou o batom – e sorriu porque parecia que estava se preparando para uma batalha.

Não via a hora.

Não teve pressa alguma em descer, mesmo com a campainha tocando várias vezes, insistentemente. Parou para arrumar uma rosa numa jarra em cima da mesa do saguão e só então, exibindo um sorriso tranquilo no rosto, abriu a porta.

– Oi, Linda. Já soube da novidade. Parabéns!

– Ela não perdeu tempo – replicou Linda, entrando na casa e dando uma olhadela rápida ao seu redor. – Deve ser estranho abrir a própria casa para estranhos por dinheiro.

– Na verdade, gosto muito disso – disse Parker indicando, com um gesto, a sala de visitas. – Podemos nos sentar ali.

Tirando o casaco, Linda se dirigiu a um sofá. Jogou a pele no braço dele, com um ar negligente, sentou-se, recostou-se e cruzou as pernas.

– Sei que devia ter procurado você primeiro, mas os sentimentos me levaram à minha filha antes. Queria compartilhar com ela a minha felicidade.

– Claro. – Parker puxou uma cadeira e, imitando a pose da outra, sentou-se e cruzou as pernas. – Você deve estar empolgadíssima. Esse anel é uma maravilha.

– Não é mesmo? – O prazer voltou a reinar quando Linda ergueu a mão para admirar a joia. – O Ari é tão atencioso, tão romântico... Ele me cativou completamente.

– Acho que a Mac mencionou que ele mora em Nova York. Então, você vai se mudar daqui.

– Logo, logo. Tenho mil coisas para ver antes. A minha casa, as minhas coisas.

– E Eloisa. Imagino que ela esteja adorando a ideia de ficar em Nova York nas férias,

quando não estiver com o pai. – Parker fez um ligeiro movimento com a cabeça diante do olhar inexpressivo da mãe de Mac.

– Ah, Eloisa já está pronta para deixar o ninho. É claro que vamos ter um quarto para quando ela for nos visitar. Pelo menos até ela ter o próprio apartamento. Nesse meio-tempo, preciso planejar o casamento. Nem me passaria pela cabeça a ideia de ter outra pessoa fazendo isso a não ser você. Queremos que seja uma cerimônia condizente com a posição e o status do Ari, é claro. Ele é um homem muito importante e, já que estamos falando de negócios, está disposto a pagar pelo que vocês tiverem de melhor. Vou falar com as outras meninas sobre o que diz respeito à área de atuação de cada uma delas, mas, uma vez que estou aqui, posso lhe dar uma ideia geral do que estou querendo.

– A Votos não tem condições de preparar o seu casamento, nem de realizar a cerimônia aqui, Linda. Não temos nenhuma data livre em junho. Na verdade, estamos lotados para todo o verão e também para o outono.

– Você é uma mulher de negócios, Parker – retrucou Linda, espalmando as mãos. – Estou lhe oferecendo um evento da maior importância, algo que vai atrair muita atenção para esta empresa e, tenho certeza, vai lhes trazer muitos clientes no futuro. O Ari conhece gente importante, ou seja, estou falando de clientes *de peso*. Como tenho motivos sentimentais para que o casamento seja aqui, na casa de uma velha amiga, de quem ainda sinto muita falta, vamos compensar vocês pelo prazo tão reduzido. Quanto acha que custaria para arranjar uma data em junho? Digamos, no terceiro sábado?

– Tem toda razão, sou uma mulher de negócios – disse Parker, e viu Linda abrir um sorriso de satisfação. – Forneço serviços para clientes. Temos uma cliente marcada no terceiro sábado de junho. Assinamos um contrato com ela. Quando dou a minha palavra, não volto atrás. Você deveria pensar na possibilidade de se casar em Nova York. Se quiser, posso lhe dar os nomes de outras empresas de casamentos.

– Não quero nome nenhum. Eu disse que queria me casar aqui. É importante para mim, Parker. Quero me casar num lugar em que me sinta em casa; num lugar ao qual eu esteja ligada, com pessoas que amo e em quem confio cuidando de todos os detalhes. Quero...

– Chorar não vai adiantar nada – atalhou Parker num tom frio, quando viu a outra com os olhos cheios de lágrimas. – E não me interessa o que você quer. Você não vai se casar aqui. Portanto – acrescentou ela, levantando-se –, se já terminamos, tenho muitas coisas a fazer.

– Você sempre se achou melhor que todos nós, olhando de cima para baixo como se fosse muito mais importante. Uma Brown, de Connecticut. E o que você é agora, alugando essa mansão, rodando por aí servindo drinques e fazendo coisinhas para os outros?

– Sou uma Brown, de Connecticut, continuando a tradição de uma família bem antiga e honrada e me sustentando – respondeu Parker, estendendo o casaco para Linda. – Acompanho você até a porta.

– Quando eu contar ao Ari como vocês me trataram, ele vai acabar com essa sua empresa.

Vocês não vão conseguir fazer nem festinhas de criança aqui. Vamos arruiná-las.

– Ah, Linda! Você nem imagina como fico feliz em ouvir isso porque, assim, posso dizer uma coisa que está entalada há muitos anos, ao longo dos quais tenho visto você sabotar e manipular emocionalmente a minha melhor amiga, além de sufocá-la ou ignorá-la, de acordo com os seus caprichos.

A surpresa fez a cor desaparecer do rosto da outra.

– Não pode falar comigo desse jeito!

– Pois já falei. Agora vou até o fim. Você não é bem-vinda nesta casa. Na verdade, nunca foi. Era simplesmente tolerada. Mas isso acabou. Só voltará a passar por esta porta se a Mac quiser. Agora, saia da minha casa, entre no carro e vá embora da minha propriedade.

– E pensar que eu queria lhes fazer um favor...

Parker ficou parada na porta, observando Linda entrar no carro. Quando chegasse na metade do caminho até o portão, avaliou a moça, Linda já estaria convencida do que dissera. Tinha tentado lhes fazer um favor. Esperou até o carro desaparecer na alameda e pegou um casaco para ir até o estúdio de Mac.

A amiga a recebeu na porta.

– Parks, eu...

– Não venha me pedir desculpas. Vai me deixar furiosa! – exclamou Parker. Passando os olhos pelo estúdio, viu o pano de fundo, as almofadas no chão. – Tem a sessão de fotos de noivado, não é? Daqui a pouco – percebeu ao olhar o relógio. – Vou ser rápida.

– Como foi?

– Não vamos pegar o trabalho.

– Ela chorou ou gritou?

– Um pouco de cada. E teve ainda tentativas de suborno e insultos.

– É impressionante! Ela é impressionante. Acredita mesmo que o mundo inteiro gira ao seu redor. – Cansada de tudo aquilo, Mac esfregou os olhos. – A essa altura, já distorceu a história toda. Estava só nos fazendo um favor, tentando dar uma força para a nossa empresa. No fundo, ficou até aliviada por não podermos assumir o casamento, porque era algo grande demais para o porte do nosso negócio.

– Ela já estava começando a argumentar isso quando saiu pela porta.

– Isso é uma verdadeira arte. Quem sabe desta vez dure? O casamento, quero dizer. É evidente que o sujeito tem dinheiro, e muito...

– E o melhor de tudo? Ela vai se mudar para Nova York.

– Não tinha pensado nisso – disse Mac depois de um breve silêncio. – Essa informação passou batida. É sem dúvida um detalhe importantíssimo. – Apesar de tudo, ela suspirou e apoiou a cabeça no ombro da amiga. – Ah, meu Deus! Ela me deixa exausta...

– Eu sei – retrucou Parker abraçando-a com força. – Fique tranquila – acrescentou.

– Vou ficar.

– Quer vir tomar sorvete depois da sessão de fotos?

– Quem sabe...

– Os clientes chegaram. Vou deixar você trabalhar.

– Parker! Mesmo que tivéssemos alguma data livre...

– Ah, querida! – replicou a outra em tom animado, já a caminho da porta. – De jeito nenhum!

Abanando a cabeça, Mac determinou que não se sentiria culpada. Pelo menos até o fim da sessão.

Carter enfiou na pasta uma pilha de testes para corrigir. Seu dever de casa, pensou. Será que os alunos faziam ideia da quantidade de trabalho que um professor ainda tinha para executar depois de cada aula?

No quadro, às suas costas, tinha escrito um minirroteiro para os textos que precisava ler naquela noite.

Explorem e comparem as atitudes e filosofias de Rosalinda e Jaques com relação ao amor. Por que ambos as mantêm?

O otimista e o pessimista, pensou Carter; a melancolia e a alegria. O que pretendia com esse estudo aprofundado da peça era levar os alunos a perceberem o que havia sob a superfície daquilo que podia parecer uma leve comédia romântica, repleta de piadas e brincadeiras espirituosas.

Por trás de tudo aquilo, acreditava ele, o seu verdadeiro objetivo era fazer os estudantes pensarem.

– Desculpe. Dr. Maguire?

Carter ergueu os olhos e avistou uma mulher parada à porta.

– Eu mesmo. Posso ajudar?

– Sou Suzanne Byers, a mãe do Garrett.

– Prazer em conhecê-la, Sra. Byers. Entre, por favor.

– Tinha esperanças de encontrá-lo antes que fosse embora. Não vou tomar muito o seu tempo.

– Tudo bem.

– Não pude vir na reunião de pais. Estava de cama, com gripe. Queria muito ter estado presente, principalmente para falar com o senhor. Acho que sabe que o Garrett não foi muito bem ano passado. E não tem se saído melhor este ano.

– Na minha opinião, ele progrediu consideravelmente. Está encontrando o próprio caminho. É um ótimo aluno. A participação nas aulas melhorou muito, bem como as notas e os resultados das provas neste último semestre.

– Eu sei. É por isso mesmo que queria falar com você. O pai dele e eu andamos pensando

em tirá-lo do colégio.

– Espero que não façam isso. O Garrett...

– Andamos... – atalhou a mulher. – No passado. Estudávamos com ele, fazíamos ameaças, oferecíamos recompensas, tentamos professores particulares. Nada funcionava e achamos que estávamos jogando dinheiro fora com as mensalidades. Isso até alguns meses atrás. Foi como se ele tivesse tido um estalo. Garrett agora fala de livros. Estuda de verdade. Ficou sinceramente desapontado porque tirou um B no último trabalho. Fiquei uns dez minutos sem fala quando ele me disse que ia tirar A no próximo.

– É perfeitamente possível. Potencial, ele tem.

– O Garrett fala muito do senhor. Dr. Maguire diz isso, Dr. Maguire acha aquilo... As notas que tira nas outras matérias também estão melhorando... Não ficaram ótimas de uma hora para outra, mas estão bem melhores. Foi o senhor que conseguiu isso.

– Foi o Garrett que conseguiu isso.

– O senhor... o levou a conseguir. E ele está conseguindo. Tem falado em se inscrever no seu curso de escrita criativa ano que vem. Acha que talvez queira ser escritor. – Os olhos da mulher ficaram marejados. – Ele passou raspando no último ano. Tivemos que ir conversar com o diretor. E agora ele anda falando em Shakespeare e achando que pode vir a ser escritor...

Piscou os olhos para espantar as lágrimas e Carter ficou só ali parado, sem saber o que dizer.

– Ele diz que o senhor é muito legal para alguém que é assim tão genial. Gostaria que soubesse, Dr. Maguire, que, o que quer que ele faça, o que quer que venha a ser na vida, Garrett nunca vai esquecê-lo. E queria lhe agradecer por isso.

Carter apareceu no estúdio de Mac com uma pizza gigante e andando a passos lépidos. Ela estava sentada no sofá, com os pés em cima da mesinha de centro.

– Pizza – disse ele, entrando na cozinha para pôr a caixa em cima da bancada. – Sabia que você tinha uma sessão de fotos à tarde e tenho uma pilha de trabalhos para corrigir. Então, pensei em pizza. Além do mais, é uma comida alegre. Tive um dia realmente ótimo.

Mac deu um ligeiro grunhido e ele se aproximou preocupado.

– Você está bem?

– Estou. Em boa parte. Pizza. Tenho um pote de sorvete no estômago. Talvez até dois...

– Sorvete? – perguntou ele, sentando-se na mesinha. – Teve alguma festa?

– Não. Talvez. Acho que depende da sua definição de festa. Conte como foi esse seu dia realmente ótimo.

Carter se levantou para lhe dar um beijo e voltou a se sentar.

– Oi, Mackensie.

– Oi, Carter. Você está com um sorriso radiante.

– Tive um daqueles momentos especiais. É um dos meus alunos. Ele era um caso difícil, daquele tipo que senta e liga um botão na cabeça que o leva para qualquer lugar que seja, menos para a sala de aula.

– Ah, sei. Eu tinha esse botão. Era bem útil, ainda mais durante as aulas sobre a Guerra Revolucionária ou sobre impostos. Essas acionavam o botão automaticamente. Seu aluno-problema se saiu bem hoje?

– Ele vem se saindo bem ultimamente. Está quase encontrando um outro botão, aquele que aciona interesses e ideias. Dá para ver nos olhos dele, do mesmo jeito que dava para ver o botão que o desligava.

– Sério?

– Garrett é o tipo de aluno que faz o professor trabalhar um pouco mais. E, quando a gente encontra esse outro botão, é muito gratificante. Foi ele que tirou B no trabalho que corrigi no Dia dos Namorados. Ou na véspera. Penso nessa ocasião como um dia muito especial.

– Ah, eu lembro. Que bom para o Garrett.

– A mãe dele me procurou hoje. Em geral, quando os pais vêm nos ver, não é para trazer uma maçã. Pois ela me trouxe um pomar inteiro. Veio me agradecer.

– Agradecer? – Curiosa, Mac ergueu a cabeça. – E isso é um pomar inteiro?

– É. A questão não é ensinar fatos e teorias, ou atribuir notas e conceitos. É... encontrar o botão. Consegui encontrar o do Garrett e ela foi me agradecer por isso. Agora é você que está com um sorriso enorme.

– Você mudou uma vida. Você muda vidas.

– Isso também já é exagero...

– Não. É verdade. Eu documento vidas ou, pelo menos, partes delas. E isso é importante, tem o seu valor. Mas você as transforma, o que é impressionante. Vou pegar um pedaço de pizza para você. Mas não dá para comer também – disse Mac, levantando-se. – Meu estômago está cheio de sorvete.

– Por que comeu um pote inteiro, ou talvez dois?

– Ah... – Ela deu de ombros entrando na cozinha com Carter em seu encalço. – Pura gula.

– Você me disse que recorre ao sorvete em momentos de turbilhões emocionais.

Mac olhou para trás enquanto pegava um prato.

– Às vezes esqueço que você ouve muitíssimo bem. Digamos apenas que não tive um dia lá muito bom. Ou talvez tenha tido – acrescentou, depois de pensar por um instante. – Depende do ponto de vista.

– Me conte.

– Não é nada de importante. E você tem a pizza pela frente. Quer uma taça de vinho para acompanhar?

– Só se você também tomar uma e me contar o que aconteceu. Podemos passar os próximos

minutos girando em torno dessa história ou você pode poupar tempo e dizer tudo logo de uma vez.

– Tem razão. Ficar enrolando para contar faz com que ela pareça mais importante do que realmente é. – Mais um mau hábito a ser descartado, pensou. – Minha mãe vai se casar de novo.

– Ah! – Carter observou o rosto de Mac que servia o vinho. – E você não gosta do sujeito.

– Não faço a menor ideia. Nunca o vi na vida.

– Entendo.

– Não. Não entende, não. – A moça pousou a mão sobre a dele por um instante. – Não consegue entender que uma mãe possa se casar sem que a filha tenha dado uma olhadinha no noivo. Duvido que a Eloisa já o tenha visto ou que tenha passado pela cabeça da Linda que seria normal isso acontecer. Seja como for, o Elliot/Meyers/Barrington... Céus, nem sei qual vai ser o nome de casada dela dessa vez... Os nomes Elliot/Meyers/Barrington não tiveram jantares em família, portanto nos apresentar esse novo marido não é uma prioridade.

– Lamento que isso a deixe chateada.

– Não sei exatamente o que acontece. Não sei por que ainda me espanto. A última vez que a vi foi quando ela ligou, histérica, à meia-noite, e fui voando para lá, debaixo de uma senhora tempestade de neve, achando que ela tivesse sido estuprada, atacada ou sabe-se lá o que mais.

– O quê? Quando foi isso? – perguntou Carter segurando a mão de Mac. – Ela ficou ferida?

– Ah, foi... naquela noite da reunião de pais, e não, ela não teve nada. A não ser no seu próprio mundinho. Ela estava toda encolhida no chão, *morrendo* porque o Ari, o noivo atual, tinha embarcado para Paris numa viagem de negócios e não a levara junto. Eu já estava a ponto de ligar para a polícia, chamar uma ambulância, e ela lá fazendo um escândalo por causa de Paris. Dei meia-volta e vim embora. Ponto para mim porque, pelo modus operandi habitual, eu, toda magoada, teria tratado de acalmá-la e levá-la para a cama.

– Por que não me contou isso antes?

– Sei lá. – Mac suspirou, balançando a cabeça. – Não sei mesmo. Não me orgulho nada desses momentos "mãe e filha", então acho que tentei não pensar mais naquilo. Saí de lá dizendo que, da próxima vez que ela ligasse, não me abalaria. Disse umas coisas muito duras e vim para casa.

– Essas coisas precisavam ser ditas e você precisava vir embora.

– Tem razão em ambos os casos – concordou Mac. – E hoje ela me aparece aqui com o novo casaco de pele e um diamante do tamanho de uma geladeira, como se nada tivesse acontecido. E a gente estava falando de botões que ligam e desligam... Ela vai se casar em junho. Claro que o Ari foi perdoado em função do casaco de pele, do diamante e do pedido de casamento. E a Linda quer que a Votos faça o casamento. Só que junho é um verdadeiro desfile de noivas por aqui. Estamos com a agenda lotada. Resultado: muita raiva e ataques de

fúria. Aí, ela foi procurar a Parker. Essa foi a melhor parte. Parker a fez calar a boca e a botou para fora de casa. Depois, veio a sessão sorvete. Prefiro o seu dia – acrescentou, tomando um gole de vinho.

– Ela devia saber que as datas estavam todas tomadas.

– Não necessariamente. Na verdade, isso não lhe passaria pela cabeça. Ela não consegue ver nada além do que quer. Nada mais existe. E a raiva, a surpresa e até mesmo a mágoa que experimenta quando esses desejos lhe são negados são sinceras. Ela tem a maturidade emocional de uma mosquinha de frutas, encorajada por uma mãe que incentivava todos os seus caprichos e que lhe ensinou que ela era o centro do universo. Linda é o produto dessas atitudes.

– O que não significa que ela possa tratar você desse jeito.

– Mas pode. Ela se permite fazer o que quer. Sou responsável pelas minhas reações. E venho trabalhando isso. Garrett e eu estamos demonstrando algum progresso. Ela não conseguiu o que queria.

– Mas isso não é o ponto central da questão: é apenas um resultado. Ela vai repetir o mesmo ciclo. Vai voltar e magoar você. E, quando isso acontecer, sua mãe vai ter que se ver comigo.

– Você não vai fazer isso, Carter. É uma atitude muito carinhosa, mas...

– Não tem nada de carinhoso. Ela vai ter que se ver comigo.

Mac lembrou-se do dia em que ele levou um soco de um bêbado furioso.

– Sei que você é capaz de se safar. Mas a mãe é minha e tenho de aprender a lidar com ela.

– Uma boa dose de DNA não faz dela sua mãe.

Depois de um instante de silêncio, Mac concordou:

– Verdade. Não faz mesmo.

capítulo vinte

Começou a nevar lá pelo final da manhã e, na hora do almoço, o mundo fora do estúdio era uma tempestade de neve. Ela caía, rápida e pesada, acabando com o breve período de degelo do final de fevereiro. Março, pensou Mac, estava chegando com presas e garras de leão.

A neve que caía sem parar, em espirais, e o assobio do vento que soprava furioso lhe davam vontade de se encolher debaixo de uma manta, com um livro e uma caneca de chocolate quente na mão. Só que tinham um ensaio marcado para as cinco. Pelo visto, a noiva supercontroladora de sábado não conseguira impor a sua vontade à Mãe Natureza.

Sabendo o que fazer em tais circunstâncias, Mac se preparou para se agasalhar e proteger bem todo o equipamento antes de ir para a mansão. Arrumou as anotações, abriu a gaveta à procura de mais cartões de memória e viu a sua foto com Carter, junto com a caixa em que tinha colocado a foto emoldurada para ele.

– Só falta entregar a terceira parte do presente – disse em voz alta, e, para o próprio prazer, pôs a que pretendia guardar para si em cima da mesa de trabalho. – Como um lembrete – decidiu.

Ia subir para trocar de roupa, mas teve de correr para atender o telefone.

– Oi, professor? Onde você está?

– Em casa. As aulas do turno da tarde foram suspensas. A coisa está feia por lá. Precisei passar aqui para pegar algumas coisas, inclusive o gato. Não quero deixá-lo porque posso não conseguir voltar amanhã.

– Não – disse ela, levando o telefone até a janela. Viu as árvores sendo balançadas e sacudidas por violentas rajadas de vento. – Não saia de novo com esse tempo. Fique em casa, quentinho e a salvo, assim não preciso me preocupar com você circulando por aí. De qualquer jeito, estou me aprontando para ir até a mansão. Temos um ensaio às cinco.

– Com essa nevasca?

– Temos planos de emergência, que incluem até o sacrifício ritual de uma galinha.

– Eu poderia ajudar. Exceto com a galinha.

– Claro que poderia, ou poderia acabar atolado na neve ou derrapando e batendo numa árvore. Já eu só preciso andar uns 100 metros. – Enquanto falava, foi olhando as roupas que poderia usar e escolheu uma calça de veludo bem grosso e um suéter de gola rulê. – A essa hora, a Parker deve estar falando com o diretor do Serviço Nacional de Meteorologia por telefone.

– Está brincando!

– Não, só exagerando um pouco. – Sentou-se para tirar as meias grossas que usava em casa

e, depois, prendendo o telefone entre o ombro e a cabeça, tirou também a calça de flanela. – Se for preciso, faremos um ensaio por teleconferência ou um virtual caso os clientes tenham alguma habilidade com o computador. Vamos usar pás e enxadas e limpar a neve do chão. Já fizemos isso antes. A menos que venha aí uma tempestade de neve daquelas, temos um casamento amanhã. Quem sabe você não pode ser meu acompanhante? E traga o gato. Vocês dois podem passar o fim de semana aqui.

– Combinado. Prefiro passar a noite com você a corrigir trabalhos de alunos.

Mac enfiou a calça de veludo.

– Prefiro estar com você a encarar uma noiva histérica que tenta controlar tudo.

– Acho que você venceu. Trate de se agasalhar. Que tal me ligar mais tarde, quando tudo por aí tiver acabado? Você pode me contar como foi.

– Ligo, sim. Ah, espere um pouco. Algum desses trabalhos que você vai corrigir é do Garrett?

– Na verdade, sim.

– Tomara que ele tire A. Nos vemos amanhã.

Mac desligou o telefone, tirou o moletom e enfiou o suéter. Pegou a bolsinha de maquiagem e um par de botas de cano curto para o caso de a noiva insistir em enfrentar a neve.

Cinco minutos depois, curvou o tronco para encarar as gélidas rajadas de vento no caminho que levava à mansão. Seria um milagre, pensou, se uma tempestade não se formasse nas próximas horas. E, mesmo no caso de um milagre, o percentual de convidados ausentes ia ser bem alto. Mac precisaria usar toda a sua habilidade para conseguir tirar algumas fotos incríveis da cliente.

Ou, quem sabe, uma bebida alcoólica.

Deixou tudo no vestíbulo, bateu os pés e sacudiu a neve da roupa. Deu uma olhada na cozinha de Laurel.

A amiga estava de pé, cobrindo a segunda de três camadas do bolo com um glacê rosa pálido.

– Espere aí. Que eu me lembre, o bolo era todo desenhado, com glacê branco, flores cor-de-rosa e lilás e os tradicionais bonequinhos dos noivos no alto.

– Ela mudou para uma cobertura drapeada, em rosa pálido, com um buquê de violetas inglesas no topo. Acho que você não leu a minha mensagem... ou, sinceramente, quando chegamos enfim a essa decisão, acho que não mandei mais mensagem nenhuma.

– Não tem problema. Vou incluir nas minhas anotações – disse Mac, pegando seus papéis para fazer isso. – Quantos possíveis noivos acha que ela teve antes de decidir casar com esse de amanhã?

– Fico arrepiada só de pensar. De doze a dezoito...

– Damos conta dessa quantidade.

– Claro. Mas não tenho tanta certeza com relação à noiva – replicou Laurel, começando a cobrir a terceira camada. – A Parker está às voltas com ela praticamente desde que caiu o primeiro floco de neve. A Emma está na loja, cuidando das flores.

– A daminha vai mesmo levar uma pomander?

– Até agora, vai. Minha missão era combinar o glacê com a cor das rosas. – Laurel interrompeu o trabalho para pegar o botão de flores que Emma tinha lhe dado e o comparou com o tom do bolo. – Acho que consegui. Agora saia daqui. Ainda tenho que encarar uns bons hectares de pasta cor-de-rosa e branca antes de arrumar esse neném.

– Vou ajudar a Parker.

No escritório, Parker estava deitada no chão, de olhos fechados, com o fone de ouvido, falando num tom calmo, tranquilizador.

– Eu sei, Whitney. Não é justo. Mas... Não, não estou criticando você. No seu lugar, estaria me sentindo do mesmo jeito. Aliás, estou me sentindo assim também. – Abriu os olhos, viu Mac e voltou a fechá-los. – Estou à sua disposição. Todas nós estamos. E temos umas ideias que talvez... Whitney! Pare, por favor! Agora me ouça. Pare e respire fundo. Respire. Só me ouça. Não podemos controlar o clima. Algumas coisas na vida são assim. O importante é o que fazemos quando elas acontecem. Uma dessas coisas é que você vai se casar com o homem que ama e os dois vão começar uma nova vida juntos. O clima não pode atrapalhar isso.

Entreouvindo a conversa, Mac abriu a porta do escritório e pegou uma garrafa d'água para a amiga.

– Não chore, querida. Ouça o que vou lhe propor. Vamos cuidar de tudo hoje. Às cinco horas, fazemos uma teleconferência com você, Vince, as madrinhas, os padrinhos e os pais de vocês dois. Poderemos repassar cada passo do que vai acontecer amanhã. Espere, espere um pouco. Primeiro, temos que pensar no dia de hoje. Vamos repassar tudinho, passo a passo, por mais demorado que seja. Sei que você estava ansiosa, esperando o jantar de ensaio desta noite.

Com os olhos fechados, ficou só ouvindo por um bom tempo.

– Claro, Whitney, mas concordo com a sua mãe e com o Vince. Não vale a pena vocês todos se arriscarem pelas ruas tentando chegar aqui ou ao restaurante. Mas já entrei em contato com uma das nossas fornecedoras. Se você concordar, ela pode entregar um jantar maravilhoso para vocês, já que mora a uns dois quarteirões daí. Ela entrega e se encarrega de tudo. Whitney, você pode enfrentar a situação fazendo uma festa ou uma tragédia. Falei com a sua mãe e ela ficou animadíssima com a ideia.

Mac se agachou e deu uma batidinha com a garrafa na mão de Parker, que pegou a água, mas não bebeu.

– Ela vai ter a casa cheia e fazer uma festa com a filha. Com jantar, vinho, família e amigos, gente que vai ficar para dormir, tudo muito aconchegante. Você vai ter um jantar de ensaio

diferente e só seu e, assim, vai transformar um inconveniente em algo maravilhoso e divertido.

– Cara, você é boa nisso – sussurrou Mac.

Parker voltou a abrir os olhos e os revirou.

– Isso mesmo. Deixe que eu me preocupo com as coisas para amanhã. Prometo que, de um jeito ou de outro, vamos lhe dar um dia fabuloso. E, o que é mais importante, você vai se casar com o Vince. Agora, quero que relaxe e curta a festa. Vamos nos divertir com isso. Ligo mais tarde. Claro. Prometo. Vá ajudar a sua mãe.

Parker tirou o fone de ouvido.

– Céus!

– Aposto que ela não está mais preocupada com pomanders a essa altura.

– Não. Está ocupada demais xingando todos os deuses. – Parker se sentou, abriu a garrafa e tomou uma boa quantidade de água. – Não a culpo por estar irritada. Quem não ficaria? Mas casar no inverno significa contar com a possibilidade de neve. Será que ela não sabe o que é março em Connecticut? Mas, na cabeça dela, a neve é uma ofensa pessoal que só pretende estragar a vida dela. Temos um placar de doze a dezoito.

– Já fiquei sabendo.

– Vamos precisar do limpa-neve para a entrada dos carros e para o estacionamento, e também temos que tirar a neve das alamedas, das portas e das varandas. – Bebeu mais um pouco da água e fez o que tinha aconselhado a Whitney. Respirou fundo. – As equipes da prefeitura estão nas ruas, portanto teremos que confiar no trabalho deles.

– Uns quatro por quatro?

– A empresa pode trocar a limusine por um Hummer. O noivo está pensando em abandonar a limusine e usar o próprio SUV para trazer os padrinhos. Falei com todos os substitutos. Não devemos ter nenhum problema.

– Acho melhor eu pegar uma pá.

Por volta das oito, quando a neve tinha se reduzido consideravelmente, Mac estava sentada na cozinha com as amigas, devorando uma tigela de ensopado que a Sra. G. tinha preparado.

– Quando é que ela volta para casa? – perguntou. – Nosso estoque já está no fim.

– No dia 1º de abril – respondeu Parker –, como sempre. Vamos dar conta de tudo. Inclusive de amanhã. Acabei de falar com uma noiva felicíssima e ligeiramente bêbada. Todos eles estão se divertindo muito. Têm um aparelho de karaokê.

– Está tudo em cima. A meteorologia prevê céu claro para amanhã, com a temperatura subindo uns três graus. O vento já está diminuindo. O bolo está no cooler e ficou uma maravilha.

Emma fez um gesto com a cabeça, indicando Laurel.

– As flores também.

– Amanhã, logo de manhã, os meninos vão estar aqui para tirar a neve da alameda e limpar a entrada e as varandas – disse Parker. – Então, podem tirar isso da lista.

– Graças a Deus! – exclamou Emma, do fundo do coração.

– Pedi ao pai da noiva para tirar fotos da festa de ensaio com a câmera digital dele. Vamos brincar com elas, pôr algumas engraçadas num dos pequenos álbuns. Vai ser um presente para a noiva. E agora – disse Mac, levantando-se – vou para casa, relaxar o meu corpo dolorido num banho quente.

Foi para casa sob a neve bem mais fina, com as luzes do caminho reluzindo. Lembrou-se de Carter, que a levara para caminhar na neve em vez de deixá-la ficar emburrada.

Ia ligar para ele. Mergulhar naquela banheira quente, com uma taça de vinho, umas velas acesas... e Carter ao telefone. Como será que ele reagiria à ideia de fazer sexo por telefone?, pensou e ouviu o próprio riso. Ele sempre a surpreendia. Vai ver era uma fera no sexo por telefone.

Entrou e ficou ouvindo o silêncio. Gostava daquela calma; gostava do seu espaço. Engraçado como Carter não atrapalhava nem quando estava ali. Simplesmente fazia tudo parecer dos dois. A calma deles, o espaço deles.

Ideia estranha.

Olhou para a foto na mesa de trabalho enquanto tirava o casaco. Talvez não fosse tão estranha assim. Os dois ficavam muito bem juntos.

Era bem gostosa essa fase que estavam vivendo, pensou ela, subindo a escada. Não havia um padrão estabelecido, não exatamente; apenas ficavam naquele espaço confortável. Numa espécie de ordem e bem-estar.

Entrou no quarto, jogou as botas de que acabou nem precisando na direção do armário. Tirou os brincos e os deixou cair em cima da cômoda.

Parou, exalando com força e olhando ao seu redor. Não tinha feito a cama de manhã. As roupas estavam jogadas na cadeira. As meias também. O lindo armário... Não chegava a estar uma catástrofe, pensou, mas por que tinha posto a blusa cinza junto com as brancas? E o lugar da saia preta era com as outras saias, e não na parte dos casacos. E havia um o casaco de Carter.

Tinha voltado aos velhos hábitos, percebeu com desagrado. Agora, possuía um lugar para cada coisa, então era só *pôr* essa coisa em seu devido lugar. Controlar o próprio espaço, as próprias coisas, a própria...

Vida, pensou.

Porque ela era a bagunça em pessoa, admitiu. Porque a vida também era. Porque o casaco de Carter estava pendurado junto com os dela. Que importância tem isso? Meias são perdidas, lençóis ficam embolados. A mãe era uma egoísta e o pai não estava nem aí.

E às vezes neva no dia dos ensaios de casamento.

O que foi mesmo que a Parker tinha dito?

Há coisas na vida que escapam ao nosso controle. Podemos fazer disso uma festa ou uma tragédia.

Ora, pensou Mac, você podia se recusar a dar o passo seguinte. Podia se recusar a ficar com o que mais quer só porque tem medo de vir a perder isso um dia...

Desceu a escada correndo, pegou a foto.

– Ele simplesmente apareceu – disse baixinho, observando o ar de ambos ali juntos, naquela moldura. – Ele simplesmente apareceu na minha vida e tudo mudou.

Ergueu os olhos, viu a foto de três garotinhas sob uma abóbada de rosas brancas. E uma borboleta azul pousada num raminho de dentes-de-leão.

Exalou e o ar saiu com tanta força que ela levou a mão ao coração. É claro. É claro. Estava tudo tão claro. Bastava ela ter olhado ali.

– Ah, meu Deus. O que estou esperando?

Com o gato aquecendo seus pés e a música tocando bem baixinho, Carter se estirou no sofá da sala com um livro e uma dose de uísque.

Já tivera outras noites de inverno desse jeito, com o gato e um livro por companhia depois de terminar o trabalho. Aquilo lhe bastava.

Adoraria acender a lareira. É claro que, antes, precisava ter uma lareira. Mas o fogo daria um belo toque de civilização à condição de estar em casa. Um certo toque de seriado de TV.

O professor e o gato, diante do fogo, lendo, numa noite de neve.

Podia quase ver a foto que Mackensie tiraria, e a ideia o deixou tão contente quanto entretido.

Queria que ela estivesse ali com ele. Recostada no outro braço do sofá para que ele pudesse ver o rosto dela sempre que erguesse os olhos do livro. Compartilhando com ele a quietude de uma noite de inverno e o fogo imaginário.

Um dia, pensou; quando ela estiver pronta. Parte dele ficou pronta assim que voltou a vê-la; não havia como negar isso. Assim que olhou, amou – parafraseando Rosalinda. E logo, logo, todo o resto dele se igualou a essa parte. Mas ela não tinha aquela fagulha, aquela velha chama que ele guardava dentro de si e que só esperava poder se reacender.

De homem para mulher, desta vez; não de garoto para menina.

Não a criticava por precisar de mais tempo.

– Bom, talvez um pouco, sim – disse, dirigindo-se a Tripé. – Nem tanto por precisar de mais tempo, mas por não confiar em si mesma. Como uma mulher que tem tanto amor dentro de si pode não confiar nesse sentimento? Eu sei, eu sei, a mamãe querida, o papai ausente. As cicatrizes são muitas.

Então, esperaria. Continuaria a amá-la, a ficar com ela. E esperaria.

Voltou ao livro, deixando que a calma e a sequência da história o embalassem. Ergueu o copo, tomou um golinho do uísque. Tomou um susto quando bateram à porta. A mão tremeu, derramando bebida na camisa.

– Ai, droga!

Tirou os óculos e os deixou em cima da mesa junto com o livro. Tripé reclamou quando Carter tirou os pés de debaixo dele para se levantar.

– A culpa não é minha. É dessa pessoa louca o bastante para sair à rua numa noite dessas.

Levantou-se com alguma relutância. De repente, ocorreu-lhe que alguém poderia ter sofrido um acidente e vindo à sua casa em busca de ajuda. Apressou o passo, imaginando derrapagens e batidas naquelas ruas escorregadias. Quando abriu a porta, Mac se atirou em seus braços.

– Carter!

– Mackensie. – Sentiu o estômago embrulhar. – O que foi? Aconteceu alguma coisa?

– Tudo. – A moça virou a cabeça e o beijou com força. – Aconteceu tudo.

– A propriedade? – O fogo lhe voltou à mente. – Houve um incêndio? Ou...

– Não – respondeu ela, sem querer soltá-lo. – Você me encontrou.

– Está gelada. Entre. Aqui dentro está bem mais quente. Precisa se sentar. Seja lá o que tenha acontecido, vamos...

– Esqueci as luvas. – Ela riu e voltou a beijá-lo. – Esqueci de ligar o aquecedor do carro. Esqueci de fazer a cama. Não sei por que achei que isso era importante.

– Você bateu a cabeça? – perguntou ele, inclinando-se para fitá-la nos olhos. Não lhe pareceram em choque, mas havia algo meio selvagem neles. – Andou bebendo? E saiu dirigindo nessas condições? Não pode...

– Não andei bebendo nada. Pensei em tomar um vinho e fazer sexo por telefone dentro da banheira, mas isso foi antes de eu perceber que não tinha feito a cama nem posto as meias no cesto de roupas. Mas – prosseguiu ela, farejando o ar – alguém andou bebendo. É uísque? Você toma uísque?

– De vez em quando. Com esse frio, essa neve e... Espere um pouco.

– Está vendo? Você sempre me surpreende. Carter toma uísque nas noites de neve. – Mac se virou para o outro lado e, depois, voltou à posição anterior. – E pode levar um soco na cara. Compra brincos de brilhantes e ri com o pai na cozinha. Ah, como eu queria ter trazido a câmera... Assim, poderia capturar esse momento e mostrá-lo a você. Preciso de outra chance, quando não estiver lutando com os nervos e o desejo. Mas tenho uma coisa para você.

Tirou a caixa do bolso grande do casaco.

– Terceira parte do presente.

– Pelo amor de Deus! Você veio dirigindo até aqui com esse tempo horrível só para me dar uma foto? Podia ter se machucado, sofrido um acidente. Você...

– É, podia mesmo. Essas coisas acontecem. Mas não aconteceram e estou aqui. Abra.

Carter passou a mão pelo cabelo dela.

– Deixe eu tirar o seu casaco.

– Posso tirar o casaco sozinha. Ande, abra. Veja – disse ela, tirando o casaco e jogando-o no corrimão da escada. – É isso que faço. Jogo o casaco de qualquer maneira. Você nem se importa. Talvez um dia venha a se importar. E daí? Abra, Carter!

Ele desfez o laço e abriu a caixa. Ela sorria, com o rosto colado ao seu. Carter lembrou-se daquele beijo, de como ela gostou do presente que ele lhe dera. O calor que veio depois e a sensação do rosto dela roçando o seu.

– É linda!

– É mesmo. Fiquei com uma do beijo. Você nem sabia que eu tinha batido uma foto. É um beijo incrível, uma imagem belíssima. Mas essa aqui... Essa aqui somos nós. Olhando. Olhando para a frente. Hoje, depois do trabalho, depois de lidar com coisas que não podem ser controladas, que não podem ser previstas, boas ou ruins, alegres ou tristes... E ainda teve a história do armário... Fiz a maior bagunça com as minhas saias e o seu casaco estava lá.

– Ah, devo tê-lo pendurado quando...

– Pouco importa. É exatamente isso. Não importa que a minha mãe seja a minha mãe, ou que as coisas nem sempre funcionem como a gente quer. O que conta são os momentos. Sei disso melhor que ninguém, mas nunca o apliquei na minha vida. Não comigo mesma. O que conta são as pessoas, o que elas sentem, as relações que estabelecem, quem são quando estão sozinhas ou com alguém. Tudo isso é importante, e tanto faz se o momento passa depressa. Talvez seja assim justamente porque ele passa. O que importa é que você é a borboleta azul.

– Sou... o quê?

– Ah, vamos lá, professor. Dr. Maguire. Você entende tudo de metáforas, analogias e simbolismos. Voou para a minha vida e simplesmente pousou aqui de forma inesperada. Talvez por um milagre. E o quadro se formou. Só levei um instante para perceber isso.

– Não... Ah, a foto. Aquela que você tirou quando era menina.

– Epifanias. Tive uma naquele instante, e tive outra hoje à noite. Quero isso. – Mac tirou a foto da mão dele. – Quero... Aqui. – Olhou ao redor e escolheu um lugar numa das prateleiras de livros. – É isso que quero. Ela fica perfeita aqui, não fica?

Carter sentiu um aperto no coração.

– Fica. Foi feita para esse lugar.

– Não vem com garantia. Por que viria? Não é um carro ou um computador. É vida, é algo bagunçado e pode quebrar. É uma promessa: vou tentar. Quero prometer que vou tentar, Carter.

Mac voltou para junto dele e pegou o seu rosto com ambas as mãos.

– Carter Maguire, eu amo você.

Quando o punho que apertava o seu coração se afrouxou e o soltou, Carter a fitou,

baixando os olhos.

– Pode dizer isso de novo?

– É a primeira vez que digo isso a alguém... Quero dizer, assim, desse jeito. Não sei por que achei que ia ser tão difícil. Não é. Amo você. Amo quem nós somos juntos. Amo quem acho que podemos ser. Vou fazer besteiras. E você também. Afinal, você não é perfeito. Vamos nos magoar e vamos rir juntos. Vamos fazer amor e vamos brigar. Quero que a gente prometa que um não vai abrir mão do outro. Que os dois vão tentar tudo o que for possível.

Os lábios dele se aproximaram dos dela. Aquela era a promessa, pensou Carter. Tudo o que ele vinha esperando. Mackensie estava ali e ela o amava.

– Estou tão feliz por você não ter feito a cama...

O riso dela saiu abafado porque a sua boca ainda estava colada à dele. Logo, porém, Mac inclinou a cabeça para trás.

– Esse foi apenas um dos elementos que se juntaram para formar o momento de absoluta clareza. E eu precisava lhe contar isso. Não dava para esperar. É você que sabe esperar.

– E valeu a pena. Veja o que consegui.

– Quero lhe dizer uma coisa. No Dia dos Namorados, no nosso Dia dos Namorados, quando não tinha um anel dentro da caixa, parte de mim ficou desapontada. Foi isso que me assustou. Agora, não estou mais assustada.

Ele a fitou nos olhos e o que viu fez o seu coração dar pulos de alegria.

– Quero uma vida com você, Mackensie.

– Estou pedindo para pedir a minha mão.

Delicadamente, Carter roçou os lábios na testa dela.

– Amo o seu rosto, e as suas mãos – disse ele, dando um beijo em cada uma das palmas. – O jeito como você pega a câmera ou como fica toda curvada diante do computador. Tenho dezenas de imagens e momentos seus na cabeça. No coração. Quero mais uma vida inteira. Case-se comigo.

– Sim.

– Sim. – Ele a puxou para si num abraço apertado. – Ela disse sim! Vamos nos casar em junho.

Mac recuou.

– Em junho? Está tudo lotado. É... – Quando ele deu um risinho, ela estreitou os olhos. – Engraçadinho...

Rindo, ele a abraçou mais uma vez.

– Vou reservar a primeira data livre, se for bom para você.

– Combinado. Falando em nome das minhas sócias, deixe que eu lhe diga que a Votos fica empolgadíssima em fornecer os seus serviços e promete que você terá um casamento perfeito.

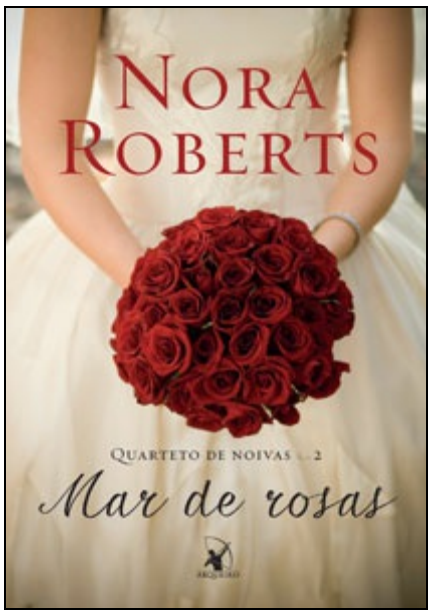
– Tenho você. Isso já é perfeito.

Mac o abraçou com força enquanto se beijavam. Depois, deitou a cabeça no ombro dele e suspirou.

Lá da prateleira, os dois rostos sorriam para ela. Momentos vêm e vão, pensou. É o amor que une todos eles para formar uma vida.

E ela tinha amor.

leia um trecho do próximo livro da série



Mar de rosas

capítulo um

COM A CABEÇA ATORDOADA POR TANTOS detalhes, muitos deles embaralhados, Emma deu uma olhada na agenda enquanto tomava sua primeira xícara de café. As reuniões com clientes a deixavam tão animada quanto o café forte e doce. Contente com isso, recostou-se na cadeira do seu aconchegante escritório para reler as anotações que tinha acrescentado junto ao nome de cada cliente.

A experiência lhe ensinara que a personalidade do casal – ou, para ser mais exata, a da noiva – ajudava a determinar o tom da reunião, o objetivo a que visavam. Para Emma, as flores eram a alma de um casamento. Fossem elegantes ou alegres, elaboradas ou simples, as flores significavam romance.

Sua tarefa era dar aos clientes toda a alma e todo o romance que desejassem.

Suspirou, espreguiçou-se e sorriu para o vaso de minirrosas sobre a escrivaninha. A primavera é o máximo, pensou. A temporada de casamentos estava à toda – o que significava dias ocupadíssimos e longas noites imaginando e projetando arranjos, tendo que criar não apenas para os casamentos *desta* primavera, mas também para os da próxima.

Adorava a continuidade quase tanto quanto o próprio trabalho.

Foi isso que a Votos deu a ela e às suas três melhores amigas: continuidade, trabalho

recompensador e a sensação de realização pessoal. E ela tinha que lidar com flores, viver entre as flores, praticamente nadar em flores todos os dias.

Divagando, examinou as mãos com aqueles pequenos arranhões e cortes minúsculos. Às vezes pensava neles como cicatrizes de batalhas, em outras, como medalhas de honra. Hoje pela manhã tudo que queria era não ter se esquecido de marcar a manicure.

Olhou para o relógio, fez as contas. Novamente animada, pulou da cadeira. Foi até o quarto e pegou um moletom vermelho para vestir por cima do pijama. Tinha tempo de ir até a mansão antes de se vestir e se preparar para o dia de trabalho. A Sra. Grady já devia ter preparado o café da manhã e, assim, Emma não precisaria ver o que havia na despensa ou preparar algo para comer.

A sua vida, pensou ao descer correndo a escada, era cheia de coisas fantásticas.

Ao passar pela sala que usava como área de recepção e reuniões, deu uma rápida olhadela no aposento, dirigindo-se para a porta. Trocaria as flores da decoração antes da primeira reunião, mas, ah, aqueles lírios orientais tinham desabrochado de um jeito tão lindo...

Saiu da antiga casa de hóspedes da propriedade dos Browns, que agora era a sua casa e o escritório da Arranjos, a sua parte da Votos.

Respirou fundo aquele ar de primavera. E estremeceu.

Droga! Por que não podia estar um pouco menos frio? Pelo amor de Deus, já era abril! A época das cravinas. Vejam só como os amores-perfeitos que tinha plantado pareciam entusiasmados. Recusou-se a deixar a manhã gelada – e ainda por cima estava começando a chuviscar – estragar o seu bom humor.

Encolheu-se dentro do casaco com capuz, enfiou no bolso a mão que não estava segurando a caneca de café e saiu andando em direção à mansão.

Ao seu redor, tudo voltava à vida, pensou. Olhando bem de perto, era possível ver a promessa do verde nas árvores, o vestígio do que ia se transformar em delicados botões de cornisos e de cerejeira. Aquelas cravinas estavam querendo brotar e os crocos já tinham nascido. Talvez ainda houvesse neve nesse início de primavera, mas o pior tinha passado.

Em breve seria hora de remexer na terra, trazer algumas das suas belezas da estufa e deixá-las à mostra. Emma acrescentaria os buquês, os festões e as guirlandas, mas nada superava a Mãe Natureza quando se tratava de fornecer a paisagem mais tocante para um casamento.

E, na sua opinião, nada superava a paisagem da propriedade dos Browns.

Os jardins, verdadeiras vitrines, mesmo nessa época, em breve iam explodir em cores, flores, cheiros, convidando as pessoas a passear pelos caminhos sinuosos ou sentar num banco, relaxando ao sol ou à sombra. Parker a encarregara – daquele jeito dela de dar incumbência aos outros – de supervisioná-los, e assim todo ano ela podia se divertir plantando algo novo ou ficando de olho na equipe de jardineiros.

Terraços e pátios criavam áreas externas adoráveis, perfeitas para casamentos e outros eventos, recepções junto à piscina ou nos terraços, cerimônias sob o caramanchão coberto

pela roseira, na pérgula ou talvez até às margens do lago à sombra de um salgueiro.

Tem tudo aqui, pensou Emma.

E a mansão em si? Existiria lugar mais gracioso, mais bonito? O lindo tom de azul, com aqueles toques quentes de creme e amarelo. Todo aquele traçado variado dos telhados, as janelas em arco, os parapeitos rendados das varandas só aumentavam seu encanto e sua elegância. E, na verdade, a varanda da entrada parecia feita para abrigar folhagens exuberantes ou cores e texturas elaboradas.

Quando criança, ela pensava naquela propriedade como uma terra de conto de fadas, que tinha inclusive um castelo.

Agora aquele era o seu lar.

Dirigiu-se à antiga casa da piscina, onde sua sócia Mac morava e mantinha seu estúdio fotográfico. Enquanto se encaminhava para lá, a porta da casa se abriu. Com um sorriso radiante, Emma acenou para o rapaz magro, meio descabelado, usando um paletó de Tweed, que saía.

– Bom dia, Carter.

– Oi, Emma.

A família de Carter e a sua eram amigas desde que ela se entendia por gente. Agora, Carter Maguire, ex-professor de Yale, que atualmente lecionava literatura inglesa no ensino médio da escola local, estava noivo de uma das melhores amigas que ela tinha no mundo.

A vida não era apenas boa, pensou Emma. Era um incrível mar de rosas.

Enlevada por essa ideia, saiu quase dançando na direção de Carter, puxou-o pela lapela e, ficando na ponta dos pés, lhe deu um beijo bem estalado.

– Uau! – exclamou ele, ficando até um pouco vermelho.

– Ei! – Com os olhos sonolentos, o cabelo vermelho brilhando na penumbra, Mac estava recostada no umbral da porta. – Está tentando conquistar o meu homem?

– Quem dera. Eu bem que o roubaria, mas você o enfeitiçou e se apoderou dele.

– Exatamente.

– Bom – disse Carter, sorrindo para as duas –, esse sem dúvida é um bom jeito de começar o dia. O conselho de classe que vou ter agora não vai ser nem de longe tão agradável assim.

– Diga que está doente – propôs Mac, toda dengosa. – Vou lhe dar uma coisa agradável.

– Ah... Bom... Tchau.

Emma abriu o maior sorriso quando ele se dirigiu apressado até o carro.

– Meu Deus, como ele é *fofo* – comentou.

– É mesmo.

– E olhe só para você, a Garota Feliz...

– A Noiva Feliz. Quer ver meu anel de novo?

– Oh! – exclamou Emma toda solícita ao ver Mac mexer os dedos. – Ah!

– Está indo tomar café?

– Essa é a ideia.

– Espere um pouco. – Mac se inclinou para dentro de casa, pegou um casaco, saiu e fechou a porta atrás de si. – Ainda não comi nada, só tomei café, portanto...

Quando começaram a caminhar juntas, Mac franziu as sobrancelhas.

– Essa caneca é minha.

– Quer que eu devolva agora?

– Sei por que estou tão animada nessa manhã horrível, e é a mesma razão pela qual não tive tempo de tomar café. É o chamado "vamos tomar banho juntos".

– A Garota Feliz também é a Vaca Exibida.

– Com muito orgulho. Por que você está tão animada? Tinha um homem na sua casa?

– Infelizmente, não. Mas tenho cinco clientes marcados para hoje. É um ótimo jeito de começar a semana, que, ainda por cima, vem depois do magnífico fim de semana com aquele casamento ao estilo chá das cinco. Foi uma graça, não foi?

– O casal sexagenário trocando seus votos e festejando, cercados pelos filhos e os netos de cada um. Não foi só uma graça, mas também uma perspectiva tranquilizadora. Uma segunda vez para ambos. E lá estavam eles, prontos para fazer tudo de novo, desejando se unir e compartilhar a vida. Tirei umas fotos ótimas. Mas mesmo que não tivessem ficado boas, acho que aqueles filhos malucos iriam querer todas.

– Por falar em malucos, temos que conversar sobre as flores do seu casamento. Dezembro pode estar longe – disse Emma, estremecendo –, mas o tempo passa depressa, você sabe.

– Ainda nem decidi como vão ser as fotos de noivado. Não vi vestidos nem pensei em cores.

– Eu fico ótima com tons fortes e brilhantes – disse Emma, piscando várias vezes os olhos.

– Você fica ótima até de estopa. E eu que sou a Vaca Exibida, né?

Mac abriu a porta do saguão de entrada e, como a Sra. Grady tinha voltado das férias de inverno, lembrou-se de limpar os pés no capacho.

– Assim que eu encontrar o vestido, começamos a pensar no resto.

– Você é a primeira de nós a se casar. E vai ser aqui.

– Verdade, vai ser interessante ver como vamos nos sair organizando um casamento e *sendo parte* dele.

– Sabe que pode contar com a Parker para cuidar de toda a logística. Se há alguém que consegue fazer as coisas funcionarem direito, esse alguém é ela.

Entraram na cozinha e o caos estava instalado ali. Enquanto Maureen Grady, a retidão em pessoa, trabalhava diante do fogão, com movimentos eficientes e o rosto plácido, Parker e Laurel estavam paradas uma diante da outra.

– Temos que fazer – insistia Parker.

– Merda, merda, merda.

– Isso é trabalho, Laurel. E no trabalho você faz o que o cliente quer.

– Eu vou lhe dizer o que gostaria de servir para essa cliente...

– Pare com isso. – Parker, com o cabelo castanho preso num rabo de cavalo, já estava usando um terninho azul-escuro próprio para as reuniões com clientes. Os seus olhos faiscavam de impaciência. – Olhe, já fiz uma lista das coisas que ela escolheu com número de convidados, as cores e as flores. Você nem vai precisar falar com ela. Eu vou intermediar.

– Pois vou lhe dizer o que pode fazer com a sua lista...

– A noiva...

– A noiva é uma babaca. Uma idiota. Uma mimada que deixou bem claro, quase um ano atrás, que não queria os meus serviços nem precisava deles. Ela pode se danar, porque não vai sentir nem o cheiro dos meus bolos agora que se deu conta da própria estupidez.

Vestindo uma calça de pijama de algodão, a camiseta que tinha usado para dormir e com o cabelo ainda todo despenteado, Laurel se deixou cair numa das cadeiras da mesa posta para o café da manhã.

– Você precisa se acalmar. – Parker se abaixou para pegar uma pasta, que Laurel provavelmente tinha jogado no chão. – Aqui tem tudo de que você precisa – falou, pondo a pasta em cima da mesa. – Já garanti à noiva que vamos dar um jeito, então...

– Então você cria e prepara um bolo de casamento de quatro andares, mais um bolo para o noivo e uma seleção de sobremesas para duzentas pessoas. Tudo isso de hoje até sábado, sem nenhuma preparação prévia, quando tem três outros eventos no fim de semana e uma festa noturna daqui a três dias.

Com cara de poucos amigos, Laurel pegou a pasta e, num gesto deliberado, a atirou no chão.

– Você está sendo infantil.

– Ótimo, sou infantil.

– Meninas, suas amiguinhas chegaram para brincar – interveio a Sra. Grady, quase cantarolando, num tom de voz exageradamente doce, e os olhos risonhos.

– Ah, ouvi minha mãe me chamar – disse Emma, pronta para sair da cozinha.

– Nada disso! – exclamou Laurel. – Escutem só. É o casamento Folk-Harrigan no sábado, à noite. Com certeza vocês lembram que a noiva torceu o nariz só de pensar na possibilidade da Confeitaria da Votos fornecer o bolo ou qualquer sobremesa. Como ela *esnobou* a mim e a todas as minhas sugestões, insistindo em dizer que a prima, uma chef doceira em Nova York, que estudou em Paris e fazia bolos para ocasiões *importantes*, iria cuidar de toda essa parte.

– Vocês se lembram do que ela me disse?

– Ah. – Emma chegou um pouco para o lado porque o dedo de Laurel estava apontado direto para o seu coração. – Não das palavras exatas.

– Pois eu lembro. Ela disse, com aquele ar de deboche, que tinha certeza de que eu podia perfeitamente dar conta da *maioria* dos eventos, mas queria o *melhor* para o seu casamento.

Disse isso na minha cara!

– O que foi muito grosseiro, sem dúvida – começou Parker.

– Ainda não terminei – atalhou Laurel, entre dentes. – Agora, em cima da hora, parece que a prima fantástica fugiu com um dos seus clientes. Dela, a prima. O maior escândalo, já que o tal cliente, pelo que se diz, conheceu a prima fantástica quando encomendou a ela um bolo para a festa de noivado *dele*. Agora que ninguém sabe por onde eles andam, a noiva quer que eu salve a festa dela.

– É isso que fazemos aqui. Laurel...

– Não estou falando com você – disse, fazendo um gesto na direção de Parker e se voltando para Mac e Emma. – Estou falando com elas.

– O quê? Você disse alguma coisa? – perguntou Mac, abrindo um largo sorriso. – Desculpe, deve ter entrado água nos meus ouvidos no banho, não estou ouvindo nada.

– Sua covarde! Em.

– Hã...

– O café está pronto! – A Sra. Grady traçou um círculo com o dedo. – Todas sentadas. Omeletes de clara com torradas de pão preto. Sentem, sentem. Comam.

– Não vou comer até...

– Vamos nos sentar – interveio Emma, procurando um tom apaziguador. – Deixe-me pensar só um pouco. Vamos sentar e... Uau, Sra. G., isso está com uma cara ótima. – Pegou dois pratos pensando neles como escudos, enquanto atravessava a cozinha até a mesa do café. – Não vamos esquecer que somos uma equipe.

– Porque não foi você que foi insultada. Nem é você que vai ter trabalho extra.

– Na verdade, vou ter, sim. Ou melhor, já tive. A noiva Whitney foi uma terrorista. Posso me lembrar dos pesadelos que tive com ela, mas essa história fica para outro dia.

– Também já tive a minha cota – acrescentou Mac.

– Ah, então agora voltou a ouvir? – resmungou Laurel.

– Ela é grosseira, cheia de frescura, mimada, difícil e desagradável – prosseguiu Emma. – Normalmente, quando planejamos a festa, mesmo com os problemas que possam surgir e as esquisitices de alguns casais, me agrada pensar que os estou ajudando a montar o cenário do dia que, para eles, é o começo do "felizes para sempre". Nesse caso em particular, não me espantaria nada que só durasse dois anos. Ela foi grosseira com você e não acho que tenha sido deboche, acho que foi desprezo mesmo. Não gosto dela.

Visivelmente satisfeita com aquele apoio, Laurel lançou um sorriso sarcástico para Parker e começou a comer.

– Mas é preciso ressaltar que somos uma equipe. E as clientes, mesmo as babacas debochadas, precisam ser atendidas. Essas já são boas razões para se fazer isso – prosseguiu Emma, vendo Laurel fazer uma careta para ela. – Mas tem uma ainda melhor: vai mostrar a essa grossa, debochada e desagradável a doceira brilhante que você é, mesmo quando

trabalha sob pressão.

– Parker já tentou usar esse argumento.

– Ah! – Emma cortou uma fina fatia da sua omelete. – Mas é verdade.

– Eu poderia pôr a tal da prima ladra de homens no chinelo.

– Não tenho a menor dúvida. Pessoalmente, acho que ela teria que implorar, pelo menos um pouquinho.

– Gostei da ideia – disse Laurel. – Ela podia suplicar.

– Acho que posso conseguir isso – atalhou Parker, pegando seu café. – E também já avisei que, para darmos conta de um imprevisto como esse, precisaremos cobrar uma taxa extra de mais 25 por cento. Ela se agarrou a isso como a uma tábua de salvação e ficou lacrimejando, toda agradecida.

Os olhos azuis de Laurel brilharam.

– Ela chorou?

Parker inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha para a amiga.

– E então?

– Embora a parte do choro me agrade bastante, ela ainda vai ter que aceitar o que eu propuser e gostar.

– É claro.

– Só peço que me avise o que decidir – pediu Emma. – Vou providenciar as flores e a decoração das mesas – prosseguiu, lançando um sorriso compreensivo para Parker. – Que horas ela ligou para falar dessa história toda?

– Às 3h20 da manhã.

Laurel se aproximou de Parker e deu um tapinha em seu ombro.

– Sinto muito.

– Essa é a minha parte no negócio. Vamos conseguir superar isso. Sempre conseguimos.

sobre a autora

© Bruce Wilder



NORA ROBERTS começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 400 milhões de livros impressos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios por vários de seus livros, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. O jornal *The New Yorker* já a chamou de "a romancista favorita dos Estados Unidos".

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

s u m á r i o

prólogo
capítulo um
capítulo dois
capítulo três
capítulo quatro
capítulo cinco
capítulo seis
capítulo sete
capítulo oito
capítulo nove
capítulo dez
capítulo onze
capítulo doze
capítulo treze
capítulo catorze
capítulo quinze
capítulo dezesseis
capítulo dezessete
capítulo dezoito
capítulo dezenove
capítulo vinte
leia um trecho do próximo livro da série
sobre a autora
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro